

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

*PERSCRUTANDO HORIZONTES:
AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR COMO CAMINHO PARA ABRAÇAR E
TRANSFORMAR A REALIDADE EDUCATIVA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

João Manuel Ribeiro de Matos

Porto, julho de 2024



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

*PERSCRUTANDO HORIZONTES:
AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR COMO CAMINHO PARA ABRAÇAR E
TRANSFORMAR A REALIDADE EDUCATIVA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

João Manuel Ribeiro de Matos

Trabalho efetuado sob a orientação de

José Joaquim Ferreira Matias Alves

Porto, julho de 2024

À guisa de preâmbulo

Falta felicidade às escolas.

Falta espectáculo, alegria, brincadeira, ilusão, sonho, esperança. Falta brilho nos olhos, invenção, imaginação, loucura da boa: daquela que muda o mundo, os mundos, das pessoas que vivem no mundo.

Falta felicidade às escolas.

A culpa não é dos professores, é de um sistema que castra, imutável, de uma sala de aula que não sabe brincar, que não foi feita para brincar — e que por isso não brinca, não aprende a brincar, não ensina a brincar. A culpa é de uma sala de aula que não evoluiu, que não se adaptou, que não soube mudar: que cristalizou e que tem medo de partir, que tem medo de fazer de novo, de criar de novo, de ser de novo.

Falta felicidade às escolas.

Falta, por isso, felicidade a quem nelas habita. A todos os que nela habitam. Por mais que tentem, e tentam, por mais que queiram, e querem, os habitantes da escola precisavam que ela tentasse também, que quem a governa tentasse também.

Falta felicidade às escolas.

E é por isso que não lhe faltam tristezas, depressões, pessoas de todas as idades apagadas, desmotivadas, desligadas, a contarem o tempo para sair da aula, para sair da prisão, para sair para si.

Falta felicidade às escolas.

Falta espaço. Espaço para a liberdade. Espaço mental, espaço emocional, espaço estrutural. Espaço para errar, para cair, para levantar. Espaço para ser. Na escola que ainda temos, os melhores alunos são os que erram menos, os que por isso arriscam menos. Estamos a aplaudir o medo, a aplaudir o mais do mesmo. Estamos a aplaudir a continuidade, nunca a criatividade.

Falta felicidade às escolas.”

Pedro Chagas Freitas



E ASSIM COMEÇA...

Imaginem-se de volta ao 1.º Ciclo, num dia ensolarado onde os sonhos pareciam infinitos. Naquela sala de aula cheia de esperança, havia um aluno que sempre sonhou em ser professor. Essa criança, com os olhos cheios de brilho,



representa a essência da educação: a paixão por aprender e ensinar. Enquanto olhamos para a foto, refletimos sobre como a paixão pela educação e a busca pela excelência estão no âmago da autoavaliação escolar. Este trabalho visa abraçar e transformar a realidade educativa através de uma análise crítica e sistemática das práticas educativas.

Agora, esse aluno cresceu e tornou-se um educador comprometido com a excelência educativa. No entanto, ele depara-se com o desafio de transformar a teoria em prática, de criar um ambiente onde cada aluno possa brilhar como ele um dia sonhou. Como podemos tornar essa visão uma realidade tangível? Esse desafio é um dos pilares da autoavaliação institucional; é o cerne do problema abordado neste estudo. A definição de uma visão partilhada e a mobilização de todos os atores educativos são objetivos essenciais.

A partir desta foto inspiradora, embarcamos numa jornada de autoavaliação escolar que honra a paixão e o compromisso desse professor e de todos os educadores. Vamos explorar juntos os indicadores educativos que revelam o potencial de cada aluno, criando um ambiente de aprendizagem que nutre talentos e promove a excelência. Assim, é crucial identificar e selecionar indicadores educativos relevantes. A abordagem metodológica qualitativa adotada permite captar as vozes e perspetivas dos participantes.

Ao envolver toda a comunidade educativa nesse processo de autoavaliação, estamos a construir pontes de colaboração e confiança. Cada voz ouvida, cada experiência compartilhada, é um passo em direção a uma escola mais inclusiva, inovadora e acolhedora, onde os sonhos se tornam realidade. A integração de métricas que consideram

o bem-estar emocional dos estudantes e educadores é fundamental para a transformação educativa.

Convido-vos a juntarem-se a esta jornada de transformação educativa, a abraçar a paixão pela educação e a inspirar o brilho nos olhos de cada aluno; cada voz ouvida e experiência compartilhada contribui para moldar uma educação mais eficaz e acolhedora, em linha com os objetivos da autoavaliação escolar. Vamos honrar o desejo desse professor e de todos os educadores de fazer a diferença na vida de cada criança.

Assim como a criança na foto que sonhava em ser professor, cada um de nós tem o poder de impactar positivamente a educação e moldar o futuro; isto pode ser alcançado através da autoavaliação. Obrigado por fazerem parte dessa jornada rumo a uma realidade educativa mais brilhante e promissora, baseada numa abordagem metodológica qualitativa e participativa.



Nunca, até muito recentemente, tinha ponderado enveredar por um Mestrado em Ciências da Educação: pensava tratar-se de uma área enfadonha, livresca, burocrática... no entanto, fui-me apercebendo que esta é também uma peça fundamental do puzzle que é a educação, e que, sem ela, o puzzle fica incompleto.

Muita desta aprendizagem se deveu ao apoio inestimável do Professor Doutor José Matias Alves; percebi com ele que não sei tudo, que há sempre algo mais para aprender, e que é necessária humildade para reconhecer isso, mas também coragem para questionar, interpelar, remar contra a maré.

Porém, acima de tudo, devo a conclusão desta etapa da minha vida à Dr^a Maria Sousa Soares, diretora pedagógica do Colégio Nossa Senhora da Paz, que sempre se mostrou disponível e atenta para com o projeto que desenvolvi, nunca me deixando soçobrar, e que, com o seu exemplo e dedicação, me fez ver que o trabalho na área da educação tem muitas facetas, umas mais difíceis de levar para a frente que outras; vamos descobrindo o nosso estilo de habitar o mundo e de construir à nossa volta, apesar de haver circunstâncias na vida que nos levam à exaustão de viver.

Agradeço também a toda a comunidade educativa do Colégio Nossa Senhora da Paz, pela sua abertura para receber e colaborar com o meu projeto; um bem-haja a todos.

Também a todos que de uma ou outra forma contribuíram para este relatório, o meu muito obrigado.

Não sei o que o futuro me reserva relativamente à educação, ou ao meu lugar nela; contudo, tenho a certeza que Deus providenciará...

RESUMO

O projeto de investigação concentra-se na autoavaliação dos processos e resultados educativos num estabelecimento de ensino particular, com o objetivo de promover a melhoria contínua da qualidade da educação. Reconhece-se que a autoavaliação muitas vezes torna-se um procedimento meramente documental, negligenciando a participação ativa dos agentes educativos e enfatizando números e estatísticas em detrimento do diálogo e colaboração. Diante desse cenário, o projeto procura compreender como a autoavaliação é concebida e implementada na escola, analisar as percepções e experiências dos diferentes atores envolvidos, identificar fatores facilitadores e dificultadores da autoavaliação e avaliar o seu efeito na qualidade da educação.

A abordagem adotada é tendencialmente qualitativa (quali-quantitativa) e multifacetada, combinando técnicas como observações, narrativas, relatos de experiências, entrevistas e questionários. A recolha de dados foi realizada até o final do ano letivo de 2023/2024, envolvendo uma amostra de cerca de 100 participantes, distribuídos por alunos, pais, professores, funcionários e direção da escola.

Após a recolha de dados, foi realizada uma análise qualitativa, utilizando técnicas de análise de conteúdo, discurso e narrativa. O projeto espera contribuir para o conhecimento e compreensão da autoavaliação na escola, fornecer orientações e recomendações para a melhoria das práticas de autoavaliação, bem como sensibilizar e envolver os diferentes atores da comunidade educativa para a importância e o valor da autoavaliação na escola.

Em resumo, o projeto de investigação visa promover uma cultura de qualidade na educação, procurando influenciar positivamente a eficácia e a qualidade dos processos educativos num estabelecimento de ensino particular, proporcionando uma análise aprofundada dos fatores que influenciam o sucesso educacional neste contexto.

Palavras-chave: Autoavaliação; processos educativos; resultados académicos; gestão escolar; instituição particular.

ABSTRACT

The research project focuses on the self-assessment of processes and educational outcomes in a private educational institution, aiming to promote continuous improvement in the quality of education. It is recognized that self-assessment often becomes a purely documentary procedure, neglecting the active participation of educational agents and emphasizing numbers and statistics at the expense of dialogue and collaboration. In light of this situation, the project seeks to understand how self-assessment is conceived and implemented in the school, analyze the perceptions and experiences of different actors involved, identify facilitating and hindering factors of self-assessment, and evaluate its impact on the quality of education.

The adopted approach is tendentially qualitative (quali-quantitative) and multifaceted, combining techniques such as observations, narratives, experience reports, interviews, and questionnaires. Data collection was carried out until the end of the academic year 2023/2024, involving a sample of approximately 100 participants, including students, parents, teachers, staff, and school management.

After data collection, a qualitative analysis was conducted using content analysis, discourse analysis, and narrative analysis techniques. The project aims to contribute to the knowledge and understanding of self-assessment in schools, provide guidance and recommendations for improving self-assessment practices, as well as raise awareness and involve different stakeholders in the educational community in the importance and value of self-assessment in schools.

In sum, the research project aims to promote a culture of quality in education, seeking to positively influence the effectiveness and quality of educational processes in a private educational institution by providing a thorough analysis of the factors influencing educational success in this context.

Keywords: Self-evaluation; educational processes; academic results; school management; private institution.

Índice

INTRODUÇÃO.....	12	
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14	
1. A concetualização da escola	14	
2. A autoavaliação das escolas	17	
2.1. Conceitos de autoavaliação educacional.....	18	
2.1.1. <i>Enquadramento legal da autoavaliação educacional em Portugal</i>	19	
2.2. Modelos de autoavaliação em instituições educacionais	20	
2.3. Vantagens e desafios da implementação de um modelo de autoavaliação	21	
2.4. Síntese de transição	22	
3. A autoavaliação num estabelecimento de ensino particular.....	22	
3.1. Ensino público vs. ensino particular: identidades próprias com pontos de	confluência.....	23
3.2. A autoavaliação numa escola católica.....	26	
3.2.1. Necessidades específicas e desafios.....	29	
3.2.2. Recetividade e preparação para a mudança	30	
3.3. Síntese de transição	31	
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	32	
1. Escolha da abordagem metodológica.....	32	
2. Entrevista	34	
2.1. <i>O modelo de entrevista adotado</i>	35	
2.2. <i>Realização das entrevistas</i>	36	
3. Questionário	36	
3.1. <i>O modelo de questionário adotado</i>	37	
3.2. <i>Validação do questionário</i>	38	
3.3. <i>Aplicação do questionário</i>	39	
4. <i>Focus Group</i>	39	
4.1. <i>Constituição dos focus groups</i>	40	
4.2. <i>Realização dos focus groups</i>	40	
5. Análise de conteúdo	41	
5.1. <i>Aplicação da análise de conteúdo ao presente estudo</i>	42	
6. Síntese de transição	43	
PARTE III – APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO	45	
1. Análise de conteúdo às entrevistas realizadas à Direção do Colégio	45	
2. Análise qualitativa do questionário	47	
3. Análise de conteúdo aos depoimentos recolhidos nos <i>Focus Group</i>	49	
3.1. <i>Focus Group com docentes</i>	49	
3.2. <i>Focus Group com alunos</i>	51	
3.3. <i>Focus Group com assistentes educativos</i>	52	
4. Síntese conclusiva	55	
PARTE IV – VOZ DOS ALUNOS: PERSPETIVAS E REFLEXÕES SOBRE A		
APRENDIZAGEM.....	57	
1. Participação ativa e envolvimento.....	57	
2. Necessidade de atividades práticas	58	
3. <i>Feedback</i> e avaliação	58	
4. Ambiente escolar e clima de aprendizagem	58	
Síntese conclusiva	58	
PARTE V – CONSTRUÇÃO DO MODELO DE AUTOAVALIAÇÃO		
INSTITUCIONAL	59	

5. Definição de um roteiro para a implementação do processo de autoavaliação institucional.....	60
5.1. <i>Constituição da equipa de autoavaliação</i>	61
5.1.1. <i>Composição da equipa.....</i>	61
5.1.2. <i>Liderança e dimensão da equipa.....</i>	61
5.1.3. <i>Tempo e compromisso</i>	61
5.2. <i>Elaboração do diagnóstico</i>	62
5.2.1. <i>Importância do diagnóstico</i>	62
5.2.2. <i>Utilização do quadro de referência</i>	62
5.2.3. <i>Recomendações para o diagnóstico</i>	62
5.3. <i>Definição de prioridades (para a avaliação)</i>	64
5.3.1. <i>Identificação de aspetos prioritários</i>	64
5.3.2. <i>Consideração de diferentes eixos e domínios</i>	64
5.3.3. <i>Elaboração de Quadro-Síntese</i>	64
5.4. <i>Envolvimento</i>	66
5.4.1. <i>Criação de um clima favorável.....</i>	66
5.4.2. <i>Envolvimento da comunidade educativa</i>	66
5.4.3. <i>Plano de comunicação.....</i>	66
5.5. <i>Organização do trabalho / Elaboração do Plano de Autoavaliação</i>	68
5.5.1. <i>Documento orientador.....</i>	68
5.5.2. <i>Estrutura do plano de autoavaliação</i>	68
5.5.3. <i>Instrumento de trabalho</i>	68
5.6. <i>Recolha e análise</i>	70
5.6.1. <i>Cronograma de atividades.....</i>	70
5.6.2. <i>Fontes de evidências</i>	70
5.6.3. <i>Técnicas de recolha de informação</i>	70
5.7. <i>Divulgação</i>	74
5.7.1. <i>Público-alvo</i>	74
5.7.2. <i>Canais de comunicação</i>	74
5.7.3. <i>Objetivos da divulgação</i>	75
5.8. <i>Meta-avaliação.....</i>	75
5.8.1. <i>Reflexão sobre o processo avaliativo</i>	75
5.8.2. <i>Avaliação do plano de comunicação.....</i>	75
5.8.3. <i>Identificação de melhorias e ajustes</i>	76
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	82

Índice de figuras

Figura 1 - Mapa concetual da autoavaliação escolar (elaboração do autor, 2024).....	18
Figura 2 - Matriz de diagnóstico (elaboração do autor, 2024)	63
Figura 3 - Matriz de prioridades da autoavaliação (elaboração do autor, 2024)	65
Figura 4 - Plano de comunicação (elaboração do autor, 2024)	67
Figura 5 - Plano de autoavaliação (elaboração do autor, 2024)	69
Figura 6 - Cronograma geral da autoavaliação (elaboração do autor, 2024)	71
Figura 7 - Plano de recolha de dados (elaboração do autor, 2024)	72
Figura 8 - Principais técnicas e instrumentos de recolha de dados (elaboração do autor, 2024).....	73
Figura 9 - Etapas do tratamento da informação (elaboração do autor, 2024)	74

Índice de tabelas

Tabela 1 - Análise de conteúdo às entrevistas realizadas à Direção do Colégio (elaboração do autor, 2024).....	46
Tabela 2 - Pontos de confluência e de divergência resultantes da análise de conteúdos às entrevistas realizadas à Direção do Colégio (elaboração do autor, 2024).....	47
Tabela 3 - Número de respostas ao questionário para cada grupo de intervenientes (elaboração do autor, 2024).....	48
Tabela 4 - Análise de conteúdo aos <i>Focus Group</i> com docentes (elaboração do autor, 2024).....	50
Tabela 5 - Análise de conteúdo aos <i>Focus Group</i> com alunos (elaboração do autor, 2024).....	51
Tabela 6 - Análise de conteúdo aos <i>Focus Group</i> com assistentes educativos (elaboração do autor, 2024).....	53

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a autoavaliação dos processos e resultados educativos num estabelecimento de ensino particular. A investigação concentra-se na autoavaliação dos métodos pedagógicos, gestão escolar e impacto na aprendizagem dos alunos, procurando identificar pontos fortes e oportunidades de melhoria, envolvendo a análise crítica dos processos educativos. Examinando o alinhamento entre práticas pedagógicas e resultados académicos, promove-se a excelência educativa e o aprimoramento contínuo, sem descuidar a satisfação dos alunos, a eficácia dos recursos didáticos e a participação da comunidade educativa. Procura-se, assim, aperfeiçoar a qualidade do ensino, proporcionando uma análise aprofundada dos fatores que influenciam o sucesso educacional neste contexto.

Os processos de autoavaliação, tornam-se, muitas vezes, formalidades burocráticas que servem mais à legitimidade do sistema do que à melhoria real da educação. Nessa dinâmica, perdem a oportunidade de revitalizar a comunidade educativa, negligenciando a participação ativa dos agentes educativos e a criação de ambientes favoráveis ao bem-estar emocional.

Ao se tornarem meros procedimentos documentais, essas avaliações deixam de ser oportunidades valiosas para impulsionar mudanças significativas, acabando por enfatizar números e estatísticas, ao invés de serem espaços de diálogo e colaboração. Quando desprovidas de uma abordagem participativa e holística, perdem a oportunidade de verdadeiramente transformar e enriquecer a dinâmica educativa.

Nesse sentido, surge o problema da conceptualização e operacionalização de um modelo de autoavaliação num estabelecimento de ensino particular que esteja ao serviço do desenvolvimento da qualidade de trabalho que as pessoas realizam (alunos e técnicos de apoio à educação). Pretende-se, assim, definir um modelo de autoavaliação adaptável ao contexto específico de uma instituição de ensino particular. Para isso, é essencial perceber:

- Quais os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos educativos?
- Como envolver ativamente os diferentes agentes educativos no processo de autoavaliação?
- De que forma a autoavaliação pode integrar a avaliação do bem-estar emocional dos alunos e educadores?

- Quais são os principais obstáculos à implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação numa instituição de ensino particular?
- Como planificar, executar, verificar e implementar um modelo de autoavaliação num estabelecimento de ensino particular?

Serão objetivos desta investigação:

- Desenvolver um modelo de autoavaliação adaptado à realidade específica da instituição, considerando a sua missão, visão e valores educacionais.
- Identificar e selecionar indicadores educativos relevantes que abranjam áreas como o desempenho académico, satisfação dos alunos, envolvimento dos professores e recursos educacionais.
- Estabelecer estratégias eficazes para a inclusão ativa de todos os agentes educativos no processo de autoavaliação, promovendo a participação colaborativa.
- Integrar métricas ou instrumentos de avaliação que considerem não apenas o desempenho académico, mas também o bem-estar emocional dos estudantes e educadores.
- Identificar, analisar e propor soluções para os desafios específicos que possam surgir durante a implementação do modelo de autoavaliação na instituição de ensino particular.

Procuramos, deste modo, construir um modelo de autoavaliação eficaz e adaptado à realidade singular de um estabelecimento de ensino particular, promovendo uma análise abrangente e significativa dos processos e resultados educativos.

PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A autoavaliação institucional é um processo que visa melhorar a qualidade e a eficácia de uma organização educativa, através de uma análise crítica e sistemática das suas práticas, resultados e contextos. Envolve a participação de um número significativo de membros da comunidade educativa, que devem definir os objetivos, os critérios, os indicadores, os instrumentos, os procedimentos e as ações de melhoria, com base em evidências e em referenciais de qualidade (Machado, 2022; IGEC, 2018). Este processo é ilustrado na obra “A História de Serena”, que relata a experiência de uma escola inglesa que adotou um modelo de autoavaliação participativa, com o apoio de uma equipa de investigadores e de uma rede de escolas parceiras (MacBeath et al., 2005; MacBeath & McGlynn, 2002).

1. A concetualização da escola

Miguel Santos Guerra, no seu livro “A Escola que Aprende”, apresenta uma visão da escola como uma entidade em constante aprendizagem. Ele argumenta que a escola deve ser um espaço de questionamento e reflexão, onde a aprendizagem é uma jornada contínua para alunos e professores. Guerra destaca a importância de uma cultura escolar que promova a inovação e a criatividade, superando obstáculos que dificultam a aprendizagem, e adotando processos que transformem teoria em prática (Guerra, 2006). Miguel Santos Guerra vê a escola como uma entidade viva, onde a aprendizagem é um processo contínuo e dinâmico. Para ele, a escola é um espaço onde cada membro da comunidade educativa aprende a aprender, aprende a conviver, aprende a ser. Esta perspetiva coloca a escola como um organismo que se adapta e evolui, refletindo sobre as suas práticas e buscando constantemente melhorias (Guerra, 2006). Guerra enfatiza que a escola que aprende é aquela que se questiona, que não se conforma, que busca incessantemente novas formas de ensinar e aprender, destacando a importância de uma cultura de inovação e reflexão crítica (Guerra, 2006).

Por outro lado, Jorge Adelino Costa, em “Imagens Organizacionais da Escola”, aborda a escola através de diferentes lentes organizacionais, explorando a complexidade das estruturas organizacionais da escola. Costa identifica várias imagens organizacionais da escola, cada uma oferecendo uma perspetiva única sobre como as escolas funcionam e são geridas. Ele alerta para o facto de que não existe um único modelo ideal para compreender ou administrar os contextos organizacionais escolares (Costa, 1996). Jorge Adelino Costa argumenta que a escola pode ser vista sob múltiplas imagens: como uma

máquina, como um organismo, como um cérebro, entre outras. Cada uma dessas imagens oferece uma compreensão diferente dos processos e dinâmicas escolares (Costa, 1996). Costa sugere que compreender a escola como uma organização implica reconhecer a diversidade das suas funções e a pluralidade dos seus objetivos, o que ressalta a necessidade de abordagens flexíveis e adaptativas na gestão escolar (Costa, 1996).

A autoavaliação escolar é um processo vital para entender a eficácia das práticas educacionais e organizacionais. Através das lentes teóricas de Santos Guerra e Costa, podemos interpretar os dados de autoavaliação como indicadores não apenas do desempenho académico, mas também da saúde organizacional da escola. Miguel Santos Guerra defende que a escola deve ser um espaço de aprendizagem contínua, onde todos os membros da comunidade educativa estão envolvidos num processo de autoavaliação constante (Guerra, 2006). Segundo Guerra, a autoavaliação pode ser o motor da mudança e da inovação educativa. Ele sugere que os dados da autoavaliação devem ser usados para refletir sobre as práticas pedagógicas e para garantir que a escola esteja sempre em busca de aperfeiçoamento (Guerra, 2006). A escola que aprende é aquela que se avalia, que se questiona e que se reinventa, afirma Guerra, ressaltando a importância de uma cultura de autoavaliação para o crescimento e desenvolvimento escolar (Guerra, 2006). Jorge Adelino Costa, por sua vez, oferece uma abordagem organizacional para a interpretação dos dados de autoavaliação. Ele argumenta que a escola, como organização, deve utilizar os dados da autoavaliação para entender a complexidade das suas operações e a interação entre os seus diversos componentes (Costa, 1996). Para Costa, os dados da autoavaliação são uma ferramenta para diagnosticar a saúde organizacional da escola e para identificar as forças e fraquezas na gestão, no clima organizacional e nas relações interpessoais. Ele enfatiza que a interpretação desses dados deve ter em conta as múltiplas dimensões da escola, desde a eficiência administrativa até ao bem-estar emocional dos alunos e professores (Costa, 1996). A capacidade de uma escola aprender e adaptar-se, conforme descrito por Guerra (Guerra, 2006), e a compreensão das diversas imagens organizacionais, como proposto por Costa (Costa, 1996), são essenciais para uma autoavaliação significativa e transformadora. A autoavaliação escolar, quando vista através das lentes de Santos Guerra e Costa, torna-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento institucional. Os dados recolhidos podem revelar não apenas o progresso académico dos alunos, mas também o grau de alinhamento entre as práticas pedagógicas e os valores fundamentais da escola. Além disso, a análise desses dados pode iluminar as diversas facetas da escola, permitindo uma compreensão mais holística e integrada da sua eficácia. Assim, a autoavaliação torna-se um processo de aprendizagem

organizacional que contribui para a evolução contínua da escola. A combinação das perspectivas de Guerra e Costa proporciona uma abordagem holística para a interpretação dos dados da autoavaliação escolar. Os dados devem ser vistos não apenas como números ou estatísticas, mas como reflexos da cultura, das práticas e da saúde organizacional da escola. Eles devem inspirar ação e reflexão, levando a escola a uma jornada de autoconhecimento e transformação e a uma gestão mais consciente e adaptativa das suas dinâmicas internas.

A conceitualização da escola, inspirada no Modelo de Análise Multifocal (Cabral & Alves, 2016b), pode ser vista como um ecossistema dinâmico onde diversos fatores interagem para influenciar a experiência educacional. Neste modelo, a escola não é apenas um espaço físico onde ocorre a aprendizagem, mas um ambiente complexo que envolve múltiplas dimensões:

- **Racionalidade Burocrática:** A escola é vista como uma entidade que opera dentro de um conjunto de regras e regulamentos que visam manter a ordem e a eficiência, mas que também podem limitar a flexibilidade e a inovação.
- **Liderança:** A liderança dentro da escola é crucial para estabelecer a visão e direção. Líderes eficazes são capazes de inspirar professores e alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem positivo e produtivo.
- **Resistência Articulada:** A escola também é um local de resistência, onde alunos e professores podem questionar e desafiar (de forma explícita ou implícita, ativa ou passiva) as normas existentes, levando a mudanças e melhorias no sistema educacional.
- **Profissionalismo Institucional:** O profissionalismo dos educadores é fundamental para garantir que a qualidade do ensino seja mantida e que os alunos recebam uma educação de alto padrão.
- **Racionalidade Cultural:** A escola é um reflexo da cultura em que está inserida, influenciando e sendo influenciada por valores, crenças e práticas culturais da comunidade.
- **Colaboração:** A colaboração entre todos os membros da comunidade escolar é essencial para o sucesso educacional, permitindo a partilha de recursos, conhecimentos e experiências.
- **Estruturas Organizacionais Naturais:** A escola possui as suas próprias dinâmicas orgânicas que podem apoiar ou dificultar os processos educacionais, dependendo de como são geridas e desenvolvidas.

Essas dimensões interconectadas formam a base da conceitualização da escola como um local onde a construção do conhecimento, a estimulação intelectual e a socialização ocorrem de maneira tendencialmente integrada e contínua. A escola, portanto, é concebida não apenas como um local de instrução, mas como um espaço vivo onde se desenvolvem habilidades, se formam cidadãos e se moldam futuros (Relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: Um novo contrato social para a educação”, 2021). É um lugar onde a educação é entendida como um processo holístico que vai além do currículo acadêmico, abrangendo o desenvolvimento pessoal, social e cultural dos alunos.

A conceitualização da escola por Guerra e Costa pode ser articulada com o modelo de análise multifocal através da compreensão de que a escola é um microcosmo da sociedade, onde diversos fatores e dinâmicas interagem. Guerra e Costa enfatizam a escola como um espaço de aprendizagem ativa, onde o conhecimento é construído coletivamente e onde a educação é vista como um processo contínuo de desenvolvimento humano. Este entendimento ressoa com o modelo multifocal, que destaca a interdependência entre a racionalidade burocrática, liderança, resistência, profissionalismo, cultura, colaboração e estruturas organizacionais. Ambas as perspectivas reconhecem a complexidade da experiência educativa e a necessidade de abordagens holísticas que considerem a multiplicidade de variáveis que influenciam o ambiente escolar. Assim, a visão de Guerra e Costa e o modelo multifocal convergem na ideia de que a escola é um ambiente dinâmico e interativo, que deve ser compreendido em toda a sua complexidade para promover uma educação eficaz e significativa.

2. A autoavaliação das escolas

A autoavaliação das escolas segue um ciclo de melhoria contínua, que inclui as seguintes etapas: planejamento, recolha de dados, análise e ação. O planejamento consiste na definição do âmbito, dos objetivos, e dos indicadores da autoavaliação, bem como na elaboração de um plano de trabalho que estabeleça as responsabilidades, os recursos, e os prazos. A recolha de dados consiste na seleção e na aplicação dos instrumentos de avaliação, tais como questionários, entrevistas, observações, e análise documental, que permitam obter informações relevantes e fidedignas sobre as diferentes dimensões da escola, tais como o desempenho académico, o bem-estar do *staff* e dos alunos, o ambiente escolar, as estratégias de ensino e de avaliação, e os recursos educativos disponíveis. A análise consiste na organização, no tratamento, e na interpretação dos dados recolhidos, tendo em conta os critérios e os indicadores definidos, e na elaboração de um relatório ou

de um portfólio que sintetize os resultados, as conclusões, e as recomendações da autoavaliação. A ação consiste na implementação de um plano de melhoria que defina as ações, os recursos, os responsáveis, e os prazos, e na avaliação do impacto das ações de melhoria (Santos, 2016).

A autoavaliação das escolas é um processo que apresenta, no plano conceitual, vários benefícios, tais como: promover uma cultura de qualidade e de responsabilidade na escola; estimular a participação e a colaboração de todos os agentes educativos; desenvolver competências de autorregulação, de reflexão crítica, e de tomada de decisão; identificar as áreas de sucesso e de insucesso, as causas e os fatores associados, e as estratégias de intervenção adequadas; monitorizar e avaliar o cumprimento do projeto educativo e dos planos de ação; comunicar e divulgar os resultados e as evidências da autoavaliação; e articular a autoavaliação com a avaliação externa (Santos, 2016).



Figura 1 - Mapa conceitual da autoavaliação escolar (elaboração do autor, 2024)

2.1. Conceitos de autoavaliação educacional

A autoavaliação educacional é um processo que visa melhorar a qualidade e a eficácia das práticas pedagógicas e organizacionais de uma instituição de ensino, através de uma análise crítica e reflexiva dos seus pontos fortes e fracos, das suas necessidades e expectativas, e das suas metas e resultados (Machado, 2022). A autoavaliação educacional pode ser realizada em diferentes níveis, tais como o da escola, o da turma,

o do professor, ou o do aluno, envolvendo diversos agentes educativos, tais como diretores, coordenadores, professores, alunos, pais, ou parceiros externos (Santos, 2016).

A autoavaliação educacional tem como principais objetivos: promover uma cultura de melhoria contínua da qualidade do ensino e da aprendizagem; estimular a participação e a responsabilização de todos os intervenientes no processo educativo; desenvolver competências de autorregulação, de reflexão crítica, e de tomada de decisão; identificar as áreas de sucesso e de insucesso, as causas e os fatores associados, e as estratégias de intervenção adequadas; monitorizar e avaliar o cumprimento do projeto educativo e dos planos de ação; comunicar e divulgar os resultados e as evidências da autoavaliação; e articular a autoavaliação com a avaliação externa (Santos, 2016).

A autoavaliação educacional implica a definição de um modelo ou de um referencial que oriente as suas fases e as suas dimensões. Um modelo de autoavaliação educacional deve contemplar, pelo menos, os seguintes elementos: a definição do âmbito, dos objetivos, e dos critérios da autoavaliação; a recolha e a análise de dados e de evidências relevantes; a elaboração de um relatório ou de um portfólio que sintetize os resultados, as conclusões, e as recomendações da autoavaliação; a implementação de um plano de melhoria que defina as ações, os recursos, os responsáveis, e os prazos; e a avaliação do impacto das ações de melhoria (Santos, 2016).

A autoavaliação educacional deve ser realizada de forma sistemática, regular, e participativa, envolvendo todos os agentes educativos que tenham interesse ou influência no processo. A autoavaliação educacional deve ser também flexível, adaptável, e contextualizada, tendo em conta as características, as necessidades, e as expectativas de cada instituição de ensino. A autoavaliação educacional deve ser ainda transparente, rigorosa, e ética, respeitando os princípios da confidencialidade, da credibilidade, e da utilidade (Santos, 2016).

A autoavaliação educacional é, portanto, um conceito amplo, complexo, e dinâmico, que requer uma compreensão clara do seu propósito, do seu processo, e dos seus benefícios, bem como uma atitude de compromisso, de colaboração, e de melhoria por parte de todos os envolvidos.

2.1.1. Enquadramento legal da autoavaliação educacional em Portugal

A autoavaliação escolar tem sido promovida e regulamentada por diversas entidades e normas, tanto a nível nacional como internacional, que reconhecem a sua importância para o desenvolvimento e a inovação do sistema educativo. Em Portugal, a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) estabelece que as

escolas devem proceder à sua autoavaliação, tendo em conta os objetivos e as metas definidas nos seus projetos educativos. O Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, que aprova o regime de autonomia, administração e gestão das escolas, determina que as escolas devem elaborar e executar planos de melhoria, com base nos resultados da autoavaliação e da avaliação externa. O Despacho Normativo n.º 30/2001, de 19 de julho, que define os princípios e as orientações da avaliação das escolas, estabelece que a autoavaliação deve ser articulada com a avaliação externa, realizada pela IGEC – entidade responsável pela avaliação, auditoria, inspeção e fiscalização do sistema educativo, que segue um modelo de avaliação externa das escolas baseado em quatro domínios: autoavaliação, liderança e gestão, prestação do serviço educativo e resultados (IGEC, 2018). A autoavaliação pode ser articulada com a avaliação externa, de forma a garantir a validade e a credibilidade dos resultados, bem como a identificar as áreas de força e de melhoria da organização educativa (MacBeath et al., 2005; MacBeath & McGlynn, 2002).

A autoavaliação institucional também está alinhada com as recomendações e os padrões de qualidade definidos por organismos internacionais, como a OCDE, a União Europeia e a A3ES. A OCDE, no âmbito do PISA, destaca a importância da autoavaliação para a melhoria dos resultados dos alunos e para a promoção de uma cultura de aprendizagem contínua nas escolas. A União Europeia, no âmbito do Programa Erasmus+, incentiva as escolas a realizarem a autoavaliação, através de ferramentas como o EQAVET e o European Toolkit for Schools. A A3ES, no âmbito do Sistema de Garantia da Qualidade do Ensino Superior, exige que as instituições de ensino superior realizem a autoavaliação, tendo em conta os critérios e as diretrizes definidos pela ENQA e pelo ESG (A3ES, 2017). A autoavaliação contribui para a melhoria dos resultados dos alunos e para a promoção de uma cultura de aprendizagem contínua nas escolas (MacBeath et al., 2005; MacBeath & McGlynn, 2002).

2.2. Modelos de autoavaliação em instituições educacionais

Os modelos de autoavaliação em instituições educacionais são ferramentas que orientam e estruturam o processo de autoavaliação, definindo os seus objetivos, dimensões, indicadores, instrumentos, procedimentos e resultados. Os modelos de autoavaliação podem ser de diferentes tipos, tais como: modelos prescritivos, que seguem normas e orientações externas; modelos descritivos, que se baseiam na realidade e na experiência das instituições; modelos participativos, que envolvem todos os agentes

educativos; e modelos reflexivos, que promovem a análise crítica e a melhoria contínua (Santos, 2016).

Alguns exemplos de modelos de autoavaliação em instituições educacionais são: o modelo CAF (Common Assessment Framework), que é um modelo europeu de gestão da qualidade, baseado nos critérios do modelo EFQM (European Foundation for Quality Management); o modelo SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), que é um modelo brasileiro de avaliação da qualidade do ensino superior, baseado em três dimensões: ensino, pesquisa, e extensão; e o modelo CIPP (Context, Input, Process, Product), que é um modelo norte-americano de avaliação de programas educacionais, baseado em quatro componentes: contexto, insumos, processos, e produtos (Machado, 2022).

A escolha de um modelo de autoavaliação em instituições educacionais deve ter em conta vários fatores, tais como: a adequação do modelo à missão, à visão, e aos valores da instituição; a coerência do modelo com o projeto educativo e os planos de ação da instituição; a pertinência do modelo para as necessidades e as expectativas da instituição; a simplicidade e a clareza do modelo para a sua compreensão e aplicação; a flexibilidade e a adaptabilidade do modelo para a sua contextualização e melhoria; e a utilidade e a relevância do modelo para a tomada de decisão e a comunicação dos resultados (Santos, 2016).

2.3. Vantagens e desafios da implementação de um modelo de autoavaliação

A autoavaliação institucional apresenta diversos benefícios e desafios para as organizações educativas, que devem ser considerados na sua implementação e monitorização. Entre os benefícios expectáveis, destacam-se: o aumento da responsabilidade e da transparência; o reforço da autonomia e da participação; o desenvolvimento de uma cultura de reflexão e de melhoria; o aperfeiçoamento das práticas e dos processos; o incremento da satisfação e da motivação; e a melhoria dos resultados e dos impactos. Entre os desafios previsíveis, salientam-se: a definição de uma visão e de uma estratégia partilhadas; a mobilização e o envolvimento de todos os atores; a recolha e a análise de dados fiáveis e relevantes; a elaboração e a divulgação de relatórios claros e rigorosos; a articulação e a complementaridade com a avaliação externa; e a implementação e a avaliação de ações de melhoria sustentáveis e eficazes (Bhatti & Nimehchisalem, 2020; Andrade, 2019; Vieira, 2013). Tudo isto resulta em mudanças significativas na qualidade do ensino e da aprendizagem, bem como na cultura e no clima escolares (MacBeath et al., 2005; MacBeath & McGlynn, 2002).

A participação ativa de todos os membros da comunidade educativa (alunos, professores, funcionários, pais e direção) no processo de autoavaliação institucional é fundamental para garantir a sua legitimidade, credibilidade e eficácia; implica que todos os intervenientes sejam informados, consultados, envolvidos e responsabilizados pelas diferentes fases e dimensões da autoavaliação, desde a definição dos objetivos, critérios e indicadores, até à elaboração, implementação e avaliação dos planos de melhoria. A participação ativa contribui para: o reconhecimento e a valorização da diversidade e da pluralidade de perspetivas e de interesses; a promoção de um clima de confiança, de colaboração e de compromisso; a construção de uma visão e de uma missão partilhadas e alinhadas com os valores e as expectativas da comunidade educativa; a identificação das forças, das fraquezas, das oportunidades e das ameaças da organização educativa; a definição de prioridades e de metas realistas e desafiantes; a mobilização de recursos e de parcerias; a monitorização e a comunicação dos progressos e dos resultados; e a celebração e a disseminação das boas práticas e das lições aprendidas (Santos, 2018; Sarrico et al., 2016; Neves & Morais, 2014).

2.4. Síntese de transição

A autoavaliação institucional é um processo que pode assumir uma grande relevância para a qualidade e a inovação das organizações educativas, e que requer uma abordagem holística, participativa, sistemática e orientada para a melhoria. Deve ser realizada de forma articulada e coerente com as normas e os referenciais de qualidade nacionais e internacionais, e com a avaliação externa realizada por entidades independentes e credenciadas; implica também a superação de diversos desafios, que exigem uma liderança forte, mas sensível, uma gestão eficiente, uma comunicação eficaz e uma aprendizagem contínua.

3. A autoavaliação num estabelecimento de ensino particular

A autoavaliação em instituições de ensino particular é uma prática cada vez mais pertinente, proporcionando uma abordagem sistemática para avaliar e melhorar a qualidade do ensino. Neste contexto, autores como Harris (2013) e Santos Guerra (2002) destacam a importância de um processo reflexivo contínuo para aperfeiçoar a eficácia pedagógica e a satisfação dos alunos. A presente análise explora as nuances e benefícios da autoavaliação em estabelecimentos de ensino privado, considerando as múltiplas perspetivas envolvidas. Santos Guerra também destaca a necessidade de uma avaliação

qualitativa das escolas, enfatizando a importância de uma abordagem reflexiva e aprofundada para compreender a realidade educativa

A abordagem adotada neste estudo é tendencialmente qualitativa, embora recorra a alguns elementos de natureza quantitativa (sendo, por isso, uma abordagem quali-quantitativa) e multifacetada, seguindo as recomendações de Stufflebeam (2003) sobre a integração de métodos variados para uma avaliação abrangente. A autoavaliação proporciona não apenas uma visão interna da eficácia do ensino, mas também promove o desenvolvimento profissional contínuo dos educadores (Seldin, 2006).

Avaliar as práticas pedagógicas e a gestão administrativa em instituições de ensino privado implica considerar diversos elementos, desde a satisfação dos alunos e pais até à eficácia dos programas curriculares. No âmbito desta discussão, Johnson *et al* (2018) argumentam que a autoavaliação pode ser uma ferramenta vital para identificar áreas de melhoria e, simultaneamente, reforçar os pontos fortes da instituição.

A compreensão da autoavaliação em estabelecimentos de ensino particular não pode ignorar a relevância da participação de todas as partes interessadas. Conforme destacado por Marzano (2010) e Santos Guerra (2002), envolver alunos, pais, professores e administração no processo de autoavaliação promove uma cultura de responsabilidade compartilhada, essencial para o crescimento e aperfeiçoamento contínuo.

3.1. Ensino público vs. ensino particular: identidades próprias com pontos de confluência

O ensino público e o ensino particular são duas modalidades de educação que coexistem em muitos países, incluindo Portugal, e que apresentam identidades próprias, mas também pontos de confluência. O ensino público é o sistema de educação que é financiado e gerido pelo Estado, e que visa garantir, no plano dos princípios, o acesso universal, gratuito e de qualidade a todos os cidadãos, independentemente da sua condição socioeconómica, cultural ou religiosa. Tem como princípios orientadores a igualdade, a democracia, a laicidade, a diversidade e a inclusão, e procura responder às necessidades e às expectativas da sociedade, bem como aos desafios e às oportunidades do mundo atual. O ensino público segue as orientações curriculares definidas pelo Ministério da Educação, que estabelecem os objetivos, os conteúdos, as metodologias e os critérios de avaliação para cada nível e modalidade de ensino. É composto por estabelecimentos de ensino básico, secundário e superior, que abrangem diferentes áreas do conhecimento e do saber-fazer, e que oferecem diversas vias educativas e formativas,

desde o ensino regular, ao ensino profissional, ao ensino artístico, ao ensino especial, ao ensino de adultos, entre outras (Alves & Canário, 2001).

No entanto, o ensino público não é necessariamente sinónimo de ensino de todos e para todos, nem de ensino democrático e participativo, nem de ensino laico e pluralista, nem de ensino de qualidade e inovador. Como questiona Mariano Enguita, “Es pública la escuela pública?”, o ensino público pode ser entendido de diferentes formas, consoante o grau de intervenção do Estado, o grau de autonomia dos centros, o grau de participação da comunidade educativa, o grau de diversidade e de inclusão dos alunos, o grau de abertura e de cooperação com o meio. Enguita propõe uma tipologia de quatro modelos de ensino público, que variam desde o mais centralizado e burocrático, até ao mais descentralizado e democrático, passando por formas intermédias de gestão mista ou de gestão participada. Segundo o autor, o ensino público deve aspirar a ser um ensino comum, que garanta a igualdade de oportunidades e a coesão social, mas também um ensino comunitário, que fomente a participação e a responsabilização de todos os agentes educativos, desde o Estado, até aos professores, aos pais, aos alunos e às organizações sociais.

O ensino particular é o sistema de educação que é financiado e gerido por entidades privadas, que podem ser de natureza lucrativa ou não lucrativa, e que visa oferecer uma alternativa ou um complemento ao ensino público, mediante o pagamento de uma mensalidade ou de uma propina. Tem como princípios orientadores a liberdade, a autonomia, a diferenciação, a qualidade e a excelência, e procura satisfazer as preferências e as exigências dos alunos e das famílias, bem como as demandas e as tendências do mercado de trabalho. O ensino particular segue as orientações curriculares definidas pelo Ministério da Educação, mas tem uma maior margem de flexibilidade e de inovação na sua aplicação, podendo adaptar os programas, as metodologias e os recursos às características e aos interesses dos seus públicos-alvo. É composto por estabelecimentos de ensino básico, secundário e superior, que abrangem diferentes áreas do conhecimento e do saber-fazer, e que oferecem diversas vias educativas e formativas, desde o ensino regular, ao ensino profissional, ao ensino artístico, ao ensino especial, ao ensino de adultos, entre outras. Dentro do ensino particular, podemos distinguir ainda o ensino cooperativo, que é promovido por associações de pais, de professores ou de outras entidades sem fins lucrativos, e o ensino confessional, que é promovido por instituições religiosas, que integram na sua proposta educativa os valores e os princípios da sua fé (Felgueiras, 2013).

O ensino particular não é necessariamente sinónimo de ensino elitista e segregador, nem de ensino mercantilista e competitivo, nem de ensino dogmático e uniformizador, nem de ensino superficial e descontextualizado. Como defende Enguita, o ensino particular pode ser entendido de diferentes formas, consoante o grau de financiamento público, o grau de regulação estatal, o grau de compromisso social, o grau de diversidade e de inclusão dos alunos, o grau de abertura e de cooperação com o meio. Enguita propõe uma tipologia de quatro modelos de ensino particular, que variam desde o mais privado e exclusivo, até ao mais público e integrador, passando por formas intermédias de ensino subsidiado ou de ensino diferenciado. Segundo o autor, o ensino particular deve aspirar a ser um ensino livre, que garanta a liberdade de escolha e a autonomia pedagógica, mas também um ensino solidário, que fomente a solidariedade e a responsabilidade social, sem discriminar nem excluir ninguém.

O ensino público e o ensino particular têm identidades próprias, que se refletem nas suas origens, nos seus objetivos, nos seus modelos de gestão, nos seus projetos educativos, nos seus recursos, nos seus resultados e nas suas relações com a sociedade. No entanto, também têm pontos de confluência, que se manifestam na sua missão comum de educar e formar cidadãos, na sua subordinação à lei e à regulação do Estado, na sua cooperação e partilha de experiências e de boas práticas, na sua complementaridade e diversificação da oferta educativa e formativa, e na sua contribuição para o desenvolvimento económico, social e cultural do país (Gomes, 2001). Assim, o ensino público e o ensino particular não são realidades antagónicas, mas sim realidades complementares, que podem e devem articular-se e harmonizar-se, respeitando as suas especificidades, mas também reconhecendo as suas potencialidades, para garantir o direito à educação de todos os cidadãos, e para promover a qualidade e a excelência da educação em Portugal.

Para além dos critérios de propriedade e de gestão, há que considerar também o critério do serviço educativo que as instituições prestam à sociedade, independentemente da sua natureza jurídica. Neste sentido, pode-se falar de um interesse público da educação, que se traduz na realização dos direitos e deveres fundamentais dos cidadãos, na promoção da coesão social e da cidadania ativa, na qualificação dos recursos humanos e na inovação do conhecimento. O interesse público da educação implica, assim, que todas as instituições educativas, sejam elas públicas ou privadas, cooperativas ou confessionais, contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais democrática e mais desenvolvida. Neste sentido, o Estado tem o dever de

reconhecer, apoiar e fiscalizar as instituições educativas que prestam um serviço de interesse público, garantindo a sua qualidade, a sua equidade e a sua relevância social (Alves & Canário, 2001; Gomes, 2001).

Uma referência que aborda esta questão do interesse público da educação é o artigo de José Matias Alves, “De que falamos quando proclamamos a defesa da Escola Pública?”, publicado no jornal Público em 2022. Neste artigo, o autor defende que uma escola é pública quando prossegue uma atividade de interesse público, quando atende, cuida e bem trata todos os seus públicos, quando a todos inclui e a todos promove no máximo do seu potencial. O autor afirma que o critério da propriedade da escola não pode ser usado para definir o seu estatuto, pois há escolas de diferentes naturezas jurídicas que prestam um serviço público de qualidade, e há escolas do Estado que não cumprem a sua missão educativa. O autor propõe, assim, que se valorize a diversidade e a complementaridade das instituições educativas, desde que elas respeitem os princípios constitucionais e legais da educação, e que se articulem e harmonizem entre si, em prol do interesse público da educação.

3.2. A autoavaliação numa escola católica

A autoavaliação institucional num colégio católico deve ter em conta a sua identidade e missão educativa, inspirada nos valores e princípios do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, bem como envolver a comunidade educativa na reflexão sobre o cumprimento do projeto educativo cristão, que visa a formação integral e humanista dos alunos, o desenvolvimento de uma cultura de solidariedade e de cidadania, e a promoção de uma educação de qualidade e de excelência. Deve também articular-se com as orientações e os referenciais de qualidade da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) e da Rede Mundial de Escolas Católicas.

Uma escola católica deve ser entendida como uma comunidade educativa que se inspira na visão cristã da pessoa e da sociedade, e que procura realizar um projeto educativo que responda aos desafios e às exigências do contexto atual. Neste sentido, a autoavaliação institucional tem como finalidades:

- Reconhecer e valorizar a identidade e a missão da Escola Católica, que se traduz na sua adesão aos valores e princípios do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, na sua proposta educativa integral e humanista, na sua atenção preferencial aos mais pobres e excluídos, na sua abertura ao diálogo e à colaboração com outras instituições e agentes educativos, e na sua

fidelidade ao carisma e à espiritualidade do fundador ou da congregação religiosa que a anima (Rodrigues, 2021).

- Envolver a comunidade educativa na reflexão sobre o cumprimento do projeto educativo cristão, que implica a participação ativa e responsável de todos os seus membros (alunos, pais, professores, funcionários, direção), a avaliação dos processos e dos resultados educativos, a identificação dos pontos fortes e das áreas de melhoria, a definição de objetivos e de planos de ação, e a verificação dos efeitos das ações implementadas (Gomes, 2001).
- Promover a formação integral e humanista dos alunos, que visa o desenvolvimento das suas capacidades intelectuais, afetivas, morais, espirituais e sociais, a sua educação para os valores cristãos, a sua preparação para a vida pessoal, familiar, profissional e cívica, e a sua inserção numa cultura de solidariedade e de cidadania, que contribua para a construção de um mundo mais justo, fraterno e sustentável (Rodrigues, 2021).
- Garantir uma educação de qualidade e de excelência, que implica a adequação das propostas curriculares, das metodologias pedagógicas, dos recursos materiais e humanos, e dos sistemas de acompanhamento e de avaliação, às necessidades e às expectativas dos alunos e das famílias, aos requisitos legais e normativos, e aos padrões de qualidade definidos pela própria instituição, pela CEP, pela Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP) e pela Rede Mundial de Escolas Católicas, no caso do ensino confessional (Rodrigues, 2021).

A problemática da autoavaliação numa escola católica envolve a reflexão crítica e sistemática sobre a identidade, a missão, os processos e os resultados da instituição educativa, tendo em vista a sua melhoria contínua e a sua fidelidade aos valores e princípios do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja. A autoavaliação implica também o envolvimento e a participação de toda a comunidade educativa, bem como a articulação com as orientações e os referenciais de qualidade das entidades que representam e apoiam as escolas católicas a nível nacional e internacional.

Neste contexto, a figura e o ideário de Santa Paula Frassinetti, a fundadora da congregação das Irmãs de Santa Doroteia, são uma fonte de inspiração e de orientação para os centros educativos que seguem o seu carisma. Paula Frassinetti concebia a educação como uma missão de evangelização, que tinha como objetivo formar pessoas livres, conscientes, competentes e solidárias, capazes de transformar o mundo pela vivência dos valores do Evangelho. Ela transmitia esse amor aos seus educandos, através

de uma relação próxima, personalizada e motivadora, que respeitava o ritmo e as potencialidades de cada um. Ela também valorizava o espírito de família, a simplicidade, a suavidade e a firmeza, como características do seu estilo educativo.

Os centros educativos das Irmãs Doroteias, que hoje estão presentes em quatro continentes, procuram seguir o exemplo e o carisma de Paula Frassinetti, adaptando-os aos desafios e às necessidades da sociedade atual. Eles definem-se como comunidades evangelizadoras, que educam ao estilo de Paula, promovendo o crescimento harmonioso da pessoa, para que seja protagonista da própria vida e agente de transformação da realidade. Organizam-se em três dimensões: a humana, a cultural e a religiosa, que visam desenvolver as competências, os valores e a espiritualidade dos educandos. Eles também se caracterizam pela atenção aos mais vulneráveis, pela inovação pedagógica e pela participação das crianças e jovens.

Para realizar a autoavaliação institucional num colégio católico, é necessário articular-se com as orientações e os referenciais de qualidade da CEP e da Rede Mundial de Escolas Católicas, que são as entidades que representam e apoiam as Escolas Católicas a nível nacional e internacional, e que oferecem instrumentos e recursos para a implementação de processos de autoavaliação e de melhoria contínua. Estas orientações e referenciais de qualidade estão baseados nos documentos do Magistério da Igreja sobre a educação, nas orientações da Santa Sé para as Escolas Católicas, e nas boas práticas partilhadas pelas Escolas Católicas de todo o mundo (Rodrigues, 2021). Além disso, é importante considerar o Pacto Educativo Global, uma proposta do Papa Francisco que visa investir as melhores forças em prol de uma educação centrada na pessoa humana e que favoreça a solidariedade e a paz (Pacto Educativo Global, 2020). O Pacto Educativo Global pretende promover uma educação centrada na pessoa humana, na solidariedade e na paz. Este pacto representa um apelo à comunidade global para investir esforços na construção de um mundo mais justo, fraterno e sustentável por meio da educação. Segundo o Papa Francisco, o Pacto Educativo Global é um convite para refletir sobre a forma como estamos a moldar o futuro do planeta e a importância de investir os talentos de todos na construção de uma nova solidariedade universal e de uma sociedade mais acolhedora. O objetivo principal deste pacto é promover uma educação que vá além do mero conhecimento académico, procurando formar cidadãos conscientes, responsáveis e comprometidos com a construção de um mundo mais justo e pacífico. O Pacto Educativo Global destaca a necessidade de uma educação integral que promova os valores da solidariedade, da fraternidade e da cidadania, preparando os indivíduos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com empatia, compaixão e respeito

mútuo. Além disso, o pacto enfatiza a importância de uma educação que vá além das fronteiras das salas de aula, englobando também a formação moral, ética e espiritual dos educandos. Neste contexto, o Pacto Educativo Global representa um chamamento à ação para que instituições educativas, governos, organizações da sociedade civil e a sociedade em geral se unam em prol de uma educação transformadora, capaz de promover a justiça social, a igualdade de oportunidades e a construção de um mundo mais humano e solidário. Através do compromisso com os princípios e valores propostos pelo Pacto Educativo Global, as escolas e demais instituições de ensino podem contribuir significativamente para a construção de um futuro mais promissor e sustentável para as gerações presentes e futuras. O Pacto Educativo Global é, assim, um convite para dialogar sobre o modo em que estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos, porque cada mudança requer um caminho educativo que faça maturar uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora (Papa Francisco, 2019).

3.2.1. Necessidades específicas e desafios

A autoavaliação numa escola católica é um processo que visa avaliar e melhorar a qualidade e a eficácia da educação, tendo em conta os princípios e os valores da fé cristã. A autoavaliação numa escola católica envolve a participação de todos os agentes educativos, tais como alunos, professores, direção, funcionários, pais, e responsáveis, que devem colaborar na definição dos critérios, na recolha dos dados, na interpretação dos resultados, e na implementação das ações de melhoria (Martins, 2014).

Uma das dimensões da autoavaliação numa escola católica é a atenção às necessidades específicas dos alunos, que são aquelas que decorrem das suas características individuais, dos seus contextos familiares e sociais, e das suas expectativas e aspirações. As necessidades específicas dos alunos podem ser de ordem cognitiva, afetiva, comportamental, ou espiritual, e podem requerer apoios ou intervenções diferenciadas por parte da escola. A atenção às necessidades específicas dos alunos é um desafio e uma oportunidade para a escola católica, que deve promover uma educação integral, personalizada, e humanizadora, respeitando a diversidade e a dignidade de cada pessoa, como imagem e semelhança de Deus (Diniz, 2016).

Para responder às necessidades específicas dos alunos, a escola católica adotará estratégias pedagógicas, organizacionais, e pastorais, que favoreçam o desenvolvimento integral, a inclusão, e a participação dos alunos. As estratégias pedagógicas podem

incluir a diferenciação curricular, a avaliação formativa, o trabalho cooperativo, ou a mediação da aprendizagem. As estratégias organizacionais podem incluir a flexibilização do horário, a articulação entre ciclos, a gestão participativa, ou a formação contínua. As estratégias pastorais podem incluir a catequese, a liturgia, a animação vocacional, ou a solidariedade (Lima & Martins, 2022).

Outra das dimensões da autoavaliação numa escola católica é a inclusão de alunos com necessidades específicas, que são aqueles que apresentam dificuldades ou limitações no processo de ensino e aprendizagem, devido a fatores de ordem física, sensorial, cognitiva, emocional, social ou cultural.

Para responder às necessidades específicas dos alunos, a escola católica realiza adaptações curriculares, que são modificações nos objetivos, nos conteúdos, nos métodos, nos recursos, e na avaliação, de acordo com as características, as potencialidades, e as dificuldades de cada aluno. As adaptações curriculares podem ser de grande porte, quando implicam alterações significativas no currículo oficial, ou de pequeno porte, quando se referem a ajustes pontuais no currículo comum (Lima & Martins, 2022).

As adaptações curriculares são planeadas, executadas, e avaliadas de forma colaborativa, envolvendo o professor, o aluno, a família, e outros profissionais, como psicólogos, fonoaudiólogos, ou terapeutas ocupacionais; são flexíveis, adaptáveis, e contextualizadas, tendo em conta as necessidades e as expectativas de cada aluno. As adaptações curriculares devem ser também transparentes, rigorosas, e éticas, respeitando os princípios da confidencialidade, da credibilidade, e da utilidade (Lima & Martins, 2022).

A autoavaliação numa escola católica é, portanto, um processo que requer uma atenção especial às necessidades específicas dos alunos, que precisam de ser reconhecidas, valorizadas, e atendidas, de forma a garantir uma educação de qualidade, inclusiva e cristã.

3.2.2. Recetividade e preparação para a mudança

A autoavaliação numa escola católica é um processo que implica mudanças nas práticas pedagógicas e organizacionais da escola, tendo em conta os princípios e os valores da fé cristã. Requer a recetividade e a preparação para a mudança por parte de todos os agentes educativos, tais como alunos, professores, direção, funcionários, pais, e responsáveis, que devem colaborar na definição dos critérios, na recolha dos dados, na interpretação dos resultados, e na implementação das ações de melhoria (Martins, 2014).

A recetividade para a mudança é a disposição e a abertura para aceitar, apoiar, e participar na mudança; é influenciada por vários fatores, tais como: a perceção da necessidade e da urgência da mudança; a confiança e o compromisso com a liderança da mudança; a expectativa de benefícios e de resultados positivos da mudança; a participação e a comunicação no processo de mudança; e a capacidade e os recursos para lidar com a mudança (Asana, 2021).

Para preparar a mudança torna-se necessário um conjunto de ações e de estratégias que visam facilitar e acelerar o processo de mudança. A preparação para a mudança envolve, entre outras coisas: a definição de uma visão clara e partilhada da mudança; a identificação e a mobilização dos agentes e dos líderes da mudança; a criação de um plano de ação detalhado e realista da mudança; a formação e o desenvolvimento das competências necessárias para a mudança; o estabelecimento de mecanismos de monitorização e de avaliação da mudança; e o reconhecimento e a celebração dos sucessos e dos progressos da mudança (Asana, 2021).

Assim, a autoavaliação numa escola católica é um processo que requer uma recetividade e uma preparação para a mudança por parte de todos os envolvidos, de forma a garantir uma educação de qualidade, coerente e cristã.

3.3. Síntese de transição

A autoavaliação institucional é um processo essencial para a qualidade e inovação das organizações educativas, que requer uma abordagem holística, participativa, sistemática e orientada para a melhoria. Para realizar a autoavaliação, é necessário seguir passos essenciais, como a definição de uma visão e missão compartilhadas, a identificação das forças e fraquezas da organização, a definição de prioridades e metas realistas, a mobilização de recursos e parcerias, a monitorização e comunicação dos resultados e a celebração e disseminação das boas práticas. A autoavaliação pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino em instituições particulares, garantindo uma educação de qualidade, inclusiva e cristã (no caso das escolas católicas). No entanto, a autoavaliação também pode enfrentar desafios, como a liderança forte, a gestão eficiente, a comunicação eficaz e a aprendizagem contínua.

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos e justificamos as opções metodológicas adotadas para realizar este estudo, que tem como objetivo analisar a autoavaliação dos processos e resultados educativos num estabelecimento de ensino particular. Para isso, descrevemos o tipo de pesquisa, o contexto, os participantes, os instrumentos de recolha e análise de dados, os procedimentos éticos e as limitações do estudo. A escolha do método adequado é fundamental para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, bem como para responder à questão de pesquisa de forma rigorosa e sistemática. A autoavaliação é um processo que envolve a reflexão crítica sobre as práticas e os efeitos da ação educativa, com vista à melhoria contínua da qualidade. Neste sentido, optamos por uma abordagem qualitativa, que permite compreender as perceções, as atitudes e as experiências dos agentes educativos envolvidos na autoavaliação. A escolha deste desenho metodológico baseia-se na revisão da literatura sobre a autoavaliação de escolas, entendida como um processo sistemático, participativo e reflexivo, que visa a melhoria da qualidade educativa (Sá, 2008; Estrela, 2010; Sousa, 2012). Assim, pretende-se compreender como é que um estabelecimento de ensino particular desenvolve e implementa a sua autoavaliação, quais os fatores facilitadores e constrangedores, e quais os efeitos nos processos e nos resultados educativos.

1. Escolha da abordagem metodológica

A autoavaliação é um processo pelo qual os sujeitos envolvidos numa atividade educativa analisam e refletem sobre o seu desempenho, identificando os pontos fortes e fracos, as dificuldades e os progressos, e estabelecendo metas e estratégias para a melhoria contínua da qualidade da educação (Machado, 2022); pode ser realizada por diferentes atores, tais como alunos, professores, funcionários, gestores, pais e comunidade, e abranger diferentes dimensões, tais como o currículo, a metodologia, o clima escolar, os recursos, os resultados, entre outros. (Vieira, 2013).

A autoavaliação tem sido reconhecida como uma prática importante para o desenvolvimento de uma cultura de qualidade nas escolas, pois permite que os sujeitos se tornem mais conscientes, críticos e responsáveis pelo seu próprio processo de ensino e aprendizagem, bem como pelo funcionamento e pela gestão da escola como um todo (Leite, Fernandes e Rodrigues, 2020). Além disso, pode favorecer a participação, a colaboração, a autonomia, a autoestima, a motivação e a aprendizagem dos sujeitos envolvidos, bem como a articulação entre a escola e o seu contexto (Andrade, 2019).

No entanto, a autoavaliação não é uma prática simples nem linear, mas sim um processo complexo e dinâmico, que envolve diversas etapas, desafios e implicações (MacBeath et al., 2005; MacBeath & McGlynn, 2002). Neste sentido, o projeto de investigação pretende incidir sobre a importância da autoavaliação na melhoria da qualidade da educação, através de um estudo qualitativo que explora a autoavaliação num estabelecimento de ensino particular; tem como objetivos específicos: (a) compreender como é concebida e implementada a autoavaliação na escola; (b) analisar as perceções e as experiências dos diferentes atores envolvidos no processo de autoavaliação; (c) identificar os fatores facilitadores e dificultadores da autoavaliação na escola; (d) avaliar o impacto da autoavaliação na qualidade da educação na escola.

Para atingir esses objetivos, o projeto adota uma abordagem de pesquisa qualitativa e multifacetada, que combina diversos elementos para explorar a autoavaliação nas escolas. A abordagem qualitativa permite uma compreensão mais rica e contextualizada das experiências e perceções dos participantes, bem como uma visão mais holística da autoavaliação e seu impacto na qualidade da educação (Bhatti e Nimehchisalem, 2020). A abordagem multifacetada envolve a recolha de dados a partir de múltiplos pontos de vista, incluindo alunos, pais, professores, funcionários e direção da escola, bem como a utilização de diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados, tais como narrativas, relatos de experiências, entrevistas, questionários e observações.

As entrevistas e os questionários são técnicas de recolha de dados mais tradicionais, que permitem obter informações mais estruturadas e sistematizadas sobre a autoavaliação na escola, a partir de um conjunto de perguntas previamente definidas. As entrevistas podem ser semiestruturadas ou abertas, e podem ser realizadas individualmente ou em grupo, de forma presencial ou à distância. Os questionários podem ser estruturados ou mistos, e podem ser aplicados em papel ou online. Estas técnicas permitem recolher dados sobre as conceções, as práticas, os procedimentos, os critérios, os resultados, os desafios e as sugestões dos participantes em relação à autoavaliação (Schildkamp et al., 2012).

As observações são técnicas de recolha de dados que permitem registar os comportamentos, as interações, as atitudes e as manifestações dos participantes no contexto real da escola, de forma direta ou indireta, participante ou não participante, sistemática ou não sistemática; podem ser realizadas em diferentes momentos e espaços da escola, tais como nas salas de aula, nas reuniões, nos eventos, entre outros. Estas

técnicas permitem recolher dados sobre as ações, as dinâmicas, os processos, os produtos e os efeitos da autoavaliação na escola (Lindahl e Beach, 2013).

A combinação destas técnicas de recolha de dados permite obter uma visão abrangente e diversificada da autoavaliação na escola, bem como uma triangulação de dados que aumenta a validade e a fiabilidade da pesquisa (Leite, Morgado e Seabra, 2014).

O tratamento da informação envolve a análise e a interpretação dos dados recolhidos, procurando identificar padrões, tendências e *insights* relevantes relativos à autoavaliação na escola (Coelho, Sarrico e Rosa, 2008).

2. Entrevista

As entrevistas são uma ferramenta fundamental na recolha de dados qualitativos, permitindo aos investigadores obter informações detalhadas, perspetivas individuais e *insights* profundos sobre determinado tema. Existem diferentes tipos de entrevistas, cada uma com as suas características e objetivos específicos.

As entrevistas podem ser classificadas de diversas formas, sendo comum a distinção entre entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas. Nas entrevistas estruturadas, as perguntas são pré-determinadas e feitas na mesma ordem para todos os participantes, garantindo consistência nos dados recolhidos. Já nas entrevistas semiestruturadas, há uma lista de tópicos a serem abordados, permitindo maior flexibilidade e aprofundamento em determinados pontos. Por fim, as entrevistas não estruturadas são mais abertas, sem um roteiro pré-definido, favorecendo a espontaneidade e a descoberta de novas informações.

Além disso, a triangulação da entrevista é uma abordagem valiosa que envolve a recolha de diferentes perspetivas sobre um mesmo assunto, como a visão do professor, dos alunos e de observadores externos. Essa técnica contribui para uma análise mais abrangente e aprofundada, enriquecendo os dados obtidos e possibilitando uma compreensão mais completa do tema em estudo.

Para Mayring (1990), as entrevistas são amplamente utilizadas na autoavaliação, proporcionando uma visão geral e rápida das opiniões das pessoas e das diferentes perspetivas a serem consideradas. Ao preparar um conjunto de questões adequadas, é possível explorar questões específicas e obter *insights* relevantes para a resolução de problemas ou para a melhoria de processos educacionais.

Outra abordagem interessante é a entrevista como parte de um processo de pesquisa participativa, onde os próprios alunos são envolvidos na recolha de dados, como

no estudo realizado por uma escola inglesa, onde os alunos mais jovens entrevistavam colegas sobre atividades educacionais. Essa prática não apenas fornece informações valiosas, mas também promove o envolvimento dos alunos no processo de avaliação e melhoria da educação.

As entrevistas são, assim, uma ferramenta poderosa para a recolha de dados qualitativos, permitindo aprofundar o entendimento sobre determinado tema, obter múltiplas perspectivas e promover a participação dos envolvidos no processo de avaliação e melhoria contínua.

2.1. *O modelo de entrevista adotado*

Conforme referido anteriormente, a entrevista estruturada é um método de recolha de dados que consiste numa série de perguntas pré-determinadas e padronizadas. Este modelo é particularmente útil em contextos de investigação onde a consistência e a comparabilidade das respostas são cruciais.

A escolha do modelo de entrevista estruturada é particularmente adequada para a investigação no contexto da autoavaliação escolar num colégio particular por várias razões:

Consistência nas respostas: numa direção de colégio, onde diferentes indivíduos podem ter perceções variadas sobre processos e políticas, a entrevista estruturada garante que todos os participantes respondam às mesmas perguntas. Isso é crucial para comparar e analisar as respostas de forma objetiva.

Eficiência no tempo: diretores e administradores de colégios particulares geralmente têm agendas apertadas. As entrevistas estruturadas são mais eficientes em termos de tempo, pois têm uma duração previsível, facilitando o agendamento e a realização dentro do tempo disponível.

Foco na autoavaliação: As perguntas podem ser cuidadosamente elaboradas para extrair informações específicas sobre a autoavaliação escolar, permitindo que a direção se concentre em áreas de interesse particular, como métodos de ensino, satisfação dos alunos ou resultados académicos.

Redução de viés: a padronização das perguntas reduz o risco de viés do entrevistador, o que é especialmente importante num ambiente escolar onde as opiniões podem ser fortemente influenciadas por relações interpessoais e dinâmicas de poder.

Facilidade de análise: Os dados recolhidos através de entrevistas estruturadas são mais fáceis de analisar estatisticamente, o que pode ser benéfico para a direção ao

avaliar a eficácia das políticas de autoavaliação e ao tomar decisões baseadas em evidências.

Documentação e replicabilidade: As entrevistas estruturadas permitem uma documentação clara do processo de recolha de dados, o que é útil para futuras referências e estudos replicáveis, garantindo a integridade da investigação.

Assim, optou-se pela entrevista estruturada enquanto ferramenta valiosa para a direção de um colégio particular, pois fornece um meio sistemático e confiável de recolher informações pertinentes à autoavaliação escolar, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de melhoria contínua.

2.2. *Realização das entrevistas*

As entrevistas foram realizadas entre o dia 19 de fevereiro de 2024 e o dia 11 de março de 2024, de acordo com a disponibilidade dos elementos da direção.

3. Questionário

Os questionários são uma ferramenta amplamente utilizada na recolha de dados quantitativos e qualitativos, permitindo aos investigadores obter informações de forma padronizada e sistematizada.

Os questionários podem ser aplicados a uma grande variedade de públicos e contextos, sendo uma forma eficaz de recolher dados de forma rápida e abrangente. Eles são especialmente úteis para avaliar áreas específicas, como o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, a satisfação dos pais com a escola, entre outros aspetos. A formulação das perguntas e a estrutura do questionário são essenciais para garantir a qualidade e a fiabilidade dos dados recolhidos.

No contexto educacional, os questionários são frequentemente utilizados para recolher informações dos professores, pais e alunos, permitindo comparar diferentes perspetivas sobre determinados temas. Através dos questionários, é possível identificar pontos fortes e áreas de melhoria na escola, promovendo discussões construtivas e ações de desenvolvimento.

O uso de tecnologias, como *softwares* específicos para a aplicação e análise de questionários, tem facilitado significativamente o processo de recolha e processamento de dados. Essas ferramentas permitem uma administração mais eficiente dos

questionários, a geração rápida de relatórios e a comparação de resultados ao longo do tempo, contribuindo para a tomada de decisões baseadas em evidências.

Além disso, a adaptação das questões dos questionários ao contexto social e cultural dos respondentes é fundamental para garantir a relevância e a validade dos dados obtidos. A formulação das perguntas deve ser clara, objetiva e adequada ao público-alvo, a fim de obter respostas precisas e significativas.

Os questionários são uma ferramenta versátil e eficaz para a recolha de dados no contexto educacional, permitindo avaliar diferentes aspetos da escola, envolver os diversos atores educacionais e embasar processos de melhoria contínua.

3.1. *O modelo de questionário adotado*

Nesta investigação foi aplicado o mesmo modelo de questionário, de formato online (Microsoft Forms), a todos os intervenientes no estudo, sendo este composto por 23 questões, maioritariamente com resposta através de uma escala de ordenação, que abordavam diferentes dimensões, com uma duração de preenchimento prevista de cerca de 10 minutos. Um questionário único com uma escala de ordenação para diferentes intervenientes no contexto de uma investigação sobre autoavaliação escolar num colégio particular apresenta diversas vantagens:

Uniformidade de medição: um questionário único garante que todos os intervenientes são avaliados com o mesmo instrumento, o que é fundamental para a consistência dos dados recolhidos. Isso permite comparações diretas entre as respostas de alunos, professores, administradores e outros membros da comunidade escolar.

Escala de ordenação: a escala de ordenação é uma ferramenta poderosa para medir atitudes, perceções e comportamentos. Ela permite quantificar opiniões e sentimentos que são subjetivos, transformando-os em dados que podem ser analisados estatisticamente.

Facilidade de análise: as respostas quantitativas obtidas através das escalas de ordenação facilitam a análise estatística dos dados. Isso pode incluir a comparação de médias, a realização de testes de hipóteses e a aplicação de modelos de regressão para entender melhor os fatores que influenciam a autoavaliação escolar.

Redução de viés de resposta: ao oferecer opções de resposta numa escala, reduz-se o risco de viés de aquiescência (tendência de concordar com as afirmações independentemente do conteúdo) e o viés de centralidade (tendência de escolher opções intermediárias).

Eficiência na recolha de dados: questionários são métodos eficientes de recolha de dados, pois podem ser distribuídos a muitos intervenientes simultaneamente, seja em formato papel ou digital, economizando tempo e recursos.

Anonimato e honestidade: o uso de questionários pode encorajar a honestidade nas respostas, especialmente se forem anónimos, pois os intervenientes podem sentir-se mais confortáveis para expressar as suas verdadeiras opiniões sem medo de represálias.

Flexibilidade de aplicação: questionários podem ser aplicados em diferentes formatos, como online, impressos ou até mesmo por telefone, o que permite alcançar um público mais amplo e diversificado.

Deste modo, a escolha de um questionário único baseado numa escala de ordenação é uma estratégia eficaz para avaliar a autoavaliação escolar num colégio particular, pois fornece dados comparáveis e quantificáveis que são essenciais para uma análise rigorosa e para a tomada de decisões informadas.

3.2. *Validação do questionário*

A validação de questionários é um processo metódico que desempenha um papel crucial na investigação científica, assegurando que os instrumentos de medição são precisos e confiáveis. Este processo começa com a construção teórica do questionário, fundamentada numa revisão exaustiva da literatura, para identificar os construtos relevantes e assegurar que as perguntas se alinham com os objetivos da pesquisa. A validade de conteúdo foi assegurada através da avaliação por especialistas, que garantiram que os itens do questionário representavam adequadamente o construto em estudo. O pré-teste do questionário com um grupo representativo da população-alvo foi essencial para identificar problemas de ambiguidade ou mal-entendidos nas perguntas, permitindo ajustes necessários antes da aplicação em larga escala.

Após o pré-teste, a análise dos resultados é fundamental para refinar o questionário, melhorando a clareza e a relevância das perguntas. A validade de construto é frequentemente avaliada através de métodos estatísticos, como a análise fatorial, para confirmar que as dimensões teóricas são representadas pelos itens. Este coeficiente fornece uma estimativa da consistência interna dos itens, indicando até que ponto eles estão correlacionados e, portanto, medem o mesmo construto.

A validação de questionários é um processo iterativo que pode exigir várias rodadas de revisão e teste, especialmente quando novos dados são recolhidos e analisados.

Os investigadores devem estar atentos às metodologias e práticas recomendadas na literatura para realizar uma validação rigorosa e cientificamente sólida (DeVellis, 2017; Hinkin, 1998; Nunnally & Bernstein, 1994).

Após a realização do pré-teste do questionário, procedeu-se a alterações na formulação de algumas questões, de modo a torná-las mais inteligíveis, nomeadamente:

- Foi adicionada à escala de ordenação utilizada nas questões a opção “Sem opinião”;
- Na questão 15, substituição de “(...) dos alunos, dos professores, dos funcionários e da comunidade. Por exemplo, incrementar (...)” por “(...) dos elementos da comunidade educativa (alunos, professores, funcionários, ...). Por exemplo, potenciar (...)”
- Na questão 16, substituição de “Por exemplo, incremento de lideranças participativas (...)” por “Por exemplo, promoção de lideranças participativas (...)”

3.3. *Aplicação do questionário*

O questionário foi enviado por email a todos os intervenientes no dia 8 de março de 2024, tendo-se solicitado o seu preenchimento até ao dia 17 de março de 2024.

4. *Focus Group*

Os *focus groups*, também conhecidos como grupos de foco, são uma técnica qualitativa de pesquisa que envolve a reunião de um grupo de pessoas para discutir e explorar um determinado tema em profundidade.

Os *focus groups* são utilizados para obter uma visão rápida e aprofundada das opiniões, perceções e experiências de um grupo específico de pessoas em relação a um tema em estudo. Esta técnica é particularmente útil para explorar questões complexas, identificar padrões, compreender diferentes perspetivas e gerar *insights* qualitativos significativos.

A composição dos *focus groups* é essencial para garantir a representatividade e a diversidade de opiniões. Geralmente, os grupos são formados por 6 a 20 participantes que compartilham características semelhantes, como pais, alunos, professores, entre outros.

A interação entre os participantes durante as discussões estimula a troca de ideias, a construção coletiva de conhecimento e a emergência de novas perspectivas.

A técnica de *brainstorming* é frequentemente utilizada nos *focus groups* para estimular a criatividade, a geração de ideias e a resolução de problemas de forma colaborativa. As sessões de *focus group* são conduzidas por um moderador experiente, que facilita as discussões, garante a participação equitativa dos membros e promove um ambiente de diálogo aberto e respeitoso.

Os *focus groups* são amplamente empregados em diferentes contextos, como pesquisa de mercado, avaliação de programas educacionais e desenvolvimento de políticas públicas. Esta técnica proporciona uma compreensão mais profunda das necessidades, expectativas e percepções dos participantes, contribuindo para a tomada de decisões baseadas em evidências e para o aperfeiçoamento de práticas e políticas educacionais.

Os *focus groups* são, então, uma ferramenta valiosa para a recolha de dados qualitativos, a exploração de temas complexos e a promoção da participação ativa dos envolvidos no processo de pesquisa e avaliação.

4.1. *Constituição dos focus groups*

Para esta investigação foram constituídos *focus groups* representativos dos alunos, professores e funcionários.

Quanto aos critérios de seleção, optou-se pela criação dos seguintes *focus groups*:

- **alunos** – delegados de turma, do 5.º ao 12.º ano (18 alunos no total);
- **professores/educadores** – coordenadores de estruturas de coordenação + professores/educadores sem cargos (escolha aleatória; 2 educadoras e 8 professores no total);
- **assistentes educativos** – coordenador dos assistentes educativos + um assistente educativo de cada secção (escolha aleatória; 4 assistentes educativos no total)

4.2. *Realização dos focus groups*

Os *focus groups* foram conduzidos pelo investigador, com recurso a um guião previamente elaborado. Cada *focus group* teve a duração aproximada de 30 minutos, tendo-se procedido à gravação de áudio (com permissão dos participantes).

5. Análise de conteúdo

Berelson e Lazarsfeld (1952) definem a análise de conteúdo como uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. No entanto, desde os anos 50 e 60, diversos autores têm tentado fazer prevalecer a perspectiva qualitativa de análise dos dados, considerando o tratamento estatístico destes apenas como uma possibilidade, mas não como uma obrigatoriedade (Bogdan & Biklen, 1994). Mais tarde, Bardin destaca a importância da fundamentação teórica em que a análise de conteúdo assenta e a consistência teórica dos diversos procedimentos técnicos utilizados no seu âmbito (Bardin, 1988). Além disso, a análise de conteúdo é uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em categorias de conteúdo, baseada em regras explícitas de ação (Stemler, 2001). O livro “Análise de Conteúdo” (Bardin, 1977) é uma obra clássica e referencial na área das ciências humanas e sociais, que apresenta os fundamentos teóricos e práticos da análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa qualitativa. A análise de conteúdo consiste num conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo de mensagens verbais, escritas ou visuais, a partir de categorias previamente definidas ou emergentes dos dados. O objetivo da análise de conteúdo é revelar os significados implícitos ou explícitos das mensagens, bem como as intenções, valores, representações e ideologias dos emissores e recetores. Foram diversas as obras e autores que contribuíram para o desenvolvimento da análise de conteúdo, como Michel Foucault, Roland Barthes, Pierre Bourdieu, entre outros.

O livro de Bardin encontra-se dividido em três partes: a primeira parte trata dos aspetos históricos, epistemológicos e metodológicos da análise de conteúdo; a segunda parte explica as etapas operacionais da análise de conteúdo, que são: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados; a terceira parte apresenta alguns exemplos de aplicação da análise de conteúdo em diferentes campos de estudo, como a psicologia, a sociologia, a comunicação, a educação, entre outros. Podemos elencar algumas técnicas e procedimentos utilizados na análise de conteúdo, como a análise documental, a análise de discurso, a análise temática, entre outras.

O livro relaciona-se com a temática da autoavaliação dos processos e resultados educativos num estabelecimento de ensino particular, pois mostra como a análise de conteúdo pode ser utilizada para analisar diversos tipos de documentos e discursos produzidos no contexto escolar, como planos de ensino, avaliações, relatórios, entrevistas, questionários, observações, etc. A análise de conteúdo pode contribuir para a

compreensão das concepções, práticas, dificuldades, potencialidades e desafios dos agentes educativos, bem como para a identificação de pontos fortes e fracos, necessidades de melhoria e propostas de intervenção.

A análise de conteúdo pode ser realizada de forma qualitativa ou quantitativa, dependendo dos objetivos da pesquisa e das características dos dados. Na abordagem qualitativa, o foco está na interpretação dos significados e na compreensão dos contextos em que os dados foram produzidos. Já na abordagem quantitativa, o objetivo é identificar padrões e relações entre as variáveis presentes nos dados.

5.1. Aplicação da análise de conteúdo ao presente estudo

Para efetuar uma análise detalhada às entrevistas realizadas à direção do colégio de acordo com a metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin, foi importante seguir os passos-chave desse método. A análise de conteúdo envolve a categorização, a codificação e a interpretação dos dados para identificar padrões, tendências e significados subjacentes.

Categorização dos dados:

Foram identificadas as categorias principais presentes nas entrevistas, como “Percepção da Importância da Autoavaliação”, “Envolvimento dos Agentes Educativos”, “Desafios e Planeamento”, “Expectativas e Metas”, e “Definição de Indicadores-Chave”.

Codificação dos dados:

Foram atribuídos códigos de identificação dos sujeitos a cada trecho de texto relevante, dentro de cada categoria identificada, de modo a contrastar as diferentes respostas obtidas.

Triangulação dos dados:

Comparou-se e contrastou-se as informações em diferentes partes das entrevistas para identificar convergências e divergências. Por exemplo, verificou-se se havia consistência nas opiniões sobre a importância da autoavaliação, o envolvimento dos agentes educativos e os desafios antecipados. Também foi importante analisar as

divergências, como diferentes perspectivas sobre as metas a alcançar e as estratégias a adotar.

Interpretação dos dados:

Procurou-se analisar os padrões emergentes, as tendências e os significados subjacentes aos dados codificados. Por exemplo, identificar se há consenso sobre a importância da autoavaliação para a melhoria institucional e se existem discordâncias em relação aos desafios enfrentados ou às estratégias propostas.

Ao seguir esses passos, foi possível realizar uma análise detalhada das entrevistas, identificando convergências e divergências entre as diferentes partes do texto. Esta abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada das percepções, expectativas e desafios relacionados com a implementação da autoavaliação no contexto educativo.

6. Síntese de transição

No contexto desta investigação sobre a autoavaliação dos processos educativos num estabelecimento de ensino particular, foram detalhadas as escolhas metodológicas adotadas, apresentando as bases teóricas e práticas que sustentam a investigação sobre a autoavaliação dos processos educativos, destacando a importância da abordagem qualitativa, a seleção dos participantes, os instrumentos de recolha de dados, os procedimentos éticos e as limitações do estudo. Essas escolhas metodológicas foram fundamentais para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos, preparando o caminho para a análise e discussão dos resultados na fase seguinte do estudo.

Optou-se por uma abordagem qualitativa para compreender as percepções, atitudes e experiências dos agentes educativos envolvidos na autoavaliação, visando aprimorar a qualidade educativa de forma contínua.

O estudo foi realizado no contexto específico da escola particular, envolvendo diversos participantes, como alunos, professores, direção e funcionários. Para a recolha e análise de dados, foram utilizadas técnicas como entrevistas, questionários e análise de conteúdo, procurando *insights* sobre a conceção e implementação da autoavaliação na escola.

As questões éticas foram consideradas, garantindo a privacidade, o consentimento informado dos participantes e a confidencialidade dos dados. Além disso, foram

discutidas possíveis limitações do estudo, como restrições de tempo, recursos e acesso aos participantes, que poderiam impactar a validade e generalização dos resultados.

Essas escolhas metodológicas foram fundamentais para assegurar a robustez dos resultados obtidos e preparar o terreno para a análise e discussão dos dados na próxima etapa do estudo, na qual iremos explorar os dados recolhidos, analisar as percepções dos agentes educativos envolvidos na autoavaliação e discutir os fatores facilitadores e constrangedores identificados. Esta nova secção permitirá uma análise aprofundada dos resultados obtidos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da qualidade educativa no contexto estudado. Vamos agora mergulhar nos dados e nas reflexões que surgiram a partir da aplicação da metodologia escolhida, procurando *insights* significativos para aperfeiçoar os processos e resultados educativos em questão.

PARTE III – APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise conjunta dos dados recolhidos sobre autoavaliação institucional revela uma visão compartilhada sobre a sua importância e os benefícios esperados, bem como divergências quanto aos desafios e estratégias de implementação.

A autoavaliação é reconhecida unanimemente como um pilar fundamental para a melhoria contínua das instituições educativas. Há um consenso sobre o valor da autoavaliação em identificar áreas de intervenção, aperfeiçoar práticas pedagógicas e institucionais, e fornecer dados cruciais para o desenvolvimento geral da escola. A direção e outros agentes educativos são vistos como peças-chave neste processo, enfatizando-se a necessidade de um envolvimento ativo e participativo para o sucesso da autoavaliação.

No contexto da análise de conteúdo de Bardin, as siglas das UC representam as Unidades de Contexto, que são segmentos de informação identificados e delimitados durante o processo de análise. Essas unidades são unidades de registo que contêm o conteúdo a ser analisado e categorizado de acordo com os indicadores e critérios estabelecidos na pesquisa. A utilização de siglas baseadas nas iniciais dos nomes das pessoas entrevistadas ajudou a organizar e identificar as diferentes unidades de contexto para uma análise mais precisa e estruturada.

1. Análise de conteúdo às entrevistas realizadas à Direção do Colégio

Categorias	Indicadores	Unidades de registo	UC
Perceção da Importância da Autoavaliação	Reconhecimento da necessidade de implementar um modelo de autoavaliação.	<i>“Será de grande importância tendo em conta a dinâmica de melhoria que está sempre presente no Colégio.”</i>	MSS ₁
Envolvimento dos Agentes Educativos	Papel dos agentes educativos no processo de criação e implementação do modelo de autoavaliação.	<i>“Papel ativo, serem escutados, participarem ativamente na recolha.”</i>	MSS ₂
	Ativação dos papéis dos agentes educativos.	<i>“Considero que os professores, no seu geral, estão muito sintonizados com esta melhoria do colégio.”</i>	SS ₁
Desafios e Planeamento	Obstáculos e desafios antecipados na implementação do modelo de autoavaliação.	<i>“O primeiro desafio é a perceção da autoavaliação estar relacionada com a avaliação do desempenho.”</i>	MB ₁

	Estratégias para superar os obstáculos e garantir a eficácia do modelo.	<i>“O tipo de metodologia utilizada para recolha de dados; as conceções prévias sobre autoavaliação e avaliação no geral.”</i>	MSS ₃
Expetativas e Metas	Expetativas da direção em relação aos resultados da autoavaliação.	<i>“Espera-se que a autoavaliação traga melhorias significativas no desempenho escolar.”</i>	MB ₂
	Metas principais a alcançar e forma de avaliar a sua consecução.	<i>“Que se possa realizar esta autoavaliação, e que dela se possa fazer uma leitura clara da intervenção a fazer.”</i>	SS ₂
Definição de Indicadores-Chave	Indicadores-chave na autoavaliação dos processos e resultados educativos.	<i>“Processo pedagógico; instalações, funcionamento, organização escolar.”</i>	MB ₃
	Estratégias para a construção desses indicadores.	<i>“Em primeiro lugar, é importante a motivação, através do contacto direto com pessoas individuais ou grupos.”</i>	SS ₃

Tabela 1 - Análise de conteúdo às entrevistas realizadas à Direção do Colégio (elaboração do autor, 2024)

Assim, podemos considerar da seguinte forma a análise de conteúdos efetuada às entrevistas realizadas à Direção do Colégio:

Pontos de Confluência	Reconhecimento da Autoavaliação: Todos os agentes educativos reconhecem a autoavaliação como essencial para a melhoria institucional, destacando a necessidade de um modelo eficaz para tal.	Importância Institucional: Os entrevistados concordam que a autoavaliação é crucial para identificar áreas de intervenção e melhorar práticas pedagógicas.
		Expetativas Positivas: Há uma expetativa unânime de que a autoavaliação resultará em benefícios significativos, como o aprimoramento do desempenho geral da escola.
		Envolvimento Comunitário: A participação ativa da comunidade educativa é vista como vital para o processo de autoavaliação.
Pontos de Divergência	Desafios na Autoavaliação: As entrevistas revelam diferentes perceções dos desafios, desde a metodologia de recolha de dados até as conceções prévias sobre autoavaliação.	Metodologia e Perceção: Alguns veem a metodologia de recolha de dados e a perceção da autoavaliação como barreiras, enquanto outros consideram o tempo e o esforço envolvidos como desafiantes.
		Metas e Avaliação: Existem diferenças nas abordagens para definir indicadores-chave, com algumas entrevistas sugerindo a colaboração com

		especialistas externos e outras enfatizando o uso de modelos teóricos.
--	--	--

Tabela 2 - Pontos de confluência e de divergência resultantes da análise de conteúdos às entrevistas realizadas à Direção do Colégio (elaboração do autor, 2024)

Como se verifica, as expectativas quanto aos resultados e impacto da autoavaliação variam. Alguns veem a autoavaliação como um meio de avaliar o desempenho e enfrentar o volume de informação, enquanto outros apontam para a metodologia de recolha de dados e as conceções prévias sobre autoavaliação como desafios principais. Além disso, há diferenças nas estratégias para definir indicadores-chave e no grau de envolvimento dos agentes educativos. Uma perspetiva sugere a criação de instrumentos de medição com a ajuda de especialistas externos, enquanto outra defende o reforço dos pontos fortes e a reconstrução dos pontos de melhoria com base em modelos teóricos e aconselhamento especializado.

Assim, a autoavaliação é vista como uma ferramenta valiosa com potencial para transformar positivamente as instituições educativas. Contudo, é necessário um diálogo contínuo e uma abordagem colaborativa para superar os desafios e alinhar as estratégias de implementação para garantir que a autoavaliação atinja seus objetivos de forma eficaz.

2. Análise qualitativa do questionário

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a análise qualitativa dos dados envolve a identificação de padrões, temas e relações subjacentes aos dados quantitativos. Isso pode incluir a categorização e interpretação dos dados para identificar tendências e *insights* significativos.

Ao analisar os dados fornecidos, podemos observar que as respostas variam significativamente entre os diferentes grupos de respondentes (alunos, encarregados de educação, professores/educadores, assistentes educativos e outros intervenientes) em relação a cada questão. Por exemplo, ao examinar a distribuição das respostas em cada categoria de satisfação (--, -, 0, +, ++, ?), podemos identificar padrões de opiniões predominantes em cada grupo.

Além disso, ao comparar as respostas "Agora" e "Horizonte" para cada questão, podemos observar mudanças nas expectativas e perceções ao longo do tempo, o que pode fornecer *insights* sobre a evolução das opiniões dos diferentes intervenientes.

A análise qualitativa também pode envolver a identificação de discrepâncias ou convergências nas respostas entre os grupos de respondentes, bem como a exploração de possíveis razões subjacentes dessas diferenças.

Por fim, a análise qualitativa dos dados pode incluir a busca por padrões emergentes, identificação de temas recorrentes e a contextualização das respostas dentro do cenário educacional específico em que a pesquisa foi realizada.

Essa abordagem qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada das percepções e opiniões dos diferentes intervenientes, fornecendo *insights* valiosos para a tomada de decisões e o planeamento de ações futuras no contexto educacional.

Com base nos dados fornecidos, podemos realizar uma análise mais detalhada para cada questão, considerando as respostas dos diferentes grupos de respondentes:

	N.º de respostas
Alunos	30
Encarregados de educação	58
Professores/educadores	27
Assistentes educativos	5
Outros	4

Tabela 3 - Número de respostas ao questionário para cada grupo de intervenientes (elaboração do autor, 2024)

Fazendo uma análise comparativa dos dados obtidos, verificamos que o grupo dos Encarregados de educação apresenta uma melhor percepção sobre a autoavaliação escolar, indicando uma visão mais positiva em comparação com os outros grupos.

Os grupos dos Alunos, Professores/educadores e Outros têm respostas semelhantes, sugerindo uma percepção mais equilibrada em relação à autoavaliação.

Os grupos dos Assistentes educativos e dos Outros apresentam uma maior variabilidade nas respostas dentro desses grupos.

Destaca-se a alta participação dos Encarregados de educação (58 respostas) no questionário, sugerindo um forte envolvimento e interesse na autoavaliação escolar. A semelhança nos valores entre Alunos, Professores/educadores e Outros pode indicar uma visão alinhada entre esses grupos em relação à autoavaliação.

A variabilidade nas respostas dos Assistentes educativos e Outros pode indicar diferentes perspetivas ou experiências dentro desses grupos.

Segundo Fullan (2014), os alunos desempenham um papel ativo na autoavaliação escolar, contribuindo com perspetivas valiosas sobre a sua experiência de aprendizagem. A ênfase na colaboração, empatia e motivação, como mencionado por Hattie (2009), pode influenciar a forma como os alunos percebem a qualidade educativa.

Autores como Stiggins (2002) destacam a importância dos assistentes educativos no apoio ao processo de avaliação escolar. A sua visão sobre a familiaridade, objetivos e inclusão pode refletir a sua contribuição para um ambiente educativo acolhedor e eficaz.

De acordo com Marzano (2006), a participação ativa dos encarregados de educação na autoavaliação escolar é essencial para o sucesso educativo dos alunos. A ênfase na envolvimento, inclusão e organização, como referido por Hargreaves (2005), pode influenciar a perceção dos encarregados de educação sobre a qualidade do ensino.

Autores como Black & Wiliam (1998) ressaltam o papel dos professores na implementação de práticas avaliativas eficazes. A autenticidade, rigor científico e proximidade, mencionados por Darling-Hammond (2013), são elementos-chave na atuação dos professores no processo de autoavaliação.

A literatura de Hargreaves (2005) destaca a importância da participação de diversos *stakeholders* na autoavaliação escolar, incluindo membros da comunidade escolar e externos. A resiliência, dinamismo e bem-estar, como abordado por Fullan (2014), são elementos essenciais para promover uma cultura de avaliação positiva.

A análise comparativa dos diferentes grupos à luz das contribuições de autores especializados enriquece a compreensão da perceção sobre a autoavaliação escolar.

A participação ativa e colaborativa de todos os intervenientes na comunidade educativa, conforme discutido por Hattie (2009), é fundamental para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino.

A literatura destaca a importância da colaboração, inclusão, motivação e envolvimento de todos os *stakeholders*, alinhando-se com as perceções dos diferentes grupos na autoavaliação escolar.

3. Análise de conteúdo aos depoimentos recolhidos nos *Focus Group*

3.1. Focus Group com docentes

Foram realizados dois *Focus Group* de docentes: um *Focus Group* com duas educadoras, e outro com duas professoras do 1.º ciclo, duas professoras do 2.º ciclo, dois professores do 3.º ciclo, e dois professores do secundário.

Categorias	Indicadores	Unidades de registo	UC
Finalidades da avaliação	Aferir exatamente as aprendizagens dos alunos no seu todo	<i>“A avaliação é realizada tanto para os professores quanto para os alunos a fim de aferir as aprendizagens.”</i>	UC ₁

Prazos, formas de execução e pessoas envolvidas	Importância do envolvimento da comunidade educativa no processo de autoavaliação	<i>“Definição de prazos, formas de execução e envolvimento de pessoas são pontos essenciais no processo de autoavaliação.”</i>	UC ₁
		<i>“Envolvimento da comunidade educativa no processo de autoavaliação, incluindo professores, pais, alunos e outras entidades externas.”</i>	UC ₂
Metodologias de avaliação	Utilização de sistemas de rubricas para avaliação de desenhos e trabalhos dos alunos	<i>“Utilização de sistemas de rubricas aplicadas dentro dos domínios para avaliação de desenhos e trabalhos dos alunos.”</i>	UC ₁
		<i>“Possibilidade de avaliação descritiva ou em grelha para os pais compreenderem o desenvolvimento das crianças.”</i>	UC ₂
Desafios e obstáculos na avaliação	Falta de condições, tempo e articulação como desafios na avaliação	<i>“Falta de condições, tempo e articulação são desafios enfrentados no processo de avaliação.”</i>	UC ₁
		<i>“Necessidade de adaptação dos currículos e introdução de novas abordagens para atender às demandas dos educadores.”</i>	UC ₂
Envolvimento da comunidade educativa	Importância do envolvimento da comunidade educativa no processo de autoavaliação	<i>“Importância do envolvimento da comunidade educativa, incluindo professores, pais, alunos e outras entidades externas, no processo de autoavaliação.”</i>	UC ₁

Tabela 4 - Análise de conteúdo aos Focus Group com docentes (elaboração do autor, 2024)

Os participantes destacaram a importância da avaliação conjunta, envolvendo a direção e vários professores, bem como a inclusão de alunos, assistentes e pessoal de apoio no processo de avaliação institucional. Esta abordagem está alinhada com a visão de autores como Stiggins, Marzano, Hargreaves, Black & Wiliam, Darling-Hammond, Fullan e Hattie, que enfatizam a importância do envolvimento ativo de todos os intervenientes na comunidade educativa para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino.

Os docentes enfatizaram a importância da avaliação para aferir as aprendizagens dos alunos no seu todo, alinhando-se com a literatura que destaca a avaliação como um processo essencial para medir o progresso educativo. Além disso, a necessidade de adaptação dos currículos e introdução de novas abordagens para atender às demandas dos educadores foi mencionada, refletindo a importância da avaliação formativa e da melhoria contínua no processo educativo.

Foi ressaltada a importância do envolvimento da comunidade educativa, incluindo professores, pais, alunos e outras entidades externas, no processo de autoavaliação. Esta abordagem colaborativa está alinhada com a literatura que destaca a participação ativa de

diversos *stakeholders* na avaliação escolar para promover uma cultura de avaliação positiva.

3.2. Focus Group com alunos

Foram realizados quatro *Focus Group* de alunos: um *Focus Group* com dois alunos do 5.º ano, dois alunos do 6.º ano, e dois alunos do 7.º ano; um *Focus Group* com um aluno do 8.º ano, e um aluno do 9.º ano; um *Focus Group* com cinco alunos do 10.º ano; e um *Focus Group* com dois alunos do 11.º ano, e três alunos do 12.º ano.

Categorias	Indicadores	Unidades de registo	UC
Finalidades da avaliação	Avaliação do conhecimento adquirido, progresso ao longo do tempo e identificação de áreas de melhoria.	“Aferir as aprendizagens dos alunos.”	1.1_A
		“Avaliar o progresso dos alunos ao longo do tempo.”	1.1_B
		“Identificar áreas de melhoria e pontos fortes dos alunos.”	1.1_C
Métodos de Avaliação	Utilização de critérios específicos, avaliações ao longo do processo e observação direta do desempenho.	“Utilização de rúbricas e domínios para avaliação.”	2.1_A
		“Implementação de avaliações formativas e sumativas.”	2.1_B
		“Avaliação baseada em observação direta em sala de aula.”	2.1_C
Envolvimento dos Intervenientes	Colaboração entre professores, participação da direção e envolvimento de diversos intervenientes.	“Participação dos professores na avaliação conjunta.”	3.1_A
		“Envolvimento da direção e vários professores no processo de avaliação.”	3.1_B
		“Inclusão de alunos, auxiliares e pessoal de apoio na avaliação institucional.”	3.1_C
Feedback e Promoção da Aprendizagem	Utilização de <i>feedback</i> , identificação de lacunas e promoção da aprendizagem contínua.	“Fornecimento de <i>feedback</i> para correção e promoção da aprendizagem.”	4.1_A
		“Utilização de avaliações para identificar lacunas e orientar os alunos.”	4.1_B
		“Promoção da aprendizagem através da avaliação contínua e formativa.”	4.1_C

Tabela 5 - Análise de conteúdo aos Focus Group com alunos (elaboração do autor, 2024)

Os alunos destacaram a importância de aferir as aprendizagens, avaliar o progresso ao longo do tempo e identificar áreas de melhoria. Esses resultados estão em conformidade com a literatura que enfatiza a avaliação como uma ferramenta para identificar lacunas de aprendizagem e promover o desenvolvimento contínuo dos alunos.

Os alunos também mencionaram a utilização de critérios específicos, avaliações ao longo do processo e observação direta do desempenho como métodos de avaliação. Essas práticas estão alinhadas com a literatura que destaca a importância de métodos de avaliação diversificados e formativos para promover a aprendizagem significativa.

3.3. Focus Group com assistentes educativos

Foi realizado um *Focus Group* de assistentes educativos, com quatro assistentes educativas.

Categorias	Indicadores	Unidades de registo	UC
Evolução do Trabalho	Necessidade de adaptação do trabalho educacional às mudanças.	<i>“Mas, por exemplo, quando a X não tem aula de tarde, as crianças estão cá. Alguém tem que ir substituir a X. Mas, não, está cá lá, e está lá fácil. Pronto. Apesar de não ter aulas, as crianças estão na mesma cá.”</i>	1.1_A
	Importância da colaboração para o progresso educacional.	<i>“Antigamente, eu ficava com o sétimo, e o sétimo alguém ficava o grupo todo. Era lá. Antigamente, e os anos que eu trabalhava mais tempo, foi no setor onde estava, que era do sétimo ao nono.”</i>	1.1_B
Responsabilidade na Avaliação	Necessidade de definição clara das responsabilidades na avaliação.	<i>“E não estou a dizer mal. Funciona bem? Ok, quero saber. Mas não é método. Não é método. E acho que a má informação, ou a falta dela, ou precária, pode ser muito mal. Para o funcionamento.”</i>	2.1_A
	Valorização da responsabilidade pessoal na avaliação.	<i>“Temos que transmitir-lhes segurança. E eles também têm de ver em nós, não é?”</i>	2.1_B
Papel na Avaliação Escolar	Reconhecimento do papel dos assistentes na avaliação escolar.	<i>“Nós somos... Temos que ser o exemplo para eles. Não é? Dar o exemplo. E tratá-los como se fossem nossos. Porque se nós temos filhos, queremos que fossem tratados de igual forma.”</i>	3.1_A
	Importância da colaboração interprofissional na avaliação.	<i>“É assim, eu colaboro, e eu tenho muita gente que colabora comigo, graças a Deus, tenho uma boa equipa, maravilhosa, e se precisar de alguma coisa, eu ligo, e as pessoas contam comigo, e elas ajudam-me logo. Ou vice-versa. Se me ligarem, precisamos, porque é para amanhã, para ontem, e eu vou logo.”</i>	3.1_B
Colaboração e Comunicação	Necessidade de comunicação clara para o alcance de metas.	<i>“E queremos que o nosso serviço funcione bem. E depois há uma falta de comunicação.”</i>	4.1_A

	Valorização da colaboração como elemento fundamental no ambiente educativo.	“ <i>Eu acho que está a melhorar. Mas nós aqui trabalhamos muito em individual.</i> ”	4.1_B
--	---	---	-------

Tabela 6 - Análise de conteúdo aos *Focus Group* com assistentes educativos (elaboração do autor, 2024)

O *Focus Group* com assistentes educativos ressaltou a necessidade de adaptação do trabalho educacional às mudanças, a importância da colaboração para o progresso educacional e a definição clara das responsabilidades na avaliação. Essas considerações estão em consonância com a visão dos autores sobre a importância dos assistentes educativos no processo de avaliação escolar, bem como a necessidade de comunicação clara e valorização da colaboração como elementos fundamentais no ambiente educativo.

A colaboração entre assistentes educativos, professores e outros intervenientes foi destacada como essencial para o sucesso educativo dos alunos. Esta ênfase na colaboração e comunicação está alinhada com a literatura que destaca a importância da participação ativa de todos os intervenientes na comunidade educativa para promover uma cultura de avaliação positiva.

Os assistentes educativos mencionaram a utilização de *feedback*, identificação de lacunas e promoção da aprendizagem contínua como práticas fundamentais. Essas estratégias estão alinhadas com a literatura que destaca a importância do *feedback* construtivo e da promoção da aprendizagem contínua no contexto educativo.

A análise de conteúdo aos diversos *Focus Group* enfatiza a importância da avaliação conjunta, envolvendo a participação da direção, vários professores, alunos, assistentes e pessoal de apoio. Esta abordagem está alinhada com a visão de autores como Stiggins (2002), Marzano (2006), Hargreaves (2005), Black & Wiliam (1998) e Darling-Hammond (2013), que destacam a importância do envolvimento ativo de todos os intervenientes na comunidade educativa para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino.

Destaca-se também a importância da avaliação do conhecimento adquirido, progresso ao longo do tempo e identificação de áreas de melhoria, bem como da utilização de critérios específicos, avaliações ao longo do processo e observação direta do desempenho como métodos de avaliação. Essas perceções estão alinhadas com a literatura especializada, que destaca a importância da colaboração, inclusão, motivação e envolvimento de todos os *stakeholders* na autoavaliação escolar.

Foi ainda ressaltada a necessidade de adaptação do trabalho educacional às mudanças, a importância da colaboração para o progresso educacional e a definição clara das responsabilidades na avaliação. Essas considerações estão em consonância com a visão dos autores sobre a importância dos assistentes educativos no processo de avaliação escolar, bem como a necessidade de comunicação clara e valorização da colaboração como elementos fundamentais no ambiente educativo.

Além disso, a análise comparativa dos diferentes grupos à luz das contribuições de autores especializados enriquece a compreensão da percepção sobre a autoavaliação escolar. A participação ativa e colaborativa de todos os intervenientes na comunidade educativa, conforme discutido por Hattie (2009), é fundamental para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino.

4. Síntese conclusiva

A análise dos resultados apresentados destaca a importância da autoavaliação institucional no contexto educativo, revelando uma visão compartilhada sobre os benefícios esperados e os desafios enfrentados. A autoavaliação é reconhecida como fundamental para a melhoria contínua das instituições educativas, permitindo a identificação de áreas de intervenção, o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas e institucionais, e fornecendo dados cruciais para o desenvolvimento geral da escola.

A participação ativa e colaborativa de todos os intervenientes na comunidade educativa é destacada como essencial para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino. Autores como Stiggins, Marzano, Hargreaves, Black & Wiliam, Darling-Hammond, Fullan e Hattie enfatizam a importância do envolvimento de direção, professores, alunos, assistentes e outros agentes no processo de avaliação institucional.

A adaptação dos currículos e a introdução de novas abordagens para atender às demandas dos educadores são mencionadas como aspetos cruciais da avaliação formativa e da melhoria contínua no processo educativo. Além disso, a avaliação conjunta, envolvendo a participação de diversos intervenientes, é ressaltada como uma prática alinhada com a literatura especializada, que destaca a importância da colaboração e inclusão de todos os *stakeholders* na autoavaliação escolar.

A análise comparativa dos diferentes grupos de intervenientes, à luz das contribuições de autores especializados, enriquece a compreensão da percepção sobre a autoavaliação escolar. A participação ativa e colaborativa de todos os agentes na comunidade educativa é fundamental para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino, conforme discutido por Hattie (2009).

A importância da avaliação do conhecimento adquirido, do progresso ao longo do tempo e da identificação de áreas de melhoria, juntamente com a utilização de critérios específicos e avaliações ao longo do processo, são práticas alinhadas com a literatura especializada. A colaboração entre assistentes educativos, professores e outros intervenientes é destacada como essencial para o sucesso educativo dos alunos, promovendo uma cultura de avaliação positiva.

Em suma, os resultados apresentados evidenciam a relevância da autoavaliação institucional no contexto educativo e a importância do envolvimento ativo e participativo de todos os agentes educativos para o sucesso desse processo. A colaboração, a adaptação contínua, a inclusão de diferentes perspetivas e a busca por uma avaliação abrangente são elementos fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino e o progresso educacional.

Esta discussão dos resultados destaca a importância da análise qualitativa dos dados, a busca por padrões emergentes e a contextualização das respostas dentro do cenário educacional específico. Essa abordagem qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada das percepções e opiniões dos diferentes intervenientes, fornecendo *insights* valiosos para a tomada de decisões e o planeamento de ações futuras no contexto educacional.

PARTE IV – VOZ DOS ALUNOS: PERSPETIVAS E REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM

A riqueza expressiva dos dados dos alunos é bastante pertinente e reflete uma preocupação importante na análise qualitativa. A investigação realizada destaca a importância de considerar as percepções e experiências dos alunos como parte fundamental da avaliação educacional.

Na secção que aborda a utilização de critérios específicos e métodos de avaliação diversificados, os alunos mencionam práticas como avaliações ao longo do processo e observação direta do desempenho, que são essenciais para promover uma aprendizagem significativa. Essa diversidade de métodos é crucial, pois permite captar a complexidade da aprendizagem e as diferentes formas de expressão dos alunos.

Além disso, a análise qualitativa dos dados, conforme discutido, procura identificar padrões emergentes e temas recorrentes, o que pode incluir as vozes dos alunos de maneira mais expressiva. A inclusão das suas opiniões e experiências pode enriquecer a compreensão do contexto educacional e fornecer *insights* valiosos para a tomada de decisões.

Portanto, uma análise mais rigorosa que transcreva e contextualize as falas dos alunos pode realmente trazer à tona informações relevantes que ajudem a construir um entendimento mais profundo sobre a qualidade educativa e as necessidades dos estudantes. Essa abordagem não só valida a sua impressão, mas também reforça a importância de uma análise centrada nos alunos para a melhoria contínua do ambiente escolar. Assim, nesta secção, exploramos as percepções e experiências dos alunos, que são fundamentais para compreender a qualidade do ensino e a eficácia das práticas educativas. Através dos *focus groups* realizados aos alunos, recolhemos *insights* que refletem as necessidades, expectativas e sugestões dos estudantes, destacando a importância da sua participação ativa no processo de autoavaliação escolar.

1. Participação ativa e envolvimento

Os alunos expressaram a importância da participação ativa no processo de avaliação. Um estudante mencionou:

“Participação dos professores na avaliação conjunta.”

Essa afirmação ressalta a necessidade de colaboração entre os educadores e os alunos, enfatizando a importância do envolvimento de todos os intervenientes no processo educativo.

2. Necessidade de atividades práticas

Vários alunos destacaram a importância de métodos de avaliação que incluam práticas concretas. Um aluno comentou:

“Avaliação baseada em observação direta em sala de aula.”

Essa perspectiva sugere que a utilização de abordagens práticas pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa e envolvente.

3. Feedback e avaliação

Os alunos também enfatizaram a importância do *feedback* contínuo. Um estudante afirmou:

“Fornecimento de feedback para correção e promoção da aprendizagem.”

Esse *insight* destaca a relevância da avaliação formativa, que não apenas mede o progresso, mas também orienta os alunos no seu processo de aprendizagem, promovendo um ambiente de melhoria contínua.

4. Ambiente escolar e clima de aprendizagem

A percepção do ambiente escolar foi outro tema recorrente. Dois alunos referiram:

“Envolvimento da direção e vários professores no processo de avaliação.”

“Inclusão de alunos, auxiliares e pessoal de apoio na avaliação institucional.”

Estas afirmações sublinham a importância de um clima escolar positivo e inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados e motivados a participar, o que é essencial para a qualidade do ensino.

Síntese conclusiva

A voz dos alunos é uma componente vital na autoavaliação escolar. As suas percepções e sugestões não apenas iluminam áreas de melhoria, mas também oferecem uma visão clara sobre como criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz. Incorporar essas vozes no processo de avaliação é fundamental para promover uma cultura escolar que valoriza a participação de todos os intervenientes.

PARTE V – CONSTRUÇÃO DO MODELO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Com base na análise dos dados sobre a importância da autoavaliação institucional, é fundamental adotar procedimentos que promovam a construção de um modelo eficaz e sustentado teoricamente. Para iniciar a construção desse modelo, é crucial seguir algumas orientações:

Definição de objetivos claros: É essencial estabelecer objetivos claros e específicos para a autoavaliação institucional, alinhados com a missão e visão da instituição educativa.

Envolvimento de diversos intervenientes: Promover a participação ativa e colaborativa de todos os agentes educativos na comunidade escolar, incluindo direção, professores, alunos, assistentes educativos e outros intervenientes, para garantir uma avaliação abrangente e eficaz.

Adaptação contínua e inclusão de diferentes perspetivas: Ajustar os currículos e introduzir novas abordagens para atender às demandas dos educadores, promovendo a inclusão de diferentes perspetivas na avaliação institucional.

Identificação de áreas de melhoria e definição de indicadores-chave: Focar na identificação de áreas de intervenção, no progresso ao longo do tempo e na definição de indicadores-chave para avaliar o desempenho e a qualidade do ensino.

Análise comparativa e avaliação conjunta: Realizar uma análise comparativa dos diferentes grupos de intervenientes e promover a avaliação conjunta, envolvendo a participação de diversos *stakeholders*, para enriquecer a compreensão da autoavaliação escolar.

Diálogo contínuo e abordagem colaborativa: Estabelecer um diálogo contínuo e uma abordagem colaborativa para superar desafios e alinhar estratégias de implementação, garantindo que a autoavaliação atinja os seus objetivos de forma eficaz.

Ao seguir esses procedimentos, a instituição educativa estará no caminho certo para iniciar a construção de um modelo de autoavaliação institucional sólido e eficaz, contribuindo assim para a melhoria contínua da qualidade do ensino e o progresso educacional.

5. Definição de um roteiro para a implementação do processo de autoavaliação institucional

Podemos definir um roteiro detalhado para a implementação de um processo de autoavaliação institucional. Este roteiro é composto por oito etapas fundamentais, que são essenciais para a realização de uma avaliação interna abrangente e eficaz. As etapas são as seguintes:

1. **Constituição da equipa de autoavaliação:** Nesta etapa, é fundamental formar uma equipa multidisciplinar que será responsável por conduzir o processo de autoavaliação. A equipa deve ser composta por membros com diferentes perspetivas e experiências, a fim de garantir uma avaliação abrangente e imparcial.
2. **Elaboração do diagnóstico:** Aqui, a equipa realiza uma análise detalhada da situação atual da organização, identificando pontos fortes e áreas de melhoria. O objetivo é obter uma compreensão clara do contexto em que a avaliação será realizada.
3. **Definição de prioridades (para a avaliação):** Nesta etapa, a equipa define as áreas ou aspetos específicos que serão priorizados na avaliação. Isso ajuda a concentrar os esforços e recursos na análise das questões mais relevantes para a organização.
4. **Envolvimento:** O envolvimento de todas as partes interessadas é crucial para o sucesso da autoavaliação. Esta etapa envolve a comunicação eficaz com os membros da organização, garantindo que eles compreendam o processo e se sintam motivados a participar ativamente.
5. **Organização do trabalho / Elaboração do Plano de Autoavaliação:** Aqui, a equipa elabora um plano detalhado que define as atividades, responsabilidades e cronograma para a realização da autoavaliação. Isso inclui a definição de métodos de recolha de dados e análise.
6. **Recolha e análise:** Nesta etapa, a equipa recolhe dados relevantes e realiza uma análise aprofundada para avaliar o desempenho e os resultados da organização. Isso pode envolver a utilização de diferentes técnicas de recolha de dados, como entrevistas, questionários e análise documental.
7. **Divulgação:** Após a análise dos dados, os resultados da autoavaliação são divulgados para as partes interessadas. Esta etapa é crucial para promover a

transparência e a prestação de contas, além de fornecer informações valiosas para a tomada de decisões.

8. **Meta-avaliação:** A meta-avaliação envolve a avaliação do próprio processo de autoavaliação, analisando a eficácia das etapas anteriores e identificando lições aprendidas. Isso ajuda a melhorar futuros processos de autoavaliação e garantir a qualidade do processo.

Cada uma dessas etapas é cuidadosamente planejada e executada para garantir que o processo de autoavaliação seja sistemático, contínuo e contribua para o desenvolvimento organizacional e a melhoria da qualidade do serviço educativo prestado pela escola.

5.1. Constituição da equipa de autoavaliação

5.1.1. Composição da equipa

- A equipa de autoavaliação (AA) é fundamental para coordenar todo o processo.
- Recomenda-se que a equipa seja composta por diversos atores da comunidade educativa.
- O grupo “motor” da equipa deve incluir representantes de diferentes níveis de ensino e áreas específicas da escola.

5.1.2. Liderança e dimensão da equipa

- A liderança da equipa é essencial para garantir a eficácia do processo.
- A dimensão da equipa deve ser adequada para garantir representatividade e diversidade de perspetivas.

5.1.3. Tempo e compromisso

- É importante que a equipa disponha do tempo necessário para realizar as tarefas de forma eficiente.
- O compromisso dos membros da equipa é crucial para o sucesso da autoavaliação.

A constituição da equipa de autoavaliação é um passo fundamental para garantir a representatividade, diversidade de perspetivas e eficácia do processo, envolvendo diferentes atores da comunidade educativa.

5.2. Elaboração do diagnóstico

5.2.1. Importância do diagnóstico

- O diagnóstico é essencial para obter uma visão abrangente da escola em diferentes áreas.
- Permite identificar pontos fortes, fragilidades e áreas de melhoria a serem trabalhadas.
- Baseia-se em perceções, análise documental e resultados de avaliações anteriores.

5.2.2. Utilização do quadro de referência

- Recomenda-se o uso de um quadro de referência, como o da Avaliação Externa das Escolas (AEE), para facilitar o diagnóstico.
- O quadro de referência ajuda a estruturar a análise e a identificar áreas-chave para avaliação.

5.2.3. Recomendações para o diagnóstico

- Sugere-se a utilização de uma matriz de diagnóstico editável para organizar as informações.
- A participação de diferentes atores da comunidade educativa enriquece o processo de diagnóstico.

O processo de elaboração do diagnóstico na autoavaliação escolar é fundamental para identificar as necessidades e desafios da escola, proporcionando uma base sólida para a definição de estratégias de melhoria.

Em seguida, apresentamos um modelo de matriz de diagnóstico:



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

MATRIZ DE DIAGNÓSTICO

Eixo/Domínio	Dimensões / Campos de análise	Subdimensões / Referentes	Indicadores	Perguntas orientadoras	Registo de fontes / Evidências	Observações
Autoavaliação						
Liderança e Gestão						
Prestação do Serviço Educativo						
Resultados						

Instruções:

- **Eixo/Domínio:** Inclua os quatro domínios principais do quadro de referência da AEE.
- **Dimensões/Campos de análise:** Detalhe cada dimensão ou campo de análise relevante para o domínio.
- **Subdimensões/Referentes:** Especifique as subdimensões ou referentes associados a cada dimensão.
- **Indicadores:** Enumere os indicadores que serão utilizados para avaliar cada subdimensão/referente.
- **Perguntas Orientadoras:** Use esta coluna para incluir perguntas que ajudem a guiar a avaliação dos indicadores.
- **Registo de Fontes/Evidências:** Identifique onde as informações relevantes podem ser encontradas ou registe as fontes de evidência.
- **Observações:** Adicione quaisquer notas ou comentários adicionais que possam ser úteis durante o processo de autoavaliação.

As colunas de Perguntas Orientadoras, Registo de Fontes/Evidências e Observações estão pré-preenchidas e devem ser completadas ou ajustadas pela equipa de autoavaliação conforme necessário.

Figura 2 - Matriz de diagnóstico (elaboração do autor, 2024)

5.3. Definição de prioridades (para a avaliação)

5.3.1. Identificação de aspetos prioritários

- É necessário identificar os aspetos do desempenho da escola que requerem intervenção prioritária.
- A autoavaliação abrangente deve ser exequível considerando o tempo, condições e recursos disponíveis.

5.3.2. Consideração de diferentes eixos e domínios

- Além dos resultados, é importante considerar outros eixos e domínios relevantes para a escola.
- A definição de prioridades deve ser baseada no que é necessário, importante e útil para a melhoria da escola.

5.3.3. Elaboração de Quadro-Síntese

- Recomenda-se a elaboração de um quadro-síntese com a identificação dos Eixos/Domínios a serem avaliados.
- Este quadro-síntese ajuda a estruturar a definição de prioridades e a identificar as áreas-chave para a avaliação.

A definição de prioridades para a avaliação na autoavaliação escolar é crucial para focar os esforços de melhoria nas áreas mais relevantes e estratégicas para o desenvolvimento da escola.

Assim, apresentamos um modelo de matriz de prioridades da autoavaliação:



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

MATRIZ DE PRIORIDADES DA AUTOAVALIAÇÃO

Eixo/Domínio	Dimensões / Campos de análise	Subdimensões / Referentes	Indicadores	Registo de fontes / Evidências	Informantes
Autoavaliação					
Liderança e Gestão					
Prestação do Serviço Educativo					
Resultados					

Instruções:

- **Eixos/Domínios:** Identifique os eixos/domínios que necessitam de intervenção/avaliação prioritária.
- **Dimensões/Campos de Análise:** Especifique as grandes áreas de intervenção dentro de cada eixo/domínio.
- **Subdimensões/Referentes:** Detalhe os aspetos específicos dentro de cada dimensão/campo de análise que serão foco da avaliação.
- **Fontes e Evidências:** Indique as formas de recolher a informação necessária, como relatórios, pautas, questionários, entrevistas, planos de atividades, entre outros.
- **Informantes:** Liste os atores-chave e grupos-alvo que podem fornecer informações valiosas, como professores, alunos, pais, assistentes educativos ou técnicos e parceiros.

Esta tabela serve como um quadro-síntese para ajudar a equipa de autoavaliação a organizar e priorizar as áreas de desempenho do colégio que requerem atenção. O colégio deve adaptar esta matriz conforme as suas necessidades específicas, preenchendo as informações relevantes em cada coluna. Deve-se reler os documentos orientadores da/o escola/agrupamento e relatórios de acompanhamento/execução de modo a articular os referenciais, quer o da autoavaliação, quer o da avaliação/recolha de dados efetuada em sede de cada um dos projetos da instituição.

Figura 3 - Matriz de prioridades da autoavaliação (elaboração do autor, 2024)

5.4. *Envolvimento*

5.4.1. *Criação de um clima favorável*

- O objetivo é estabelecer um ambiente propício para a implementação do processo de autoavaliação.
- A transparência e a confiança são fundamentais para garantir o sucesso do processo.

5.4.2. *Envolvimento da comunidade educativa*

- A autoavaliação é um processo que envolve toda a comunidade educativa.
- É essencial informar, envolver e mobilizar todos os atores educativos no processo.

5.4.3. *Plano de comunicação*

- Recomenda-se a elaboração de um plano de comunicação que integre o plano de autoavaliação.
- O plano de comunicação visa diminuir resistências, aumentar o envolvimento e a colaboração de todos.

O envolvimento da comunidade educativa no processo de autoavaliação é crucial para garantir a participação ativa de todos os atores, promover a transparência e fortalecer o compromisso com a melhoria contínua da escola.

Apresentamos um modelo de plano de comunicação:



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

PLANO DE COMUNICAÇÃO

Ações do plano de comunicação	Descrição	Público-alvo	Métodos de comunicação	Responsáveis	Cronograma

Instruções:

- **Ações do plano de comunicação:** Enumere as ações de comunicação como divulgação, sensibilização e negociação.
- **Descrição:** Forneça detalhes sobre cada ação, incluindo o que será comunicado e os objetivos.
- **Público-Alvo:** Identifique os grupos específicos dentro da comunidade educativa que serão o foco de cada ação.
- **Métodos de Comunicação:** Liste os meios pelos quais a comunicação será realizada, como Moodle, e-mail, Google Drive, Teams, entre outros.
- **Responsáveis:** Designe quem será responsável por liderar e executar cada ação de comunicação.
- **Cronograma:** Estabeleça um calendário para quando cada ação de comunicação deve ocorrer.

Esta tabela serve como um guia para ajudar a equipa de autoavaliação a planear e executar eficazmente o plano de comunicação, garantindo que todos os membros da comunidade educativa estejam informados e envolvidos no processo. Adapte e preencha conforme necessário para atender às necessidades específicas do colégio.

Poderá ser interessante (e importante para a mobilização dos atores) incluir uma ação-prévia no plano de comunicação para negociação do quadro de referência da autoavaliação e/ou plano de autoavaliação. Esta ação deverá ser dinamizada pela equipa de autoavaliação e ter como destinatários o pessoal docente (e, porventura, o não docente) ou alguns dos seus representantes-chave (coordenadores de departamentos, coordenadores de projetos aglutinadores, coordenadores dos assistentes educativos e/ou técnicos, entre outros).

Figura 4 - Plano de comunicação (elaboração do autor, 2024)

5.5. Organização do trabalho / Elaboração do Plano de Autoavaliação

5.5.1. Documento orientador

- Recomenda-se a elaboração de um documento, como o Plano de Autoavaliação, que servirá como guia para a equipa de autoavaliação.
- Esse documento deve conter informações essenciais sobre as finalidades, âmbito, eixos/domínios da autoavaliação, cronograma de atividades, metodologia de implementação, e a constituição da equipa de autoavaliação.

5.5.2. Estrutura do plano de autoavaliação

- O Plano de Autoavaliação pode seguir uma estrutura que inclui finalidades, âmbito, operacionalização dos eixos/dimensões, constituição e funções da equipa, princípios de funcionamento, plano de comunicação e plano de recolha de dados.
- Essa estrutura ajuda a organizar o trabalho a ser realizado durante o processo de autoavaliação.

5.5.3. Instrumento de trabalho

- O Plano de Autoavaliação é um instrumento fundamental para orientar as atividades da equipa de autoavaliação e garantir a coerência e consistência do processo.
- Ele serve como um roteiro que direciona as ações e define as responsabilidades de cada membro da equipa.

A organização do trabalho e a elaboração do Plano de Autoavaliação são etapas essenciais para garantir a eficácia e a eficiência do processo de autoavaliação escolar, fornecendo um guia claro para a realização das atividades necessárias.

Apresentamos em seguida um modelo de plano de autoavaliação, bem como um modelo de cronograma geral da autoavaliação:



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

PLANO DE AUTOAVALIAÇÃO

Secção do Plano de Autoavaliação	Conteúdo detalhado
1. Finalidades	<ul style="list-style-type: none"> • Por que motivos pretendemos implementar a autoavaliação? • Que objetivos pretendemos atingir com a autoavaliação organizacional?
1.1. Finalidades	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o conhecimento sobre a organização e o funcionamento da escola/agrupamento • Apoiar a tomada de decisões bem informadas • Fornecer pistas para a resolução de problemas • Proporcionar dados para a prestação de contas • Promover a compreensão dos fenómenos avaliados • Evidenciar o trabalho (boas práticas) da escola/agrupamento
1.2. Âmbito	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos/domínios, dimensões/campos de análise e subdimensões/referentes a avaliar
1.3. Operacionalização dos eixos/dimensões	<ul style="list-style-type: none"> • Formulação das questões de avaliação • Definição de indicadores
2. Cronograma de atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Planeamento temporal das atividades de autoavaliação
3. Metodologia de Implementação	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias e procedimentos para a implementação da autoavaliação
3.1. Plano de comunicação educativa	<ul style="list-style-type: none"> • Ações para informar e envolver a comunidade educativa
4. Equipa de autoavaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Constituição e funções da equipa • Princípios orientadores • Funcionamento da equipa
Considerações finais	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexões e notas finais sobre o plano de autoavaliação

Instruções:

- **Secção do Plano de Autoavaliação:** Enumere as secções principais do plano conforme a estrutura proposta.
- **Conteúdo Detalhado:** Descreva o conteúdo específico que cada secção deve abordar, seguindo as perguntas e objetivos mencionados nas orientações.

Esta tabela serve como um guia para a elaboração do Plano de Autoavaliação, ajudando a equipa de autoavaliação a organizar o trabalho a ser realizado. O colégio deve adaptar este quadro às suas necessidades específicas, preenchendo as informações detalhadas para cada secção.

Figura 5 - Plano de autoavaliação (elaboração do autor, 2024)

5.6. *Recolha e análise*

5.6.1. *Cronograma de atividades*

- A recolha de informações deve ser realizada de acordo com um cronograma estabelecido previamente.
- Esse cronograma ajuda a garantir a organização e a sequencialidade das atividades de recolha e análise de dados.

5.6.2. *Fontes de evidências*

- A recolha de informações deve ser feita a partir de diversas fontes de evidências identificadas no Plano de Recolha de Dados, como relatórios, atas, questionários, observações diretas, entre outros.
- É importante utilizar canais de comunicação eficazes entre os membros da equipa de autoavaliação e os grupos-alvo para garantir a qualidade dos dados recolhidos.

5.6.3. *Técnicas de recolha de informação*

- Privilegia-se o recurso aos documentos existentes na escola/agrupamento e, se necessário, a construção/adaptação de instrumentos de recolha de dados, como questionários.
- A “triangulação de informação”, ou seja, o cruzamento de dados provenientes de diversas fontes, é uma prática relevante para aumentar a validade dos dados recolhidos.

Esta etapa destaca a importância da organização e planeamento adequados para a recolha e análise de dados, visando garantir a fiabilidade e a validade das informações obtidas para a posterior elaboração do Relatório de Autoavaliação.

Apresentamos em seguida um modelo de cronograma geral da autoavaliação, bem como um modelo de plano de recolha de dados; são ainda elencadas as principais técnicas e instrumentos de recolha de dados:



CRONOGRAMA GERAL DA AUTOAVALIAÇÃO

Mês	Constituição da equipa	Diagnóstico ¹	Identificação de prioridades	Plano de autoavaliação	Divulgação e sensibilização	Recolha de Informação ²	Análise de dados	Relatório	Meta-avaliação
set									
out									
nov									
dez									
jan									
fev									
mar									
abr									
mai									
jun									

¹ Pode não ser necessário. Se o processo for contínuo, o relatório de autoavaliação do ciclo anterior tem a informação necessária para iniciar um novo ciclo.

² Recomenda-se a indicação dos eixos/domínios, pois pode ser necessário recolher informação em momentos diferentes.

Figura 6 - Cronograma geral da autoavaliação (elaboração do autor, 2024)



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

PLANO DE RECOLHA DE DADOS

Dimensões/Campos de análise	Subdimensões / Referentes	Indicadores de Avaliação	Metas	Fontes de Evidências	Responsáveis pela Recolha	Momentos da recolha
Dimensão 1	Subdimensão 1.1	Indicador 1	Meta 1	Relatório X	Coordenador Y	Final do semestre
	Subdimensão 1.2	Indicador 2	Meta 2	Ata da Reunião Z	Ator-chave A	Mensalmente
Dimensão 2	Subdimensão 2.1	Indicador 3	Meta 3	Questionário B	Coordenador C	Trimestralmente
	Subdimensão 2.2	Indicador 4	Meta 4	Observação Direta D	Ator-chave E	Semanalmente

Este é apenas um exemplo genérico:

- As **“Dimensões/Campos de análise”** e **“Subdimensões/Referentes”** devem ser adaptadas aos temas que se está a avaliar
- Os **“Indicadores de Avaliação”** são as métricas específicas que serão utilizadas para medir o progresso.
- As **“Metas”** são os objetivos que se deseja alcançar.
- As **“Fontes de Evidências”** são os documentos ou dados que serão usados para avaliar os indicadores.
- Os **“Responsáveis pela Recolha”** são as pessoas ou grupos que recolherão os dados.
- Os **“Momentos da Recolha”** são os períodos específicos em que os dados serão recolhidos.

Figura 7 - Plano de recolha de dados (elaboração do autor, 2024)

	<p style="text-align: center;">Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa</p> <p style="text-align: center;">PRINCIPAIS TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS</p>
---	---

Técnica / Instrumento	Vantagens, limitações e potencialidades
Entrevista	Esta técnica é altamente flexível e permite uma profundidade significativa na recolha de dados. As entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas, dependendo do nível de abertura que se deseja. A flexibilidade permite explorar tópicos emergentes durante a entrevista. No entanto, é uma técnica que consome muito tempo e pode estar sujeita a viés do entrevistador. As entrevistas são particularmente úteis quando se procura compreender percepções, experiências e motivações individuais.
Observação participante	Esta técnica envolve a imersão do investigador no ambiente de estudo, permitindo observar e registar comportamentos e interações no contexto natural. É útil para entender processos sociais e culturais em ação. Contudo, a presença do observador pode influenciar o comportamento dos participantes, e a técnica exige um investimento significativo de tempo para observação e análise.
Grupo focal	Grupos focais são sessões de discussão em grupo, guiadas por um moderador, que são usadas para recolher dados sobre as atitudes e percepções dos participantes em relação a um tópico específico. Esta técnica é valiosa para gerar dados ricos e explorar a diversidade de opiniões. No entanto, a dinâmica do grupo pode influenciar as respostas dos indivíduos, e o moderador deve ser hábil em facilitar a discussão e gerir a dinâmica do grupo.
Análise documental	A análise de documentos existentes, como registos oficiais, atas de reuniões e correspondências, pode fornecer <i>insights</i> sobre o contexto histórico e institucional. Esta técnica é menos invasiva e pode ser uma fonte rica de dados longitudinais. No entanto, os documentos podem ser incompletos ou enviesados, e a interpretação dos dados requer uma compreensão crítica do contexto em que os documentos foram produzidos.

A recolha de dados deve seguir um cronograma predefinido, utilizando fontes de evidência especificadas no Plano de Recolha de Dados, como relatórios e questionários. A comunicação eficaz é essencial entre os membros da equipa e os principais interessados. Documentos existentes na instituição educativa devem ser priorizados para recolha de informações, e novos instrumentos de recolha podem ser criados ou adaptados conforme necessário. As técnicas de recolha de dados incluem questionários, entrevistas, observação e análise documental, cada uma com as suas vantagens e limitações. A equipa é responsável por analisar todas as informações recolhidas, respondendo a todas as questões de autoavaliação. A análise dos dados varia conforme a sua natureza: quantitativa, para análise estatística, e qualitativa, para análise de conteúdo.

Figura 8 - Principais técnicas e instrumentos de recolha de dados (elaboração do autor, 2024)

Quanto ao tratamento da informação, podemos pensar nas seguintes etapas:



Figura 9 - Etapas do tratamento da informação (elaboração do autor, 2024)

5.7. Divulgação

5.7.1. Público-alvo

- Os resultados do processo de autoavaliação devem ser divulgados a toda a comunidade educativa, incluindo alunos, professores, funcionários e encarregados de educação.
- A divulgação pode ser feita de forma genérica, para toda a comunidade educativa, e de forma focalizada, para grupos específicos de interesse.

5.7.2. Canais de comunicação

- É importante definir previamente os canais e meios de comunicação a serem utilizados na divulgação dos resultados, garantindo que a informação chegue de forma clara e acessível a todos os públicos.

- A comunicação eficaz dos resultados da autoavaliação contribui para promover a reflexão e o diálogo sobre as áreas de melhoria identificadas.

5.7.3. *Objetivos da divulgação*

- A divulgação dos resultados da autoavaliação tem como objetivo informar a comunidade educativa sobre o que a escola faz bem e as áreas que necessitam de melhorias.
- Além de informar, a divulgação visa promover a reflexão e a discussão sobre os resultados, incentivando a participação de todos os envolvidos no processo de melhoria contínua.

Deste modo, é essencial existir uma divulgação transparente e abrangente dos resultados da autoavaliação, visando envolver toda a comunidade educativa no processo de reflexão e melhoria da escola.

5.8. *Meta-avaliação*

5.8.1. *Reflexão sobre o processo avaliativo*

- A meta-avaliação consiste numa reflexão sobre todo o processo de autoavaliação, identificando eventuais falhas e pontos positivos que possam orientar melhorias futuras.
- É importante avaliar se os dados recolhidos atendem plenamente às questões de autoavaliação propostas e se há necessidade de recolher outras informações complementares.

5.8.2. *Avaliação do plano de comunicação*

- A eficácia do plano de comunicação adotado durante o processo de autoavaliação também deve ser avaliada nesta etapa, verificando se as estratégias de divulgação foram adequadas e alcançaram os objetivos propostos.
- A meta-avaliação permite verificar se todas as ações previstas foram realizadas conforme planeado e se contribuíram para o envolvimento da comunidade educativa no processo.

5.8.3. *Identificação de melhorias e ajustes*

- Com base na meta-avaliação, é possível identificar áreas que necessitam de ajustes e melhorias para os próximos ciclos de autoavaliação, visando aperfeiçoar a qualidade e a eficácia do processo.
- As respostas às questões levantadas durante a meta-avaliação orientam a definição de novas estratégias e ações para fortalecer a cultura de avaliação e melhoria contínua na escola.

A etapa da meta-avaliação é essencial para garantir a reflexão crítica sobre o processo de autoavaliação, promovendo a aprendizagem organizacional e o aperfeiçoamento constante das práticas avaliativas.

CONCLUSÃO

A autoavaliação escolar desempenha um papel fundamental na promoção de uma cultura de avaliação positiva e no desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes. A colaboração entre assistentes educativos, professores e outros intervenientes é essencial para o sucesso educativo dos alunos, destacando-se a importância do *feedback* construtivo, identificação de lacunas e promoção da aprendizagem contínua.

A análise qualitativa dos dados revela a importância de buscar padrões emergentes, identificar temas recorrentes e contextualizar as respostas dentro do cenário educacional específico, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das perceções e opiniões dos diferentes intervenientes. Essa abordagem qualitativa fornece *insights* valiosos para a tomada de decisões e o planeamento de ações futuras no contexto educacional.

A participação ativa de todos os intervenientes na comunidade educativa, incluindo direção, professores, alunos, assistentes e pessoal de apoio, é crucial para uma avaliação abrangente e eficaz da qualidade do ensino, conforme destacado por autores como Stiggins (2002), Marzano (2006, 2010), Hargreaves (2005), Black & Wiliam (1998) e Darling-Hammond (2013). A utilização de critérios específicos, avaliações ao longo do processo e observação direta do desempenho são métodos de avaliação que contribuem para a identificação do conhecimento adquirido, progresso ao longo do tempo e áreas de melhoria.

Além disso, a diversificação de métodos de avaliação e a promoção de práticas formativas são essenciais para promover a aprendizagem significativa dos alunos, como mencionado na literatura. Este projeto de investigação ressalta a importância da análise qualitativa dos dados, da colaboração entre os intervenientes educativos e da implementação de práticas avaliativas eficazes para o desenvolvimento de uma cultura escolar mais positiva e orientada para a melhoria contínua.

Em suma, a autoavaliação escolar não só permite identificar áreas de intervenção e promover a qualidade do ensino, mas também contribui para a construção de um ambiente educativo mais colaborativo, inclusivo e motivador, onde todos os *stakeholders* estão envolvidos no processo de melhoria constante.

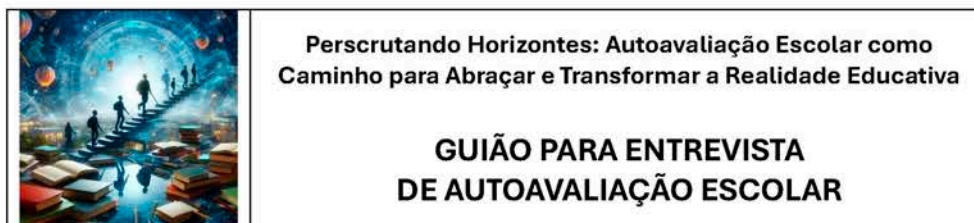
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A3ES (2017). *Relatório de Autoavaliação Institucional*. Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior.
- Alves, J. M. (2022, maio 10). De que falamos quando proclamamos a defesa da Escola Pública? *Público*.
- Alves, N., & Canário, R. (2001). *A escola pública: da utopia à realidade*. Educa.
- Andrade, H. (2019). A autoavaliação como estratégia para a aprendizagem autorregulada. In J. C. Morgado, & I. Leal (Eds.), *Avaliação das aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas* (pp. 19-36). Almedina.
- Andrade, H. (2019). Autoavaliação: o que é e como funciona? In H. Andrade & S. Brookhart (Eds.), *Como usar a autoavaliação para melhorar a aprendizagem* (pp. 19-34). Porto Editora.
- Bhatti, A., & Nimehchisalem, V. (2020). Self-assessment: A review of definitions and practices. *International Journal of Instruction*, 13(4), 127-144.
- Black, P., & Wiliam, D. (1998). Inside the black box: Raising standards through classroom assessment. *Phi Delta Kappan*, 80(2), 139-148.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora. (Versão original 1991).
- Cabral, I. (2013). *Gramática Escolar e (in)sucesso – Os casos do Projeto Fénix, Turma Mais e ADI* [Doctoral dissertation, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/19555>
- Cabral, I., & Alves, J. (2016b). Condições políticas, organizacionais e profissionais da promoção do sucesso escolar: Ensaio de síntese. In J. Formosinho, J. Alves & J. Verdasca (Org.), *Uma nova organização pedagógica da escola: Caminhos de possibilidades* (pp. 161-179). Fundação Manuel Leão.
- Coelho, R., Sarrico, C. S., & Rosa, M. J. (2008). Efetividade da autoavaliação das escolas: condições e processos facilitadores. *Revista Portuguesa de Educação*, 21(2), 101-122.
- Costa, J. A. (1996). *Imagens Organizacionais da Escola*. Edições Asa.
- Darling-Hammond, L. (2013). *Getting teacher evaluation right: What really matters for effectiveness and improvement*. Teachers College Press.

- DeVellis, R. F. (2017). *Scale development: Theory and applications* (4th ed.). Sage Publications.
- Diniz, M. (2016). *Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas*. Editora CRV.
- Enguita, M. F. (1999). ¿Es pública la escuela pública? *Cuadernos de Pedagogía*, 284, 38-43.
- Estrela, M. T. (2010). Autoavaliação de escolas: O quê? Como? Com quem? E depois? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 18(68), 551-572.
- Felgueiras, M. L. (2013). O ensino privado laico: instituições, culturas, identidades. In J. A. Costa, A. Nóvoa, & R. Gomes (Eds.), *História da educação em Portugal: balanços e perspectivas* (pp. 299-312). Edições Afrontamento.
- Felgueiras, M. L. (2013). O ensino particular e cooperativo em Portugal: caracterização e desafios. *Revista Lusófona de Educação*, 25, 113-128.
- Fullan, M. (2014). *The principal: Three keys to maximizing impact*. John Wiley & Sons.
- Gomes, C. A. (2001). O ensino público e o ensino privado em Portugal: uma análise comparativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(2), 5-32.
- Gomes, C. A. (2001). Autoavaliação e melhoria das escolas: numa lógica de compromisso. *Público*.
- Guerra, M. S. (2006). *A Escola que Aprende* (4ª ed.). Morata.
- Hargreaves, A. (2005). Educational change takes ages: Life, career and generational factors in teachers' emotional responses to educational change. *Teaching and Teacher Education*, 21(8), 967-983.
- Harris, A. (2013). Distributed leadership: implications for the role of the principal. *Journal of Management Development*, 32(1), 57-72.
- Hattie, J. (2009). *Visible learning: A synthesis of over 800 meta-analyses relating to achievement*. Routledge.
- Hinkin, T. R. (1998). A brief tutorial on the development of measures for use in survey questionnaires. *Organizational Research Methods*, 1(1), 104-121.
- IGEC (2018). *Avaliação Externa das Escolas 2018-2021. Âmbito, princípios e objetivos*. IGEC - Inspeção-Geral da Educação e Ciência.
- International Commission on the Futures of Education (2021). *Reimaginar nossos futuros juntos: Um novo contrato social para a educação*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>

- Johnson, C. W., Smith, K. A., & Smith, L. (2018). Student evaluations of teaching: Perceptions and impact on instruction. In A. E. Austin & A. M. Beach (Eds.), *Creating effective teaching and learning environments: First results from TALIS* (pp. 171-205). OECD Publishing.
- Lindahl, M., & Beach, D. (2013). Making use of assessments: governing education through data. *Nordic Journal of Studies in Educational Policy*, 2013(1), 1-10. <https://doi.org/10.3402/nstep.v1i0.21591>
- MacBeath, J., & McGlynn, A. (2002). *Self-evaluation: What's in it for schools?* RoutledgeFalmer.
- MacBeath, J., Frost, D., Kirkham, G., & Smith, I. (2005). *A história de Serena: Viajando rumo a uma escola melhor*. Asa.
- Machado, E. (2022). A importância da autoavaliação na melhoria da qualidade da educação. *Revista Brasileira de Educação*, 27(1), 15-32.
- Machado, E. A. (2022). *Autoavaliação*. Folha de apoio à formação - Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica (MAIA). Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Marzano, R. J. (2006). *Classroom assessment and grading that work*. ASCD.
- Marzano, R. J. (2010). *On excellence in teaching*. Solution Tree Press.
- Martins, L. M. V. (2014). *A autoavaliação das escolas: Procedimentos e perspectivas em análise* [Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa].
- Mayring, P. (1990). Qualitative content analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 1(2), 20.
- McNamara, O., et al. (2011). The influence of personal biography on teaching and learning. In O. McNamara et al. (Eds.), *Learning to teach: Becoming a reflective practitioner* (pp. 1-14). Sage.
- Neves, J., & Morais, A. M. (2014). A autoavaliação das escolas: Uma análise das práticas de participação. *Revista Portuguesa de Educação*, 27(1), 7-32.
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). McGraw-Hill.
- Rodrigues, A. (2021). Escola pública vs. ensino privado. O que aproxima e afasta as duas realidades. *Expresso*.
- Sampaio, M., et al. (2016). Narrativas e relatos de experiência: contributos para a formação de professores. *Revista Iberoamericana de Educación*, 71(2), 79-96. <https://doi.org/10.35362/rie7125>

- Sá, V. (2008). A (auto)avaliação das escolas: “virtudes” e “efeitos colaterais”. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 17(62), 87-108.
- Santos, L. (2016). Autoavaliação e melhoria das escolas: numa lógica de compromisso. *Investigação em Educação*, 5, 9-28.
- Santos, L. (2018). *A participação dos pais na autoavaliação das escolas: Um estudo de caso* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa].
- Santos Guerra, M. A. (2002). Como um espelho – Avaliação qualitativa das escolas. In J. Azevedo (Org.), *Avaliação das escolas: Consensos e divergências* (pp. 11-31). Asa.
- Sarrico, C. S., Rosa, M. J., Teixeira, P. N., & Cardoso, M. F. (2016). The influence of stakeholders on the quality of higher education: The case of Portugal. *Quality in Higher Education*, 22(1), 39-54.
- Schildkamp, K., Lange, J., & Broerse, A. (2012). The use of data for school improvement purposes. In J. Vanhoof, G. Verhaeghe, P. Petegem, & M. Valcke (Eds.), *Data-based decision making in education: Challenges and opportunities* (pp. 25-42). Springer.
- Seldin, P. (2006). *Evaluating faculty performance: A practical guide*. Anker Publishing Company, Inc.
- Sousa, F. (2012). Autoavaliação de escolas: Uma análise crítica. *Educação & Sociedade*, 33(120), 831-850.
- Stiggins, R. J. (2002). Assessment crisis: The absence of assessment for learning. *Phi Delta Kappan*, 83(10), 758-765.
- Stufflebeam, D. L. (2003). The CIPP model for evaluation. In S. Mathison (Ed.), *Encyclopedia of evaluation* (pp. 60-63). Sage Publications.
- Vieira, F. (2013). Autoavaliação das aprendizagens: Práticas e desafios. In A. S. Moreira & M. J. Gomes (Eds.), *Aprendizagem autorregulada pelo estudante: Perspetivas psicológicas e educacionais* (pp. 115-136). Porto Editora.
- Vieira, F. (2013). Autoavaliação de escolas: razões, processos e efeitos. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, (16), 9-21.



Caro elemento da Direção:

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta entrevista, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento da direção no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo da entrevista:

- recolher informações para a criação de um modelo de autoavaliação escolar no Colégio Nossa Senhora da Paz

Necessidade de um Modelo de Autoavaliação

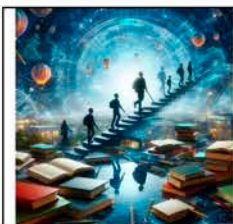
- Como a direção percebe a importância de implementar um modelo de autoavaliação escolar na instituição?
- Quais são as expectativas da direção em relação aos benefícios que um modelo de autoavaliação pode trazer para o colégio?

Finalidades da autoavaliação

- Quais poderiam ser as finalidades principais da AA, segundo a perspetiva institucional?
- Considera que os professores e os outros elementos da comunidade estão sintonizados com as finalidades enunciadas?

Definição de Indicadores-Chave

- Na visão da direção, quais seriam os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos e resultados educativos no colégio?
- Que estratégias adota(ria) para a construção desses indicadores?



**Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como
Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa**

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Envolvimento dos Agentes Educativos

- Qual o papel que os diferentes agentes educativos deveriam ter no processo de criação e implementação do modelo de autoavaliação?
- E como se poderiam ativar esses papéis?

Desafios e Planeamento

- Quais são os principais obstáculos e desafios antecipados pela direção na implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação?
- Como a direção planeia superar esses obstáculos e desafios e garantir a eficácia do modelo de autoavaliação no colégio?

Expectativas e Metas

- Quais são as expectativas da direção em relação aos resultados que o modelo de autoavaliação pode alcançar no Colégio Nossa Senhora da Paz?
- Que metas principais pretende alcançar e como pensa avaliar a respetiva consecução?

Obrigado pela sua participação!



**Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como
Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa**

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro elemento da Direção:

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta entrevista, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento da direção no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo da entrevista:

- recolher informações para a criação de um modelo de autoavaliação escolar no Colégio Nossa Senhora da Paz

Necessidade de um Modelo de Autoavaliação

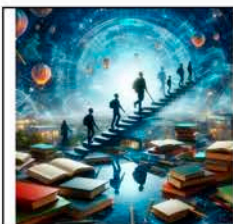
- Como a direção percebe a importância de implementar um modelo de autoavaliação escolar na instituição?

A autoavaliação é uma ferramenta fundamental com o objetivo último da melhoria institucional, que age de duas formas: monitorização a curto prazo e avaliação de necessidades futuras.

- Quais são as expectativas da direção em relação aos benefícios que um modelo de autoavaliação pode trazer para o colégio?

Perceber claramente áreas de intervenção para a melhoria. Por outro lado, o modelo de autoavaliação mais formal permite retirar a subjetividade, e elencar melhor todos os fatores, e enquanto validação das pessoas que trabalham.

Finalidades da autoavaliação



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

- Quais poderiam ser as finalidades principais da AA, segundo a perspetiva institucional?

Feedback sobre o grau de satisfação dos diversos intervenientes da comunidade, medição efetiva da qualidade dos serviços.

- Considera que os professores e os outros elementos da comunidade estão sintonizados com as finalidades enunciadas?

Para os pais, claramente, bem como os demais adultos intervenientes; quanto aos alunos depende da idade e do grau de perceção, que poderá exigir alguma formação por parte dos alunos, bem como ponderar a metodologia de recolha de dados.

Definição de Indicadores-Chave

- Na visão da direção, quais seriam os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos e resultados educativos no colégio?

Os serviços todos, de forma discriminada, inclusive direção; a componente pedagógica, quanto ao sucesso académico (aprendizagens curriculares, e perfil do aluno) e quanto à relação pedagógica, a organização do ensino (metodologias, planificações, avaliações); a avaliação psicossocial dos intervenientes; organização do colégio.

- Que estratégias adota(ria) para a construção desses indicadores?

Ouvir delegados de pais, coordenadores de ciclo, coordenadores das áreas de inovação pedagógica, representantes dos serviços; no caso dos não-docentes



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

e dos alunos seria mais pertinente a aplicação de focus group, com seleção prévia dos participantes.

Envolvimento dos Agentes Educativos

- Qual o papel que os diferentes agentes educativos deveriam ter no processo de criação e implementação do modelo de autoavaliação?

Papel ativo, serem escutados, participarem ativamente na recolha; tudo isto recebendo previamente formação sobre o processo de autoavaliação.

- E como se poderiam ativar esses papéis?

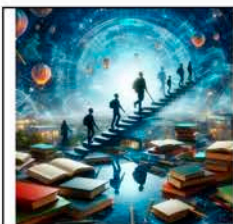
A própria formação serve como ativação e motivação; o reconhecimento do papel de cada interveniente; a divulgação dos resultados do processo, e do que vai ser implementado como consequência da mesma.

Desafios e Planeamento

- Quais são os principais obstáculos e desafios antecipados pela direção na implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação?

O tipo de metodologia utilizada para recolha de dados; as conceções prévias sobre autoavaliação e avaliação no geral; o tempo e esforço que o processo de autoavaliação implica, quer aos inquiridos quer à equipa que implementa.

- Como a direção planeia superar esses obstáculos e desafios e garantir a eficácia do modelo de autoavaliação no colégio?



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Planeamento detalhado do que vai ser necessário em cada fase, formação dos intervenientes.

Expectativas e Metas

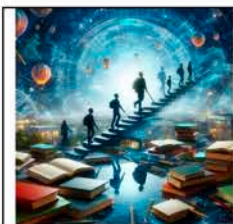
- Quais são as expectativas da direção em relação aos resultados que o modelo de autoavaliação pode alcançar no Colégio Nossa Senhora da Paz?

Será de grande importância tendo em conta a dinâmica de melhoria que está sempre presente no Colégio, mas não será de toda uma mudança radical.

- Que metas principais pretende alcançar e como pensa avaliar a respetiva consecução?

O grau de participação é importante, bem como criar instrumentos de medição dos instrumentos de avaliação, com o auxílio de um especialista, por estar validado para o efeito, e por ser um elemento externo.

Obrigado pela sua participação!



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro elemento da Direção:

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta entrevista, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento da direção no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo da entrevista:

- recolher informações para a criação de um modelo de autoavaliação escolar no Colégio Nossa Senhora da Paz

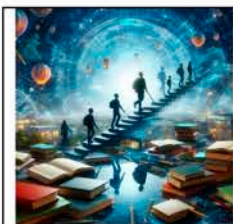
Necessidade de um Modelo de Autoavaliação

- Como a direção percebe a importância de implementar um modelo de autoavaliação escolar na instituição?

A necessidade surge por já ter havido documentos de auto e heteroavaliação institucional que a certa altura se consideraram ultrapassados. A própria comunidade educativa tem sugerido isso recentemente.

- Quais são as expectativas da direção em relação aos benefícios que um modelo de autoavaliação pode trazer para o colégio?

A experiência mostra que 80% das sugestões da comunidade educativa são muito úteis à melhoria do Colégio, mesmo que a resposta não possa ser imediata.



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Finalidades da autoavaliação

- Quais poderiam ser as finalidades principais da AA, segundo a perspetiva institucional?

Melhoria. Não serve para avaliar professores, mas sim para melhoria do trabalho formativo, aprendizagem dos alunos e melhoria da escola e do projeto educativo.

- Considera que os professores e os outros elementos da comunidade estão sintonizados com as finalidades enunciadas?

Regra geral, sim. Mas compreendo que é uma área que, se for mal interpretada, pode causar mal-estar.

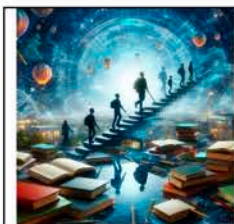
Definição de Indicadores-Chave

- Na visão da direção, quais seriam os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos e resultados educativos no colégio?

Deveriam ter todos a ver com o perfil dos alunos, percebendo se estamos a cumprir com aquilo que o colégio deve fazer; também o perfil do educador, e o da escola que queremos.

- Que estratégias adota(ria) para a construção desses indicadores?

Seria interessante a participação de todos, mas também de especialistas, uma vez que a avaliação requer que a informação encontrada deva ser bem trabalhada.



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Envolvimento dos Agentes Educativos

- Qual o papel que os diferentes agentes educativos deveriam ter no processo de criação e implementação do modelo de autoavaliação?

Todos poderiam ter um papel. Para isso é necessário um modelo para discussão alargada, previamente construído, eventualmente pedindo a representantes dos diversos membros.

- E como se poderiam ativar esses papéis?

Motivando e envolvendo os participantes no processo.

Desafios e Planeamento

- Quais são os principais obstáculos e desafios antecipados pela direção na implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação?

O desinteresse na participação, a desconfiança, a demora na resposta.

- Como a direção planeia superar esses obstáculos e desafios e garantir a eficácia do modelo de autoavaliação no colégio?

Ouvindo os vários participantes e ir fazendo ajustes que pareçam pertinentes.

Expectativas e Metas

- Quais são as expectativas da direção em relação aos resultados que o modelo de autoavaliação pode alcançar no Colégio Nossa Senhora da Paz?

Elevadíssimas.



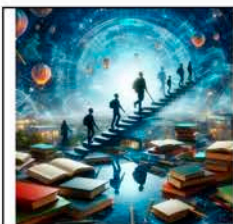
Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

- Que metas principais pretende alcançar e como pensa avaliar a respetiva consecução?

As metas são ter um conjunto alargado de informação sobre o colégio que permita reforçar pontos fortes e reconstruir pontos de melhoria, tudo isto com o apoio de modelos teóricos e de especialistas.

Obrigado pela sua participação!



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro elemento da Direção:

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta entrevista, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento da direção no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo da entrevista:

- recolher informações para a criação de um modelo de autoavaliação escolar no Colégio Nossa Senhora da Paz

Necessidade de um Modelo de Autoavaliação

- Como a direção percebe a importância de implementar um modelo de autoavaliação escolar na instituição?

Neste momento, é um modelo fundamental, seja por parte dos docentes seja da restante comunidade, porque dá uma perceção mais clara do trabalho que o colégio vai fazendo ao longo da sua existência, e também porque fornece dados que permitem responder aos desafios lançados na área da educação.

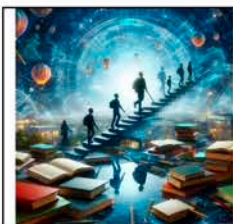
- Quais são as expectativas da direção em relação aos benefícios que um modelo de autoavaliação pode trazer para o colégio?

Dar dados para melhorar o desempenho do colégio, de uma forma geral.

Finalidades da autoavaliação

- Quais poderiam ser as finalidades principais da AA, segundo a perspetiva institucional?

A principal finalidade é a melhoria das práticas pedagógicas e institucionais, porque permite trabalhar várias dinâmicas (pedagógica, instalações,...)



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

- Considera que os professores e os outros elementos da comunidade estão sintonizados com as finalidades enunciadas?

Considero que os professores, no seu geral, estão muito sintonizados com esta melhoria do colégio (estão empenhados, dão sugestões), embora nem sempre o colégio consiga responder a esses desejos com a celeridade que gostaria. O mesmo acontece com o pessoal não docente e com os alunos.

Definição de Indicadores-Chave

- Na visão da direção, quais seriam os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos e resultados educativos no colégio?

Em primeiro lugar, o processo pedagógico; depois, as instalações, funcionamento, organização escolar.

- Que estratégias adota(ria) para a construção desses indicadores?

A escuta dos professores, adotando estratégias de focus group, ou inquéritos.

Envolvimento dos Agentes Educativos

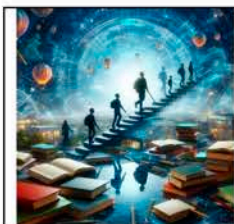
- Qual o papel que os diferentes agentes educativos deveriam ter no processo de criação e implementação do modelo de autoavaliação?

Em primeiro lugar, é importante a motivação, através do contacto direto com pessoas individuais ou grupos, aliado a uma explicação do que se pretende com este processo, para não confundir a autoavaliação escolar com avaliação de desempenho, ou com algo que tenha outro tipo de implicações laborais.

- E como se poderiam ativar esses papéis?

Tem que haver muita comunicação; por outro lado, passa muito também por processos em grupo, de modo a organizar os passos a dar.

Desafios e Planeamento



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA ENTREVISTA DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

- Quais são os principais obstáculos e desafios antecipados pela direção na implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação?

O primeiro desafio é a perceção da autoavaliação estar relacionada com a avaliação do desempenho; o segundo é o volume de informação e o seu tratamento.

- Como a direção planeia superar esses obstáculos e desafios e garantir a eficácia do modelo de autoavaliação no colégio?

Tem que haver um planeamento cuidado, com construção de uma equipa, organização de documentos de trabalho, e uma comunicação clara e aberta com a direção.

Expectativas e Metas

- Quais são as expectativas da direção em relação aos resultados que o modelo de autoavaliação pode alcançar no Colégio Nossa Senhora da Paz?

Que este modelo se possa implementar verdadeiramente, e que traga dinâmicas de participação e envolvimento da comunidade educativa.

- Que metas principais pretende alcançar e como pensa avaliar a respetiva consecução?

Que se possa realizar esta autoavaliação, e que dela se possa fazer uma leitura clara da intervenção a fazer e de quais os passos a dar.

Obrigado pela sua participação!

Autoavaliação escolar - questionário preparatório

Solicito que leia com atenção a seguinte informação. Se considerar que algo está pouco claro ou incorreto, não hesite em pedir mais informações. Se concordar com o estudo que lhe foi proposto, queira preencher e enviar este questionário. A sua participação é livre, mas muito importante.

Este questionário visa medir a expressão atual e desejada de cada aspeto nas dinâmicas organizativas do Colégio Nossa Senhora da Paz. **Não é ainda um questionário de autoavaliação do Colégio; é apenas um documento preparatório para a implementação desse processo de autoavaliação.**

Título do estudo: "Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa"

Enquadramento: Projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Administração e Organização Escolar, sob a orientação do Professor Doutor José Matias Alves, professor associado convidado na Universidade Católica do Porto (UCP).

Explicação do estudo: O presente estudo visa conceptualizar e operacionalizar um modelo de autoavaliação para o Colégio Nossa Senhora da Paz que esteja ao serviço do desenvolvimento da qualidade de trabalho que as pessoas realizam (alunos e técnicos de apoio à educação). Pretende-se, assim, definir um modelo de autoavaliação adaptável ao contexto particular de uma instituição de ensino particular. Para isso, é essencial perceber:

- Quais os indicadores-chave a serem considerados na autoavaliação dos processos educativos?
- Como envolver ativamente os diferentes agentes educativos no processo de autoavaliação?
- De que forma a autoavaliação pode integrar a avaliação do bem-estar emocional dos alunos e educadores?
- Quais são os principais obstáculos à implementação bem-sucedida do modelo de autoavaliação numa instituição de ensino particular?
- Como planificar, executar, verificar e implementar um modelo de autoavaliação num estabelecimento de ensino particular?

Condições e financiamento: Este estudo realizar-se-á em regime de voluntariado de todos os intervenientes. O estudo foi aprovado pelo Conselho Científico da UCP e obteve parecer favorável da Direção Pedagógica do colégio.

Confidencialidade e anonimato: O investigador garante a confidencialidade dos dados recolhidos e a sua não utilização para outros fins que não os expressos neste consentimento.

Agradeço, desde já, a Vossa colaboração.

O Investigador responsável pela recolha e tratamento de dados:

João Manuel Ribeiro de Matos
(joomat@colegiodapaz.org)

Peço que valorize cada item tendo em conta o momento presente e o futuro desejável num horizonte próximo, marcando o ponto que traduza a sua opinião:

-- muito negativo | - negativo | 0 neutro | + positivo | ++ muito positivo | ? Sem opinião

* Obrigatória

1. Vínculo com o Colégio Nossa Senhora da Paz *

- Aluno
- Encarregado de educação
- Professor/educador
- Assistente operacional
- Outros (Serviço de Psicologia, Serviço de Enfermagem, ...)

2. Análise crítica

*(existe uma reflexão alargada sobre o projeto educativo, os resultados, as práticas e os desafios. Por exemplo, analisar criticamente como o colégio está a cumprir a sua missão, a sua visão e os seus valores, e quais são as suas potencialidades e as suas fragilidades) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Identificação de pontos fortes e fracos

*(existe um reconhecimento dos aspetos positivos e negativos, ou seja, o que se faz bem e o que é preciso melhorar. Por exemplo, qualidade da infraestrutura, ambiente de (in)disciplina, qualidade da equipa docente, pertinência da formação contínua) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Planeamento estratégico

*(existe uma definição dos objetivos, das metas e dos recursos que o colégio utiliza para alcançá-los. Por exemplo, estratégias de desenvolvimento do sucesso dos alunos, novos métodos de ensino, avaliação pedagógica, envolvimento das famílias e dos parceiros, e monitorização dos indicadores de qualidade) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Envolvimento da comunidade

*(relacionamento com as pessoas e as organizações que fazem parte do seu contexto, e participação nas iniciativas que elas promovem. Por exemplo, envolvimento na comunidade, colaboração com outras escolas, com as autarquias, com as associações, com as empresas, e com os meios de comunicação) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Implementação organizacional

*(colocar em prática as ações planeadas, seguindo um cronograma e uma metodologia específica e participada. Por exemplo, dinamização de projetos de leitura e outros projetos de dinamização curricular, definindo os objetivos, os participantes, as atividades, os recursos, os prazos e a forma de avaliação) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Formulação de estratégias

*(criação de soluções para os problemas ou desafios que o colégio enfrenta, tendo em conta os seus recursos e as suas necessidades. Por exemplo, estratégias para reduzir o insucesso escolar, identificando as causas, os fatores de risco, as medidas de prevenção e de intervenção) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Apresentação de propostas

*(incentivo à comunidade educativa para que comunique as suas ideias, os seus projetos, os seus resultados ou as suas sugestões a outras pessoas ou entidades, de forma clara e convincente. Por exemplo, apresentação de propostas de parceria a uma empresa, mostrando os benefícios, os custos, as responsabilidades e as expectativas de ambas as partes) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Modernização e inovação

*(atualização e adaptação às novas tendências, tecnologias e exigências da sociedade, procurando melhorar a sua qualidade e a sua eficiência. Por exemplo, modernização e inovação ao introduzir novos equipamentos, novos programas, novas metodologias e novas formas de gestão) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Comunicação eficaz

*(transmissão das suas informações, das suas opiniões, das suas emoções ou das suas intenções de forma adequada, coerente e respeitosa, usando os meios e os canais mais apropriados. Por exemplo, comunicação eficaz ao usar o seu site, as suas reuniões, as suas assembleias e as suas redes sociais) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Colaboração

*(trabalho em conjunto com os diferentes departamentos, áreas ou sectores, partilhando as suas experiências, as suas ideias, os seus recursos e as suas responsabilidades. Por exemplo, incentivo à colaboração, à promoção de projetos interdisciplinares, formações conjuntas, reuniões periódicas e avaliações integradas) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Avaliação contínua

*(verificação regular do progresso e desempenho dos alunos, dos professores, dos funcionários e do próprio colégio, usando diferentes instrumentos e critérios. Por exemplo, avaliar continuamente os efeitos da aplicação de testes, questionários, portfólios, observações, entrevistas e inquéritos, e gerar a sua disseminação interna) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Resolução de problemas

*(enfrentar e superar as situações difíceis ou complexas que surgem no dia a dia, usando o seu raciocínio, a sua criatividade e a sua capacidade de decisão. Por exemplo, criar disposição geral para intervir e participar na resolução de problemas [conflito entre alunos, uma avaria num equipamento, uma falta de material, ou uma emergência sanitária]) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Gestão transparente

*(agir de forma honesta, responsável e ética, mostrando e justificando as suas ações, as suas decisões e os seus resultados a todos os que estão envolvidos ou interessados na sua atividade. Por exemplo, gestão transparente do seu orçamento, do seu regulamento, do seu plano de ação e do seu relatório de autoavaliação) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Desenvolvimento de competências

*(promoção e facilitação da aprendizagem e do aperfeiçoamento das capacidades, dos conhecimentos, das atitudes e dos valores dos elementos da comunidade educativa (alunos, professores, funcionários, ...). Por exemplo, potenciar o desenvolvimento de competências ao oferecer cursos, oficinas, palestras, visitas de estudo e projetos educativos) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Liderança participativa

*(incentivo e apoio à participação, à colaboração, à autonomia e à iniciativa de todos os membros da comunidade escolar, reconhecendo e valorizando as suas contribuições. Por exemplo, promoção de lideranças participativas ao consultar e envolver os alunos, os professores, os funcionários, os pais e os parceiros nas decisões e nas ações do colégio) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Monitorização de resultados

*(acompanhamento e análise dos efeitos e dos impactos das suas ações, das suas estratégias e dos seus projetos, comparando-os com os objetivos e as metas que definiu. Por exemplo, monitorização dos resultados ao medir e avaliar os indicadores de qualidade, de eficácia, de eficiência e de satisfação) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Adaptação às mudanças

*(ajuste e renovação face às novas circunstâncias, às novas oportunidades e às novas exigências que se apresentam no seu contexto, procurando tirar proveito delas. Por exemplo, adaptação às mudanças incorporando novas tecnologias, novas metodologias, novos programas e novos desafios) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Promoção do sucesso escolar

*(empenho e compromisso em garantir que todos os alunos aprendam, progridam e concluam os seus estudos, respeitando as suas características, as suas necessidades e as suas potencialidades. Por exemplo, promoção do sucesso escolar universal [ainda que diferenciado] ao proporcionar um ensino de qualidade, um acompanhamento personalizado, um apoio pedagógico, uma orientação vocacional e uma inclusão social) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Gestão de recursos

*(utilização e administração dos recursos humanos, materiais, financeiros e temporais de que dispõe, de forma racional, eficiente e sustentável, tendo em conta os seus objetivos e as suas prioridades. Por exemplo, gestão eficaz dos recursos ao distribuir as tarefas, ao alocar os fundos, ao adquirir os equipamentos, ao otimizar os espaços e ao organizar os horários) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Incentivo à aprendizagem colaborativa

*(estímulo e facilitação da aprendizagem em conjunto, em que os alunos, os professores, os funcionários e a comunidade partilham as suas experiências, os seus conhecimentos, as suas ideias e os seus recursos, e cooperam para alcançar objetivos comuns. Por exemplo, incentivo à aprendizagem colaborativa ao realizar trabalhos de grupo, debates, jogos, simulações e projetos comunitários) **

	--	-	0	+	++	?
Agora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horizonte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. Use 3 palavras para fazer o retrato atual do colégio. *

23. Use 3 palavras para descrever o horizonte próximo desejado. *

Este conteúdo não foi criado nem é aprovado pela Microsoft. Os dados que submeter serão enviados para o proprietário do formulário.

 Microsoft Forms

Categoría	Cuestión 1		Cuestión 2		Cuestión 3		Cuestión 4		Cuestión 5		Cuestión 6		Cuestión 7		Cuestión 8		Cuestión 9		Cuestión 10		Cuestión 11		Cuestión 12		Cuestión 13		Cuestión 14		Cuestión 15		Cuestión 16		Cuestión 17		Cuestión 18		Cuestión 19		Cuestión 20		Cuestión 21			
	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte		
Alumno	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20

Categoría	Cuestión 1		Cuestión 2		Cuestión 3		Cuestión 4		Cuestión 5		Cuestión 6		Cuestión 7		Cuestión 8		Cuestión 9		Cuestión 10		Cuestión 11		Cuestión 12		Cuestión 13		Cuestión 14		Cuestión 15		Cuestión 16		Cuestión 17		Cuestión 18		Cuestión 19		Cuestión 20		Cuestión 21			
	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte		
Alumno	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20

	n.º respuestas	% respuestas
Alumno	30	24.4%
Docentes de educación	58	47.2%
Profesores/educador	29	23.1%
Asistente educativo	5	4.1%
Otros	4	3.3%
Número total de respuestas	123	100.0%

	Cuestión 2		Cuestión 3		Cuestión 4		Cuestión 5		Cuestión 6		Cuestión 7		Cuestión 8		Cuestión 9		Cuestión 10		Cuestión 11		Cuestión 12		Cuestión 13		Cuestión 14		Cuestión 15		Cuestión 16		Cuestión 17		Cuestión 18		Cuestión 19		Cuestión 20		Cuestión 21			
	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte	Agda	Horizonte				
-	2.4%	2.4%	3.3%	2.4%	3.3%	1.6%	4.1%	4.1%	2.4%	3.3%	5.7%	2.4%	4.9%	2.4%	5.7%	4.1%	6.5%	5.7%	3.3%	1.6%	4.1%	4.1%	7.3%	4.1%	4.1%	3.3%	8.1%	4.9%	6.1%	3.3%	3.3%	2.4%	4.1%	3.3%	4.9%	4.1%	4.9%	2.4%	5.7%	2.4%		
-	6.5%	2.4%	11.3%	7.3%	8.1%	4.9%	7.3%	2.4%	6.5%	3.3%	5.7%	5.7%	11.3%	6.5%	8.1%	5.7%	4.9%	3.3%	8.9%	6.5%	15.3%	4.9%	8.9%	4.9%	16.3%	7.3%	5.7%	8.1%	7.3%	6.5%	5.7%	10.6%	5.7%	8.1%	2.4%	12.2%	6.5%	3.3%	4.9%			
0	16.6%	8.1%	30.6%	8.9%	17.1%	11.4%	18.7%	12.2%	19.4%	10.6%	17.9%	10.6%	22.2%	14.6%	29.3%	12.2%	19.4%	8.9%	16.3%	10.6%	16.3%	9.9%	17.1%	15.3%	15.3%	14.6%	13.6%	14.6%	5.7%	19.4%	9.9%	19.4%	13.6%	21.1%	13.6%	8.1%	4.1%	20.3%	13.4%	12.2%		
+	45.1%	27.6%	49.6%	26.9%	36.6%	21.1%	32.5%	25.2%	35.6%	19.5%	46.7%	21.1%	31.7%	27.6%	40.7%	30.1%	44.7%	30.1%	37.4%	23.6%	30.1%	15.2%	36.6%	26.9%	28.1%	19.5%	43.1%	19.5%	39.6%	26.9%	34.1%	26.6%	40.7%	36.6%	34.1%	26.6%	41.5%	29.3%	41.5%			
++	28.5%	51.2%	19.5%	47.2%	30.9%	52.8%	34.2%	47.2%	27.6%	52.8%	19.5%	48.8%	16.3%	30.9%	19.5%	39.6%	26.9%	45.6%	30.1%	40.0%	29.3%	44.7%	25.2%	46.3%	29.3%	46.3%	25.2%	47.2%	16.7%	42.8%	15.4%	39.6%	20.3%	41.5%	39.6%	34.1%	35.6%	22.2%	41.5%			
NS	4.9%	8.1%	3.9%	7.3%	4.9%	8.1%	3.9%	3.9%	8.1%	10.6%	6.5%	11.4%	13.6%	17.9%	3.9%	8.9%	6.5%	6.5%	4.9%	9.9%	9.9%	22.2%	4.9%	8.9%	9.9%	22.2%	3.9%	7.3%	6.5%	10.6%	11.4%	11.4%	11.4%	3.9%	8.9%	3.9%	13.6%	15.3%	6.5%	9.9%		
TOTAL	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%

Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa





Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro colega:

Agradeço a disponibilidade em participar deste Focus Group, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento de todos no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo: Discutir de forma eficiente as práticas de autoavaliação escolar, focando nos aspetos mais críticos para identificar oportunidades de melhoria.

Duração: 45 minutos.

Participantes: Coordenadores de estruturas de coordenação e dois professores sem cargo.

Material Necessário: Gravador de áudio (com permissão dos participantes), notas adesivas.

Introdução (5 minutos)

- Boas-vindas e apresentação do moderador.
- Explicação breve do que é a autoavaliação escolar e qual a sua importância para a qualidade da educação. Mencionar alguns exemplos de boas práticas de autoavaliação em outras escolas ou contextos.
- Objetivos do *focus group* e regras de funcionamento e confidencialidade.

Apresentação dos Participantes (3 minutos)

- Apresentação rápida: nome, papel na escola, tempo de serviço e envolvimento na autoavaliação.

Discussão Principal (28 minutos)

1. Experiências com Autoavaliação (5 minutos)

- Como tem sido a vossa experiência com a autoavaliação na escola?
- Que aspetos positivos e negativos destacam?



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

2. Processos e Ferramentas (5 minutos)

- Que métodos e ferramentas utilizam ou gostariam de utilizar na autoavaliação?
- Como avaliam a sua eficácia e adequação?

3. Efeitos da Autoavaliação (6 minutos)

- A autoavaliação melhora a organização geral do ensino e das aprendizagens?
- Influencia a planificação e realização das estratégias de ensino e aprendizagem?
- Tem impacto positivo na avaliação dos alunos?

4. Desafios (6 minutos)

- Quais são os principais obstáculos ou dificuldades que encontram na realização da autoavaliação?
- Como os têm superado ou como pretendem superá-los?

5. Sugestões para Melhoria (6 minutos)

- Que sugestões têm para melhorar o processo e os resultados da autoavaliação na escola?
- Que apoios ou recursos consideram necessários ou desejáveis?

Conclusão (9 minutos)

- Sumário das ideias chave.
- Avaliação da satisfação dos participantes com o *focus group*, usando uma escala de 1 a 5 ou notas adesivas de cores diferentes.
- Informação sobre os próximos passos da investigação e como serão contactados para receber feedback ou participar em outras atividades.

Agradecimentos e encerramento.

Obrigado pela sua participação!

Falta felicidade às escolas.

Falta espectáculo, alegria, brincadeira, ilusão, sonho, esperança. Falta brilho nos olhos, invenção, imaginação, loucura da boa: daquela que muda o mundo, os mundos, das pessoas que vivem no mundo.

Falta felicidade às escolas.

A culpa não é dos professores, é de um sistema que castra, imutável, de uma sala de aula que não sabe brincar, que não foi feita para brincar — e que por isso não brinca, não aprende a brincar, não ensina a brincar. A culpa é de uma sala de aula que não evoluiu, que não se adaptou, que não soube mudar: que cristalizou e que tem medo de partir, que tem medo de fazer de novo, de criar de novo, de ser de novo.

Falta felicidade às escolas.

Falta, por isso, felicidade a quem nelas habita. A todos os que nela habitam. Por mais que tentem, e tentam, por mais que queiram, e querem, os habitantes da escola precisavam que ela tentasse também, que quem a governa tentasse também.

Falta felicidade às escolas.

E é por isso que não lhe faltam tristezas, depressões, pessoas de todas as idades apagadas, desmotivadas, desligadas, a contarem o tempo para sair da aula, para sair da prisão, para sair para si.

Falta felicidade às escolas.

Falta espaço. Espaço para a liberdade. Espaço mental, espaço emocional, espaço estrutural. Espaço para errar, para cair, para levantar. Espaço para ser. Na escola que ainda temos, os melhores alunos são os que erram menos, os que por isso arriscam menos. Estamos a aplaudir o medo, a aplaudir o mais do mesmo. Estamos a aplaudir a continuidade, nunca a criatividade.

Falta felicidade às escolas.”



Pedro Chagas Freitas

FG educadoras parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 1:15)

A ideia é, e se nós termos aqui coisas que nos permitam depois construir o modelo, porque não vale a pena eu pensar numa coisa muito teórica que alguém já experimentou numa escola qualquer às mil e meia vezes, é uma coisa que sirva para nós, e tem a partir da necessidade que nós temos aqui. E a primeira ideia é um bocadinho essa, ou seja, passando esta parte da introdução, vocês já sabem que é uma autoavaliação escolar, vou só lembrar aquilo que já toda a gente devia saber mas acho que alguns ainda não sabem. Isto não é para depois ter uma grelha para avaliar aos professores o que é que eles fazem, e para lhes dar uma nota e pô-los daqui para fora, coisa assim, nada disso, senão agora era dos primeiros a sair.

Portanto, a parte da apresentação dos participantes também, eu já vos conheço de sobra, já sei que são educadoras, já sei que são aqui da casa há muitos anos, mais do que eu, portanto nada de novo. Passamos aqui para esta parte que é a discussão principal. Como é que tem sido a vossa experiência a nível da autoavaliação aqui?

No vosso trabalho cá, a nível dos vossos anos em particular e daquilo que têm trabalhado, onde é que têm encontrado a autoavaliação? Ou não têm encontrado sequer?

[Speaker 3] (1:15 - 1:33)

Temos. Além das avaliações semanais que nós fazíamos, o que é que nós tínhamos proposto a fazer e como é que correu, como é que concorreu, o que é que temos de fazer melhor. Além desses que nós fazíamos reflexões, também já fizemos reflexões com a equipa diretiva diversas vezes.

[Speaker 2] (1:34 - 1:50)

Nós tínhamos de dois em dois anos a avaliação de desempenho, tínhamos que fazer primeiro a nossa autoavaliação de desempenho preparada, que nos davam as perguntas e depois então nós fazíamos.

[Speaker 1] (1:50 - 1:51)

Era esse o contraste.

[Speaker 2] (1:52 - 2:01)

Era um momento de reflexão. Era um momento de reflexão, mas até já fizemos uma delas que tinha a ver com o asfalto. Também tinha.

[Speaker 1] (2:02 - 2:02)

Com o asfalto, sim.

[Speaker 2] (2:02 - 2:44)

Com o asfalto, também já fizemos. Até há pouco tempo. O que nós fazemos é, no fundo, também quase todas as semanas acabamos por fazer uma autoavaliação.

Como é que foi a semana, o que é que nós precisamos, o que não precisamos, se temos de refletir, o que temos de rotinas, o que não temos de... Ou seja, com a coordenadora e

também a Margarida, a coordenadora faz a conta da direção, também fazemos isso todas as semanas. Além de também fazermos uma autoavaliação durante o nosso profissionalismo, porque nós acabamos por planificar e depois refletir e avaliar, no fundo...

[Speaker 1] (2:44 - 2:56)

Isto acaba por ser, nos vossos anos, um trabalho mais vosso. Ou seja, não é tão viável pedirem aos miúdos que acompanham para fazer algum tipo de autoavaliação do trabalho.

[Speaker 2] (2:56 - 2:57)

Fazemos com eles também.

[Speaker 1] (2:58 - 2:59)

Mas das atividades que eles desenvolvem.

[Speaker 2] (3:00 - 3:08)

Exatamente, eles fazem sempre, todas as semanas. Aliás, até é mesmo, se tivermos a ver, até de atividade em atividade.

[Speaker 3] (3:09 - 3:31)

Por exemplo, de sala, todas as semanas fazemos. Até às vezes ao final do dia, imaginemos, o que é que fizemos agora de manhã? O que é que tínhamos pensado fazer?

Porquê é que não conseguimos fazer tudo? Fazemos isso, se calhar não conseguimos fazer todos ao final de cada manhã e ao final de cada tarde, que era o ideal, mas fazemos.

[Speaker 2] (3:31 - 4:02)

Ao final da semana, o que é que vamos fazer? Há uma discussão global. Eles dizem o que é que custaram, o que é que não custaram, o que é que custaram mais, o que é que custavam de fazer.

No fundo, eles também nos estão a avaliar. Também acaba por ser uma autoavaliação para nós. O que é?

Com quem correu bem? Se não falaram as estratégias, se calhar também não foram as melhores. O que é que eu poderei melhorar?

Também acaba por ser uma autoavaliação. Por isso é que nós temos o pleno, não é? O que é?

Planificamos, não é? Isso é o que vamos avaliar. E vamos monitorizando isso.

[Speaker 1] (4:02 - 4:15)

E daquilo que vocês conhecem deles, parece-vos que é uma autoavaliação objetiva que eles fazem, é muito em função daquilo que eles acham que querem dizer-vos, que vocês gostem de ouvir. O que é que vos parece?

[Speaker 2] (4:16 - 4:17)

Temos de tudo.

[Speaker 3] (4:17 - 4:26)

Temos uns meninos que são muito críticos e há outros que são mais influenciáveis e querem agradar. Mas temos de tudo.

[Speaker 2] (4:27 - 4:29)

Nós conhecemos até muitos críticos.

[Speaker 3] (4:29 - 5:08)

Já deste termo, não é? Ah, não fizemos? Mas porquê que não fizemos?

Por exemplo, nós construímos, como eles, eles fazem um portfólio. E o portfólio são fotografias ou trabalhos que eles vão pedindo para tirar a fotografia para depois colocá-los num saldaio. E eles próprios, às vezes...

No outro dia estou agora aqui a lembrar-me de uma coisa que o filho da Carla fez. Ele fez uma autocaravana. E eu disse-lhe assim, deras-me uma fotografia.

Era fazer uma autocaravana. E ele disse, ah, igual, que gira. É a primeira vez que faço uma autocaravana.

E ele disse, mas olha, ainda me faltam aqui umas rodas que eu não consigo encontrar. E este pensamento é muito daquilo que nós lhes fomos ajudando, daquilo que eles também avaliam. Avaliam, isso.

[Speaker 2] (5:09 - 5:10)

Avaliam o seu trabalho.

[Speaker 3] (5:10 - 5:21)

Perceber que se está bem, se não está, o que é que falta então fazer melhor. E há um bocadinho... Porque nós vamos insistindo nisso.

E este saldaio também, já agora.

[Speaker 2] (5:21 - 5:47)

Também há um bocadinho... Isso. Porque eles acabam...

Nós próprios também autoavaliámos. No sentido em que vamos ver se passa para eles a motivação ou não do saldaio, não é? Imagina, também é uma maneira de avaliar.

Porque quando eles tiram-se uma fotografia à minha construção, tiram-se uma fotografia àquilo que eu estou a fazer, pronto. Portanto, eles querem falar sobre o assunto. Isso.

[Speaker 1] (5:47 - 6:21)

Até já vou mostrar-te dois pontos. Um que tem a ver com aspectos positivos e negativos e outro que já é de processo e ferramentas. Por exemplo, o caso do saldaio que é uma coisa que vocês utilizam e que já é testado a nível do grupo.

Parece-vos que, por exemplo, neste caso, nós estamos a tentar uma ferramenta de autoavaliação institucional. Poderia funcionar melhor uma coisa mais baseada, sei lá, numa aplicação, num programa, numa coisa mais mecanizada ou perde-se alguma objetividade e alguma personalização quando se trabalha dessa forma?

[Speaker 2] (6:23 - 6:53)

Eu acho que se tivesse... Eu gosto da forma do saldaio, é verdade. Mas, para a leitura que os meninos fazem, ou seja, dito que será a sua autoavaliação, no fundo, o desenvolvimento, nós não chamamos avaliação ao portfólio, não é?

Mas é uma apreciação global ao desenvolvimento, perde-se um bocadinho porque não há papel. O digital tem essas coisas, não é? Sim.

Porque os dentes tinham capas, não era isso?

[Speaker 3] (6:53 - 7:14)

Sim, por exemplo, estou a pensar na minha filha agora, que no primeiro ano, com a Carla cá no colégio, ainda tinha o portfólio de papel, de micas, e ela quase todos os fins de semana quer ver o que fez e... Sim. E os 4 e os 5 anos ela já não quer ver, porquê?

Porque ficou na aplicação e, portanto...

[Speaker 1] (7:14 - 7:16)

Já não é aquela coisa imediata.

[Speaker 3] (7:16 - 7:21)

Isso, não é imediato, não é acessível, não é prático, precisa do telemóvel da mãe ou...

[Speaker 1] (7:22 - 7:23)

Porque, por exemplo...

[Speaker 3] (7:23 - 7:24)

Perde-se um bocadinho por aí.

[Speaker 1] (7:24 - 7:27)

Vamos imaginar e nós estamos... E a ideia é essa, construir...

[Speaker 2] (7:27 - 7:43)

Nós somos crianças, entendes? Porque, imagina, se calhar haver alguma situação em que para nós e para os pais é bom, mas haver de alguma forma, porque nós já também já pusemos essa questão ao saldaio, que era ter, tipo, um PDF. Isso.

[Speaker 1] (7:43 - 7:45)

Que depois exportasse as coisas.

[Speaker 3] (7:45 - 8:03)

E depois nós, os pais que imprimimos, nós colhemos em casa as coisas. Porque, imaginemos, para imprimir é uma recolha, é um trabalho de cada vez, e fazemos imprimir, mas não imprimimos, vamos guardar o PDF. Portanto, aquilo não é nada prático.

Se vamos ter recolhas de cada criança, ao longo de um ano letivo vai-me meter.

[Speaker 1] (8:04 - 8:30)

Vamos pensar numa situação concreta que é... Estamos a tentar fazer uma autoavaliação da casa, do colégio. Ou seja, vamos tentar envolver o máximo possível de participantes.

Professores, educadores, funcionários, pais, alunos. Há tudo. Perante, especificamente, o negócio público.

São miúdos muito pequenos, mas que também importa a opinião deles e a opinião dos pais. Dos pais... Pais.

Pais são pais, independentemente de qual é o nível dos filhos onde eles estão.

[Speaker 3] (8:30 - 8:30)
Claro.

[Speaker 1] (8:30 - 8:34)
Os miúdos. Como é que nós conseguimos tirar alguma...

[Speaker 3] (8:34 - 8:35)
Avaliação.

[Speaker 1] (8:35 - 8:39)
Avaliação do que é que eles acham que é o colégio, o que é que pode ser...

[Speaker 3] (8:39 - 8:48)
No chaldeiro, não. Mas imaginemos um PowerPoint interativo em que eles possam escolher o smile, ou dizer que estava um adulto para eles apontarem.

[Speaker 1] (8:48 - 8:53)
Claro. Mas então, se calhar, teria de ser uma coisa mais que fugisse do chaldeiro, que é muito do vosso.

[Speaker 2] (8:54 - 8:54)
Sim.

[Speaker 1] (8:54 - 8:56)
Uma coisa que desse para ser mais...

[Speaker 2] (8:56 - 9:04)
Até porque nós fazemos assembleias de grupo. E no fundo, não é? É do grupo do pré-escolar.

Eles sabem muito bem dizer o que é que queriam melhorar, o que é que gostavam mais.

[Speaker 1] (9:05 - 9:09)
E no vosso caso, resulta mais esse feedback oral que depois vocês registram.

[Speaker 2] (9:09 - 9:15)
É a forma de registrar, é bom. Por exemplo, fazemos mesmo aquelas grelhas de assembleias.

[Speaker 3] (9:15 - 9:31)

Isso. Por exemplo, os 4 e os 5, quando representarem alguma coisa, já representam de forma... Aquilo adulto olha e até consegue ler.

Os 3 aninhos ainda não. Ainda é muito agrantoso, uma figurinha muito rudimentar. E portanto, se eles não nos dizem, o adulto não regista o que é, depois acaba...

[Speaker 1] (9:31 - 9:36)
Mas, por exemplo, imaginem que tentávamos até uma escala gráfica com figuras, com imagens.

[Speaker 3] (9:36 - 9:37)
Porque eles já conseguem... Seis trechos.

[Speaker 1] (9:38 - 9:38)
Identificar, não é?

[Speaker 3] (9:38 - 9:40)
Um grama, assim, uma coisa.

[Speaker 1] (9:40 - 10:07)
Ser um bocado por aí. Sim, sim. Ter uma coisa que, dentro daquilo que eles também podem avaliar, que tenha uma percepção dessa, uma coisa simples, mas que pudesse...

Ok. Pronto. E depois, como é que nós, ou como é que vocês, em conjunto, como é que se conseguia interpretar esses resultados?

Ou seja, nós temos uma grelha que queremos que os miúdos preencham e que vocês preencham também em conjunto. Como é que nós, depois, conseguimos fazer o tratamento disto?

[Speaker 2] (10:07 - 10:27)
Olha, nós temos... É assim, nós usamos... Nós usamos muito matemática com eles, com processos, portanto.

Nós fazemos bastantes pictogramas. Ok. Portanto, que são gráficos.

Isso. Leitura de tabelas. Sim.

De uma e de duas entradas. Portanto, também é uma possibilidade.

[Speaker 1] (10:27 - 10:30)
Portanto, eles já conseguem analisar a grandeza, as comparações.

[Speaker 2] (10:30 - 10:47)
Perfeitamente, perfeitamente. Portanto, imagina, no tempo, a organização do tempo, eles já têm uma data, é uma tabela duplenteada, têm os dias e têm o tempo, os estados do tempo. E eles vão contabilizando.

No final, fazem as observações. Tiveram X dias, tal, não é?

[Speaker 3] (10:47 - 10:47)

Isso.

[Speaker 2] (10:48 - 10:50)

Portanto, eles fazem perfeitamente.

[Speaker 1] (10:50 - 10:51)

E eles...

[Speaker 3] (10:51 - 10:56)

É tudo muito à base da matemática. É para tu veres... Para recolher a informação.

Para tu veres que nós somos professoras também.

[Speaker 1] (10:57 - 10:58)

Olha, pronto.

[Speaker 3] (10:58 - 10:59)

Olha que eu não sou nada contigo.

[Speaker 1] (11:00 - 11:00)

Porque?

[Speaker 3] (11:01 - 11:04)

Não somos professoras. Não somos professoras. Somos educadoras e crescentes.

[Speaker 1] (11:04 - 11:10)

Exatamente. E qual é que foi a lógica disso? Foi porque vocês não receberam?

Porque foi só para nós os professores.

[Speaker 2] (11:10 - 11:13)

Foi o que ele disse. Mas nós somos docentes.

[Speaker 1] (11:13 - 11:22)

Eu sei, mas então a base das artes está mal construída. Porque vocês deviam estar a receber em conjunto, como todos, secundário, primeiro, secundário, tudo.

[Speaker 2] (11:22 - 11:25)

Eu não quero também. Eu acho que nós precisamos disso. Acho que é muito meio.

[Speaker 1] (11:25 - 11:27)

Olha, eu não sei disso.

[Speaker 2] (11:27 - 11:38)

Sim, tu meio. Pois está. Mas estou a brincar contigo.

Mas percebes que a estuda matemática que nós já fazemos, conjuntos, seja lá como for, eles são capazes depois de fazer isso.

[Speaker 1] (11:38 - 11:44)

E agora há outra coisa que é, eles conseguem perceber, conseguem avaliar coisas, como é que eu vou dizer?

[Speaker 3] (11:45 - 11:45)

Abstratas.

[Speaker 1] (11:45 - 11:54)

Abstratas que não lhes diga respeito ao imediato do trabalho deles e que pensem mais além, por exemplo, o que é que podiam melhorar no colégio?

[Speaker 3] (11:54 - 12:00)

Para que é que isto consegue? Os três, esses são os mais velhinhos, já têm cinco sim.

[Speaker 2] (12:00 - 12:07)

Os três estão preparados, percebem? Os três é uma adaptação até dezembro e depois começam a trabalhar mais em janeiro.

[Speaker 1] (12:07 - 12:11)

Mas fazia sentido incluí-los ou se calhar ainda é muito cedo neste tipo de processo?

[Speaker 3] (12:11 - 12:17)

Depende. Imaginemos, se fosse uma coisa para fazerem junho, julho, se calhar eles já trabalharam, já tiveram as experiências.

[Speaker 1] (12:17 - 12:19)

Depois num final de processo, não é?

[Speaker 3] (12:19 - 12:21)

Se for em setembro, janeiro...

[Speaker 1] (12:21 - 12:23)

Por exemplo, se nós conseguirmos...

[Speaker 2] (12:23 - 12:25)

Não, não é nada. Estão aqui cinco, são há mais.

[Speaker 1] (12:25 - 12:41)

Mas se conseguirmos dividir, por exemplo, entre uma avaliação de aprendizagens e uma avaliação de estruturas e dinâmicas, se calhar primeiro eles conseguem mais cedo, não? Ou mesmo assim? Por exemplo, avaliar se...

[Speaker 3] (12:41 - 12:43)

Depende do grupo só, João.

[Speaker 1] (12:43 - 12:43)

Pois.

[Speaker 3] (12:43 - 12:46)

Se meu custarmos os cinco aos três anos, não ia conseguir.

[Speaker 1] (12:46 - 12:46)

Não ia conseguir.

[Speaker 3] (12:47 - 12:50)

O meu já consegui, ponto. É que depende muito do grupo.

[Speaker 1] (12:50 - 13:02)

Porque isso também é uma parte, que é... Pensar numa ferramenta que não seja aplicável a todos os grupos, não vale a pena pensar, não é? Porque é um trabalho deitado fora.

Mais vale assumir de que...

[Speaker 3] (13:02 - 13:04)

A partir dos quatro, cinco.

[Speaker 1] (13:04 - 13:10)

A partir dos quatro, cinco, se não me engano. Porque três anos ainda é... Vem de muito barro, não tem...

[Speaker 2] (13:10 - 13:13)

Não, é respeitar o ritmo deles. Eles têm que adaptar-se.

[Speaker 1] (13:13 - 13:16)

Temos de uniformizar primeiro para que depois tentarem este tipo de resultado.

[Speaker 2] (13:16 - 13:23)

Portanto, nós temos que trabalhar isso neles, para nos quatro e cinco deles fazerem. Mas acho que já os quatro e cinco já vão ser.

[Speaker 1] (13:24 - 13:49)

E agora, esta questão de... Efeitos da autoavaliação. Melhora a organização, influencia planificações, ou vocês acabam por...

Por ser o oposto, ou seja, vocês têm uma planificação e organização que falam e que depois vão aplicar, ou muito do que vocês fazem resulta daquilo que têm em prévio da experiência dos miúdos? Como é que é mais...

[Speaker 2] (13:49 - 14:15)

Olha, as duas coisas, João. Não é? Nós ouvimos, nós escutamos e eles é que fazem a planificação connosco.

E às vezes eles não dizem tudo. E nós no fundo vamos observando o que é que eles precisam desenvolver e também os interesses e necessidades, não é? Sim.

Portanto, depois juntamos tudo. Por exemplo. A nossa planificação é da criança mais do adulto.

[Speaker 3] (14:15 - 15:06)

Com o adulto, por exemplo. Também é o currículo. Falamos numa avaliação da semana, estava a chegar o dia da mãe, só para dar um exemplo, estava a chegar o dia da mãe, então o que é que eles gostavam de fazer desta vez para dar?

E eles naturalmente falaram das experiências do dia da mãe e do dia do pai que tiveram anteriores. Ah, também temos que fazer um saquinho surpresa, como foi com o papai. Ah, também podemos fazer pulseiras.

Claro que eu depois peguei nestas ideias que eles lançaram e fui ver que pulseiras, colagem, o que é que eles precisam trabalhar e aproveitar. Imaginemos o estar a focar numa tarefa ou levar uma tarefa até ao fim. Aquilo que eu depois, a estratégia para fazer a pulseira, digamos assim, era uma coisa que o curso estava a trabalhar.

Era para dar resposta a uma necessidade. Exatamente. Acaba o fundo do processo sempre assim, um bocadinho.

Ouvimos-nos e depois, com isto tudo que sabemos deles, queremos que eles caminhem mais à frente.

[Speaker 1] (15:07 - 15:50)

Mas neste caso, e eu sabendo um bocadinho o que isso é, porque passo por muitos ciclos, de que forma é que conseguimos fazer, mostrar a outros ciclos, sobretudo segundo para a frente, que há uma avaliação nos alunos? Ou seja, muitas vezes, e se calhar vocês concordam com isso, a imagem que passa dos primeiros anos é uma imagem mais lúdica, sem avaliações, sem pesos e não sei o quê. Sim, mas se vocês conversarem com colegas de alunos, sobretudo os secundários, terceiros, que passam um tempo a brincar, a dormir, como é que nós depois conseguimos ter uma ferramenta que mostre efetivamente...

[Speaker 2] (15:50 - 16:44)

Nós temos uma ferramenta. Eu chamo-lhe lá e nós temos. Lá está, é a nossa ferramenta que foi realizada.

O que é que nós temos? Isto já vem do tempo que fizemos o FOCUS Grupo, quando criamos uma grelha, também com o João Gouveia, que é o cara da parte da avaliação aqui da ENSE. Portanto, foi quando eu fiz a Supervisão Pedagógica.

E no FOCUS Grupo nós começamos a registar aqui. Fomos às orientações curriculares e então começamos a fazer uma grelha para os 3, 4, 5 anos. Uma espécie de currículo.

O que é que nós, colégio nosso, a Senhora da Paz, achamos que precisamos desenvolver até aos 3, até aos 4, até aos 5. E portanto, fomos criando. Como é óbvio, essas grelhas foram avaliadas e avaliadas e avaliadas e avaliadas.

Portanto, nós já... Há muitos anos, não é?

[Speaker 3] (16:45 - 16:52)

As grelhas já foram feitas e refeitas há várias vezes.

[Speaker 2] (16:53 - 17:12)

Já foram mais de 5 ou 6 vezes refeitas. Porquê? Porque estamos sempre a auto-avaliar.

E a fazer avaliação. Portanto, tínhamos uma base que era o nosso projeto curricular. Do projeto curricular saíam as grelhas e as grelhas eram aplicadas na planificação.

[Speaker 1] (17:12 - 17:12)
Ok.

[Speaker 2] (17:15 - 17:18)
Portanto, depois, colocamos agora, juntamente com o passeio...

[Speaker 3] (17:18 - 17:35)
Esta menina fez este desenho. Certo. E, além do comentário ou do que ela disse, neste caso, tem muita dificuldade na fala, só disse que é o pato.

Nós selecionamos o que é que com este trabalho quais são as evidências. Imaginemos, se consegue colorir um desenho sem sair da margem, criar objetos ou cenas reais...

[Speaker 1] (17:35 - 17:40)
É praticamente um sistema de rubricas aplicadas aqui dentro dos domínios.

[Speaker 3] (17:40 - 18:14)
No final, imaginemos, se nós formos aplicar uma avaliação... Isso. Desculpa.

Carolina... Antigamente, o Child I só tinha as orientações curriculares. Entretanto, fomos falando porque a própria equipa também está constantemente a querer dar resposta àquilo que os educadores pedem.

Abriram os currículos e nós introduzimos aquilo que nós tínhamos em grelhas de papel para aqui. E acrescentamos agora já o português.

[Speaker 1] (18:14 - 18:14)
Ok.

[Speaker 3] (18:15 - 18:15)
Certo.

[Speaker 1] (18:15 - 18:16)
Então, nós já temos tudo.

[Speaker 3] (18:18 - 18:44)
Então, há dois tipos de formas de podermos avaliar. Podemos avaliar de uma forma descritiva ou então em grelha. Por exemplo, Ana Carolina, nos 4 anos.

Se nós decidimos ser em grelha, para os pais perceberem o que é que a criança também deveria conseguir, porque senão havia sempre a imagem de como o portfólio é a evidência de aquilo que a criança já consegue.

[Speaker 2] (18:44 - 18:44)
Positivo.

[Speaker 3] (18:44 - 19:09)

Às vezes os pais ficavam a achar que os filhos eram ótimos e não tinham áreas de melhoria. Então, nós optamos por esta, embora façamos sempre uma apreciação. Sim, em cada área.

Temos aqui, Ana Carolina não consegue fazer isto, já começa a apresentar estes sinais e já consegue cortar. Pronto. No final de cada área, então, temos uma apreciação daquilo que nós quisermos dizer.

E o que é que pode melhorar.

[Speaker 1] (19:09 - 19:23)
E essa leitura é uma leitura que está disponível para os pais. Que os pais, nesse caso, também conseguem ajudar e melhorar o trabalho dos filhos. E os próprios filhos têm de alguma forma acesso também a esta evidência?

[Speaker 2] (19:23 - 19:25)
Eles têm a evidência.

[Speaker 1] (19:25 - 19:29)
Ou seja, ao nível de desempenho onde se encontra.

[Speaker 3] (19:30 - 19:34)
Só os pais. Só se os pais demonstrarem. Embora nós tenhamos o...

[Speaker 1] (19:34 - 19:39)
Mas vocês, de alguma forma, dizem verbalmente tens de melhorar aqui, não tens... Pronto, é isso.

[Speaker 2] (19:39 - 20:05)
Olha, imagina agora, surgiu na sala o pássaro da alma. O pássaro da alma foi transformado de certa forma numa avaliação e autoavaliação em que eu faço ao final da semana. O pássaro da alma é uma história, não sei se conheces.

É o que vai estar dentro da nossa alma. É muito chique. Então o pássaro é que manda, que tem as chaves todas.

Está aí abrindo gavetas.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG educadoras parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 2] (0:00 - 0:41)

E nós depois decidimos, através daí, fazer para cada um como é que esteve o meu pássaro de alma nesta semana, mas com coisas que são reais para eles. Imagina, sabe estar à mesa usando as colheres, educadamente, que também são objetivos nossos, mas que, no fundo, é mais direto para eles. Usou as palavras mágicas, as palavras mágicas é por favor, obrigada, aquelas coisas que são visíveis, respeito às férias, brinquedos para o amigo, ajudei, pronto, essas coisas.

Depois, à frente, eles colocam, levam aos chapos. Ao final da semana fazem a sua autobiografia.

[Speaker 4] (0:41 - 0:41)

Ok.

[Speaker 2] (0:42 - 0:55)

Eu vou colocando, imagina. Depois, levam para casa no fim de semana. Uma coisinha com chapos e os pais fazem com eles ao fim de semana.

Há haver um intercâmbio, mas no fundo eles estão a autobolear-se.

[Speaker 1] (0:55 - 1:00)

Ou seja, não há uma ferramenta, mas eles têm na mesma acesso a tudo.

[Speaker 2] (1:00 - 1:00)

Têm acesso a tudo.

[Speaker 1] (1:00 - 1:01)

Pronto, é isso.

[Speaker 2] (1:02 - 1:03)

Têm acesso a tudo.

[Speaker 1] (1:03 - 1:12)

Porque aqui, se a ideia é justamente atuar junto dos alunos, a ideia é que eles próprios também têm noção de como melhorar, e não apenas dar uma indicação ao pai.

[Speaker 2] (1:13 - 1:21)

Não, até porque os pais, muitos deles, não sei se... Eu vi um chá-bar e que não sei o quê, não sei o que... E eles dizem-nos.

Dizem-nos.

[Speaker 4] (1:21 - 1:21)

Pois, é isso.

[Speaker 3] (1:22 - 1:27)

Dizemos porque os pais partilham. Porque nós, por exemplo, também conseguimos ver quem é que viu aquilo, quando é que viu.

[Speaker 1] (1:28 - 1:36)

Sim, mas, por exemplo, pode haver pais que vejam, mas de alguma forma aumentam ele, não partilham, etc. E eles assim têm sempre o mesmo contacto público, vocês próprias falam com eles.

[Speaker 3] (1:36 - 1:54)

Exatamente. Até no ato de fazer... Nós fomos num tablet disponível.

Num tablet. Há cinco, nove anos. Pronto.

A ideia era eles que eles eram. Sim, mas... Só que como isto não fica fechado, eles podem apagar as coisas sem querer.

Por isso nós temos de ter algum receio também.

[Speaker 2] (1:54 - 2:07)

Ou estamos com eles. Ou estragamos os tablets, ou estamos com eles. Que é, normalmente, em que se faz portfólio, não é?

Não é fácil, João. Eu posso dizer-te que este ano tenho ainda... As coisas ainda estão...

[Speaker 3] (2:07 - 2:08)

Arranjado o tempo para podermos fazer.

[Speaker 2] (2:08 - 2:14)

Arranjado o tempo para estarmos com eles, entendes? E fazer... Não temos.

Não temos.

[Speaker 1] (2:15 - 2:17)

Isso faz um bocado de ligação agora com esta situação.

[Speaker 2] (2:17 - 2:20)

Isto era necessário haver um desafio.

[Speaker 1] (2:20 - 2:45)

É essa a questão. Que é desafios. Como é que...

E nós, quando fiz o grupo na quarta-feira, também muitos falaram sobre essa questão. Como é que, na realidade, estávamos a tentar pôr aqui um modelo de autoavaliação de bem? Mas como em termos de tempo?

Pois. Porque, afinal de contas, em cenários, festas, projetos, avaliações, turmas, festas daqui e dali e daquilo lá.

[Speaker 2] (2:45 - 2:45)

E desenvolver.

[Speaker 1] (2:46 - 2:47)

E desenvolver. Pronto.

[Speaker 2] (2:48 - 2:49)

Onde é que ouvimos o tempo.

[Speaker 1] (2:49 - 2:55)

E depois, mais ainda, quando não temos só o que é da casa, mas temos o que é de fora da casa que vem cá, metermos em cima para depois nós...

[Speaker 2] (2:55 - 2:56)

Não é igual. Pronto.

[Speaker 1] (2:57 - 3:10)

O que é que vos parece que isto devia haver, por exemplo, nós temos o trabalho colaborativo às quartas, não é? Que, no fundo, acaba sempre por ser ocupado por mil e uma coisas. Isto era uma coisa que devia estar sempre marcada, esta questão da autoavaliação?

[Speaker 3] (3:10 - 3:17)

Sempre. Acho que sempre. Fazer parte...

Não podia. Fazer parte da... Era uma coisa em que nós não pudésemos fugir, não é?

[Speaker 2] (3:17 - 3:18)

Faz parte. Exatamente, faz parte.

[Speaker 3] (3:19 - 3:20)

Por exemplo, numa reunião temos...

[Speaker 2] (3:20 - 3:59)

Nós temos... Às vezes temos que fazer prioridades. Olha, mas hoje bem no dia da manhã nós temos que fazer isto, temos que fazer aquilo.

Depois a casa. Depois chegamos a casa e acrescentamos trabalho. Às vezes não conseguimos e a coisa vai andando, não é?

Portanto, não pode. Não pode. Depois, às vezes, acumulamos e...

Olha, e outra coisa que te vou dizer. Isto é nosso. Não, não é.

Pois. Isto é nosso, mas é do colégio. Porque isto também fica cheio.

É ou não, Isabela? Fica cheio. Depois, eu ainda...

Vou-te dizer, há pouco tempo não tinha espaço. Vi-me a Felita. A Ana tirava fotografias e para colocar...

[Speaker 1] (3:59 - 4:00)

Claro, tem que fazer isso tudo.

[Speaker 2] (4:00 - 4:04)

Atrás. Não temos computadores. Não tem coisas que também nos faltam.

São nossos.

[Speaker 1] (4:05 - 4:08)

Sim. É outra das coisas. Computadores, tablas...

[Speaker 2] (4:08 - 4:08)

Tudo.

[Speaker 1] (4:09 - 4:11)

Não tenho tablas, tenho tudo. Tudo, tudo.

[Speaker 2] (4:11 - 4:14)

Percebes? Outra das coisas que devemos incluir aí.

[Speaker 1] (4:14 - 4:14)

Sim.

[Speaker 2] (4:14 - 4:17)

Porque isto, para nós fazemos a forma como fazemos...

[Speaker 1] (4:17 - 4:19)

É preciso o logístico para isso.

[Speaker 2] (4:19 - 4:35)

É preciso o logístico. É a dívida. E também a própria colégio tem que perceber que tem que ajudar os professores.

Eu já lhe peguei a terceira vez que vou ali arranjar o meu computador. A Isabela ficou sem o dela. Pois.

O meu aluno tirou. Ela ficou sem o dela. Não tem seguro.

Sim. Como é que é isto?

[Speaker 1] (4:35 - 4:49)

E outra coisa ainda, que também falaram na outra reunião, que é... Para além de tudo o que é o trabalho, o que faz parte da autoavaliação, o conceito de melhoria, não é só rankings e notas e etc.

[Speaker 4] (4:49 - 4:50)

Claro.

[Speaker 1] (4:50 - 5:29)

A parte que também falam muito que falha, que tem de ser melhorada, é a parte do bem-estar. Ou seja, aquilo que nós, que nós, não temos e que nos ajuda a trabalhar melhor. Isso mesmo.

Seja a nível do convívio, só pelo convívio da coisa. Seja pelas condições que temos de lazer, lúdicas, etc. Seja até pelos encontros, passeios, etc.

que fazemos, porque é sempre o objetivo da interioridade X ou da congregação Y, não sei o que é. Não há nada. Só nós.

Só para apalharçar, só para ir ali à esquina, só para fazer não sei o que. Não há nada. E isso influencia na avaliação que nós fazemos.

[Speaker 2] (5:30 - 6:06)

Claro. Influência. Influência.

E eu acho que, de certa forma, não é só o nosso bem-estar. Além do nosso bem-estar, que estamos a falar aqui em mecanismos que precisamos para fazer o nosso trabalho, que acho que é importante. Desde, olha, até te vou dizer, desde o sítio onde pões o teu carro, que tens de pagar para haver trabalho, isso, estamos aqui a falar, falamos de tudo.

Desde as horas que nós ficamos aqui, e que é verdade que elas têm sorte no pessoal que está aqui, porque se não chegava ao final do horário... É verdade. Algumas vão embora, mas não querem.

[Speaker 1] (6:06 - 6:07)

Pode terminar.

[Speaker 2] (6:07 - 6:39)

Claro. E nós prestamos o colégio, damos a nossa camisa, damos tudo, pronto. E eu gosto do colégio, o colégio é como a casa, e a Isabel tem o mesmo sentido.

Se não, às vezes a primeira. Pronto. Agora, se não a primeira, exatamente, porque ficam os outros para lá.

O que é que nós precisamos? Precisamos também que nos acolham nesse sentido, que nos digam. Sim.

Olha, primeiro, a sala de informática, nós tínhamos sempre um técnico aqui que nos ajudava e apoiava a 100%. E esse técnico está a fazer muita falta.

[Speaker 1] (6:39 - 6:39)

Está.

[Speaker 2] (6:40 - 6:41)

Muita falta.

[Speaker 1] (6:42 - 6:46)

E vem uma fase crítica, com as provas de aflição e tudo o mais, tudo o resto.

[Speaker 2] (6:46 - 6:57)

Então temos que avaliar essas coisas. Depois, é assim, se nós temos que fazer de técnicos, de educadores, de professores, de avaliadores, de não sei o quê, não sei o que mais, nós vamos estourar.

[Speaker 4] (6:57 - 6:57)

Sim.

[Speaker 2] (6:58 - 7:10)

Portanto, temos que tentar perceber que esse bem-estar e essa dinâmica de grupo em que se possa ser livre, se expressar e não ter sempre um objetivo por trás, é preciso pensar-se.

[Speaker 1] (7:10 - 7:55)

E depois eu acho que, isto é a minha intervenção nisto, que vale o que vale, mas nós estamos a trabalhar com uma personalização, geralmente, o que é que eu vejo? Que os professores falam o nosso nome para dar trabalho ou para apontar o dedo. Quando há uma coisa que, ok, bom trabalho, etc., é o grupo. E eu acho que isto também fala que é personalização positiva. Se alguém faz bem, essa pessoa, cujo nome é X, deve o resto da comunidade conhecer que fez bem esta coisa e valorizar. E isto não é pôr a pessoa num pedestal a dizer, ok, é melhor que as outras.

[Speaker 2] (7:55 - 8:02)

Sim, sim. Nós temos dito isso. Nós somos as que lutam até mesmo pelos funcionários da casa.

[Speaker 1] (8:02 - 8:02)

Sim.

[Speaker 2] (8:03 - 8:05)

Até mesmo aquelas pessoas que dão um corpo, que estão cansadas.

[Speaker 1] (8:05 - 8:10)

Depois são as pessoas sem nome, que andam aqui, que acompanham o horário, que recebem e mandam.

[Speaker 3] (8:10 - 8:27)

Nós lutamos por isso. Isso. Já há alguns anos atrás, que tinha falado, por exemplo, as colegas auxiliares faltam imenso, imenso e fazem muita falta.

E depois, digamos, eu acho que não há um dia no colégio igual ao outro. Nunca há. Há sempre a faltar ali.

[Speaker 4] (8:27 - 8:27)

Exatamente.

[Speaker 3] (8:28 - 9:08)

E tudo isto desgasta as pessoas, andam sempre no telemóvel, onde é que têm que ir, a qual hora, não sei o quê. Sim. E isso desgasta os funcionários, digamos, e desgasta também a parte de sempre, porque nós também nunca estamos tranquilos porque nunca sabemos o que nos espera ou quem é que vem.

Claro que todos ficamos doentes. Claro que acontece. Mas valorizar aqueles que, mesmo com dor de cabeça, vêm.

Dor de costas. Dar um dia a mais. Não tenho medo de dar coisa...

Ai, tentava faltar a palavra, mas imagina-me, duas férias da introdução do carnaval. Não venho mais de uma tarde dos alunos. Deixem-nos ficar sem destirar os dias de férias.

[Speaker 1] (9:08 - 9:23)

Que às vezes há um bocado a ideia de que nós estamos aqui só mesmo a picar o ponto. Não é? Está legal.

É, picar o ponto. Temos trabalho colaborativo, mesmo que não seja preciso nada urgente, mesmo que não haja avaliações, temos de pedir. E depois, uma coisa que também os outros comentaram, que é...

[Speaker 3] (9:23 - 9:25)

É sempre tudo ao final da tarde.

[Speaker 1] (9:25 - 10:11)

Tudo ao final da tarde. Tudo a acumular reuniões em cima de reuniões, sem intervalos, sem nada. O atendimento dos pais é uma loucura, aquilo é demais.

E depois, tanta e tanta coisa que qualquer outra escola, desde que passou a pandemia, faz online. Não, nós temos de estar aqui, que é para toda a gente nos ver a cara e ver que estamos aqui a trabalhar. Não vale nada.

Não vale nada. Eu estou ali ao lado, este ano fiquei ali a acumular na Aurelia de Sousa. Temos intercalares que são feitas mediante necessidade de conselho de turma.

Se o conselho de turma decide que não é preciso fazer agora, a meio, não se faz. Pronto. Agora, saiu-se do final do primeiro semestre, temos uma intercalar logo passado o mês.

Para dizer o quê? Nada, que nem sequer há testes, não há avaliações...

[Speaker 3] (10:11 - 10:12)

Não há. Não há.

[Speaker 1] (10:12 - 10:15)

Não há elementos físicos. Pronto. E os paquetes...

[Speaker 3] (10:15 - 10:20)

Vocês têm agora quantos momentos? Têm duas intercalares e duas semestrais.

[Speaker 1] (10:20 - 10:22)

Exatamente, exatamente. Isso para que esteja em semestre.

[Speaker 3] (10:22 - 10:22)

Não é para logo chegar ao final.

[Speaker 1] (10:22 - 10:34)

E não só... É a questão que agora tem-se falado a ver como é que se vai resolver para o próximo ano e estou quase a crer que vai continuar tudo igual. Eu, por exemplo, tenho primeiro, segundo e terceiro ciclo em regime semestral.

[Speaker 3] (10:34 - 10:35)

O secundário...

[Speaker 1] (10:35 - 10:36)

O secundário é trimestral. Isso.

[Speaker 3] (10:37 - 10:38)

Vocês eram malucos.

[Speaker 1] (10:38 - 10:53)

Eu estou sempre a tentar encaixar reuniões em cima de reuniões porque, enquanto uns avaliam, outros estão a escrever sínteses. E as próprias sínteses, porque isto vocês passam pelo mesmo. Aquilo que nós temos de escrever, que é o relatório detalhado da coisa, nem é.

Ou é aquilo... Nada.

[Speaker 2] (10:53 - 10:54)

Ah, pois não.

[Speaker 1] (10:54 - 10:56)

Ninguém quer saber. Ninguém...

[Speaker 2] (10:56 - 11:04)

Nós fazemos mais curto, porque como temos as grelhas, nós indigimos o que é que ressalta em...

[Speaker 1] (11:04 - 11:05)

Mas nós...

[Speaker 2] (11:05 - 11:05)

Também fazem.

[Speaker 1] (11:05 - 11:11)

Fazemos só, porque como temos de meter lá as aprendizagens essenciais e tudo mais alguma coisa...

[Speaker 4] (11:11 - 11:12)

Aquilo é só o conhecimento.

[Speaker 1] (11:12 - 11:20)

Pronto. Portanto, recapitulando, falta de condições, falta de tempo e falta de articulação, diria eu também.

[Speaker 2] (11:21 - 11:23)

Ah, outra coisa é que nós dizemos, não há.

[Speaker 1] (11:24 - 11:24)

Não há.

[Speaker 2] (11:24 - 11:25)

Não há.

[Speaker 1] (11:25 - 11:29)

Porque aqui há, basicamente, dois ou três arquipélagos, não é?

[Speaker 2] (11:29 - 11:30)

É verdade.

[Speaker 1] (11:30 - 11:36)

Porque há o jardim da infância, que está em mais próxima ligação com o primeiro ciclo, mas...

[Speaker 4] (11:36 - 11:36)

Mas...

[Speaker 1] (11:36 - 11:45)

Mas... Mas... E vocês, primeiro ciclo e jardim, com um terceiro e um secundário, são bumbos à parte.

Em muitas coisas.

[Speaker 2] (11:45 - 11:48)

Se não fomos nós a puxar, ninguém vai. Pronto, é isso.

[Speaker 1] (11:48 - 11:49)

É isso.

[Speaker 2] (11:49 - 11:52)

Porque às vezes nós estamos a criar projetos e às vezes nós é que vamos.

[Speaker 4] (11:52 - 11:53)

Sim.

[Speaker 2] (11:53 - 12:06)

Mas ao contrário, ninguém vai. Ah, eu por acaso estive com os de artes. Mas tu estivestes com as artes e quem é que veio?

O secundário. Foi o secundário que foi. Ah, comigo também.

Então... Pois. Mas foi eu que fui buscar.

[Speaker 1] (12:06 - 12:10)

Sim, mas vocês estão aí a falar mais concretamente trabalhos que os alunos fazem.

[Speaker 2] (12:10 - 12:11)

Sim, sim.

[Speaker 1] (12:11 - 12:13)

Agora, articulação entre colegas...

[Speaker 2] (12:13 - 12:14)

Ah, entre professores. Já percebia.

[Speaker 3] (12:15 - 12:15)

Ah, pois.

[Speaker 2] (12:15 - 12:22)

Agora está a haver mais que o primeiro ciclo. Acho que está a haver mais. Sim.

Está a ser criado mais entre nós e o primeiro ciclo.

[Speaker 1] (12:22 - 12:23)

Mas, por exemplo, até no nível...

[Speaker 2] (12:24 - 12:25)

Mas deveria existir.

[Speaker 1] (12:25 - 12:36)

Eu sei que vocês... E há uma coisa que para mim é óbvia e que se calhar para vocês não é. O próprio facto do espaço de convívio e de reunião e de partilha ser diferente...

[Speaker 3] (12:36 - 12:36)

Sim.

[Speaker 1] (12:36 - 12:42)

Para mim não faz sentido. Eu sei que se calhar vocês estão mais próximas do local onde trabalham. O primeiro ciclo é igual.

[Speaker 3] (12:42 - 12:43)

Nós temos a sala.

[Speaker 1] (12:43 - 12:43)

Ok.

[Speaker 3] (12:43 - 12:45)

Não, por isso é que este ano veio cá para si.

[Speaker 1] (12:45 - 12:52)

Mas no fundo, aquilo que se vê é isto. Nós estamos aqui, os professores, não é? Nós estamos aqui na salinha, os professores.

[Speaker 3] (12:52 - 12:52)

Primeiro ciclo, reunião...

[Speaker 1] (12:52 - 13:00)

Primeiro ciclo, numa sala qualquer, vocês estão lá. E nunca há, a não ser nestas atividades conjuntas do colégio...

[Speaker 4] (13:00 - 13:00)

É verdade.

[Speaker 1] (13:00 - 13:24)

Que é uma missa, geralmente, não é mais nada, são missas, não se faz mais nada. Ah, desculpa. Não.

Eu posso falar com alguém da associação porque eu também trabalho nessa área. Claro. Eu, como professor de moral, também tenho a obrigação de comentar estas coisas.

E vejo que a única forma de partilha é esta que não é partilha nenhuma. Porque isto, basicamente, é um show-off, não é? Quem é que fez a coisa mais bonita, quem é que fez a coisa mais não sei o quê.

[Speaker 2] (13:24 - 13:25)

E depois isto não cria a união, sabe?

[Speaker 1] (13:25 - 13:26)

Não.

[Speaker 2] (13:27 - 13:32)

Não cria a união. Às vezes cria o... como é?

Sim, sim.

[Speaker 1] (13:32 - 13:33)

A competição, a competição.

[Speaker 2] (13:34 - 13:51)

Cria. Nós já falamos sobre isso. Portanto, já tínhamos comentado.

Eu acho que Black Star não existe na pré-escola. Nós somos três, somos poucas, mas estamos bem. Mas depois nós notamos.

Nós percebemos o que existe nos outros sítios, não é?

[Speaker 1] (13:51 - 15:16)

E que depois até há um colocar de lado porque os meninos não podem, porque os meninos não sabem, porque não conseguem, não é? Em vez de preparar atividades que realmente sejam integradoras de toda a gente, não, vamos fazer um doping aqui agora. Podem ir para a capela, que pronto, despecha-se para lá.

Depois ali os maiores, que são mais vistosos, vão ali para a paróquia e fazem não-sei-quê. E anda aqui tudo a ritmos diferentes. E depois, o que é que se vê?

Numa semana em que se tenta encaixar assembleias de ano, mais celebrações, mais as festas, mais não... Não é? E depois ter-se tempo.

Porque? Para preparar as caminhadas de quaresma, para preparar o dia da mãe, o dia do pai, a Santa Paula, não é? E dar aulas, que é bom.

Não é? Pronto, é um bocado por aqui. E isto também faz parte desta avaliação.

E eu acho que nisto, também, os outros professores de 1º, 2º, 3º ciclo, também foram muito, muito unânimos nisto. Que é, o principal é o ensinado. O principal é o acompanhado.

E depois o resto vem para o quaresma. Há ideias da congregação, há um perfil do aluno das congregações, ok. Mas isto não pode desvirtuar o principal.

Porque se não, depois o que é que temos? Depois temos ali os vizinhos do lado, que já estão a construir a casa nova e não tarda nada, nós temos isto aqui às moscas. Que é o que se tem visto.

[Speaker 2] (15:16 - 15:18)

Tarde e corre, tarde e corre.

[Speaker 1] (15:18 - 15:51)

Não tem havido aumento, pelo contrário, não é? Cada vez estamos menos. E também, porque eu acho que apostou-se muito do cavalo errado.

Deu-se muito aqui aquela coisa de, aí, o secundário, boa, bora ao secundário. Mas quem está neste momento a manter muito o secundário, quem está a manter muito o secundário, são miúdos que estão aqui dos 3 anos, neste momento. E é a conta disso que eles estão cá agora.

[Speaker 2] (15:51 - 16:04)

Não vale a pena, João, já batalhamos, já batalhamos. E a Ilhas não desiste, a verdade é que não, não é? A Ilhas é muito persistente, mas está difícil.

Pois. Nós...

[Speaker 1] (16:04 - 16:13)

E a nível de condições e tudo, não é? Quer dizer, virmos para cá para este lado e lhes parece minimamente aceitável, não é? Vamos para ali, está tudo a rir aos pedaços.

[Speaker 3] (16:14 - 16:27)

Eu estava um bocadinho a almoçar e vi ao mesmo do terceiro ano a sair do quarto, no meio daquela escuridão. Estava o irmão 2, a Aura, a sair pela outra porta. Eu disse-lhe, o que é que era aquilo que ia fazer?

Estou-lhe seguro.

[Speaker 1] (16:28 - 16:44)

Porque há uma coisa que também falha, e eu, pelo menos nos 4 anos que já cá estou, nunca ouvi, que é um encontro comum de todos os colaboradores para falar, para fazer, para discutir.

[Speaker 2] (16:44 - 16:46)

Isso já há muito tempo.

[Speaker 1] (16:46 - 16:48)

Isto fala-se de assembleias de alunos, a maioria.

[Speaker 2] (16:49 - 17:01)

Não esqueça, não, olha, já há muito tempo que o próprio Elídio diz, falta articulação, falta reunião, falta reunião de coordenadores, falta reunião de ciclos. É necessário, antes havia.

[Speaker 1] (17:02 - 17:06)

Falta um conselho geral docente que é para falar destas coisas todas. E nós chegamos a dizer.

[Speaker 3] (17:07 - 17:09)

Nós trabalhamos em grupos.

[Speaker 1] (17:09 - 17:16)

Uma coisa extremamente simples, está toda a gente mais ou menos do mesmo acordo. A questão de se precisa refeição, por exemplo.

[Speaker 2] (17:17 - 17:18)

Já batalhamos tanto.

[Speaker 1] (17:18 - 17:22)

Ou outras coisas que nós notemos que o nosso assinamento é de sete anos.

[Speaker 2] (17:22 - 17:38)

Estás a 17 para 18. A 18 para 19. E eu estou a 17 para 18.

Isto nós batalhamos ao tempo. Ao tempo em relação à refeição. E não é só a nossa.

É o que nós vimos nas crianças. Nós vamos para mais.

[Speaker 1] (17:40 - 17:50)

Que é mau. O que eu tenho visto é muito mau. É muito mau.

E não percebo como é que os pais não sabem. Ou não querem saber.

[Speaker 3] (17:50 - 17:56)

Sabem, sabem. Sabem que há sempre grupos dos pais do sétimo ano e tudo.

[Speaker 2] (17:56 - 18:08)

Ah, pronto. Os mais velhos. Os nossos não.

Mas os nossos também. A verdade seja dita. Têm as educadoras que estão sempre a defender.

Não vêem as coisas erradas de lá para trás.

[Speaker 1] (18:08 - 18:08)

Claro.

[Speaker 2] (18:09 - 18:13)

Agora os outros não. Na verdade não. Os mais velhos não.

[Speaker 3] (18:13 - 18:18)

Sim. Apresentam-nos a aqueles problemas. Sabem, sabem.

O meu Deus, o que é que eles falavam.

[Speaker 1] (18:19 - 18:21)

E continuam. É. Continuam.

[Speaker 3] (18:21 - 18:24)

Agora, aqui não falam muito do que eu percebo.

[Speaker 1] (18:24 - 18:24)

Não, mas...

[Speaker 3] (18:24 - 18:25)

Do que agora trazem de casa.

[Speaker 1] (18:26 - 18:33)

É isso. Mas até essa questão, quer dizer, ok. Trazem de casa.

Tenho que pagar até para a comida que trazem de casa.

[Speaker 3] (18:34 - 18:41)

O meu também falaram muito. O meu era tal. Ah, pois.

Nós dizemos. Aquecia. Aquecia para lavar a bolsa.

Para ter uma pessoa lá a entrar.

[Speaker 1] (18:41 - 18:49)

Para entrar. Quer dizer, alguém traz para para o aeroporto uma coisa que nem vai para o microondas e que leva e guarda e vai pagar só o quê? A taxa do assento?

[Speaker 3] (18:50 - 18:54)

Eu não acho. Ai, pá. Um, dois.

Depois pago. Eu estou a dizer que acho bem, mas pago.

[Speaker 1] (18:54 - 18:57)

Pronto. A questão é essa. Pronto.

[Speaker 3] (18:57 - 18:58)

Perceberam a ideia disso, não é?

[Speaker 1] (18:58 - 18:58)

Sim, sim.

[Speaker 3] (18:58 - 19:02)

Eu acho que quem vai ali à Celeste buscar uma pizza e quer comer aqui com os colegas, paga. Mais vale ir para a sala.

[Speaker 1] (19:04 - 19:20)

Isso no fundo. Acho bem isso. E já perceberam que isto, chegando aqui ao fim, do que era a ideia de falar.

A ideia passa um bocadinho por aqui. E isto não é inocente o que eu pus aqui no fim, porque eu realmente acredito muito nisto. Falta felicidade às escolas.

[Speaker 2] (19:21 - 19:41)

Uí. Falta. E sabes o que eu penso?

Cada vez que caminho mais, e eu às vezes penso questão assim, mas sabe se eu estou a ficar mais velha? Eu tinha mais alegria há uns anos atrás. Sem dúvida.

De educar, de fazer. E por isso que às vezes, a Isabel também diz muitas vezes...

[Speaker 1] (19:41 - 19:43)

Eu às vezes vejo...

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG professores parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 2:28)

Isto também, como eu disse, não é uma coisa para estarmos aqui a partir pedra, nem para chegarmos aqui à pólvora. Isto é um dos elementos. E a primeira ideia que parto é justamente, o que é esta alta avaliação escolar?

Isto, no fundo, para já, e acho que para todos têm essa noção, não é sinónimo da avaliação do Centro, não é sinónimo de rankings, não é sinónimo de nada que muitas vezes nós estamos habituados a ter em conta, não é? Porque achamos, ok, eu vou dizer uma coisa que depois vai ser usada para mim, ou contra mim, para eu ser avaliado, para subir de escalão, ou para ter uma progressão, uma coisa qualquer, não é? Isto, objectivo, é um trabalho comum, e eu posso dizer de todos vocês que estão aqui presentes, e os outros que também poderiam estar, que tenham sido chamados, vejo-vos com um interesse no colégio, enquanto instituição, e enquanto algo que queira me fazer melhorar, e isto é importante.

Eu, que tenho a facilidade de já ter trabalhado em muitos lados, vejo aqui o que não vejo em muitas outras escolas, que é um espírito mais ou menos unificado de tentar a melhoria, de tentar o crescimento. E é também nesse sentido, é tentar avalizar o que é que pode ser feito, o que é praticável, e o que é que parte da instituição, enquanto órgãos gerentes, vejamos assim a direcção, o que é que parte de professores, o que é que parte dos alunos, isto vai ser aplicado também a alunos. Este focus group, com alunos de 2º, 3º ciclo e secundário, vai haver um 3º focus group com os assistentes educativos, também para ter uma visão mais alargada, não vai ser feito com a direcção, porque aí foi feito um modelo diferente para as entrevistas.

E então, esta lógica que eu parto já daqui. Boas práticas de auto-obedição, que existem em outras escolas. Quem já passou por escolas, estruturas de escolas públicas, sabe que há mecanismos que já se estão estruturados, como por exemplo o ECAVETE, ou outros que há recentes, são mecanismos globais, nacionais e muitas vezes internacionais, de medição, de aferição.

Com pratos muito bem definidos, com patamares que se têm de atingir, com documentos que têm de ser aplicados, impostos, digamos assim, para que isto corra bem. E temos aqui a Ana Cabral a ligar, deixem-me ver o que é que ela quer.

[Speaker 9] (2:43 - 2:45)

Ou mais fácil, não é o momento?

[Speaker 1] (2:47 - 2:48)

Faz mais fácil.

[Speaker 8] (2:55 - 3:01)

Mais uma vez. É a tenda? Pronto.

[Speaker 1] (3:02 - 3:22)

Nós, entretanto, estamos a acompanhar a gente neste grupo, as outras pessoas, entretanto, não puderam estar, porque não foram organizadas. Fazemos só isso. Estamos todos em companhia.

Pronto. Eu vou estar aqui, em posição de destaque, não tenho necessidade nenhuma. Vem aqui para a vossa vez.

[Speaker 3] (3:23 - 3:26)

Pronto. Acho que tens a outra para o lado. Tens aqui a Ana.

[Speaker 1] (3:29 - 5:22)

Pronto. Ora bem, então... Portanto, isto aqui já perceberam a ideia.

Isto foi a introdução que eu estava a fazer, o que é que se pretende com isto, e agora começar a trabalhar aqui algumas coisas em concreto. E a primeira coisa que eu vou passar à frente, porque isto foi um formulário vindo também do orientador, como é óbvio, como vou estar agora a perguntar, olá, como é que se chama? Pronto, etc.

Essas coisas, que é um bocado, enfim. Pronto. E mesmo este envolvimento na autoavaliação, vocês de uma forma ou de outra já vão tendo.

De uma forma que vos é muito própria. Uns que já o tiveram no papel de coordenadores, outros que o têm diariamente no papel de avaliadores, de alunos, do seu desempenho, da sua aprendizagem, e também daquilo que nós vamos fazendo, a nível de grupos de trabalho, projetos interdisciplinares e afins, que depois há um feedback daquilo que resulta ou não, e o que pode ser melhorado. Portanto, de uma forma ou de outra, o conceito de autoavaliação está sempre lá.

Não de uma forma, muitas vezes formal, às vezes até uma conversa de corredor e nós pensamos ah, isto correu bem, aquilo menos bem, e vamos tentar resolver. Pronto. Agora, isto é também com base em algo que não existe.

E é isso que eu quero chamar a atenção muito para isto. Há aqui perguntas, parece que já está aqui alguma coisa a acontecer, de alguma forma, mas não é. Ou seja, vamos já ver aqui este primeiro caso.

Como é que é a vossa experiência com autoavaliação na escola? Do tempo que vocês estão cá, uns mais, outros menos, que momentos é que já encontraram de efetiva autoavaliação na escola? Seja a nível do departamento, seja a nível institucional no todo, seja a nível de algum projeto específico, alguma atividade em específica.

[Speaker 2] (5:22 - 5:26)

E ele, como é que é, uns anos? Eu aqui já me sinto mais velho.

[Speaker 1] (5:26 - 5:27)

Exato, pronto.

[Speaker 2] (5:27 - 5:28)

Até mais tempo.

[Speaker 1] (5:28 - 5:31)

Eu ia dizer, tu não és o mais velho, mas pronto.

[Speaker 3] (5:31 - 5:41)

Quando vim para cá, não sei se foi há 10 anos, ou coisa do género, havia um pedido de nós fazermos uma oferincha, enviar uma autoavaliação, investindo uma dinheiro com a direção.

[Speaker 1] (5:42 - 5:45)

De cada um, uma autoavaliação docente.

[Speaker 3] (5:45 - 5:50)

Cada um que fazia, enviava a sua autoavaliação. E, pelo menos, dois anos tiveram de fazermos isso.

[Speaker 2] (5:50 - 6:40)

Sim, eu acho que se perdeu aqui um conjunto de ferramentas de avaliação, autoavaliação, que me parecem importantes e que, se calhar, convinha a repensar na sua viabilidade e retorno. Uma delas tinha a ver com a avaliação que os encarregados de educação faziam. Nós perdemos qualquer processo.

Nós não temos, neste momento, um processo que avalie o grau de satisfação. E, muitas vezes, até de perceção. O grau de satisfação dos encarregados de educação perante o nosso trabalho.

O nosso e o da direção. E institucional. Na verdade, eu sabia.

E fez durante vários anos. Sim, até quando era adulto.

[Speaker 7] (6:41 - 6:42)

Sim, sim.

[Speaker 2] (6:42 - 7:01)

E, portanto, perdeu-se. Portanto, acho que é, não sei, se a direção tem esta ideia de que, efetivamente, não é extremamente necessário para o nosso trabalho, muito bem. O que eu penso é que perde-se aqui, claramente, uma hipótese de encontrar áreas de melhoria.

[Speaker 1] (7:02 - 7:02)

Sim.

[Speaker 2] (7:03 - 7:31)

Que nós, estando aqui, obviamente, não temos essa perceção, mas quem está de fora pode ter essa perceção. Pronto. Outra coisa que também é o nível da avaliação.

Eu acho que é importante até para nós percebermos. Que é, faz-se alguma avaliação que permita perceber o grau ou a percentagem de inscrições efetivas relativamente às imprevistas.

[Speaker 8] (7:31 - 7:31)

Sim.

[Speaker 2] (7:31 - 7:42)

Porque, na verdade, isso não existe. Nós vemos muitas pessoas a virem visitar o colégio, a fazerem pré-inscrições e etc. E depois não sabemos qual o grau.

[Speaker 5] (7:42 - 7:42)

Não corresponde.

[Speaker 2] (7:42 - 7:43)

Se calhar nós não temos que saber.

[Speaker 1] (7:43 - 7:44)

Sim, sim, sim.

[Speaker 2] (7:44 - 8:04)

Nós, professores, não temos que saber. Mas a direção faz esse levantamento e, se faz esse levantamento, tenta perceber o que é que leva outros pais a não optarem pelo colégio. Nós podemos estar a achar que, se calhar, temos que apostar nas infraestruturas e os pais podem achar que, se calhar, são os métodos sensíveis.

[Speaker 1] (8:04 - 8:06)

Pois, é isso. Exatamente.

[Speaker 2] (8:06 - 9:06)

Ou então que, não é? Portanto, na verdade, pronto. E acho que isso também era algo que, ao nível da avaliação, quando falaste, claro, nas escolas públicas, se cria professores, claramente, e já estão intrínsecos e já se fazem, a Mónica em Cristelo, há 20 anos, foi responsável pela avaliação de, agora, não sei como é que se chama, aquilo que não é um nome muito próprio, e eles avaliavam tudo, tudo, tudo.

Pronto. E, na verdade, acho que nós, ao nível da autoavaliação, foi engraçado quando eu vi, precisamente, que fazia parte desse focus group, porque, na verdade, nós andámos a falar muito da autoavaliação, mas, na verdade, evoluímos muito pouco na autoavaliação. Com exceção daquilo que disseste e que a Helena vai fazendo, que é, sobretudo, a autoavaliação relacionada com a implementação de projetos, de resto, outros professores apareceram.

[Speaker 8] (9:06 - 9:07)

Sim.

[Speaker 2] (9:10 - 9:36)

E isso é outra coisa que me leva a pensar da extrema necessidade de questionar os pais. Obviamente que a opinião dos pais não nos deve direcionar ou ser imperativo relativamente ao projeto ou ao caminho que temos traçado e queremos. Mas, efetivamente, eu acho que devemos questionar se, efetivamente, aquilo que nós estamos a implementar no seio da bússola é, efetivamente, aquilo que os pais querem.

[Speaker 5] (9:36 - 9:47)

É porque, se calhar, os pais em casa ou, muitas vezes, o aluno, quando responde à autoavaliação, se calhar ainda está a pensar e responde de uma forma que o professor, até bem, vai gostar da resposta.

[Speaker 1] (9:47 - 9:48)

Sim, sim.

[Speaker 5] (9:48 - 9:51)

Se calhar, em casa, os pais têm mais essa sensação...

[Speaker 1] (9:51 - 10:12)

E, no fundo, o que é que parece que, muitas vezes, é a autoavaliação para o aluno? É uma forma dele autovalorizar-se, de fazer coincidir a nota que ele a próprio atribui à nota que está à espera de ter na pauta. E, também, aquilo passa mais pela questão da aprendizagem e não pela questão da melhoria.

A autoavaliação é muito daquilo que é...

[Speaker 2] (10:12 - 10:15)

A autoavaliação, neste momento, nos alunos, é muito mecânico.

[Speaker 1] (10:15 - 10:17)

Exatamente. Com o cálculo...

[Speaker 2] (10:17 - 10:31)

Com a utilização das rubricas, etc. Porque nós temos um processo muito, muito mecânico. Com exceção, obviamente, daquela questão da qualidade do trabalho e o desempenho em sala de aula.

Porque tudo o resto, na verdade, é mecânico.

[Speaker 5] (10:31 - 10:54)

Eu acho que a questão dos alunos, em relação à autoavaliação, também não é... Para eles, não é uma coisa que lhes dão importância. Não há necessidade de realizar sequer essa autoavaliação porque, sabe, aquele momento não vai alterar nada daquilo que já foi feito.

E, portanto, eles não vêem a necessidade, aquela necessidade de se estar a fazer essa autoavaliação.

[Speaker 1] (10:54 - 11:29)

E, até, a mesma questão do que vai acontecendo a nível das assembleias, por exemplo. Nós temos as assembleias de turma, as assembleias de ano, com moldes muito diferentes do que acontece no primeiro ciclo do que acontece nos outros ciclos. E eu tenho a facilidade de poder trabalhar em todos eles.

E vejo que há, por exemplo, no caso do primeiro ciclo, há um envolvimento maior e há uma motivação maior intrínseca dos miúdos para darem a sua opinião, para se envolverem, para tentarem soluções, para sugerirem. E nós chegámos, e nós vemos isso recentemente, que quando temos uma assembleia de ano, a partir de um certo ano...

[Speaker 2] (11:29 - 12:17)

Achava-se, isso fez razão. Mas isso acontece, na minha opinião, por dois motivos que nos estão necessariamente ligados. Um, os mais novos tendem a ser muito mais interventivos, do que, claramente, os mais espontâneos.

Mais genuínos, mais espontâneos. Sem filtros, sem nada. Primeiro.

Segundo, nós não temos boas experiências com as assembleias de ano no terceiro ciclo e secundário. E o que eu quero dizer com as boas experiências é que é preciso melhorar o aquecimento das salas. É preciso melhorar...

Percebem? Portanto, é muito mais fácil se eu desfazer, do ponto de vista da direção, provavelmente, as medidas do primeiro ciclo, do que, propriamente, as medidas do segundo e terceiro ciclo.

[Speaker 3] (12:17 - 12:25)

Sim, quando eles pedem mais divertimentos para o recreio. Façam-lhe umas cordas, uns arcos... E têm a percepção de que alguém os ouviu.

[Speaker 4] (12:25 - 12:33)

E é por isso que nós deixámos organizar viação naval. Uma coisa que é possível nos organizar e aquilo acontecer quase tudo na sua totalidade.

[Speaker 7] (12:34 - 12:35)

No terceiro ciclo é diferente.

[Speaker 4] (12:38 - 12:41)

A sala é pequena, é estrutural.

[Speaker 3] (12:43 - 13:08)

Mas há detalhes do carnaval, por exemplo. No carnaval do terceiro ciclo da Beira-da-Riva, nem tinha para onde estar. Eles não tinham.

Eles estavam coitados. Ou seja, ali está a Beira-da-Riva, mas ali estão os do primeiro ciclo a ver um espetáculo. Nós vamos para onde?

Está a chover? Fiquem-nos corredores de amátricos. E isto foi o carnaval deles.

Portanto, eles não... Pois, mas o Lisboa Livre também não tem a iniciativa de sugerir alguma alteração para o próximo ano.

[Speaker 2] (13:09 - 13:28)

Eles sugeriram. O problema é que muitas vezes aquilo que eles pedem não é possível. São as janelas novas que são precisas por causa do barulho.

É o aquecimento que é preciso. Aquecimento de ar condicionado, na verdade, não tem sido dado resposta.

[Speaker 3] (13:29 - 13:30)

Servir-se a comida mais diferenciada.

[Speaker 2] (13:30 - 14:25)

É a comida, a qualidade da comida. Nós podemos questionar, para nós pode estar boa. Mas aqui há uma palavra, uma expressão que a Dra.

Maria utilizava. E se calhar ainda utiliza. Mas o que eu fixei já há alguns anos atrás.

Em resultado até daqueles inquéritos que se faziam aos pais. Da autoavaliação que se faziam aos pais. Que é a percepção.

Nós temos que lidar com a percepção dos pais. Como temos que lidar com a percepção dos alunos. Se para os alunos a comida não é boa.

Temos que tentar perceber o que é que a comida para eles não é boa. E o secundário vai mais além. O secundário chegou a propor, por exemplo.

Que as aulas de integridade não tivessem o peso que têm. E depois há uma resposta. Mas eles acabam por não perceber, no fundo, essa resposta.

E para não falar, no fundo, outras coisas. Isto quer dizer que no primeiro ciclo, na verdade, é muito mais fácil.

[Speaker 3] (14:26 - 14:49)

São os ciclos mais práticos em que eles se sentem envolvidos. Por exemplo, há uma janela com uma lâmpada da sala que não funciona. Já podia ter.

Não, mas eles sentem-se incêndios. Eles escrevem uma carta à direção. E isso, a direção, na semana a seguir.

Os pedidos dos mais crescidos são mais complexos.

[Speaker 2] (14:50 - 14:57)

São mais complexos do ponto de vista orçamental. E são mais complexos do ponto de vista estrutural.

[Speaker 4] (14:57 - 15:07)

E não esqueçam também que eles, muitas vezes, até passam por dinâmicas de sala-aula. Ou entre turmas. Ou entre, não propriamente, conflitos mais estruturais.

[Speaker 1] (15:08 - 15:41)

Mas, por exemplo, uma coisa que eu, pelo menos, noto. Que há, também, aqui, uma diferença relativamente àquilo que se vai fazer noutras escolas. É, há esta parte em que se procura a opinião.

Esta avaliação do funcionamento. Estas questões de melhoria. As áreas de melhoria nos alunos.

Mas, nos quatro anos que vão que eu estou cá. E, certamente, vocês irão mais tempo. Nunca tive uma assembleia de professores.

Nós comentamos entre nós, mas...

[Speaker 2] (15:41 - 15:50)

Mas eu nem vou pela assembleia. Aqui, a questão fundamental é exatamente esta. São muito poucos os momentos em que os professores são ouvidos.

[Speaker 3] (15:50 - 15:52)

Nem é de professores, é de colaboradores.

[Speaker 2] (15:53 - 15:54)

Do geral, sim.

[Speaker 1] (15:54 - 15:56)

Estou a falar no meu caso, mas, sim, é extensível.

[Speaker 2] (15:57 - 16:25)

Numa escola pública, existem as reuniões gerais. E são, precisamente, para isso. Aqui há muito pouco.

Eu sempre disse à direção, mais concretamente, à Dra. Maria. Mesmo como coordenador.

Que sentia que muitos professores não se sentiam ouvidos. Porquê? Porque há uma sobrevalorização.

Na minha opinião, atenção, eu fui diretor de turma durante 20 anos. Há uma sobrevalorização da reunião diretor de turma. Onde tudo e mais alguma coisa é decidido.

[Speaker 1] (16:25 - 16:27)

As vezes, sem os outros terem conhecimento.

[Speaker 2] (16:27 - 16:33)

E não é só os outros terem conhecimento. É, tu opinas como diretor de turma, mas os outros não têm direito a opinar.

[Speaker 1] (16:33 - 16:37)

Não és instruído para ser representante de ninguém, basicamente. Pronto, seja o que for.

[Speaker 2] (16:37 - 16:51)

Mas, na verdade, os outros não opinam. Ou seja, quando entrei aqui. Não estou a dizer que o processo tenha de ser este.

Havia os departamentos. Ok? Portanto, o que acontecia era o que acontecia nas escolas normais.

Nas escolas normais, é claro.

[Speaker 8] (16:51 - 16:52)

Sim.

[Speaker 2] (16:52 - 17:21)

Com uma estrutura, digamos, normal. Que é direção, departamentos, grupos disciplinares, professores. E, portanto, o departamento recolhia os grupos disciplinares que, por sua vez, recolhia os professores.

Eu sei que a nossa realidade é um bocado diferente. O professor de Geografia é disciplinário e é do departamento. Portanto, mas o fundamental é, neste caso concreto, nós não temos professores que não se sentem, claramente, ouvidos.

[Speaker 4] (17:21 - 17:47)

Estavas muito bem. Voltamos aqui. Nós, há uns anos atrás, tínhamos aqueles momentos em julho que era uma conversa individual, uma relação de desempenho integral.

Em que, ok, falavas do teu propósito ao ano do ano, mas também tinhas momentos de poderes. Era uma conversa de uma direção. E, se calhar, há pessoas que têm um perfil mais facilmente de chegar lá e, na outra, pode dizer que está mal isto ou aquilo, ou de sugerir.

E há outras que não têm essa espontaneidade.

[Speaker 1] (17:48 - 17:53)

Mas, por exemplo, se tu tivesses esse momento de um para o outro, acabas...

[Speaker 4] (17:53 - 17:53)

Já conseguimos dizer?

[Speaker 1] (17:53 - 18:02)

Podes dizer alguma coisa, mas, por outro lado, também pegas o mercado, a noção de grupo, se é uma opinião isolada ou se é algo que é para tirar por baixo de todos.

[Speaker 2] (18:02 - 18:12)

E o grupo leva à discussão. E a discussão leva, normalmente, à melhoria. Enquanto que um diálogo dois-a-dois pode ter ali alguma parada.

[Speaker 4] (18:12 - 18:17)

Não serem ouvidos também pode ser essa coisa de não ter muito tempo para eu poder ir dizer.

[Speaker 2] (18:19 - 18:26)

Sabe o que é que eu acho? E aí não é por aí. Até porque, felizmente, a nossa direção tem a porta aberta.

[Speaker 1] (18:26 - 18:27)

Está disponível.

[Speaker 2] (18:28 - 18:50)

Eu acho que há professores que nos sentem ouvidos neste contexto em que podemos conversar abertamente sobre os problemas que nós achamos que afetam o colégio e que precisam efetivamente de ser resolvidos. E não há nada melhor do que se chamem reunião geral, se chamem o que for, mas não é verdade.

[Speaker 1] (18:50 - 19:16)

E se vai dar um bocadinho, e dando seguimento a isto, a esta parte que já está de processo e ferramentas, o que é que nós poderíamos pensar, ou que gostaríamos de ter como elementos de autoavaliação? O que é que pode ser prático? E de que forma é que isso avalia alguma coisa?

Ou é apenas também, podemos correr esse risco, mais um papel, mais uma grelha, mais uma coisa para ficar ativada?

[Speaker 2] (19:16 - 19:20)

Mas se só é mais um papel, se só é mais uma grelha, se não trabalharmos nos dados e não trabalharmos no grado.

[Speaker 1] (19:20 - 19:21)

Pois, é isso.

[Speaker 2] (19:22 - 19:50)

Por isso é que é mais um papel. Agora, se nós medirmos, se nós medirmos não, se fizermos o enqueiro de satisfação, os enqueiros de educação, e se pegarmos nisso, se pegarmos no que lá está, no resultado, nos dados, e transformarmos aquilo em informação para que possamos provocar a melhoria no colégio, não é mais um papel. É um papel bastante significativo.

O mesmo acontece com os alunos. Por muito que ano após ano, aliás, isto não precisa de ser feito ano após ano.

[Speaker 7] (19:50 - 19:50)

Sim, sim.

[Speaker 2] (19:50 - 20:03)

Agora, tem que ser feito de forma sistemática e regular. Pá, dois em dois termos, dois empresários, uma coisa com cabeça, tronco e membros, de princípio ao fim, e transversal.

[Speaker 1] (20:03 - 20:59)

Mas, por exemplo, pensando numa coisa que está a começar a ser construída, ou que ainda não está construída, que tudo isto vai dar origem a essa construção. Para já pensar em prazo, o que é que poderia ser praticável? Nós tivemos agora, sobretudo o 2º e 3º ciclo, e também o secundário, toda esta reformulação a nível de modelos de avaliação, das rubricas e tudo mais.

E foi uma coisa que foi muito, assim, feita em pouco tempo, em muito pouco tempo, e a implementação menos tempo ainda, ao ponto que houve pais, alunos e nós próprios que nos sentimos um bocadinho desconfortáveis com todas estas mudanças. Para tentar um modelo de autoavaliação, o que é que nos parece que seria o prazo ideal ou o tempo de organização? Era pensar ao longo de um ano para aplicar no ano seguinte?

Que vários momentos é que podemos pensar para construir esse modelo? Que intervenientes? O que é que vos parece?

[Speaker 6] (21:04 - 21:26)

Estás aqui muito... Antes do estágio, eu estava a pensar que é importante que afirmemos dois, ou menos, o que é que vamos dizer, comunicação, relação, não sei o quê. Portanto, pedagógico, termos, assim, vários, e depois perceber quem é que entra em cada um, não é?

Quem é que vamos buscar informação para a comunicação? Vamos buscar os pais? Vamos buscar as pessoas?

Vamos buscar os funcionários? E tentar definir, assim mesmo, nas horas e depois perceber como é que vamos escolher a informação.

[Speaker 1] (21:26 - 21:35)

Eu acho que aqui a ideia principal é mesmo essa, é tentar que o máximo da comunidade educativa esteja envolvida no processo de autoavaliação. Professores, pais, alunos, tudo, tudo.

[Speaker 2] (21:36 - 21:38)

Independentemente dos domínios que ficam a ser...

[Speaker 1] (21:38 - 23:10)

Mesmo porque há uma coisa que também se reflete na autoavaliação institucional, que é o grau de ligação da instituição com outras instituições externas. A ligação com câmaras, com associações, com outras entidades públicas ou privadas. Isso também é um sinal do grau de eficiência e do grau de abertura que nós temos para trabalhar outras dinâmicas.

Porque nós, no fundo, aqui, vemos no primeiro ciclo, vemos noutros ciclos, que modelos é que temos. Não temos propriamente muitos. Porque outros centros educativos não têm o mesmo tipo de organização estrutural que nós temos.

Aqueles que têm pontos em comum, por exemplo, no caso do primeiro ciclo, também não têm dinâmicas como nós conseguimos ter cá. E a coisa vai sendo um bocadinho difícil de... Porque, aliás, até o próprio modelo que nós vamos tentar ter aqui pode não ser necessariamente o modelo ideal para outro centro educativo qualquer.

Isto tem de ser uma coisa muito ajustada a nós. Agora, acho que, por exemplo, essa questão de ter um inquérito de satisfação, seja de que forma for preenchido ou presencial de alguma forma, isso sim. Agora, a nível de equipa, isso também convém haver alguém que esteja destinado para essa área.

De que forma é que, por exemplo, na vossa opinião, podia ser constituída uma equipa destas? Com a envolvência de todos os elementos, com apenas representantes de todos, seria novamente a comunidade. Estamos a falar de professores, educadores, alunos, pais, assistentes educativos...

[Speaker 3] (23:10 - 23:12)

Representantes de cada um destes grupos.

[Speaker 1] (23:12 - 23:15)

Certo. O que é que vos parece?

[Speaker 2] (23:17 - 23:20)

Tem de ser transversal. Quanto mais transversal, melhor.

[Speaker 3] (23:22 - 23:25)

Claro que sim. E só um, parece-me pouco. Sim, sim.

[Speaker 1] (23:25 - 23:27)

Estou a falar a representatividade.

[Speaker 3] (23:28 - 23:41)

Sim, sim. Parece-me que sim. Eu acho que este tipo de coisas é assim.

Quanto mais parece, melhor. Não é com qualidade, com evidência, mas se conseguisses... E há esta situação até ao final do ano.

Queres tu?

[Speaker 2] (23:46 - 23:51)

Para fazeres uma coisa com qualidade e transversal, lá cheguei. Mas já tenho...

[Speaker 7] (23:51 - 23:51)

Sim.

[Speaker 2] (23:51 - 23:56)

E de repente... E de uma semana para a outra vai aparecer...

[Speaker 7] (23:58 - 24:01)

E de uma semana para a outra...

[Speaker 1] (24:01 - 24:05)

É isso. E depois ainda vou cortar a voz. Não, é assim.

[Speaker 7] (24:05 - 24:07)

O que eu tenho...

[Speaker 1] (24:07 - 24:17)

O que eu tenho... O que eu tenho é modelos e exemplos de outras estruturas privadas e públicas que podem servir para construir, para ajudar a construir.

[Speaker 3] (24:19 - 24:22)

Sim. Agora...

[Speaker 1] (24:23 - 24:59)

Sendo verdade aquilo que tu estás a dizer que o timing pode parecer apertado, eu acabo por ter o receio oposto, que é... Eu, neste caso, comecei a desenvolver isto na questão de um mestrado que estou a tentar concluir logo que possível, sem data prevista, porque pronto. Mas, se estamos numa de...

Ok, isto é o trabalho que ele está a fazer para ter aprovação e para ter aquilo feito, etc. Depois corre-se ao risco oposto de... Ok, agora não resulta porque mete-se à autoavaliação de outra coisa qualquer pelo meio, agora vêm as coisas da bússola, agora vêm os projetos, agora vêm não sei o quê, e vai ser uma coisa que vai ficar na calha.

[Speaker 3] (25:00 - 25:01)

O que eu acho é que se calhar...

[Speaker 1] (25:01 - 25:04)

Temos de tentar que no meio do termo... Por exemplo.

[Speaker 3] (25:04 - 25:10)

Dá para nós refletir eventualmente em julho, a direção, aliás, para depois, no próximo ano, já...

[Speaker 1] (25:10 - 26:49)

Porque isto não é... Entendam que isto não é o projeto meu exclusivo. Uma equipa de autoavaliação é necessária, é obrigatório, não pode ser o trabalho de uma única pessoa que se lembre, olha, o Iluminado vai dar a volta a isto tudo.

Era justamente ter aqui, para já, e ainda antes de pensar em quem é que vai estar ligado institucionalmente, é como já existiu. A equipa de inovação pedagógica e outras, aqui em anos anteriores, é uma equipa que deu para um tapete de saída para começar a planear. E aí pode ser um número mais reduzido de intervenientes, até mesmo só daqui da casa, para começar a dinamizar.

Porque depois, por exemplo, falando aqui já de outros pontos, efeitos e desafios, nós temos de pensar de que forma é que isto vai melhorar alguma coisa num espaço curto. Nós, por exemplo, estamos na iminência de receber alunos vindos de outro lado. O EISO do INED e outras coisas assim, não é?

Vamos pensar nisso. Se nós queremos ter alguma coisa montada, convém ser montada para que depois esses alunos que vêm de um processo institucional e avaliativo e educativo diferente não vejam no meio do ano aqui uma mudança que, ok, começámos com isto, agora vamos começar com isto, porque estamos a testar e depois vamos testar e depois vamos testar. É um bocadinho por aí.

O que é que, por exemplo, pensando, imagina que estamos aqui já com uma pseudo-equipa que pode ser esta ou outra qualquer, a tentar estruturar. Qual é que seria o primeiro passo para começar a construir um processo de autoavaliação?

Transcribed by [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai). [Go Unlimited](https://www.turbo.scribe.ai) to remove this message.

FG professores parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 6] (0:00 - 0:13)

Os parâmetros queremos avaliar. E avaliar um método que nos permita ouvir a comunidade educativa Que seja simples. Que seja simples e que consiga abrir a agenda da gente.

Eu acho que esse é o principal desafio agora no início mesmo.

[Speaker 1] (0:13 - 0:13)

Sim.

[Speaker 6] (0:13 - 0:21)

Existir essa estrutura e fazer também que seja atrativo para que as pessoas também respondam a esse tipo de resposta.

[Speaker 1] (0:21 - 0:23)

Sem sentir que tem...

[Speaker 5] (0:23 - 0:25)

Não pode ter aquela que não entende, que também gosta de ouvir. Não, esquece.

[Speaker 1] (0:26 - 0:26)

Não é óbvio.

[Speaker 5] (0:26 - 0:28)

Porque ouve-a só porque era para ti.

[Speaker 1] (0:28 - 0:30)

Claro, claro. Não, porque é assim.

[Speaker 5] (0:30 - 0:31)

Não, tem que ser mais.

[Speaker 1] (0:32 - 0:55)

E aquilo tem que ser uma estrutura que seja... Que não pareça justamente isso. Ou seja, que não pareça o trabalho que alguém está a fazer para uma tese qualquer, para encher papel.

Seja uma coisa prática e que realmente a pessoa chegue ao final com aquela sensação de, ok, pode não valer muito mas vai valer alguma coisa, a minha opinião. Porque acho que às vezes o que se perde aqui um bocadinho também é esse efeito.

[Speaker 5] (0:55 - 1:13)

Acho que é importante, depois de se fazer... Imaginando que no final do ano... Estava a dizer a Márcia.

Imaginando que até já temos definido os critérios ou os objetivos que queremos avaliar. Já temos um suporte do inquérito. Era importante depois partilhar com toda a comunidade os resultados que se geram.

[Speaker 1] (1:14 - 1:14)

Exatamente.

[Speaker 5] (1:15 - 1:21)

Mesmo... Olha, não vamos conseguir fazer esta mudança mas pelo menos as pessoas sabem que não eram as únicas a criar aquela mudança.

[Speaker 1] (1:21 - 1:22)

Sim, sim.

[Speaker 5] (1:22 - 1:34)

E às vezes até há um horizonte de implementação que é isto que nós vamos conseguir implementar até X e também isto será a longo prazo. Isto é impossível. Sim.

Mas, no fundo, considerar todos os parâmetros...

[Speaker 1] (1:34 - 1:42)

Por exemplo, aquele inquérito que vocês viram e que era longo e que tinha muitas questões e tudo mais. Aquilo que no fundo... Complexas.

E complexas.

[Speaker 9] (1:42 - 1:43)

E complexas, justamente.

[Speaker 1] (1:44 - 2:46)

E que foi difícil, mesmo assim, tentar uma linguagem que as pessoas ainda conseguissem porque era muito mais complicado nas versões iniciais. Aquilo que realmente se atira de mais proveito, pelo menos na minha opinião, são as duas últimas questões. Em que se lançam as palavras sobre o que é que nós achamos do agora e do futuro.

E apareceu lá muitas coisas, muitas palavras. Eu tenho... E até faço questão depois de passar esse resultado para todos.

Que é para ver exatamente o que é. Enquanto que há muitas palavras sobre comunidade, família, organização, todos aqueles adjetivos positivos que encontramos, também temos lá muita coisa como, recorde-me dessas em particular, cristalizado, antiquado, obsoleto. Aparecem esses termos também.

Claro que isto depois também vale o que vale. Vale de quem respondeu. Eu consigo ter acesso se aquilo foi feito por professor, aluno, pai, seja o que for.

[Speaker 4] (2:46 - 2:48)

E a quantidade de vezes que aparece.

[Speaker 1] (2:48 - 3:29)

Não é? Pronto. Mas, vem um bocadinho por aí.

O instrumento que se deve tentar é uma coisa que seja intuitiva. E não aquele das provas de aflição. Outra coisa qualquer.

Agora. O que é que nós... E resumindo um bocadinho, porque isto é um esquema bastante mais longo do que eu acho que realmente seja necessidade de seguir.

O que é que nós tentámos agora definir é prazos, formas de execução e pessoas envolvidas. Estes são os três pontos essenciais. Prazos.

Nós, aqui, sofremos do mal da falta de tempo. Ah, tu não sofres porque tu...

[Speaker 7] (3:29 - 3:32)
Já chego a transar. Claro, portanto.

[Speaker 1] (3:34 - 3:41)
Mas aqui é essa dificuldade que é como é que depois encaixamos isto em mais muitas outras coisas que temos em mãos.

[Speaker 4] (3:41 - 3:43)
As pessoas gostam, têm que ser dispensadas outras coisas.

[Speaker 1] (3:43 - 4:07)
Pronto. Porque... E ver também todas as questões que vêm a partir do final das aulas.

Porque no final das aulas, vigilância, as correções, secretariado, preparação de exames, e depois mais a avaliação 2.0, mais a bússola 3.0, mais não sei o quê 4.0, e andamos nisto até... E se realmente...

[Speaker 4] (4:07 - 4:10)
O nosso trabalho sai muito afetado com isso.

[Speaker 1] (4:10 - 4:18)
Sim. Sim. Porque nós, em muitas coisas, chegamos ao cúmulo da quantidade que depois já não está a corresponder à qualidade.

[Speaker 9] (4:18 - 4:19)
E não há tempo para pensar.

[Speaker 1] (4:20 - 4:22)
E não há tempo para pensar. E se realmente...

[Speaker 7] (4:22 - 4:29)
Não sei, eu não sei se você pode assumir isso, ou se pode pensar que ali há alguma coisa que tem a ver com o bem-estar. Porque aquilo parece mais abrangente, não é?

[Speaker 1] (4:29 - 4:30)
Certo.

[Speaker 7] (4:30 - 4:33)
Os subindicadores do bem-estar, que é uma coisa que se fala das empresas e tudo lá.

[Speaker 1] (4:36 - 4:49)

Ó, Diana, mas repara que há muitas dessas coisas que são sinónimo de uma boa autoavaliação, ou seja, de uma autoavaliação positiva, porque resulta bem, é componente do bem-estar.

[Speaker 7] (4:49 - 4:51)
Claro que é, é fundamental.

[Speaker 1] (4:51 - 4:51)
Porque...

[Speaker 7] (4:51 - 4:52)
A alegria no trabalho.

[Speaker 1] (4:52 - 5:28)
A alegria no trabalho, o tempo livre ou não livre, mas que seja destinado para alguma coisa mais lúdica, sem compromisso da avaliação, sem prazo, sem nada, não é? Vou dar aqui um exemplo que ninguém nos ouve, a não ser este telemóvel. E eu também não vou pôr nada disso, porque senão, pronto.

Por exemplo, a questão de... Todos nós já falámos sobre o que é para nós os momentos de convívio, o que é para nós os momentos de partilha, etc. Eu, sinceramente, só me vejo em coisas de dinâmicas de interioridade e papelinhos e outras coisas à cabeça.

Não vejo aqui nada muito significativo.

[Speaker 5] (5:28 - 5:34)
Sim, temos aqueles sunsets, temos aqueles... Temos, mas não é. Encontros de iniciativas.

Mas depois tem esse componente.

[Speaker 3] (5:35 - 5:38)
Não é. Nós já estamos aqui a tantas horas.

[Speaker 1] (5:39 - 6:17)
Pronto, é isso. E, por exemplo, pensem o seguinte. Nós, por exemplo, ficámos todos aqui atorados por causa disto.

Hoje, especificamente. Os outros colegas que não estão cá tiveram esta tarde livre, entre aspas. Há realmente necessidade de todas as quartas, feiras, de trabalho colaborativo?

O trabalho colaborativo ser considerado produtivo de alguma forma, escrita, factual, etc? Ou será que essa também é uma componente do bem-estar? O trabalho colaborativo também ser uma colaboração para uma organização de dinâmicas diferentes?

Pronto, estou só a lançar ideias, não é? Pronto.

[Speaker 3] (6:19 - 6:35)
Portanto... Na dinâmica do bem-estar, há imensas coisas no trabalho colaborativo que podem perfeitamente ser remotas. Nós insistimos imenso em reunir-nos em salas onde

ficamos à espera que um vá à casa do banho, que outro ainda não lanchou, que outro chega do almoço, quando podemos fazer aquilo a partir do sítio que quisesse.

[Speaker 4] (6:35 - 6:43)

Aliás, se fosse no outro horário, no outro dia, desde que a coisa aparecesse, a reunião de almoço, que ligasse e diga é preciso isto e isto, tem que ter 10, está bom, está bem.

[Speaker 3] (6:43 - 6:57)

Não precisa estar aí a quarta-feira, a terça faz uma outra altura, está bem. Mas o próprio remoto, há imensas coisas que nós podemos aplicar no coelho, que de facto não aplicamos. E mal.

Porque há imensas vezes eu estou a olhar, já tenho um virantado, vou apanhar 13 e gostar.

[Speaker 4] (6:57 - 7:06)

de nos darem um vale para ir buscar um joalho. Quinto estándar já fechou. E isso é que é bem estar.

Fechou aqui? Sim, fechou aqui.

[Speaker 1] (7:07 - 7:08)

Passou por aí. Eu sei, eu sei.

[Speaker 4] (7:08 - 7:08)

Está melhor?

[Speaker 1] (7:09 - 7:09)

Sim.

[Speaker 4] (7:09 - 7:13)

E isso é que é mais estar aqui. Como é que acontece? Como é que acontece?

[Speaker 1] (7:14 - 7:16)

Ah, mas vocês são as autostádias que andam sempre por aí.

[Speaker 4] (7:17 - 7:26)

Espera aí, espera aí. Esquecem-se. Não é mesmo?

Esquecem-se. Não é mesmo? Não é mesmo?

[Speaker 1] (7:26 - 7:27)

Não é mesmo? Não é mesmo?

[Speaker 3] (7:29 - 7:52)

Eu tenho sempre muitas dúvidas com a autoavaliação. Porque se a autoavaliação não for percebida como uma ferramenta de melhoria, acontece aquilo que acontece aos nossos alunos com as assembleias de ano. Nenhum deles vai para lá sentar-se, achar que vai sair dali nada efetivo.

Porque senão, quando nós...

[Speaker 5] (7:52 - 7:55)

Mas nós também sabíamos. Só que lá está a privilégio disso.

[Speaker 3] (7:55 - 8:57)

Mas as pessoas começaram a ver que não havia. Se não houver, da parte da direção, um compromisso muito, muito sério daquilo que é que se pergunte, porque nós não vamos conseguir melhorar todas as áreas, satisfação dos professores, satisfação dos horários, satisfação com as instalações, satisfação dos pais, em todos os aspectos. Por isso, é preferível ser um questionário, às vezes, de três ou quatro ou cinco perguntas e nós tratarmos aqueles dados e a direção, olha, se calhar é preferível não perguntarmos já pelo refeitório.

Porque nós não conseguimos, o preço que temos é este, não conseguimos fazer nada em relação àquilo. Não vamos fazer uma pergunta em relação ao... Já sabemos que não vamos fazer.

Ao refeitório. Às instalações. Não temos dinheiro para ar-condicionado.

Não vamos perguntar o que é que os alunos acham do aquecimento das salas. Claro. E esta parte é muito importante, porque se não, até o grupo que ficar implicado naquilo vai estar a ter uma trabalhada doida e bem assim a fazer aquilo, que nós já todos percebemos aqui no Coeixo, que me encantarão, numa posição económica.

[Speaker 2] (8:57 - 9:03)

Mas quando a questão dos recursos centrais demasiado não fica sem perceber se essas são as reais preocupações da comunidade.

[Speaker 4] (9:04 - 9:10)

Podemos fazer uma exploração do que é que é. Qual era o tema que gostava muito de fazer. Agora, claro que é isso.

[Speaker 3] (9:10 - 9:20)

Mas não pode-se contestar ao pai, constar-lhe o feedback daquilo que disse o pai, dizer-lhe que todos os pais mostraram satisfação em relação ao refeitório. Porém... É isso.

[Speaker 4] (9:20 - 9:31)

Mas nós ali, nisso, também tínhamos esta questão até com os recreios. Primeiro símbolo, que é pouco espaço, porque eles vão lá. E o que podemos fazer não.

O espaço é aquele, ninguém vai pôr uma piscina no recreio, ninguém vai pôr um sofá.

[Speaker 3] (9:32 - 9:37)

Sim, era uma piscina na filha. Mas nós não estamos a falar do exagero de transporte.

[Speaker 4] (9:37 - 9:58)

Sim. Nós só estamos a falar aqui. Nós temos muitas coisas de primeira necessidade.

Sem dúvida. Sem dúvida, Isabel. Mas o que eu estou a dizer é...

Também é verdade. O que é? Se os ouvirmos, nós vamos ter sempre um problema.

A polémica mal. Vai ser o impedimento de quase tudo. Das instalações, dos refeitórios, de quase tudo.

Tudo vai ser polémico mal.

[Speaker 3] (9:58 - 10:05)

Mas, por exemplo, se os meninos mais velhos tiverem uma sugestão relativamente ao horário ou à diminuição de disciplinas...

[Speaker 1] (10:05 - 10:11)

Sim, porque não é tudo estrutural. Há coisas a nível de dinâmica organizacional. Há coisas diferentes.

[Speaker 3] (10:12 - 10:20)

Mas também, muitas vezes, eles já viram que não funciona e portanto temos de dizer alguma coisa ou coisa. Vimos que aquela não já dissemos. A outra tivemos três anos a dizer.

[Speaker 2] (10:20 - 11:02)

Eu acho que, sobretudo, neste portanto maior, a autoavaliação, acho que tem de assumir aqui um papel importantíssimo. A gente não se questiona porquê no Jardim da Infância estamos a perder alunos, porquê no primeiro sítio estamos a perder alunos, porquê no segundo sítio estamos a perder alunos. A direcção tem de se questionar.

E a única forma de saber a razão, ou tentar encontrar as razões, é questionar os interesses intervenientes. É questionar pais, é questionar alunos, é questionar entrevistados. Os entrevistados, se calhar, são a melhor forma de tentarmos encontrar, efetivamente, as razões que os alunos têm.

E não venham dizer que é a natalidade. Essa é da natalidade.

[Speaker 4] (11:02 - 11:03)

Não peram.

[Speaker 2] (11:03 - 11:20)

Não é? É a natalidade. Exatamente.

É igual para todos e ali está. E aliás, a minha grande preocupação é o que vai ser construído ali. Aqui ao lado das casas.

O que vocês acham que doa mais para lá? É um bocadinho. É mais um pólo.

[Speaker 9] (11:20 - 11:21)

Sim, é.

[Speaker 2] (11:21 - 11:26)

É mais um pólo. Sim. Sim.

Portanto.

[Speaker 1] (11:27 - 11:56)

Mas o que eu ia dizer há pouco. Nós estamos a falar daquilo que pode ser pensado e que depois esbarra com o problema do económico, etc. Não impede de saber e, acima de tudo, não impede, por exemplo, nós temos essa percepção quando nós fazemos, ultimamente, este ano tem acontecido.

Quando se faz uma reunião de diretores de turma, temos uma ordem de trabalhos, mas depois é dada a possibilidade de qualquer um acrescentar um tema, um assunto qualquer para ser tratado. Nós estamos a faltar a isso.

[Speaker 2] (11:57 - 12:26)

Eu acho que respondendo um bocadinho. Estava aqui a pensar. Desculpa, João.

Respondendo à tua questão. Eu acho que qualquer pai é capaz de compreender se a direcção souber comunicar. Ou seja, questionando sobre todas as áreas, a direcção se definir para aquele ano, para o próximo ano, para o próximo ano.

As prioridades. E for muito claro com os pais, eu não tenho nenhuma dúvida que os pais compreenderão. Agora, continuo a achar que é importante não focarmos numa área, mas tentarmos automatizar.

[Speaker 8] (12:26 - 12:32)

Se a direcção referir. Não foi possível fazer isto, mas fizemos isto, isto e isto.

[Speaker 1] (12:32 - 12:34)

Exato. Mostrar aquilo que foi alternativo.

[Speaker 6] (12:35 - 12:38)

De uma forma muito diferente do que não fizemos este só.

[Speaker 7] (12:38 - 12:46)

Talvez eu consiga traçar um plano de onde tapar buracos. Que é o que acontece. Não consigo ter a visão macro da coisa e vamos tapar um buraco aqui.

Um buraco ali.

[Speaker 2] (12:46 - 13:07)

Há uma coisa que o João tem a saber, eu disse-lhe na última reunião em que estou presente. Quando eu fui lá falar da ida a Paulo. Que foi...

Ele deu claramente esta ideia. Porque eu disse que nós estagnamos. Ponto final.

Nós não irmos para lá. Não, nós estagnamos. Me diga, pode ser assim?

[Speaker 1] (13:07 - 13:09)

Não, não. Sério?

[Speaker 2] (13:10 - 14:08)

Nós estagnamos. E eu dei um exemplo muito claro. A escola que nós fomos visitar esteve em Barcelona exatamente na mesma altura em que nós vivemos.

Já estão exatamente como as escolas de Barcelona. E nós ainda andamos aqui. Mas o João tinha a saber, ele disse uma coisa importante.

ao nível da inovação, ao nível dos equipamentos, ao nível da estrutura toda, ao nível do currículo, tudo, tudo, tudo... Mas o Joaquim Azevedo disse uma coisa também muito importante, que é... Vocês têm que definir claramente o vosso caminho.

Porque o D. Diogo de Sousa continua uma excelente escola, com alunos, com uma fila de alunos que nunca mais acaba, e é uma escola tradicional. Portanto, nós temos é que definir claramente isto em resposta ao fundo ao que estamos a dizer, só para utilizar aqui uma analogia.

Temos que definir claramente, mediante os resultados, aquilo que efetivamente queremos melhorar.

[Speaker 1] (14:08 - 14:14)

Sim, e acima de tudo tentar deixar um bocadinho esta ideia do experimentalismo.

[Speaker 2] (14:14 - 14:15)

Sim, exato.

[Speaker 1] (14:16 - 14:44)

Este ano vamos lembrar de fazer isto aqui nas autoavaliações e nas relíquias não-sei-quê, entretanto também temos aqui a bússola pelo meio, entretanto tem os projetos, entretanto tem a participação dos alunos, e não se faz bem nada. Pronto, porque depois tenta-se encontrar aqui um rumo e no meio do trabalho e da desorientação a coisa fica sempre como está. Os caras, eu não vos vou ocupar mais tempo, vocês têm já mais do que a vossa tarefa cumprida por hoje, dá para ver pelas vossas caras, não é?

[Speaker 2] (14:46 - 14:55)

De cansaço, sobretudo. Pois é, ontem eu estava aqui no telemóvel, mas estava a responder a Isabel Mubal, que apesar de não estar cá, estava a questionar o que é que estávamos a fazer.

[Speaker 1] (14:56 - 14:57)

Um motivo?

[Speaker 5] (14:57 - 14:59)

Não. São pessoas sérias que estão a gostar daquilo.

[Speaker 1] (14:59 - 15:27)

Sim, sim. Mas isto não impede de que isto, com as pessoas que queriam estar cá, e que também seja falado com elas também de outra forma, isto é a tentativa possível de dar seguimento, de alguma forma. É um trabalho em glória de quem agora tem isto nas mãos, que sou eu, desta forma, pelo menos, e que não queria que isto, mas isto assumo, eu não queria que isto fosse apenas o projeto final, de entregar o papel e ter...

[Speaker 3] (15:27 - 15:31)

A verdade é que isto pode ser um mega-projeto, pode ser um nano-projeto. Claro, sim.

[Speaker 1] (15:32 - 16:11)

E no que diz respeito a mim, por exemplo, eu, tendo iniciado o processo, eu posso apresentar o início do processo da coisa e, da minha parte, está. Mas eu também sinto a necessidade de avançar mais. E acho que todos os que estão aqui sentem, não é?

Agora, fazer isto de uma forma estruturada, que depois pode já nem passar por mim, por outro conjunto que são os quais querem isto. É indiferente, mas que acaba por todos concordarmos que há necessidade de deitarmos à obra. Claro.

Sim, sim, sim. E de uma forma que realmente consigamos travar um bocadinho o rumo que isto está a ter, comparativamente com o que vemos de outras escolas, aqui ao lado, e daquilo que nós estamos a ter aqui.

[Speaker 3] (16:11 - 16:14)

Para avançar mais, mas para que seja rapidamente.

[Speaker 1] (16:14 - 16:15)

Sim, sim.

[Speaker 3] (16:16 - 16:29)

Apesar de que eu acho que continuo a achar, a olhar para aqui, nós vemos, assim, que método ou ferramentas para autoavaliar-se? Google Forms. Efeitos, tem influência?

Não tem, em tudo. Tem impacto positivo? Claro que sim.

Não é só o Google.

[Speaker 1] (16:29 - 16:39)

Assim, rapidamente. Sim, sim, sim. É das questões?

Sim, mas é o que eu estava a dizer há pouco. Isto, para mim, o fazer checklist disto, para mim, neste momento, é o mesmo.

[Speaker 9] (16:39 - 16:40)

Pronto.

[Speaker 1] (16:40 - 17:11)

A mim interessa-me mais é ter também uma percepção comum daquilo que toda a gente concorda. E aqui houve muito mais concorda... Praticamente não houve discordância nenhuma aqui.

Estamos todos muito orientados numa coisa que é a melhoria da casa, que é a nossa. E agora é tentar operacionalizar dentro das limitações que temos. Limitações da nível organizativo e limitações de tempo, que faz com que não nos possamos, pelo menos todos, dedicar o tempo inteiro a isto e é tentar arranjar uma medida do praticado.

[Speaker 6] (17:12 - 17:16)

Mas se calhar não podemos olhar para a questão dentro das limitações.

[Speaker 1] (17:16 - 17:17)

Não, não, não, de todo.

[Speaker 6] (17:17 - 17:19)

Ou vamos criar condições para que seja possível.

[Speaker 1] (17:19 - 17:20)

Sim.

[Speaker 6] (17:20 - 17:23)

É tal questão estrutural.

[Speaker 1] (17:23 - 17:26)

É definir tempos para...

[Speaker 6] (17:26 - 17:27)

Sim, sim.

[Speaker 2] (17:33 - 17:37)

Exatamente. Não.

[Speaker 7] (17:40 - 17:56)

Sim. Muito bem! Sim.

Anda no carro.

[Speaker 4] (18:08 - 18:09)

Pronto.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

**Perscrutando Horizontes:
Autoavaliação Escolar como Caminho para
Abraçar e Transformar a Realidade Educativa**





Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro aluno:

Agradeço a disponibilidade em participar deste Focus Group, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento de todos no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo: Explorar as perspetivas dos alunos sobre os processos de autoavaliação escolar e recolher feedback para melhorias futuras.

Duração: 45 minutos.

Participantes: Alunos de diferentes anos e cursos.

Material Necessário: Gravador de áudio (com permissão dos participantes), papel e canetas para anotações.

Introdução (5 minutos)

- Boas-vindas pelo moderador.
- Explicação breve do que é a autoavaliação escolar e qual a sua importância para a qualidade da educação e para o vosso sucesso escolar. Mencionar alguns exemplos de como a autoavaliação pode ajudar a melhorar a escola e a vossa aprendizagem.
- Objetivos do *focus group* e regras de funcionamento e confidencialidade.
- Confirmação do consentimento para gravação de áudio.

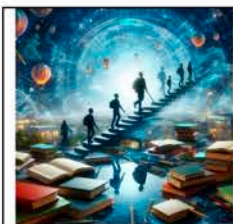
Apresentação dos Participantes (3 minutos)

- Cada aluno apresenta-se brevemente: nome, ano, curso e envolvimento na autoavaliação.

Discussão Principal (28 minutos)

1. Compreensão da Autoavaliação (6 minutos)

- O que entendem por autoavaliação escolar?
- Por que acham que é importante fazer autoavaliação na escola?



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

2. Experiências com Autoavaliação (6 minutos)

- Que processos de autoavaliação já participaram ou conhecem na escola?
- Que vantagens e desvantagens encontraram?

3. Efeitos da Autoavaliação (7 minutos)

- A autoavaliação ajudou-vos a aprender e desenvolver melhor? Que mudanças notaram em vocês mesmos e na escola?
- A autoavaliação mudou a forma como as coisas são ensinadas e aprendidas na escola?
- A autoavaliação contribui para melhorar o planeamento e as atividades de ensino e aprendizagem?

4. Sugestões de Melhoria (9 minutos)

- Que sugestões têm para tornar os processos de autoavaliação mais eficazes e interessantes?
- Que apoios ou recursos gostariam de ter para participar na autoavaliação?

Conclusão (9 minutos)

- Sumário das ideias chave.
- Avaliação da satisfação dos participantes com o *focus group*, usando uma escala de 1 a 5 ou notas adesivas de cores diferentes.
- Informação sobre os próximos passos da investigação e como serão contactados para receber feedback ou participar em outras atividades.
- Agradecimentos e encerramento.

Obrigado pela sua participação!

Falta felicidade às escolas.

Falta espectáculo, alegria, brincadeira, ilusão, sonho, esperança. Falta brilho nos olhos, invenção, imaginação, loucura da boa: daquela que muda o mundo, os mundos, das pessoas que vivem no mundo.

Falta felicidade às escolas.

A culpa não é dos professores, é de um sistema que castra, imutável, de uma sala de aula que não sabe brincar, que não foi feita para brincar — e que por isso não brinca, não aprende a brincar, não ensina a brincar. A culpa é de uma sala de aula que não evoluiu, que não se adaptou, que não soube mudar: que cristalizou e que tem medo de partir, que tem medo de fazer de novo, de criar de novo, de ser de novo.

Falta felicidade às escolas.

Falta, por isso, felicidade a quem nelas habita. A todos os que nela habitam. Por mais que tentem, e tentam, por mais que queiram, e querem, os habitantes da escola precisavam que ela tentasse também, que quem a governa tentasse também.

Falta felicidade às escolas.

E é por isso que não lhe faltam tristezas, depressões, pessoas de todas as idades apagadas, desmotivadas, desligadas, a contarem o tempo para sair da aula, para sair da prisão, para sair para si.

Falta felicidade às escolas.

Falta espaço. Espaço para a liberdade. Espaço mental, espaço emocional, espaço estrutural. Espaço para errar, para cair, para levantar. Espaço para ser. Na escola que ainda temos, os melhores alunos são os que erram menos, os que por isso arriscam menos. Estamos a aplaudir o medo, a aplaudir o mais do mesmo. Estamos a aplaudir a continuidade, nunca a criatividade.

Falta felicidade às escolas.”



Pedro Chagas Freitas

FG alunos 5-6-7 parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 1:17)

Que é aquilo que eu já vos disse, tudo isto é confidencial, ou seja, ninguém sabe quem vai responder o quê. É só usado para este estudo que eu estou a fazer, ninguém mais vai ter acesso a isto. E então, a primeira parte eu não preciso de a fazer, que era a apresentação dos participantes, porque eu já vos conheço, tenho o azar de ser professor de toda a gente que está aqui, não é?

Pronto. Sou professor de 2º e de 4º ano, das duas turmas, e depois sou professor do 5º até o 9º, e depois sou professor do 12º. Portanto, tenho aqui 300 e tal alunos, é coisa pouca.

Pronto. Sei. Sabes que isto, vocês também vão ficando aqui ao longo dos anos, não é?

Por exemplo, vocês já são minhas alunas desde há pelo menos 2 anos para cá. Eu sou desde o 3º. Por isso mesmo, ou até mais.

Pronto. Então, vamos lá ver. Primeira coisa, e é aqui que nós vamos começar, onde diz, discussão principal.

E é isso que eu quero que agora começarmos a falar. O que é que para vocês é uma autoavaliação escolar? Catarina, diz.

[Speaker 2] (1:17 - 1:24)

É quando, nestes 5 meses, é quando o aluno se avalia a si próprio e acha que merece na nota.

[Speaker 1] (1:24 - 1:40)

Ok. Estamos a falar da autoavaliação numa disciplina. Uma autoavaliação que tu fazes.

Ok. Bom. Agora, vamos pegar nessa ideia, e o que é, então, neste caso, a autoavaliação de uma escola?

[Speaker 3] (1:41 - 1:46)

É dizer o que achamos sobre uma escola e dar uma nota a uma escola.

[Speaker 1] (1:46 - 1:50)

Dizer o que achamos da escola e dar uma nota a uma escola. Concordam?

[Speaker 2] (1:51 - 1:51)

Sim.

[Speaker 1] (1:52 - 1:53)

Mais ou menos.

[Speaker 2] (1:53 - 1:53)

Sabemos disso?

[Speaker 1] (1:54 - 1:57)

Pronto. É uma nota como nós fazemos aqui de 1 a 5. Sim.

[Speaker 2] (1:58 - 2:08)

Mas eu acho que é, tipo, um dos aspectos melhores. Eu acho que é só dizer o que é que nós achamos, depois. Porque nós falamos com todas as pessoas do colégio, etc.

[Speaker 1] (2:08 - 2:20)

E, como é que se diz? Decide-se. Decide-se o que é que se pode fazer.

Pronto. Antes do mais, só para perceber. Rita, tu consegues ouvir as colegas a falar também?

Mais ou menos.

[Speaker 3] (2:20 - 2:21)

Mais ou menos. Não consigo ouvir assim tanto.

[Speaker 1] (2:21 - 3:18)

Pronto. Portanto, elas estavam a dizer que a autoavaliação, no caso de uma disciplina, é nós avaliarmos naquilo que fazemos bem ou não e tentar melhorar. Na parte de uma escola, é ver também o que é feito.

Umás diziam que é também dar uma nota. A Leonora aqui dizia que não é tanto dar uma nota, mas é ter uma ideia do que é que funciona bem e o que é que funciona mal. Portanto, entretanto, chegou a Francisca.

Entra, Francisca. Ah, pronto. Mas ela sabe onde é que tem de vir?

Não. Não? Então vai esperar por ela.

Pronto, ok. Depois, quando terminarem, vem cá até. Está bem?

Pronto. Então, é um bocadinho essa ideia da autoavaliação que vocês têm. Seja com nota, seja sem nota, é ver o que está bem e é ver o que está mal.

Passa por aí. No caso da autoavaliação de uma escola, também é ver o que é que está bem e o que é que está mal numa escola.

[Speaker 2] (3:18 - 3:22)

As pessoas têm de melhorar com a matéria. Nós também temos que melhorar.

[Speaker 1] (3:22 - 3:41)

Exatamente. Ou seja, para o objetivo de melhorar aquilo que existe nessa escola. E como se pode fazer para melhorar.

E como se pode fazer para melhorar. Ok. Então, isso vem à outra pergunta, que está relacionada.

Porquê é que é importante fazer uma autoavaliação na escola? Diz, Leonora.

[Speaker 2] (3:41 - 3:47)

Para a direção ou quem lidera a escola saber o que é que nós desejamos desta escola.

[Speaker 3] (3:47 - 3:51)

O que está bem e o que está mal. E tentar melhorar.

[Speaker 1] (3:51 - 4:05)

Ok. Portanto, para a direção saber o que é que acontece na escola e tentar melhorar. Rita, sempre que quiseres intervir, é só dizeres e falas também.

Ok? Ok. Ok.

Pronto. Catarina.

[Speaker 2] (4:05 - 4:15)

Eu acho que também é para a direção meter a escola só como eles planeiam. Ok. E terem noção do que é que nós gostamos também.

Ok.

[Speaker 1] (4:15 - 5:10)

Ou seja, no fundo, é para a escola não ser só uma ideia à vontade da direção, mas uma coisa que também seja à vontade de todos. Em que todos se sintam bem e que sintam que aquilo também é para eles. Ok?

Pronto. E, daquilo que vocês sabem e já me disseram que é uma autoavaliação, neste caso de uma disciplina ou da escola, desde que vocês estão cá no colégio ou noutras situações, o que é que vocês já fizeram ou já viram fazer sobre a autoavaliação aqui na escola? O projeto Ecoescolas, por exemplo.

O projeto Ecoescolas vocês tiveram um questionário em que também fizeram uma espécie de avaliação sobre os vossos conhecimentos sobre o tema, não é? Mais.

[Speaker 2] (5:10 - 5:12)

Acho que as assembleias fizeram também.

[Speaker 1] (5:12 - 6:58)

As assembleias de ano, de turma, mais. A direção falar com professores, ok? A assembleia de alunos, ok.

Então, nós temos sempre aqui o quê? Sempre que se fala de autoavaliação, há uma coisa que é verdade em todos os casos, que é a autoavaliação é uma coisa que envolve várias pessoas. E quanto mais pessoas, melhor.

Matilde, diz. Há aqui uma diferença, por exemplo, lembram-se que nós, no caso, a partir do 2º ciclo, nós fazemos assembleias de ano, em que juntamos duas turmas do mesmo ano para pedir melhorias, para decidir o que está bem ou não. E depois, antes disso, no 1º ciclo, é só de turma, ok?

É uma coisa diferente. Reita, tens precisão de entrar? Podem entrar.

Pronto. Então, aquilo que nós vemos envolve sempre a opinião de várias pessoas, certo? E, quando acontece uma reunião destas, onde nós temos várias pessoas a dar a sua opinião, pode haver vantagens e pode haver desvantagens.

Há pessoas que gostam de algumas coisas, outras que gostam de outras ou que não gostam de outras, ok. Mas, então, nesse caso, haver pessoas que gostam de coisas diferentes, ou que têm opiniões diferentes sobre o mesmo assunto.

[Speaker 2] (6:58 - 7:00)

Tenta-se juntar e criar um conceito.

[Speaker 1] (7:00 - 7:03)

Isso é considerado uma vantagem ou uma desvantagem?

[Speaker 2] (7:03 - 7:10)

Vantagem. Melhor.

[Speaker 1] (7:10 - 7:47)

Pronto. Reita, no teu caso, quando nós falamos de uma reunião de várias pessoas, em que nem todas concordam com o mesmo, estão a falar que isso pode ser uma vantagem, por trazer vários pontos de vista, mas também pode ser uma desvantagem, porque pode fazer com que as decisões sejam mais difíceis de tomar, porque há ideias diferentes. Neste caso, para ti, e agora vou falar para ti especificamente, e depois também há para as outras, como é que se pode resolver quando, no meio de uma reunião, em que se tenta chegar a uma conclusão, as opiniões dividem-se?

[Speaker 2] (7:54 - 7:57)

E o que é que se acha, para si, correto? Ok.

[Speaker 1] (7:57 - 8:36)

Ok, por exemplo, vou-vos dar, por aqui, um exemplo para todas pensarem. Imaginem que, na Assembleia de Ano, vocês lembraram-se que era preciso melhorar determinada coisa aqui no colégio. Isso foi a opinião da maioria, e então a opinião é uma coisa que vocês acham que é muito importante, mas a direção, ou porque é uma coisa que gasta dinheiro, ou por outro motivo qualquer, acha que não é válido.

Só por causa disso, vocês devem deixar de dar a vossa opinião?

[Speaker 2] (8:37 - 8:37)

Não.

[Speaker 1] (8:38 - 8:38)

Não?

[Speaker 2] (8:43 - 8:46)

Que não dê para fazer, nessa altura...

[Speaker 3] (8:46 - 8:50)

Mas pode ser feita noutra altura.

[Speaker 1] (8:50 - 8:51)

Noutra altura, ok.

[Speaker 2] (8:51 - 9:00)

E também a minha opinião também. E se utilizar, as pessoas podem ter consciência também. E podem continuar a insistir.

[Speaker 1] (9:00 - 10:17)

A insistir. É isso. Mas...

Ok. Pronto. Eu vou fazer aqui uma pausa, Rita, e outros...

Não há problema, Matilde. Nós conseguimos até ainda antes disso, está bem? Pronto.

Eu fui adiantando, também para ir prevenindo aqui alguns atrasos e algumas situações dessas.

Pronto. Recapitulando.

O objectivo disto é... Isto é um trabalho que eu estou a desenvolver, um trabalho de investigação, sobre autoavaliação do colégio. Como é que nós podemos avaliar o colégio, a ver se ele está bem, se está mal, como é que depois as coisas podem ser melhoradas, e isto é preciso a opinião de todos.

Já fiz com os professores. Fiz também com os funcionários. Estou agora a fazer com os alunos, por grupos.

Neste caso, tendo os 6^º e 17^º anos. E estávamos a falar sobre o que é uma autoavaliação escolar. No vosso caso, autoavaliação escolar, só para ver se bate certo com aquilo que já foi falado.

Na vossa opinião, em que é que consiste? Sim. Não.

É a autoavaliação ao colégio. Qualidades dos professores, mais.

[Speaker 3] (10:18 - 10:19)

Se há coisas a melhorar.

[Speaker 1] (10:25 - 13:36)

Portanto, pelo o que vocês já disseram, não tem só a ver com pessoas, pode ter a ver com pessoas, pode ter a ver com a organização, pode ter a ver até com a própria casa, com as próprias condições que vos são oferecidas. E, neste caso, e acho que também conseguem responder rapidamente, porque é que é importante fazer uma autoavaliação nas escolas? Seja nesta, seja noutra, qualquer.

É sobretudo isso. Nós estamos a fazer isto para que o próprio colégio consiga ficar com uma ferramenta para que se consiga avaliar a ele próprio colégio, para oferecer o que melhor pode oferecer a toda a gente. Portanto, é importante, por causa disso, para termos aqui alguma coisa que torne este colégio cada vez melhor para quem cá está.

E para as pessoas que não estão cá, para terem qualquer coisa que as motive a virem para cá. Pronto, e estávamos agora a falar de experiências de autoavaliação. As vossas colegas já

falaram que vocês já foram passando por isto ao longo dos anos, com as Assembleias de Ano, as Assembleias de Turma, até mesmo com reuniões que são feitas para decidir determinados assuntos, as próprias aulas de formação cívica ou de cidadania, também há um bocadinho esse espaço de diálogo, e...

A parte de vantagens e desvantagens, que era onde nós estávamos agora, tem a ver com poder haver várias opiniões. Pode ser uma vantagem, pelo facto de haver pessoas a pensarem de maneira diferente, e isso até ajudar a se chamar a atenção para coisas que nós nunca tínhamos pensado, mas pode ser uma desvantagem, no momento de decidir, e é nesse ponto que nós estávamos agora. Quando, por exemplo, numa Assembleia de Turma ou numa Assembleia de Ano, os alunos propõem determinada melhoria, e depois isso vai para a Direção, e a Direção decide ou porque não pode fazê-lo naquele momento, ou porque é algo que não considera útil não fazer, estava eu a perguntar se isso faz com que depois, da próxima vez que houver uma reunião destas, se vocês desistem e dizem Ah, não vale a pena ir, nem vale a pena dar opinião, porque ninguém nos ouve. Faz sentido isso? Não.

Não? Pronto, então concordam. Aqui a ideia é continuar a apresentar as vossas opiniões, tentar melhorar aquilo que acham que tem de ser melhorado, e se não for feito, como o aluno estava a dizer, neste momento, pode ser para mais tarde, numa altura que seja mais fácil de o fazer.

Certo? Pronto. Outra coisa.

Agora, é mais difícil, isto devia ser mais da autoavaliação da escola, mas como ainda não existe, vou dar o vosso exemplo, que é mais fácil para vocês pegarem. Quando vocês fazem uma autoavaliação numa disciplina, isso ajuda-vos a aprender e a desenvolver melhor o vosso trabalho? Ou, de alguma forma, essa autoavaliação é alguma coisa que não tem grande utilidade?

Ou é só para cumprir o calendário? O que é que vos parece? Tem utilidade?

[Speaker 2] (13:36 - 13:50)

Para nós sabemos o que é que devemos melhorar. Para os professores, para eles saberem como é que nós nos avaliamos.

[Speaker 1] (13:50 - 14:35)

Ok, mas vamos ver uma coisa. Se vocês acham que a autoavaliação é, sobretudo para os professores, e não tanto para vocês, isso pode-os ajudar também a vocês, da mesma maneira? Sim.

Pensem o seguinte, e é por isso que nós também estamos aqui a falar destas coisas da autoavaliação. Vocês fazem uma autoavaliação, por exemplo, de Português. Pronto.

Fazem a autoavaliação de Português, chegam depois à conclusão que estão bem a determinada parte da matéria e mal a outra.

[Speaker 3] (14:36 - 14:37)

Só dá para ver isso se...

[Speaker 1] (14:37 - 14:39)

Só dá para ver isso se...

[Speaker 3] (14:39 - 14:40)

Se for escrito.

[Speaker 1] (14:41 - 17:36)

Se for escrito, ok. Uma autoavaliação pode ser feita de maneira escrita. Se vocês chegarem à conclusão de que isso é uma área que vocês têm de melhorar, geralmente vocês depois vão a essa parte que tiveram de pensar e tentam melhorar, ou fizeram aquilo só porque vos pediram para preencher o documento e esqueceram isso.

Tentam melhorar? Pronto. Então...

Exatamente. O objectivo é tentar melhorar. Só que o que acontece muitas vezes, vocês também sabem, pode haver pessoas que veem aquilo só como uma coisa.

Ok, eu tenho de preencher naquele momento, porque o professor ou a professora pediu, mas depois já nem vou pensar mais nisso, já nem vou mais olhar para isso. Ou seja, a autoavaliação pode ter esse risco também. Pode-nos ser pedido para dar uma opinião naquele momento, mas depois aquilo ficar só ali.

Como é que nós podemos evitar que isso aconteça? Sermos críticos. Sermos críticos, é verdade.

Mas, se tu preenches aquilo, Leonardo, nesse momento, passados dois ou três meses, como é que tu tens a certeza que aquilo serviu para alguma coisa? Se virem os resultados. Se virem os resultados.

Ok? Ou seja, se houver alguma coisa que na autoavaliação, falando agora da parte do colégio, alguma coisa que se detecta ou que é preciso melhorar, dá-se essa sugestão. Como é que nós temos a certeza que as coisas vão melhorar?

Se, daqui a algum tempo, o tempo que ficar definido, fizesse uma avaliação, novamente, e ver se as coisas realmente mudaram. É um bocadinho como vocês. Têm dificuldade nessa área da disciplina, viram que têm dificuldade, vão tentar melhorar, e passado algum tempo voltam a ter um teste ou uma ficha para verem se realmente conseguiram chegar lá ou não.

Ok? Portanto, a autoavaliação também tem a ver com isto. E, para uma autoavaliação funcionar bem, vocês acham que pode ser feita naquele momento, assim...

Ai, lembrei-me! Hoje apetece-me avaliar a disciplina. E o professor pega na ficha e entrega-me naquele momento.

Não! Tem-de-se avisar com antecedência e tem-de-se preparar com a antecedência aquilo que se vai fazer, não é? Pensar.

Pronto. Então... E já agora, não sei se vocês sabem, quando fazem uma autoavaliação de uma disciplina como o português, é só um professor, o vosso professor, a pensar nessa autoavaliação que vos vai dar para preencher?

Não.

[Speaker 2] (17:37 - 17:40)

A direção e vários professores.

[Speaker 1] (17:40 - 18:29)

A direção e vários professores. Ou seja, os professores que trabalham com a disciplina fazem uma coisa em conjunto, depois mostram à direção se está bem para ser apresentada aos alunos e, a partir daí, os alunos preenchem. Então, aquilo que vai ser preciso fazer no caso da autoavaliação do colégio é dentro disso.

Ou seja, primeiro vamos ter de ver o que é que queremos saber, o que é que queremos avaliar. Depois, para isso ser possível, também vamos ter que juntar uma equipa de várias pessoas. E agora vou a perguntar.

Por exemplo, eu quero começar a avaliar o colégio onde nós estamos. Basta ser só eu e mais dois ou três professores a fazer isso? Não.

Então? Não.

[Speaker 3] (18:29 - 18:30)

A direção...

[Speaker 1] (18:31 - 18:38)

Direção... Ok. Mais professores...

Mais professores... Auxiliares... Alunos...

Auxiliares...

[Speaker 2] (18:38 - 18:41)

As das disciplinas...

[Speaker 1] (18:41 - 18:44)

Pronto. As pessoas da limpeza, mas tanto nas auxiliares.

[Speaker 2] (18:44 - 18:45)

Portais...

[Speaker 1] (18:45 - 19:06)

Pronto. Mas todos... Mas todos trabalham, Francisco, aqui, não é?

Falta-lhes um elemento... As irmãs... Não.

As irmãs... Uma coisa. As irmãs, as que dão aulas, como a irmã Susana e a irmã Aida têm a ver com isto, as outras não estão relacionadas com a vida do colégio.

Alunos... Já foi dito. Falta-lhe um elemento óbvio.

[Speaker 2] (19:07 - 19:17)

Óbvio. Não diga. Não diga.

Não diga. A direção... Eu acho que é tipo um senhor que...

Um senhor que... Faça... Para os programas de escolas...

[Speaker 1] (19:18 - 19:20)

Não tem a ver com isso. Pensem no seguinte...

[Speaker 2] (19:20 - 19:23)

Aquilo que arranjar as coisas... Pessoas novas que entraram no colégio?

[Speaker 1] (19:23 - 19:26)

As pessoas, sim. Mas as pessoas novas... Calma.

[Speaker 2] (19:26 - 19:27)

Eu vou...

[Speaker 1] (19:29 - 21:21)

Calma. Matilde, eu vou dizer-lhe, vou vos ajudar. Vocês já foram dizendo um bocadinho, mas é tudo dentro do mesmo.

Seja professores, seja alunos, seja funcionários. Mais novos, mais velhos no colégio. Já falámos disso.

Agora, envolve os pais. Isso mesmo, Matilde. E não só.

Podemos também pensar em abrir esta avaliação para outras entidades, outras pessoas, que façam parte do meio onde o colégio está. Vamos imaginar o seguinte. Por exemplo, de alguma forma, ter também representantes da Câmara Municipal, de alguma associação desportiva, associações culturais.

Por exemplo, vocês que estão ligados a desportos em específico, ou áreas culturais, ou musicais, ou afins, de que forma é que também podem dar um contributo de melhoria do colégio. Basta pensar no seguinte. Eu sei, porque vocês já me disseram, e é fácil de ver, muitas vezes há dificuldade de vocês conseguirem conciliar os horários que têm das atividades com os horários do colégio, não é?

Ou seja, de que forma é que o colégio podia estar mais preparado para as pessoas que têm o ensino articulado, ou que têm atividades desportivas extracurriculares que não são as que o próprio colégio oferece? Diz-me. Pronto.

Reita, não sei se estavas a dizer. A Francisca estava a falar sobre retirar algumas disciplinas, ou então horas de disciplinas, para substituir, no caso de alunos que têm atividades fora do colégio no âmbito da música, do desporto, etc.

[Speaker 3] (21:23 - 21:23)

Calma.

[Speaker 1] (21:23 - 21:24)

Eu...

[Speaker 3] (21:24 - 21:25)

Deixem-me dizer uma...

[Speaker 1] (21:25 - 23:57)

Bem, bem, bem. Deixem-me... Pessoal, deixem-me dizer uma coisa.

Eu não sei se vocês sabem, mas aquilo que está previsto, há uma coisa que eu falei agora, que é o ensino articulado. O ensino articulado, pelo menos na área da música e na área da dança, prevê que haja determinadas disciplinas que não sejam frequentadas pelos alunos no colégio, porque automaticamente eles estão a frequentar outras disciplinas que lhes ocupam o horário que eles têm que ter enquanto alunos. Ou seja, ou seja, por exemplo, há casos de alunos que há, não sei se sabem, mas há casos de alunos, conheço pelo menos um aluno que está no Nuno, que não frequenta as aulas de TIC, nem de EV, nem de Educação Física, porque está a ter o ensino articulado de Música.

Isso é possível. Exatamente. Agora, o que é que acontece, Catarina?

Ouçam, para haver um ensino articulado, é preciso que haja um número suficiente de alunos daquele ano, para que o colégio consiga gerir um horário adaptado para esses alunos. Ou seja, não basta haver um único aluno que tem aulas de Música num conservatório, para fazer com que haja uma turma inteira com horários diferentes só por causa desse aluno. Tem mais que se lhe diga, diz, Matilde.

Mas os atletas de alta competição também têm um estatuto próprio, só que, mais uma vez, envolve o quê? Envolve a capacidade do colégio de oferecer horários diferentes, tendo em conta os professores que trabalham cá e os horários que têm para as outras turmas, porque às vezes a dificuldade é essa. Imaginem a mim, por exemplo.

Eu sou o professor Tico das turmas todas. Se de repente fosse preciso criar mais uma turma de 5º, de 6º ou de 7º por causa dos alunos do articulado, podia não ser possível conseguir encaixar o meu horário com o horário dos outros professores das outras disciplinas para conseguir trabalhar com esses alunos? Pode ser um bocadinho por aí.

Pode não conseguir estar cá no colégio e ter de ir para o outro que consiga ter esse horário disponível, é verdade. Diz, Francisca. Ele fala primeiro.

Sim.

[Speaker 2] (23:59 - 24:23)

Algumas disciplinas podem ter horários diferentes. Tico, não, Tico não. NRC acho que poderiam ser algumas opcionais, só para quem quiser.

Acho que a função científica, não. Mas acho que a função científica poder não ter que ocupar uma hora num horário. Ok.

[Speaker 1] (24:23 - 24:36)

E outras tornarem-se opcionais para libertarem espaço para esses casos. Ok, certo. É uma boa sugestão.

O tempo de cada uma delas.

[Speaker 2] (24:36 - 24:47)

Às vezes o meu pai vem me buscar. E depois quando eu estou a ir para lá, que ele também é romântico, quando eu estou a ir para lá eu já estou meio que a mim e já estou atrasada porque ele não agente para mim.

[Speaker 1] (24:47 - 24:48)

Certo. Ok.

[Speaker 2] (24:50 - 25:05)

Francisca, diz. Uma ideia. Eu vou falar agora sobre o centro humano.

Existe no bairro 10 a 12 atletas auto-humanizados no centro humano. O que é que a gente pode criar para a nova turma com esses atletas auto-humanizados?

[Speaker 1] (25:06 - 25:06)

Ok.

[Speaker 2] (25:06 - 25:09)

Criar disciplinas.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 5-6-7 parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 2] (0:02 - 0:09)

Se não fosse uma escola católica, acho que não tinha. Ok. Se não fosse uma escola católica, não também não tinha.

[Speaker 1] (0:11 - 1:27)

Em ver, deixem-me só fazer uma pergunta à Francisca. Francisca, estás a falar de atletas de alta competição daqui do colégio, ou de alguns que poderiam vir para cá se não fosse isto que tu acabaste de dizer? Ou seja, vamos supor 7º ano, que é a tua situação.

Neste momento nós temos uma quantidade suficiente de atletas de alta competição cá para fazer uma nova turma? Pronto. Então, pode ser essa uma das sugestões de melhoria desta autoavaliação.

Ou seja, tentar conciliar aquilo que o aluno faz fora do colégio, mudando alguns horários ou algumas cargas horárias de disciplinas, para poder conciliar isto. É uma sugestão. Diz-me.

Alternar? Sim. Pode ser também.

Em vez de ser semanal, ser quinzenal, ou rodar semestralmente...

[Speaker 2] (1:27 - 1:41)

Porque é vir e ter quase a mesma coisa. Mas é ter a nova turma semanal. É ter.

Nós trabalhamos com coisas mais manuais e isso. E haver mais dissenho.

[Speaker 1] (1:41 - 1:54)

Ora, eu já no fundo estou... Eu não sei se vocês queriam dar mais algum comentário sobre isso. Sobre isto.

Sobre esta parte que estávamos a falar agora. De alterações de horários, de...

[Speaker 2] (1:54 - 2:00)

Eu acho que é a partir disso. Eu acho que o aluno já tem começado a escolher as questões. Eu quero falar-lhe disso.

[Speaker 1] (2:00 - 5:16)

Ok. Eu não acho necessário semanal. Pronto.

Mas isso tem a... Espera. Mas isso...

Matilde. Mas eu vou respondê-lo, Leonardo. Aqui a dificuldade, Matilde, não tem a ver com aquilo que acontece por conta do colégio.

Tem a ver com aquilo que acontece a nível do que é obrigatório em determinado ciclo. Ou seja, aquilo que está previsto para já no ensino português é que a parte em que tu decides determinadas disciplinas em função da tua área de interesse começa só a partir do

secundário. Fala-se já há algum tempo que, mais tarde ou mais cedo, vai-se começar a fazer isso mais cedo.

Ou seja, por exemplo, a partir do sétimo já haja a hipótese de se escolher disciplinas consoante a nossa área de interesse. Não deixa de ser verdade também o que a Leonor estava a dizer, que em alguns casos há uma indecisão. E essa indecisão também pode fazer com que vocês achem que no sétimo ano querem seguir uma área de ciências e, ou porque o vosso interesse muda, ou porque a dificuldade da disciplina vos mostra algo que não estavam à espera e querem mudar e aí, no fundo, acabam por deitar a perder, entre aspas, mais cedo o vosso percurso do que se só o fizerem no secundário.

É um bocadinho por aí. Mas isso é uma lógica que não tem a ver com o colégio, tem a ver com qualquer escola de território português, não só aqui, mas escolas públicas. Diz Francisco.

Se for aprovada, isso obriga a quê? Obriga a que seja estruturada toda uma turma com professores da casa ou não, que podem não ser suficientes, e uma mudança dessas, à partida, pode não se conseguir já de imediato. O objetivo é sempre que sejam feitas as coisas o mais rapidamente possível.

Agora, não há garantias que se possa fazer mesmo por outra coisa. Eu vou-te explicar também outro motivo. Quando nós temos um ensino articular numa escola, ou se mexe nas disciplinas ou cargas horárias, tem de haver primeiro uma autorização, por parte do Ministério da Educação, do próprio Ministério, para que essa escola funcione em regime de parceria com o ensino articulado, e também tem de haver depois a ligação mais próxima com as escolas ou com os clubes com os quais nós vamos trabalhar mais de perto.

Por exemplo, há alunos que já se frequentam e que estão cá, pode haver alunos que vêm de outras escolas, outras academias, conservatórios, etc., que o colégio ainda não trabalha com eles e seja preciso fazer esse tipo de protocolos. Pode demorar um pouco com isso. Eu acho que é igual de um horário.

[Speaker 2] (5:16 - 5:36)

Eu sei que há algumas disciplinas, e eu sei que é importante, acho que devemos ser particularmente capaz de ter nossas blocos e também o nosso horário. Nós temos agora uma hora, mas só temos uma hora para ver. Mas se nós saíssemos mais tarde, eu também iria descarregar.

[Speaker 1] (5:36 - 5:49)

Pronto, eu dou-te já a palavra, Matilde. E já agora pergunto. Tudo isto que nós, e é o que eu ia dizer agora, tem a ver, desta forma mais geral, com reorganização de aulas?

[Speaker 2] (5:50 - 6:05)

É assim, eu não ia dizer isso. Nas escolas públicas, o que se chama o AR, que é o Grupo de Alunos e Alunas de Aulas?

[Speaker 1] (6:08 - 7:06)

Sim. Eu já estive em algumas escolas onde realmente há grupos de alunos que frequentam essas atividades e que têm depois um regime à parte, não é? Apesar de se estarem na mesma turma, depois dividem em determinados ciclos.

Isso também é uma possibilidade, ok? Agora, isto também, para caminhar um bocadinho já para o final, que tem a ver com esse ponto 4 que vocês têm de... Sugestões de melhoria.

Ou seja, nós quando falamos em autoavaliação de escola, nós vamos tentar pensar de que forma é que vamos avaliar e como é que nós podemos participar disso. Então, a primeira parte é... Vocês há pouco falaram.

Uma autoavaliação geralmente é feita de forma escrita, não é? Sim. Pronto.

Parece-vos que é a única forma, ou que é a melhor forma, ou que outras sugestões é que vocês dão?

[Speaker 3] (7:06 - 7:07)

Eu gosto da minha sugestão.

[Speaker 1] (7:08 - 7:54)

Pronto. Então, vamos, agora quero ouvir uma de cada vez. Rita, começando contigo, não sou esquecido que tu estás aí.

Pronto. O que é que te parece que é mais fácil para uma autoavaliação de um colégio? É uma autoavaliação escrita que vocês preenchem?

É reuniões como nós estamos a fazerem, que alguém vai recolhendo as vossas opiniões? São todas as coisas, o que é que te parece? Eu acho que é melhor...

Reunião, para que podemos trocar ideias e perceber melhor o que se pede. Ok. Pronto.

Portanto, não sei se ouviram, a Rita disse que melhor seria até mais uma reunião do que propriamente os documentos escritos porque dá melhor para trocar opiniões e para esclarecer dúvidas. Mais?

[Speaker 2] (7:55 - 8:05)

Eu acho que devia ser ter também papel, mas também oral.

[Speaker 1] (8:06 - 8:10)

Mas agora que eu te vou perguntar nesse caso, Catarina, é... Isso no fundo não é Assembleia de Ano?

[Speaker 2] (8:11 - 8:22)

Não, mas é... Imagina, na Assembleia de Ano nós votamos e só as três propostas é que a Direção vê, são as três propostas que nós votámos. E há propostas que podem...

[Speaker 1] (8:22 - 8:34)

Já percebi. Ou seja, no fundo, em vez de ser primeiro uma Assembleia que se escolhe propostas que depois a Direção vê, fazer uma reunião em que a Direção já lá estivesse a ouvir as opiniões de todos. Era isso?

[Speaker 2] (8:35 - 8:38)

Aquela das votas, não responde, é muito mais...

[Speaker 1] (8:38 - 8:38)

Certo.

[Speaker 2] (8:39 - 8:44)

Eu não acho que era necessário uma consultância. Existe uma conflicção entre os rapazes que falaram, mas...

[Speaker 1] (8:44 - 8:47)

Ok. Eleonor?

[Speaker 2] (8:47 - 8:49)

Eu acho que era, acho, reuniões.

[Speaker 1] (8:50 - 8:51)

Reuniões. Matildo?

[Speaker 2] (8:51 - 9:08)

Eu acho que era... O primeiro que já estava a fazer hoje. Será que nós...

Será que nós as portuguesas, por exemplo, se lá, um aluno dá-se um tópico descoltado e esse estranhamente vai para a pela das portuguesas, será que vocês podiam...

[Speaker 1] (9:08 - 9:09)

Impedir?

[Speaker 2] (9:09 - 9:10)

Pronto.

[Speaker 1] (9:11 - 9:59)

Supostamente, aquilo que é função dos professores que estão nas Assembleias de Ano é gerir a reunião, dentro também disso. Muitos não o fazem, porquê? Para depois não sermos acusados de que estamos a limitar a liberdade de expressão, aquelas coisas, não é?

Mas, realmente, o que tu dizes faz todo sentido, ou seja, nós sabemos, vocês também sabem, que há determinadas propostas que, logo à partida, não são lógicas de todo e ocupam tempo útil da reunião. Isso sim. Agora, nós, falando deste caso, que é a autoavaliação do colégio, pensar naquilo que já estamos a dizer quase todos...

Francisca, não sei se também é a tua opinião que a reunião... Que é útil, ou... Ok.

[Speaker 2] (10:08 - 10:14)

Porque as pessoas necessitam, as outras pessoas não percebem. As pessoas necessitam bastante.

[Speaker 1] (10:14 - 12:19)

Por exemplo, pensa em uma coisa. Faria sentido se essas reuniões, que são para ouvir os alunos, e como os professores, os pais, etc., fosse, por exemplo, uma reunião só com, vamos imaginar, delegados de cada turma, em que, sabendo que ia haver uma reunião com a direção na data X, até essa reunião, todos os alunos da turma diziam aquilo que tivessem a

dizer ao delegado, à delegada, e depois ela, eu, fazia a recolha da informação e apresentava isso durante a direção, na reunião.

Faz sentido essa tarefa do delegado como representante da turma e seria uma forma mais organizada de reunir? Sim. Sim?

Sim. E agora, pergunto eu também. Faz sentido, para além dessas reuniões separadas, ou seja, uma reunião só com representantes de alunos, outra com representantes de pais, etc., haver uma espécie de, que é mesmo esse o nome que existe nas escolas, um conselho geral, ou seja, um grupo de representantes em que, no mesmo local, na mesma reunião, estivessem ao mesmo tempo representantes de alunos, de pais, de professores, de funcionários? Sim. Na mesma reunião?

Sim. Sim. E de que forma é que nós poderíamos, agora, pela vossa opinião, escolher um representante para esse conselho geral?

Delegados. Delegados. Mas imaginem, estamos a falar agora só destas delegadas que estão aqui.

Vamos imaginar. E só poderia estar uma delegada do 2º e 3º ciclo. Vamos imaginar também.

Como é que depois podia ser feita esta escolha? Porque à partida não dava para ter um delegado de todos os anos, poderia ser um, no máximo, dois representantes dos alunos.

[Speaker 2] (12:22 - 12:24)

Como é que era feita a escolha?

[Speaker 1] (12:32 - 13:05)

Mas assim, tu, por exemplo, só tinhas 5º e 6º. Se eu estou a dizer é que, nessa reunião, por exemplo, só podias ter dois alunos no total. Dois alunos do 5º até ao 12º.

Dois. Porque imaginem, nós não podemos... É mais difícil fazer um conselho geral...

Nestes alunos, eu vou fazer três. 5º, 6º, 7º... Amanhã, 8º e 9º.

E depois, no dia 8º, secundário todo.

[Speaker 3] (13:05 - 13:07)

Poderia ser três, é que assim eram de cada aluno.

[Speaker 1] (13:07 - 13:16)

Poderia ser. Mas, então, sendo assim, como é que depois seria escolhido? Através de uma votação, por exemplo, quem representava?

[Speaker 2] (13:16 - 13:19)

Sim, podendo ser...

[Speaker 1] (13:19 - 13:21)

Ok, não me parece mal. Catarina, alguma ideia?

[Speaker 2] (13:22 - 13:31)

Acho que também existia outro conselho, mas para saber as ideias delas, acho que podíamos votar uma individualmente.

[Speaker 1] (13:31 - 13:32)
Sim, isso sim.

[Speaker 2] (13:32 - 13:38)
Sim, e apontar as propostas no papel. E depois dar o papel à pessoa que ia representar.

[Speaker 1] (13:39 - 13:39)
Ok.

[Speaker 2] (13:39 - 14:05)
Dar no papel as propostas. Exatamente, o que tem ali para não haver dúvidas. Já que é anónimo para não haver dúvidas.

E depois escolher a direção. Certo. Se calhar eu acho que era melhor aqui do que no nosso ano.

No nosso ano, eu não estaria em nenhuma equipa, portanto... E agora ficaria um bocado injusto. Pronto.

[Speaker 1] (14:05 - 14:38)
Então, de qualquer das formas, pensar em representantes sim, tinha de se perceber melhor como é que se fazia a eleição de representantes para ser uma coisa justa e equilibrada que representasse todos. Mas a sugestão que tu deste, por exemplo, de haver um representante que se calhar já não seria bem esta estrutura, mas seria, por exemplo, um representante do segundo, um do terceiro e outro do secundário, faz sentido. Primeiro ciclo, não me parece porque ainda não tenho uma capacidade de decisão e de informação.

[Speaker 3] (14:38 - 14:39)
Ou seja, é um quarto ano.

[Speaker 1] (14:40 - 14:44)
Eventualmente, o quarto ano poderia ser, sim.

[Speaker 2] (14:44 - 14:44)
Eu acho que é melhor.

[Speaker 1] (14:52 - 15:59)
Por exemplo, já estou a falar, Francisca. Pensem naquilo que aconteceu e que acontece todos os anos a nível de eleições da Associação de Estudantes. A Associação de Estudantes com uma lista.

O que são mais são as próprias listas que se formam, ou seja, os alunos contactam uns com os outros, chega-se àquele conjunto de pessoas e é esse conjunto de pessoas que vai a votação. Poderia ser este o modelo de uma reunião de um grupo para um conselho geral ou não faz tanto sentido desta forma? Ou seja, as pessoas falarem entre elas, discutirem a presença umas das outras e chegarem a um grupo e depois esse grupo, que poderia ser

único ou poderia haver mais do que um grupo, ir a eleições e ficar aquele que tivesse mais votos.

Parece-vos equilibrado? Francisca? Sim, eu nem estou a dizer o que vamos fazer agora.

[Speaker 2] (15:59 - 16:01)
Estou a dizer...

[Speaker 1] (16:04 - 16:12)
Mas uma coisa é garantidamente obrigatória. Fazer uma votação. Fazer uma eleição para ser uma forma justa.

[Speaker 2] (16:12 - 16:14)
Mas também estariam todos os professores?

[Speaker 1] (16:15 - 16:34)
Nesse caso, também teria de ser feita a mesma escolha de alguns representantes dos professores. Como também teria de haver dos funcionários, como também teria de estar alguém da direção, como até representantes de pais. Fazer alguém de todos os grupos, diz.

[Speaker 2] (16:34 - 16:38)
Mas se houvesse uma votação, iriam ser os alunos que iam votar, certo?

[Speaker 1] (16:38 - 16:49)
Se houvesse uma votação, todos os envolvidos iam votar. Ou seja, no fundo, ia ser uma votação em que se ia contar votos de toda a gente.

[Speaker 3] (16:49 - 16:53)
Toda a gente, nós que estamos aqui, os pais, mas...

[Speaker 1] (16:53 - 17:00)
Mas para escolher esse grupo ou para decidir se o grupo que já estava feito se avançava ou não?

[Speaker 3] (17:00 - 17:01)
Para escolher o grupo.

[Speaker 1] (17:01 - 17:07)
Para escolher o grupo. Essa é a parte que falta decidir, ou seja, como é que nós fazemos?

[Speaker 2] (17:07 - 17:15)
Por exemplo, o 5º é votar em 11, o 5º é votar em 11, o 6º é votar em 12. Por exemplo, o 5º e o 3º não são votos.

[Speaker 1] (17:16 - 17:17)
Certo.

[Speaker 2] (17:17 - 17:18)
Ah, pronto.

[Speaker 1] (17:19 - 17:25)

Ou seja, no fundo, ia sempre correr-se o risco de cada grupo votar no seu próprio ano.

[Speaker 2] (17:26 - 17:29)

Também há uma coisa, se eles são 23, eles votar 25.

[Speaker 1] (17:30 - 17:31)

Exato.

[Speaker 2] (17:31 - 17:36)

Eu acho que o melhor não era colocarmos todos os alunos, não, porque se todos sozem...

[Speaker 1] (17:39 - 18:07)

Então eu vou fazer a pergunta inversa, também para ir encerrando, porque eu estou a olhar aqui também para as vossas horas, para não passar das 5 e meia, que foi o que eu tinha prometido. E se fosse o processo contrário? Ou seja, se a própria Direção, de acordo com critérios que também ia pedir opinião a mim e a outras pessoas que estão agora a trabalhar neste processo de autoavaliação, avançasse com um grupo?

[Speaker 2] (18:08 - 18:13)

Eu acho que, se calhar, os professores, porque os professores conhecem-nos melhor que a Direção. Se calhar.

[Speaker 1] (18:13 - 18:22)

Pronto. Mas, ou seja, haver alguém, pelo menos no caso dos alunos, que propusesse os alunos. Certo.

Sim?

[Speaker 2] (18:22 - 18:23)

Mas seria deste grupo, não é?

[Speaker 1] (18:24 - 18:27)

Deste grupo como dos outros, da mesma forma, não é?

[Speaker 2] (18:27 - 18:31)

A pessoa não seja menos. A nossa questão de Portugal é diferente.

[Speaker 1] (18:33 - 19:52)

Certo, Lino. Mas o que eu estou a dizer é que até pode ser o caso de... Eu, por exemplo, sou o professor de todos.

O professor Sérgio também. A doutora Maria também nos conhece a todos. Ou seja, no fundo, haver pessoas que lidam com todos e esse conjunto de pessoas que trabalham com todos os alunos conseguirem chegar a dois ou três nomes e decidirem, pelos alunos, para evitar que haja esta coisa de cada um vai votar no seu ano.

Certo? Sim. Seria uma coisa mais equilibrada, não é?

Pronto. Meninas, é assim. Os funcionários depois teríamos de ver de que forma é que eles também se elegiam, mas se calhar aí também podiam ser eles próprios a escolher um ou dois representantes porque aí é mais fácil.

E os professores também. Eu acho que a maior dificuldade, por causa de todos estes anos que nós temos, é mesmo o caso dos alunos. Então, para concluir isto, começo outra vez pelo início isto é uma coisa que está a ser construída, vai demorar algum tempo.

O tempo que eu prevejo e que queria que acontecesse era que, no início do próximo ano eletivo, algumas coisas já estivessem prontas a funcionar. Pronto. E, Francisca, e todos.

[Speaker 2] (19:55 - 20:01)

Sim. Só para dizer, praticamente, três outras pessoas que jogam.

[Speaker 1] (20:02 - 21:09)

Mas, pronto. O que eu quero dizer, e é a única coisa que eu posso dizer a esse respeito, é eu sou um dos principais envolvidos neste processo porque sou eu que estou a fazer a investigação. A direção também tem todo o interesse de resolver isto.

Depois vai depender de conseguirmos preparar tudo aquilo que precisamos de preparar ao mesmo tempo de que os alunos têm aulas, os professores dão aulas, os funcionários têm as suas tarefas, tentar articular com isto também. Ok? Mateo, diz.

Imagina, professor, eu tenho seis treinamentos por semana. Certo. Eu, com as aulas que pego, fico nas aulas e não tenho treinamento.

Pronto. Mas, por isso mesmo, não está, da minha parte, e acredita, de muitos outros que trabalham cá, professores, e até mesmo na direção, esquecido esse e outros problemas. Temos é de conseguir encontrar formas de, com os professores que temos a trabalhar, com os funcionários, com o espaço que temos, de número de salas, de horários, etc., conseguir melhorar as coisas que vocês acham que têm mesmo de ser melhoradas.

[Speaker 2] (21:09 - 21:19)

Ok? Mas não é só aqui e aqui, porque às vezes o treinamento começa demasiado cedo.

[Speaker 1] (21:19 - 22:42)

Pronto. Mas aquilo que for possível o colégio tentar melhorar, vai-se tentar fazer com uma forma de trabalhar que não seja andar também sempre a mudar as regras, nem a forma de trabalhar, porque o ideal é que seja uma coisa que dure alguns anos, pelo menos. Ok?

Pronto. Meninas, e eu concluo com uma ideia, que é aquilo que vocês têm, e não foi só um acidente eu ter colocado isso na última página do vosso guião, eu acredito muito no que diz aqui neste texto. Falta felicidade às escolas.

Eu acho que, acima de tudo, não só no caso deste colégio, mas no caso de muitas outras escolas, nós estamos cada vez mais presos a notas, a regras, a trabalhos, a lições, a horários preenchidos, e acho que conseguimos ter tudo isso, mas de uma forma que nos sintamos bem onde estamos, e que no início de um dia de segunda-feira, depois de uma pausa de feriado ou de umas férias, as pessoas tenham vontade de ir para um colégio, para uma

escola, para estarem lá, e não estarem sempre a contar os minutos para saírem de lá. E agora, chuva de dedos, estou a ver aqui muitos dedos no ar, então deixa-me lá ver.

Diz, Francisca.

[Speaker 3] (22:47 - 22:48)
Exame!

[Speaker 2] (22:48 - 22:58)
Teste! Testes! E...

Exame!

[Speaker 1] (22:58 - 23:03)
Ok, testes. Registrado. Está aqui a ficar tudo registado.

Matilde.

[Speaker 2] (23:03 - 23:14)
Só para dizer uma coisa. Os países europeus, com as vendas mais altas, são os que mais têm...

[Speaker 1] (23:14 - 23:18)
Certo. Eu também acompanho os estudos e concordo com isso. Matilde.

[Speaker 2] (23:18 - 23:31)
Eu acho que não temos muita probabilidade, porque nós estamos a falar muito bem, e vai ser, tipo, alguém lá a tentar ouvir o nosso diálogo. Pronto.

[Speaker 1] (23:31 - 23:41)
Sentirem-se mais independentes e menos vigiados, digamos assim. Sentirem-se tão confortáveis. Ok.

Alguém a ouvir a nossa conversa. Certo. Catarina.

[Speaker 2] (23:41 - 23:58)
Eu concordo com a Matilde, e depois eu também, e eu acho que as legendárias, aquela privacidade que nós precisamos... Às vezes nem era algo mais importante do que estar a falar, estarem lá a espilhar o nosso diálogo. Certo.

E eu acho que isso é muito importante. Certo. Nós sentímo-nos incorporados.

[Speaker 1] (23:59 - 24:10)
Por isso que muita gente também sai da escola por essas razões. Ok. Leonor.

Eu acho que também é um ponto para melhorar a comida. Comida. É um ponto que já...

[Speaker 2] (24:10 - 24:11)
Comida!

[Speaker 1] (24:11 - 24:17)

Ok. Olha, daqui a pouco estamos até às sete. Rita.

Alguma coisa? Opinião? Deixem-me ouvir.

[Speaker 2] (24:17 - 24:25)
É uma sugestão também, porque alguma coisa que aconteceu recentemente que deixou as pessoas tristes e revoltadas.

[Speaker 1] (24:25 - 24:28)
Ok. Foi que não pudemos ir ao dia do desporto.

[Speaker 3] (24:29 - 24:36)
E eu acho que era preciso ter, por exemplo, um plano B, em vez de haver aulas normais, poder haver outra coisa para nós fazermos.

[Speaker 1] (24:36 - 24:48)
Exatamente. Ou seja, quando acontece, por causa do tempo ou de outra coisa, esta alteração de planos, poder-se manter uma coisa diferente, mas não fazer com que se desistisse da ideia. É isso?

[Speaker 2] (24:49 - 24:49)
Sim.

[Speaker 1] (24:50 - 24:50)
Ok.

[Speaker 2] (24:50 - 24:51)
Eu acho que também...

[Speaker 1] (24:53 - 24:56)
Últimos comentários, que está a acabar o rolo aqui no telemóvel.

[Speaker 2] (24:57 - 25:08)
Eu acho que no coffee-tório, se nós não queremos, tipo, comer muito, porque a comida está mal, isso não devemos respeitar. E também acho que é caro. E mesmo para aquecer, paga-se dinheiro.

[Speaker 1] (25:09 - 25:09)
Ok.

[Speaker 2] (25:09 - 25:15)
Já pagamos por mês, para estar aqui. E eu acho que há muitas coisas que se pagam mais.

[Speaker 1] (25:15 - 25:25)
Também há os preços que levaram na maquinaria, mas são um bocadinho altos. Ok, mas isso tem a ver com a questão da alimentação e com a questão dos preços da alimentação, nas várias partes.

[Speaker 2] (25:26 - 25:36)
Mas nós pagamos por mês, não é? Certo. E depois a alimentação é cara.

Depois nos cortamos, pagamos dinheiro.

[Speaker 3] (25:37 - 25:38)

Se não passamos, pagamos mais dinheiro.

[Speaker 1] (25:38 - 25:55)

Ok. Francisca, para terminar. Ou seja, no fundo, só pagar a permanência real do aluno.

[Speaker 2] (25:56 - 26:10)

Alguém que não consegue, só não consegue ficar em casa, tem que ir para o colégio, tem que estar a pagar, não consegue... Pronto. Ah, e outra coisa.

Por favor, faça um telemóvel.

[Speaker 1] (26:12 - 27:08)

Das turmas. Está registado? Ora bem, meninas.

Obrigada a todas. Ok. Não estou a correr convosco de todo.

Estou só a tentar respeitar o tempo que tinha combinado. Tudo isto eu vou passar depois... Vai dar uma trabalhada, mas pronto.

Vou passar isto da gravação para o papel, que é para depois juntar a informação dos pais e dos professores e dos outros grupos que ainda vai haver. E para eu conseguir, com a ajuda de outros envolvidos, dar seguimento a isto e não ficar num esquecimento. Isto, pelo menos, é a promessa que vos faço.

Alguma coisa vai sair daqui, garantidamente, para haver essas melhorias. Ok? Está?

Obrigada a todas e até à próxima. Rita, entretanto, eu a ti vou-te enviar também este guião, por e-mail, que assim tu também ficas com uma cópia dele. Está bem?

Ok. Olha, e as melhores. Está bem?

Pronto. Vá.

[Speaker 2] (27:08 - 27:09)

Tchau. Tchau. Tchau.

[Speaker 1] (27:11 - 27:11)

Podem ir lá, sim.

[Speaker 2] (27:12 - 27:25)

É, e também... O meu pai tem que ficar... Tem que ficar aqui em casa.

Isto também é uma coisa. Tem que ficar em casa. E muitas vezes eu também chego a trabalhar no treino.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 8-9 parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 0:27)

Aqui, a introdução. Autoavaliação. Tendo em conta aquilo que vocês têm nas aulas, nas disciplinas, o que é que vocês consideram que é uma autoavaliação?

Para quê serve uma autoavaliação? Falando do colégio, falando das vossas... Qual é o objetivo?

Exatamente, avaliamos a nós mesmos. Mas qual é o objetivo? É só pensarmos...

[Speaker 3] (0:27 - 0:32)

Qual é o objetivo do senhor naquilo que fizeres... Pontos que eu estou...

[Speaker 1] (0:32 - 0:35)

Ok, bem ou mal, para...

[Speaker 4] (0:35 - 0:36)

Para melhorar.

[Speaker 1] (0:36 - 1:21)

Para melhorar, ok? Identificar pontos de melhoria e tentar fazer alguma coisa. É um bocado isso.

O que vocês têm nas autoavaliações das disciplinas não é só para vos fazer perder tempo a preencher um papel, é para vocês tirarem algum proveito disso. E a autoavaliação de um colégio também é nesse sentido. É tentar fazer uma checklist daquilo que está bem ou que está mal, para tentar melhorar o que está mal e continuar a fazer bem o que está bem.

Agora, a pergunta seguinte, que pode ser mais difícil, mas vocês puxem pela memória que têm do tempo que estão cá no colégio. Há ou houve alguma coisa a ser feita para autoavaliar o funcionamento do colégio?

[Speaker 2] (1:22 - 1:22)

O colégio?

[Speaker 1] (1:23 - 1:23)

Sim.

[Speaker 2] (1:23 - 1:24)

Não.

[Speaker 1] (1:25 - 1:27)

Não, vocês não têm noção de nada?

[Speaker 2] (1:27 - 1:29)

Não. O colégio em si.

[Speaker 1] (1:29 - 1:38)

Pronto. Sobretudo disciplinas e, se calhar, a coisa mais próxima que vocês têm disto, que nem tem a ver com isto, são as Assembleias de Água.

[Speaker 2] (1:38 - 1:39)

Mas assim não funciona muito.

[Speaker 1] (1:39 - 1:43)

Pronto. Desenvolve essa ideia, Maria. Não funciona porque...

[Speaker 2] (1:43 - 1:46)

A maioria das vezes, as propostas que nós demos foram quase sempre rejeitadas.

[Speaker 1] (1:46 - 1:55)

Pronto. Ou seja, vocês entendem que aquilo que até pode ser o vosso interesse, das opiniões concretas que têm, volta para trás.

[Speaker 4] (1:55 - 1:56)

Já, é sempre.

[Speaker 1] (1:56 - 2:19)

Pronto. E agora, a pergunta que eu vos faço também, relacionado com isso, que depois vai dar outro ponto. Achar que isso é por causa da validade das vossas propostas?

Ou seja, porque há propostas que não têm grande lógica? Ou, pelo contrário, vocês até pensam em coisas que acham que são úteis e simplesmente não passa? A barreira da direção, digamos assim.

[Speaker 3] (2:19 - 2:23)

Há algumas que têm uma lógica. Exato. Há algumas que não são úteis e outras...

[Speaker 2] (2:23 - 2:36)

Há outras que têm uma lógica. Exato. Há algumas que são totais, mas há outras que nós conhecemos direito e que tentámos mandar e a maioria é quase sempre rejeitada.

A maioria de nós é uma oportunidade das Assembleias de Água, mas ninguém é tudo. Nós só vamos para lá não apontar.

[Speaker 1] (2:36 - 2:49)

Pronto. E parece-vos que a existência da própria Assembleia tem um objetivo mesmo concreto? Ou é só para dizer, ok, nós até damos opinião às pessoas mas é só para...

[Speaker 2] (2:49 - 2:54)

No início acho que teve, mas agora não mandamos sempre três propostas e a maioria das propostas é sempre rejeitada.

[Speaker 1] (2:55 - 3:26)

Pronto. E, no meio disto, nós vamos focar agora especificamente neste colégio, um colégio que vocês já conhecem há alguns anos, já estão cá a frequentar e que já viram mais ou menos como é que isto funciona a nível de estrutura, casa, disciplinas, carga horária,

professores, funcionários, direção, etc. Para se avaliar no colégio, o que é que vocês acham que é preciso?

[Speaker 2] (3:27 - 3:30)

Precisa de uma maioria das pessoas que frequentam o colégio.

[Speaker 1] (3:30 - 3:36)

Vinhamo a maioria das pessoas. O que é que envolve essa maioria das pessoas? Ou que pessoas?

Os professores, os professores.

[Speaker 3] (3:38 - 3:40)

Os primeiros, os decenores, os decenores.

[Speaker 1] (3:41 - 3:44)

Pronto. Estamos a falar, neste caso, de alunos.

[Speaker 2] (3:44 - 3:46)

Sim. Também as professores e os alunos.

[Speaker 1] (3:46 - 4:04)

Pessoas e profissionais. Ok. De vários anos.

É uma coisa que só pode ser feita ou só deve ser feita com pessoas que estão cá? Ou, por exemplo, faz sentido que, nesta avaliação do colégio, entrem associações ou instituições fora do colégio?

[Speaker 2] (4:05 - 4:12)

Neste caso, fora do colégio, instituições acho que não. Mas, por exemplo, opiniões dos pais dos alunos. Ok.

[Speaker 1] (4:12 - 4:35)

Exatamente. Opiniões dos pais, porque também acabamos de estar ligados com aquilo que é o próprio colégio. Certo.

Essa é uma parte. Quem está envolvido. A segunda parte é...

Como é que isto pode ser feito? Ou seja, de que forma é que nós depois conseguimos recolher todas essas opiniões para depois fazer o tratamento desses dados?

[Speaker 3] (4:36 - 4:38)

Da sala, talvez.

[Speaker 1] (4:38 - 4:41)

Das salas. Ok. Mas de que forma?

[Speaker 3] (4:41 - 4:50)

Por exemplo, do organismo, como diretor. E, de lá a lá, de fundar a sala. Talvez o direito de usar os papéis de muitos funcionários.

[Speaker 1] (4:50 - 4:52)

Para orientar. Ok.

[Speaker 2] (4:52 - 4:59)

Ou, por exemplo, de consultar as coisas assim, mas em um quadro. Mais ou menos, porque dá-lhe-te-ia, por exemplo, uma hora, duas. Ok.

E focar-me no chão e isso.

[Speaker 1] (4:59 - 5:12)

Mas, por exemplo, nesse caso, por essa modalidade, qual é que é, realmente, a diferença entre essa proposta vossa e aquilo que já acontece no caso da Cidade de Baleias dela?

[Speaker 3] (5:13 - 5:22)

Mas a... Qual a diferença é quando nós ampliamos, o que é que achamos que está bem e o que é que está mal? Mas qual é a diferença?

[Speaker 2] (5:22 - 5:28)

Nós achamos coisas que podem ser feitas mais. Nós achamos o que está mal. Ok.

[Speaker 4] (5:28 - 5:28)

Pronto.

[Speaker 2] (5:29 - 5:29)

E quem...

[Speaker 3] (5:29 - 5:37)

Mas o que você está a dizer é... Fora elas, não pode-se apontar ao eixo. A simplicidade é que não pode-se apontar ao futuro.

[Speaker 1] (5:37 - 7:05)

Ok. Mas parece-vos que, neste caso... Eu vou já pegar num ponto que gostavas de dizer por causa de outra coisa, mas, para já, nunca acabaste de dizer.

Parece-vos que uma autoavaliação só possa ter um tempo, que é o tempo do agora? Ou, quando se avalia, por exemplo, o que é agora o colégio, nós também já estamos automaticamente a pensar isto está mal, mas, se está mal, estamos a prever que, para ser melhor, devia ser assim. Vamos logo buscar duas coisas ao mesmo tempo?

O que é que eu quero dizer com isto? Imaginem que estamos a olhar para... Olha, de nenhum propósito, estamos a olhar para esta sala.

Esta sala, durante muitos anos, foi a sala informática. Com computadores, para toda a gente usar, etc. Neste momento, o que vocês têm, na realidade, nas aulas de TIC, é que cada um leva o seu calhamaço atrás, com tudo aquilo que pode ser de problema relacionado com as extensões, o portátil que cai, etc.

Vocês fazem uma análise a dizer que isso está mal, o facto de não ter aqui, neste momento, uma sala informática. Estão a avaliar o agora. Mas, ao avaliar o agora, automaticamente também já têm uma ideia do que é que está mal e o que é que podia ser o futuro.

O que eu quero dizer é isto. A autoavaliação não é só ver o que está mal e ficar... Ai, que porcaria!

Isto não se faz nada. Os professores são listos, qual é aquilo, não sei o quê... É tentar melhorar, como vocês sabem.

[Speaker 2] (7:05 - 7:06)

Pode ter as duas partes.

[Speaker 1] (7:06 - 7:07)

Pode ter as duas partes.

[Speaker 2] (7:08 - 7:09)

A primeira parte, que é a parte da harmonia.

[Speaker 1] (7:09 - 7:25)

Exatamente. Agora, reparem que há uma coisa, que há aqui grande diferença entre o que se faz na Assembleia de Turma e aquilo que vocês, por exemplo, o Rodrigo estava a propor, que é ir às salas. E lembre-se, íres às salas com...

[Speaker 4] (7:25 - 7:26)

Com...

[Speaker 1] (7:27 - 7:30)

Pronto, mas quem é que ir às salas? Tu acabaste por dizer.

[Speaker 3] (7:30 - 7:33)

O que seria a pessoa que seria responsável por tratar das salas.

[Speaker 1] (7:34 - 7:57)

Tu falaste na altura da Diretora, eventualmente, da Dra. Maria, não é? Pronto.

Ou seja, nós já temos aqui uma diferença que se calhar vocês... Que é haver um envolvimento DIRETO. Porque, no fundo, as Assembleias dão no que é que acontece.

Vocês passam um papel, uma ata, uma coisa qualquer para alguém ler e aprovar. E lemos de volta a resposta.

[Speaker 3] (7:57 - 7:58)

Não dá para...

[Speaker 1] (7:58 - 8:15)

Para a interação. Não é? É isso.

Pronto. Então, se calhar, uma forma de fazer a autoavaliação passaria por aí, então. Que é, ou em grupos mais pequenos, ou em grupos maiores, as pessoas darem opinião DIRETAMENTE a quem...

[Speaker 2] (8:15 - 8:20)

Também, se tivéssemos a opinião direta, as propostas que são preparadas, digamos, não deveriam ser ligadas.

[Speaker 1] (8:20 - 8:21)
Exatamente.

[Speaker 2] (8:21 - 8:31)
Porque, às vezes, a resposta é maior porque elas são aquelas que não têm sentido, porque é engraçado. Mas, ali, naquele ambiente, a malta acha piada, deixa-se ir bulhos. Mas, aliás, as pessoas dizem que nós é que temos que mandar a atenção para elas, não são elas.

[Speaker 1] (8:32 - 8:32)
Exatamente.

[Speaker 2] (8:32 - 8:33)
Fica tudo misturado.

[Speaker 1] (8:33 - 9:04)
Pronto. Vocês estavam agora, neste momento, a pensar numa forma que é ter grupos especializados. Ou seja, o grupo dos alunos, depois poderia haver o grupo de pais, ou o grupo dos professores, etc.

Na vossa opinião, faz-vos sentido que houvesse um grupo que funcionasse como uma espécie de, e é mesmo este o nome que existe nas outras escolas, um Conselho Geral, e que, desse Conselho Geral, fizessem parte representantes de todos os envolvidos no colégio?

[Speaker 2] (9:04 - 9:08)
Se calhar, sim. Se calhar, daria a maior autodeterminação.

[Speaker 1] (9:08 - 10:11)
Pronto. Ou seja, o que é que seria este Conselho Geral? Teria representantes de professores, representantes de funcionários, representantes de alunos, representantes de pais, e eventualmente, que é isso que eu estava a falar há pouco, ter até representantes, por exemplo, da autarquia.

Porque muitas das coisas que uma escola é, também resulta da interação que tem com o meio envolvente, não é? E aqui não há, assim, muita ligação entre atividades da Câmara e do colégio, ou atividades do colégio com outras associações, a não ser que seja o próprio colégio proposto para as fazer. Então, vocês já falaram do ponto importante que é o contato direto.

Falar diretamente. Há outras formas de que podemos fazer autodeterminação? O que é que vocês sugerem?

Imagineem que, por algum motivo, não dá para fazer com muita regularidade estas reuniões ou estes Conselhos Gerais. Que outra forma é que há de recolher a opinião das pessoas sobre aquilo que é preciso melhorar no colégio?

[Speaker 2] (10:13 - 10:19)

É... É mais difícil, mas...

[Speaker 3] (10:20 - 10:22)
Quer dizer, mais fácil.

[Speaker 1] (10:23 - 10:29)
Que seja, no caso de que tu não puderes reunir diretamente, que outra forma há de poder recolher a informação?

[Speaker 3] (10:30 - 10:46)
Uma maneira muito mais eficaz. Mas, pronto, acho que lá vai ser o que as pessoas dizem. É normal, específica, são dados disso.

É... Temos de fazer um formulário qualquer no computador, sobre a escola.

[Speaker 1] (10:46 - 10:47)
Era um bocado por aí, ou seja...

[Speaker 2] (10:47 - 10:51)
Mas tem de ser das aulas. Porque, mesmo se for fora das aulas, a maioria não vai fazer.

[Speaker 1] (10:53 - 11:05)
Ou seja, a opção, sim, de fazer alguma avaliação escrita, através de um questionário, mas tinha de ser uma coisa que tinha de ser feita naquele momento e em um momento dentro do colégio.

[Speaker 2] (11:06 - 11:10)
Tem de ser planejado. Porque, portanto, alunos também têm professores e professores têm mais coisas para fazer.

[Speaker 1] (11:11 - 11:50)
Exatamente. E, para além disso, tendo em conta que até o próprio questionário tinha de ser bem preparado e, se calhar, explicado para que algumas coisas que aparecem lá não fossem preenchidas só para despachar. Porque, às vezes, não se percebe o que está lá.

Vocês, como alunos, e em situações diferentes, no vosso caso, tu a caminho do secundário, tu um bocadinho mais atrás, mas já com essa perspectiva, vocês, no estado atual, daquilo que vocês encontram hoje em dia no Colégio da Paz, consideravam como uma hipótese a continuidade cá?

[Speaker 2] (11:51 - 12:08)
Sim. Continuarem cá como alunos, que é o que eu quero dizer. Eu nunca me deixo falar, se tiver um bocadinho de alterdade ou de melhoras, mas eu, por agora, estou bem aqui.

Tenho alguns amigos, pessoas que não conheço mais a mim. Eu vou continuar para o secundário e vou continuar até acabar o colégio no segundo volume.

[Speaker 1] (12:08 - 12:21)
Mas, por exemplo, é uma continuidade incondicional? O que é que eu quero dizer? É uma coisa que, seja o que for que é feito cá, seja o que te apareça...

[Speaker 2] (12:21 - 12:33)

Se houvesse uma coisa que eu considerasse daquilo que eu estou a ler agora, se calhar iríamos tentar resolver um bocadinho dentro do colégio, se não houvesse alguma alternativa, eu teria de mudar, mas, tenho de dizer assim, é um bocadinho mais sustentável.

[Speaker 1] (12:46 - 12:49)

Ok, já temos aqui opiniões um bocadinho diferentes.

[Speaker 3] (12:49 - 13:05)

Já temos aqui opiniões um bocadinho diferentes. Há alguns que dizem isso, que recomendavam que eu fosse, por exemplo, ao futebolão, por causa do seu filho, porque o filho ficou cá, e não foi motivado, por exemplo, para ir para o mais velho, e depois para os outros mais novos para o futebolão.

[Speaker 1] (13:06 - 13:57)

Nós temos aqui situações diferentes que também é a perspectiva que vocês próprios têm, enquanto alunos, e a perspectiva que outros, pais, pessoas, etc., têm. E falar-me de uma coisa importante, nós estamos aqui num sítio que tem muita oferta à volta, sobretudo o caso, justamente, do Rio de Janeiro, que ainda para mais agora está em expansão, vocês já devem saber que aqui ao lado, nas 12 casas, tudo aquilo que está a ser reconstruído, vai passar a ser deles também. Agora, o que eu estava a perguntar a ti, Maria, e vale para ti também, Rodrigo, é continuando cá ou não?

Há coisas que vocês concordam que tinha de ser mudado. O que é que, para vocês, não pode fazer parte de um colégio que vocês gostam de estar?

[Speaker 2] (13:59 - 14:00)

A internet.

[Speaker 1] (14:01 - 14:02)

A internet, ok.

[Speaker 2] (14:02 - 14:08)

É extremamente importante. Apesar das transações, ou seja, todas foram feitas melhor, apesar da recaída, a relação é muito melhor.

[Speaker 1] (14:08 - 14:47)

Ok, a internet é um ponto. E aqui, quando eu vos estou a perguntar isto, já não estou a falar só de coisas estruturais, mas estou a falar até mesmo a nível de organização e funcionamento, como, por exemplo, horários, carga letiva, disciplinas, atividades, etc. Pensem naquilo que realmente é o que vocês acham que tinha de ser mudado, ou que tinha de ser, pelo menos, pensado para fazer diferente.

Decidem, como eu disse, qualquer receio de darem a vossa opinião, porque isto... Pronto, exato.

[Speaker 4] (14:50 - 14:51)

Claro.

[Speaker 1] (14:54 - 15:46)

Mas isto também já acaba por ser um sinal de que, pelo menos no vosso caso, o facto de não vos vir qualquer coisa logo assim à ideia, também faz com que, se calhar, não haja assim nada tão importante, porque senão, se houvesse, saltáramos logo à vista, não é? Depois, também há aqui outra coisa, e eu vou dar aqui um termo de comparação, ontem, como disse, tive outro de focos-grupo, com alunos do 5º ao 7º. Há uma diferença, e a diferença é...

Vocês já estão cá há mais tempo, e, ao estarem cá há mais tempo, já se foram acostumando, já foram conhecendo melhor o sítio onde estão, e, se calhar, já são mais tolerantes, vou usar essa palavra, a algumas coisas, que correm a menos bem, mas que, na vossa opinião, não é isso que vos tira a vossa gosto de estar cá.

[Speaker 2] (15:47 - 15:50)

Sim, sim. Era até o que vos falava, era até o que lhes falava.

[Speaker 1] (15:51 - 16:14)

Exatamente. Ou seja, aquilo que, se calhar, para outros que vêm para cá pela primeira vez, e tu tens casos na tua turma de alunos que vieram este ano, e que, se calhar, falam de maneira diferente do colégio, ou não, mas porque, se calhar, vêm de uma outra realidade diferente, é diferente de quem está cá já há mais tempo, e que já foi crescendo com o colégio, não é?

[Speaker 3] (16:14 - 16:19)

Não é que as coisas estejam certas ou bem, é que são terras ampladas.

[Speaker 1] (16:19 - 16:20)

Exatamente.

[Speaker 2] (16:21 - 16:28)

Já há coisas que me preocupam. Às vezes quero escolher a estrada maior do que a pobre. Já estou a concluir também.

Já é parte da minha parte, mas e a dele?

[Speaker 1] (16:30 - 16:42)

Eu concluo um bocadinho isto com uma ideia, porque, no fundo, estão a ver o que eu pretendia com esta reunião é um bocadinho isto, que nós estávamos a fazer. E a conclusão disto, acabo por ser...

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 8-9 parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 0:37)

É o seguinte, uma escola tem de se adaptar aos tempos modernos, à realidade dos alunos que têm, ao meio onde se encontra, e temos o momento do agora e o momento do futuro. Se, tal como foi feito num questionário que eu passei há uns tempos atrás, mas que agora, de uma forma muito mais concreta, voltasse a repetir, quais são para vocês os pontos fortes deste colégio, neste momento? O que é que vocês não trocavam, nem mudavam no funcionamento ou na maneira que o colégio é, em relação a isso?

[Speaker 2] (0:40 - 0:44)

Acho que o maior motivo para eu continuar é seguir os amigos. Exato, os amigos.

[Speaker 1] (0:44 - 0:45)

Os amigos.

[Speaker 2] (0:45 - 0:55)

Mas, assim, da escola em si, talvez a proximidade, depois que a gente comeu o nosso diário... Exato. A nossa sociedade, às vezes, é muito chegadoã, mas...

[Speaker 1] (0:55 - 1:07)

Pronto, ou seja, acaba por ser um bocadinho aquilo que o Rogério disse, proximidade com pessoas. No teu caso, falaste dos amigos, mas também a proximidade que se cria com as pessoas que trabalham.

[Speaker 3] (1:07 - 1:08)

Sim, e os meus professores também já estão muito mais apontados ao...

[Speaker 1] (1:08 - 1:10)

Pronto, por exemplo, vocês...

[Speaker 2] (1:10 - 1:14)

Há alguns professores que não são assim...

[Speaker 1] (1:14 - 1:39)

Mas isso depende um bocadinho da personalidade que cada tem, não é? Claro. Mas, mesmo esses que, aparentemente, são um bocadinho mais distantes, ou um tratamento mais frio, acabam por ser ainda mesmo preocupados com os alunos e, pelo menos, esperam que as coisas corram bem para os alunos.

Não são daqueles completamente desligados... Ah, ele não estuda, ele não tem boas notas, não quer saber, ou fez a minha função...

[Speaker 4] (1:39 - 1:40)

É melhor escolher a melhor resposta.

[Speaker 1] (1:41 - 2:07)

Pronto, é isso. Mas, sendo isto a parte boa, o que é que vocês, de imediato, diriam? Eu gostava que, pelo menos no tempo que eu ainda vou continuar por cá, fosse mudado.

E voltámos ao mesmo, pode ser coisas da casa, pode ser de funcionamento de alguma coisa, pode ser a organização de horários, pode ser a carga letiva, tudo.

[Speaker 2] (2:07 - 2:14)

Se fossem vocês os diretores, para vós, que sejam assim... Ouvir mais os alunos, por exemplo.

[Speaker 1] (2:14 - 2:16)

Ouvir mais os alunos, ok.

[Speaker 2] (2:16 - 2:53)

Sim, se o aluno só tem milhões e... Por exemplo, eu discutir... Ah, foi aquela que disse lá...

E eu, eu juro que foi a diretora. E, se calhar, meu marido, a dizer que... lá-se alguém, a ser imediato, para ter o primeiro idado...

Do Angletipo, sim. Já estava a falar com a diretora. E ela veio-me dizer.

E eu perguntei-lhe assim... Ah, então, e se essa pode compensar por um almoçar? E o meu marido disse que não é nada a tal.

E a diretora disse que não. Só vai haver o primeiro dia de aulas. E depois vai haver o almoçar.

E eu acho que isso faz muito sentido.

[Speaker 3] (2:55 - 2:59)

E muita gente deveria discutir. E quando, ao menos, estamos a discutir aulas, depois a discutir ciências.

[Speaker 2] (2:59 - 3:00)

O marido está-lhe a dizer...

[Speaker 3] (3:00 - 3:01)

Ah, não, vou voltar, porque se não...

[Speaker 1] (3:01 - 3:11)

E que, curiosamente, foi uma coisa que o grupo de ontem também falou. Falaram justamente o dia de desportivo. E do facto de não haver uma alternativa.

[Speaker 4] (3:11 - 3:11)

Exatamente.

[Speaker 1] (3:12 - 3:17)

Ou seja, não deu para fazer porque estava a chover e o sítio não era coberto, etc.

[Speaker 2] (3:17 - 3:19)

Então, o que eles disseram foi...

[Speaker 1] (3:19 - 3:23)

O que eles disseram foi... Mas não houve um plano B.

[Speaker 2] (3:23 - 3:24)

Exatamente, não houve um plano B.

[Speaker 3] (3:25 - 3:26)

Exatamente. Isto é muito fácil de resolver.

[Speaker 2] (3:26 - 3:31)

Se vir... Então, eu acho que foi uma coisa muito ruim. Porque...

Acho que sim. Não houve um plano B.

[Speaker 3] (3:32 - 3:37)

Houve vários alunos que faltaram para passar 50 dias de esportivo, e depois portaram-se e perderam o almoço. E passaram-se todo o mês inteiro.

[Speaker 2] (3:38 - 3:44)

Sim. Até alguns professores que... Pronto, pensavam que não tinham aulas de jornal.

[Speaker 1] (3:44 - 3:51)

Sim, e que, no fundo, tinham de estar ao serviço na mesma, mas não tinham de preparar nada, especificamente. E, de repente, aparece-lhes... Pronto.

[Speaker 2] (3:51 - 3:56)

Não tinham aulas de jornal. Ou seja, eles não sabiam o que é que iam fazer na aula. Pronto.

É assim que falava. Não falava nada de jornal.

[Speaker 3] (3:56 - 4:00)

Não falava nada de jornal. Por exemplo, estamos quase... Temos muito tempo a trazer-se a fisicultura, e ainda não desmoralizamos.

[Speaker 2] (4:01 - 4:06)

Não falava nada de jornal. Não falava nada de jornal. E...

E o que me aconteceu, na verdade, foi que... Nem escreveu, mesmo.

[Speaker 3] (4:07 - 4:07)

Exato.

[Speaker 2] (4:08 - 4:11)

E só escreveu a partir das 5h30, que é uma hora que já teríamos recado. Sim.

[Speaker 1] (4:12 - 4:13)

Sem influenciar opiniões, mas...

[Speaker 2] (4:13 - 4:17)

Ou seja, eu acho que não haviam de ter ido. Para lá... E depois...

[Speaker 3] (4:17 - 4:20)

É assim, porque eles só interessam em responsabilidade, mesmo a começar mais cedo. Não se sabe.

[Speaker 1] (4:20 - 4:23)

Segue. Mas o que eu ia perguntar é um bocadinho por aí.

[Speaker 3] (4:23 - 4:23)

Sem...

[Speaker 1] (4:24 - 4:32)

Sem querer influenciar a vossa resposta, parece-nos que há coisas que não são bem organizadas?

[Speaker 3] (4:32 - 4:33)

Muitas vezes.

[Speaker 4] (4:33 - 4:34)

Muitas vezes.

[Speaker 3] (4:34 - 5:00)

Há várias vezes. E elas duraram muito, quase, muito tempo a ir organizando. É assim...

Eu gosto quando temos aulas, e qualquer aluno, se calhar, gosta, mas nós, com as coisas que são sempre marcadas... Vou dar um exemplo. Na minha disciplina física, nós temos quase uma semana a trazê-las em relação à outra turma.

Nós perdemos tantas aulas. E... Por exemplo, a minha matéria está...

Está a pôr-nos mais atrás de casa, porque nós fazemos em casa, e nós fazemos na aula. Claro. Assim, as mesmas coisas não foram organizadas como...

Juro-lhe que há muito desenvolvimento. Juro-lhe.

[Speaker 1] (5:01 - 5:02)

E a nível de disciplinas?

[Speaker 3] (5:02 - 5:03)

De disciplinas?

[Speaker 1] (5:03 - 5:03)

Sim.

[Speaker 3] (5:05 - 5:05)

Como assim?

[Speaker 1] (5:06 - 5:42)

Vou falar, por exemplo, daquilo que não é o vosso caso, não é? Mas, por exemplo, há outras turmas em que isso acontece. Alunos do Ensino Articulado, ou que têm aulas em conservatório, alunos que são atletas de alta competição, alunos que têm outras ocupações, por exemplo, treinos de futebol e outras coisas.

[Speaker 3] (9:55 - 9:59)

Eu gosto, mas há muitas coisas que não dá para relacionar.

[Speaker 1] (10:00 - 10:56)

Eu acho que a lógica daquilo que tu disseste, e o Rodrigo também, é um bocadinho isso que eu, pelo menos, tento fazer. É justamente a aula ser uma aula diferente num regime mais livre. Ou seja, quem quiser descansar, descansa.

Quem quiser aproveitar para outra coisa qualquer, até que seja falar com alguém, ou estar... Simplesmente, pronto. E eu vou-te dar um exemplo, Maria, também que é o meu exemplo.

Eu, neste momento, estou a dar as aulas de interioridade aos dois oitavos anos. A minha direcção de turma é a outra. E aquilo que eu entendo, já há muito tempo para cá, é que a aula de interioridade, ponto um, não tem necessariamente de ser feita na sala de interioridade.

Não tem. Pode ser feita ou na própria sala de aula da turma, ou noutra sala qualquer.

[Speaker 3] (10:57 - 10:58)

Sim, por um lugar de sala, porque estamos tantas horas de aula.

[Speaker 1] (10:58 - 11:13)

Certo, mas, por exemplo, eles acabam, vão para a sala de AV, pronto, já fogem um bocadinho. Mas aquela ideia, como tu própria disseste, das dinâmicas formatadas, nem toda a gente se sente à vontade.

[Speaker 3] (11:14 - 11:17)

Muita gente não partilha, portanto, ah, se quiserem partilhar, podem partilhar.

[Speaker 1] (11:17 - 11:22)

Mas, parece que, se quiser, tem de ser, não é? É quase um, se quiser, mas tem de haver alguém.

[Speaker 2] (11:23 - 11:45)

Eu gosto muito das aulas, sinceramente. Eu sou professora, por isso, sinceramente, mas as aulas de interioridade, agora, acho que são muito melhor do que eram antes. Devem ser as aulas que ela já não tem.

Por exemplo, assim, a professora é a sensação que ela tem com a oficinação. Sim, sim. Portanto, é uma coisa muito diferente.

Então, temos parquinhos, fazemos as nossas atividades, café, etc.

[Speaker 1] (11:45 - 12:22)

E, se calhar, até uma coisa que a tia acontecia, e a tia ainda acontece, é haver muita superposição de coisas que depois vocês voltam a ouvir. Por exemplo, em moral. Ou, por exemplo, quem estiver na catequese, na catequese.

Ou, há muita, é difícil depois separar coisas e parece que estamos sempre a falar o mesmo, ou a tocar nos mesmos assuntos, ou, não é? Pronto. Eu falo disto porquê?

Porque, por exemplo, a vossa opinião é interessante do facto de ser completamente oposta ao do grupo de ontem. O grupo de ontem, na esmagadora maioria, defendia o fim da disciplina. É, e é.

[Speaker 3] (12:22 - 12:23)

Eu tenho a ver com a idade da disciplina. Não, não, não.

[Speaker 1] (12:24 - 12:25)

Do facto de...

[Speaker 3] (12:25 - 12:25)

Por uma nota.

[Speaker 1] (12:25 - 12:36)

Não, mas do facto de considerarem que aquilo, de alguma forma, como é que eu vou dizer? É um momento ocupado de uma forma estranha e desorganizada.

[Speaker 3] (12:36 - 12:44)

Assim, mas eles também são mais novos. Tem mais horas livres. Eles acabam todos os dias.

Nós comprometem-nos tanto tempo. É isso. Eu fico a lembrar-lhes todos os dias.

[Speaker 1] (12:44 - 12:48)

É isso. E que, para além disso, eles também têm um regime diferente.

[Speaker 3] (12:48 - 12:49)

Exato.

[Speaker 1] (12:49 - 12:52)

Portanto, quintos e sextos têm interioridade quincenalmente.

[Speaker 3] (12:52 - 12:54)

Pois é. A minha é mais consistente.

[Speaker 1] (12:54 - 12:58)

Pronto. O que faz com que seja assim uma coisa estranha.

[Speaker 3] (12:58 - 12:59)

Eles têm informação cívica ou interioridade.

[Speaker 1] (13:00 - 13:56)

Exatamente. Pronto. Mas isto é para dizer que, numa autoavaliação, e terminando um bocadinho, porque estamos a atingir mais ou menos o tempo e os temas que eu queria falar, a autoavaliação do colégio, no fundo, vai tentar mexer com isto tudo.

Ou seja, ver realmente aquilo que pode ser realizado a nível ativo, carga horária, dias livres, horários de entrada e de saída, disciplinas que têm mais ou menos horas, as atividades que

o colégio tem, se devem ser feitas desta maneira ou de outra maneira, a nível de missas, a nível de preliminações, a nível de dinâmicas de parésima, etc. Se os professores trabalham bem ou menos bem, ou se a forma de avaliar é justa, injusta, complicada, não complicada, pronto. Por exemplo, agora esta nova modalidade das rúbricas e dos domínios, etc., ainda dá muita dada de cabeça a muita gente, não é?

Afinal, que nota é que eu tenho? Porque não está aqui o valor final.

[Speaker 3] (13:57 - 14:05)

Exatamente. Por exemplo, vocês querem que se quiserem saber o valor final, eu dou-vos mesmo. Deem-me este valor para nada.

Nós que queremos saber. Eles que têm que ter explicado o valor aos meus avós ou aos meus pais, eles têm que saber o valor. Mas eu não posso.

[Speaker 2] (14:05 - 14:06)

Quando tiraste, eu?

[Speaker 3] (14:07 - 14:10)

90, 80, 90. O que é isso? 95.

É fácil para ti.

[Speaker 2] (14:10 - 14:23)

Mas eu não posso. Por exemplo, um domínio é assim, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª. Por exemplo, nós temos essa nota 1, 2, 5ª, 7ª, essa nota 1, 2, 5ª, 7ª, mas pensa numa coisa extremamente simples.

Exatamente simples.

[Speaker 1] (14:23 - 14:24)

No meio disso...

[Speaker 2] (14:24 - 14:25)

Eu posso fazer a nota 1, 2, 5ª, 7ª.

[Speaker 1] (14:25 - 15:09)

Mas no meio disso, que é simples, não seria também igualmente simples, para além das 3 notas por domínio, ou 2, ou o que seja que aquele teste tem, ter lá alguma coisa a dizer. Classificação final. Exato.

Mas a minha questão é a seguinte. Porque tu, no fundo... Repara, o que é que eu quero dizer com isto?

Tu não estás a fazer 3 testes diferentes em 3 momentos diferentes. Para depois teres 3 notas diferentes. Está tudo interligado.

E da mesma forma que isso está interligado a nível de trabalho, que naqueles 90 minutos ou 50, tens de fazer aquele teste, também faz sentido que, valha o que valer, também tenhas lá uma nota final. Sim, percebo. Porque, no fundo, tudo pois...

É tudo pois.

[Speaker 3] (15:09 - 15:11)

Não é um problema compulsário.

[Speaker 1] (15:12 - 15:12)

Exatamente.

[Speaker 3] (15:12 - 15:19)

Se não queres saber como é que há anos melhores, pelo menos para mim, porque não dá para ver o que é que está melhor. E há alguns journalismos até baixar, mas não dá para saber o que é que está melhor.

[Speaker 1] (15:19 - 15:28)

E, no fundo, depois vocês chegam ao final do semestre, têm uma pauta de avaliação com uma nota qualitativa de 1 a 5, não têm 3 notas qualitativas para a mesma disciplina.

[Speaker 3] (15:28 - 15:34)

Existe isso agora, por exemplo. Mas vamos ter 3 notas finais? Não, estou a ver.

Quanto é que é de notas 3 finais diferentes? Pronto.

[Speaker 1] (15:35 - 16:10)

Meus caros, agradeço-vos o vosso tempo. Eu, quando sugeri que estivéssemos delegados das turmas, eu, inicialmente, tive muitas reservas. E posso-vos contar que isso não vai acontecer no secundário.

Aconteceu, e bem, com o 2º e 3º ciclo, porque vocês conseguem ser bastante representativos daquilo que é a realidade das turmas. Enquanto que há outras turmas, e vocês sabem, que o delegado é escolhido, um pouco por brincadeira, de, ok, vamos todos votar nele, que ele, pronto, é só para...

[Speaker 4] (16:10 - 16:11)

É, pode ser que teria sido antes.

[Speaker 1] (16:12 - 16:32)

Mas aqui, coincidiu muito bem contigo, contigo também, mesmo, inclusive, com a Manuela, que não está cá, e com a Clara, também de uma forma ou de outra. Sim, também acontece. E isto era só porque fazer com toda a gente é impensável.

E vocês veem o caos que, muitas vezes, são as assembleias de todos.

[Speaker 3] (16:32 - 16:35)

Sim, é impossível. E são muitos palhaços, digamos.

[Speaker 1] (16:35 - 16:35)

Há.

[Speaker 3] (16:35 - 16:36)

Há. Há muitos palhacinhos.

[Speaker 1] (16:37 - 16:53)

E há muita gente, e tu sabes disso muito bem, como eu também sei muito bem, porque estou o tempo demais com a vossa turma também, há muito palhaço lá que gosta da diversão, não é? Pronto. Não estou a citar nomes.

Estou, entretanto, a passar as nomes pela cabeça.

[Speaker 4] (16:53 - 16:54)

Não sei quem é.

[Speaker 1] (16:54 - 18:22)

Pronto, algo. Bom, mas isto para dizer que, no meio dessa palhaçada toda, que eu entendo-me bem, e acho que o Rodrigo não pode-se mentir disso, com a dificuldade que é ser professor 3 vezes da mesma turma por semana, em 3 coisas diferentes, eu dou-lhes aulas de Moral, Interminabilidade e TIC. Ok?

E no caso da turma B, o semestre passado era Moral, Interminabilidade e TIC, e Cidadania. Ok? Eu quase que não durmo com eles, mas pouco falta.

Há uma coisa que eu tento fazer, e eu sei que vocês valorizam, que é, acima de tudo, quem deve gerir, ou melhor, quem deve orientar o caminho de um colégio, na minha opinião, são os alunos. Um colégio é feito dos alunos. Não é feito pela direção, não é feito pelos professores, não é feito pelos pais, que às vezes cada um tem a sua parte, mas também, são os alunos que estão lá.

E acima de tudo, que é uma coisa que eu depois também vos vou, hoje esqueci-me de trazer, mas tinha tipo um guião em papel para vos dar, e no fim do guião aparece lá um texto, que eu fui buscar de um autor que gosto bastante, que é o Pedro Chagas Freitas, que fala, de uma forma muito simples, que diz o que eu estou, que falta felicidade às escolas. Falta felicidade às escolas.

[Speaker 3] (18:22 - 18:24)

Não, na verdade, as escolas não querem mais porque não há obrigação.

[Speaker 1] (18:25 - 18:25)

Exatamente.

[Speaker 3] (18:25 - 18:28)

Não há obrigação, as pessoas já têm uma obrigação de abração, não querem mais ficar em casa.

[Speaker 1] (18:29 - 18:47)

Exatamente. Eu acho que isto só pode funcionar, se aos poucos formos no caminho de, vocês acordarem cedo, com um tempo de pi, como o tempo de hoje, de chuva, não é? E, mesmo assim, estarem ansiosos por vir para cá.

[Speaker 3] (18:47 - 18:52)

Exatamente. Eu, antigamente, gostava de ir para os colégios. Agora, não.

Estou distraído.

[Speaker 1] (18:52 - 18:53)

Mas isso é uma coisa...

[Speaker 3] (18:53 - 18:54)

Estou confiado.

[Speaker 1] (18:55 - 19:24)

Certo, mas isso, os nossos interesses e a nossa idade, faz-nos gostar de outras coisas, mas que não têm a ver, como acontece com muitas escolas, e se calhar com muitos alunos que estão aqui neste colégio, que vêm para cá todos os dias a pensar, bolas, nunca mais me vou embora. Aí é a diferença. Eu acho que a coisa, e é com isto que eu termino, a ideia é de nós termos um colégio que,

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 10 parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 2:18)

Então, autoavaliação, vou já passar à frente a parte da apresentação pública. Tenho aqui os vossos nomes, por acaso, Beatriz, Constança, Isabel, não, Pedro, Isabel e Maíra mesmo. Portanto, vocês, alunos de décimo ano, digam-me só uma coisa, só para me situar.

Quem é que já estava aqui no colégio do terceiro ciclo? Ouviram agora só tu, não é? Pronto, vocês entraram agora no colégio do primeiro contato de somente.

Isto é bom, porquê? É bom porque vocês têm outras perspectivas sobre outros lugares por onde passaram e outros conhecimentos, que também me ajudaram um bocadinho nisto. Primeiro, o que é que vocês entendem por autoavaliação escola?

Para que é que serve uma autoavaliação escola? Para que é que serve ou para que é que deveria servir? Para melhorar aspectos negativos ou que estejam muito piores.

E que aspectos podem ser esses? Estamos a falar de quê? O que é que pode ser avaliado numa autoavaliação escolar?

São, digo, as condições, funcionamento, maneira como se dão aulas. As pessoas que trabalham na instituição, professores, auxiliares, inclusive a direção. Pronto, ou seja, é isso mesmo.

Nós estamos a entrar com vários pontos. O ponto estrutural, edifícios, condições, etc. A parte da organização, que tem a ver com aulas, horários, cargas directivas, tem a ver com a maneira de ensinar, tem a ver com os professores que trabalham cá, a maneira de funcionamento dos alunos.

É isso. E, já foi ali respondido em parte da Constância e eu vou desenvolver. O objectivo de fazer a autoavaliação é melhorar o que está mal, sim.

Mas, acima de tudo, vamos começar ao contrário. Acho que a autoavaliação não é uma coisa que é só para cumprir aquele calendário e que naquela altura do ano vamos preencher o questionário. Autoavaliação de onde assim gosto da escola, não gosto da escola, etc.

É só isso?

[Speaker 3] (2:21 - 2:23)

Na escola em específico ou qualquer autoavaliação?

[Speaker 1] (2:24 - 5:29)

Qualquer autoavaliação, mas neste caso também na escola em específico. Deve ser só isso a autoavaliação? Não.

Não. Aliás, até pela forma como se faz a autoavaliação. A autoavaliação deve ser apenas uma coisa para resultar numa estatística bonitinha que é publicada num site qualquer, numa rede social ou o objectivo verdadeiro de uma autoavaliação.

É? É que o local para ser avaliado é melhorar. Melhorar, não é?

Acho que é a palavra chata. Melhorar. E não é só melhorar.

Também pode ser outra coisa. Que nós às vezes esquecemos um bocadinho porque é sempre mais fácil para nós focarmos nos aspectos de melhoria, mas pensar também no oposto. Ou seja, se houver aqui alguma coisa ou alguém que se destaque pela positiva, valorizar e tentar que outros ou outras coisas também sigam um bocadinho esse modelo.

Então, se vocês têm exemplos de professores ou métodos de ensino ou de alguma coisa que acham que resulta, e que vocês acham que em determinadas situações devia ser isso a ser aplicado. Portanto, autoavaliação sim, melhorar o que está mal. Manter e divulgar o que está bem.

E acima de tudo, que é também uma pergunta aqui mais difícil do vosso grupo, e eu vou explicar o que é. Ajudar que todos se sintam, vou usar aqui alguma coisa um bocadinho parva, parece marketing, mas que todos se sintam colegiais a paz. Ou seja, a identidade que nós temos.

Gostarmos de estar cá. Se nós não tivermos aqui uma ligação mais ou menos partilhada de alguma forma, nós rapidamente fazemos o quê? Qualquer um de vocês chega ao final deste décimo ano e por um motivo qualquer vai para os vizinhos do lado, sejam eles quais forem, ou então não se sentem satisfeitos com determinada área e mudam para outra área, a nossa vontade é de ficarmos sempre bem, melhor.

E se isso implica mudar, quer dizer que o sítio onde nós estamos, ou a situação onde nós estamos, não é melhor. Que experiências de autoavaliação é que vocês já tiveram até agora? No teu caso, já foste tendo as Assembleias de Armas, se calhar é a única coisa assim que te venha a ideia, e que daquilo que tu, se calhar, podes comentar, concordar, não há propriamente uma consequência das Assembleias de Armas?

Não. Não. Lá está, portanto, é daqueles momentos em que a malta junta-se toda, dá a sua opinião, fica registada, vai à direcção e...

Ok, obrigado, até para o ano. É um bocado por aí, vocês já agora, pegando nas vossas experiências, nas escolas para o ano passado, tinham momentos de intervenção directa? Na escola?

Sim. Muito. Nem através de alguém que vos representasse?

[Speaker 2] (5:30 - 5:39)

É assim, nós tínhamos listas, e os meus amigos faziam aquela lista, e nós queríamos darmos a lista em que eles tinham propostas.

[Speaker 1] (5:39 - 6:59)

Associações, não é? Associações estudadas, sim. Mas não fazíamos uma proposta concreta, eles tinham as propostas, e eram essas, e depois nós votávamos na proposta.

Mas, no fundo, havia pelo menos uma organização de ideias que partia dessa entidade, que é a lista, e que aí havia alguma intervenção ativa dos alunos. Sim. De alguma forma, não é?

Aquí, como vocês já devem saber, também há a Associação dos Estudados, entra um bocadinho no mesmo parâmetro do que estava agora a conversar com o Pedro, ou seja, é daquelas coisas que existem no papel, e pouco mais, mas ainda quando, enquanto que noutras escolas há a lista A, B, X, este ano, por exemplo, houve um. Portanto, nem sequer há a grande hipótese de escolha de dizer não quero este, não quero este, não quero este, não quero este... Assembleias de escola, ok.

E pessoalmente, já alguém, no vosso percurso escolar, seja professores, seja direção, seja quem for, pedirmos a opinião de alguma coisa em concreto sobre como é que eu devo melhorar as minhas aulas, o que é que eu posso fazer para melhorar o espaço envolvente, o que é que eu posso fazer para... o que é que nós podemos fazer, a direção, para oferecerem um serviço melhor.

[Speaker 4] (7:00 - 7:04)

Sim, mas não foi uma questão concreta. Sim. Nós fomos nos queixar.

[Speaker 2] (7:05 - 7:06)

Queixar?

[Speaker 1] (7:06 - 7:07)

Sim, sim.

[Speaker 2] (7:07 - 7:14)

A farmacêutica, ela perguntou-nos o que é que nós queríamos que fosse lá no momento de melhorar o espaço.

[Speaker 1] (7:15 - 8:07)

Ok, mas isto já aqui? Sim. Pronto.

Portanto, há esta parte de intervenção, pelo menos à vossa vontade, expressa, de melhorar coisas. Depois, o que muitas vezes faz falta, como vocês acabam de dizer, é alguém que faça depois a ligação das vossas ideias para quem tem, obrigatoriamente, desde tratado, que é o caso da direção. Notam, por exemplo, não sei se já começou a falar com vocês, que algum assunto que tenham de falar ou que já tenham falado diretamente com a direção são bem recebidos...

Só se for rejeitado. Sim, mas uma coisa é rejeitada no sentido de não há seguimento do que vocês pedem, mas pelo menos o acolhimento que é dado, a forma como falam convosco, a forma como, pelo menos, vos acolhem no espaço que é o gabinete da direção. O que é que notam disso?

[Speaker 4] (8:08 - 8:09)

Há não-contato direto.

[Speaker 1] (8:14 - 10:19)

Ou seja, não há contato direto. Então, se calhar aí, nós também podemos identificar aqui um ponto de melhoria, digo eu, porque, enquanto que este processo não envolve a intervenção direta de... Queres ir para aqui?

É, pronto. Portanto, enquanto nós temos uma intervenção que é uma intervenção indireta, ou seja, vocês têm uma análise e essa análise é passada por alguém à direção, se calhar, o que faria falta é um contato direto. Digo isto porquê?

Porque em algumas escolas nós temos um organismo chamado Conselho Geral. O que é um Conselho Geral? É um grupo onde estão representantes de vários elementos da comunidade.

Direção, representante de alunos, representante de pais, representante de funcionários, etc. Pronto. Acontece em muitas escolas, quase todas as escolas públicas, se não todas, têm, alguns colégios também, aqui não há, aqui o órgão de gestor é a direção.

Pronto. Mas então, não tendo vocês participado em muito mais para além disto, que no teu caso foi, que nem foi participação, foi saberes que havia alguma associação que tinha propostas, e no vosso caso, no teu caso, foi o caso da Assembleia de Anos, em que vocês também participaram por isso este ano, não é? Que vantagens e desvantagens é que encontram neste tipo de processos?

Falando então, se calhar, deste, que é igual para todos, que é a Assembleia de Anos. Viram que falha o facto de darem uma proposta e ela praticamente não tem resposta, ou seja, não dá. Que mais?

O que é que poderia ser melhorado, por exemplo, nas Assembleias de Anos, ou que outra coisa poderia haver, sem ser a Assembleia de Anos, que pudesse também contribuir para esta melhoria do colégio?

[Speaker 3] (10:20 - 10:33)

Por exemplo, quando nós sentimos a resposta das Assembleias de Anos, não vem ninguém dizer-nos a resposta, no tempo que a pessoa deveria ter tomado um local, mas não aconteceu, se nós quisermos podemos comentar, mas não vem ninguém na direção.

[Speaker 1] (10:33 - 10:53)

Para explicar diretamente a resposta, que pode já ter uma explicação, mas que não chegue a se relhar para aquilo que vocês querem. Parece-vos útil, por exemplo, que este momento tivesse uma forma assim, mais tipo de plenário, de mesa redonda, em que na própria Assembleia de Anos já estivesse alguém na direção?

[Speaker 2] (10:54 - 10:55)

Sim.

[Speaker 1] (10:55 - 10:56)

Faria sentido.

[Speaker 2] (10:56 - 11:04)

Acho que seria mais rápido, porque já alguém na direção tem um local, não sabe o que é que acende e o que é que não acende. Exatamente. Já vão iluminando logo, mas...

[Speaker 1] (11:04 - 11:19)

E se calhar também a própria participação dos alunos, em vez de... Melhor do que antes, já ficavam um bocadinho de pé atrás. Ok, não posso dizer isto na presença da Doutora Maria, da Irmã Sociedade, não sei o que é que foi...

[Speaker 4] (11:19 - 11:20)

Se deviam dar coisas que fossem mais...

[Speaker 1] (11:20 - 12:17)

Úteis. Exatamente. É disso.

Porque se calhar também, aquilo que é este nome das Assembleias, também não tem um resultado que devia muito por conta disso. Porque às vezes há várias propostas por ano, em que se calhar só uma pequena parte é que é efetivamente útil aquilo que é proposto. Enquanto que há outras bacuradas por meio, não é?

Pronto. Esta parte que vem aqui, o ponto 3, estão a ver que eu vou avançando isto mais ou menos rapidamente, daquilo que vocês fizeram, Assembleias dá, e o elemento está sempre a bater no mesmo, porque nós aqui, vocês nunca tiveram assim nada para além disso, não é? O que é que isto muda a nível de, sei lá, aprendizagens, mudanças em vocês, mudanças na escola, ou parece-vos que a Assembleia dá, não é?

Apenas a lista de compras do Pai Natal, para... Ah, quero um escorrega novo, e quero aquilo ar-condicionado, e quero não sei o quê...

[Speaker 2] (12:19 - 12:21)

Eu quero que falhe assim um pouco, mas...

[Speaker 1] (12:21 - 12:31)

Ou seja, é mais uma coisa de estrutura, de bens materiais, e não propriamente de mudanças de funcionamento, ou mudanças de atitude, ou... Sim.

[Speaker 2] (12:32 - 13:22)

Porque, imagino, nós uma vez até recebemos uma resposta positiva da direção, só que, e depois, quer dizer que mais ou menos estamos livres. Só que, para isso, imagino, só que há outras falas que, no mesmo curso em que nós estamos, que é com mil e dois dias, é ainda mais possível termos estados livres. Isso implicaria é que alguns dias nós estivéssemos em intervalos diferentes.

E eu até enviei um horário, só que eu digo, depois enviei esse, só que depois nunca mais voltou a falar disso. E... Eu acho que não é uma coisa que...

Pronto, demora-se um tempo teu para... A responder. A responder, porque é só dar um olhar e ver se é possível ser compatível ou não.

Então, acho que...

[Speaker 1] (13:22 - 15:25)

Eu isso posso dizer, Constança, da experiência que eu tenho como professor aqui e noutros sítios. Às vezes a dificuldade dos horários tem a ver com, primeiro, o número de pessoas que trabalham no espaço. Ou seja, um colégio pequeno, que tem comparativamente poucos

professores, tem depois aqui uns fenómenos que vocês já conhecem, que ter as turmas A2, mais B, mais C, mais D, todos juntos na mesma disciplina, e mesmo assim nem sequer é uma turma grande, são poucos alunos, ou seja, depois pode ser mais complicado fazer aqui o ajuste do horário, porque esse ajuste do horário ia mexer com o professor, que ao mesmo tempo também envolve com outras turmas. Isso, pronto, é uma razão, vale o que vale, mas é um motivo.

O outro motivo é justamente a questão dos intervalos. Isso podia implicar, por exemplo, que para vocês que pudessem ter mais de metade de vida, tivessem nos outros dias, sei lá, de começar às 8h10min todos os dias. Ou então, em vez de ter intervalos de 10 minutos, passarem a ter intervalos de 5, mais um de 10, que seria o maior de todos, e não o de 20.

É uma hipótese. Agora, se calhar vocês têm uma ideia, que isto não é propriamente aquelas preocupações essenciais das associações de aula. Aquilo que realmente vai a propósito, ou é o estado das casas de banho, ou é o dos colegas que fazem falta lá no arquiteto, ou é mais a nível material.

E depois, tem a ver com outra coisa, e vou já dar aqui uma ideia. Vocês estão em cursos diferentes, ou, pelo menos, estão em perspectivas diferentes de continuação. Todos vocês têm objectivos diferentes de carreira.

Alguns, se calhar, ainda nem sequer têm. Mas, acham que uma auto-abolição, aquilo que o colégio dizer, eu acho que a disciplina A, B e C funciona bem, a disciplina C e D é precisada disto, isto e isto, é também um dos objectivos auto-abolição. Ou, essa parte não pode ser posta à opinião das pessoas?

Acho que sim, claro. Sim?

[Speaker 2] (15:26 - 15:37)

Sim, sim. Por exemplo, temos impuridade, e depois temos moral. Olhando tanto o século 12 e o secundário, sem saber fazer nada.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 10 parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 3] (0:00 - 0:07)

Acho bastante sincero sobre o que é que são impostos. E nós não entendemos isso em matemática. Pelo menos na nossa matemática.

[Speaker 4] (0:07 - 0:17)

Ou seja, ao invés disso, ao invés da integridade moral, hoje aqui estou a falar do católico, mas mesmo assim, ao invés da integridade, por exemplo, podíamos ter uma aula...

[Speaker 1] (0:17 - 0:51)

Literacia financeira, gestão económica, sim, ok? Portanto, isto tem a ver com disciplinas, certo? A nível de horários, também já falámos um bocadinho da questão. Portanto, poderia haver um outro ajuste.

É claro que isto também vai mudando com o seu atuando de escolaridade. Por exemplo, no caso do décimo segundo, a carga é completamente diferente da que vocês têm. No décimo primeiro, também há alguma diferença.

A nível de modelos de ensino que, por sua vez, envolvem a forma como os professores dão aulas? Para os salários de disciplinas em específico?

[Speaker 2] (0:51 - 1:00)

Pode. Por exemplo, na matemática, existem as tarefas. Eu acho que é bastante positivo.

Eu acho que outras disciplinas também podem ter tarefas. Pode ser qualquer coisa.

[Speaker 1] (1:02 - 1:06)

Divisão por partes mais pequenas, que parecem ser mais fáceis depois de vocês terem avaliados.

[Speaker 4] (1:07 - 1:09)

Sim, as tarefas com a matemática...

[Speaker 2] (1:09 - 1:14)

Não, tarefas não é avaliar as suas questões, não. Tarefas é... São fichas que são exatamente as mesmas.

[Speaker 1] (1:15 - 1:18)

Sim, ou seja, ajuda na preparação dos momentos de avaliação.

[Speaker 4] (1:19 - 1:32)

É porque os resultados já estão a dar muito bom. Não é porque estão a ser muito difíceis, mas ficam muito mais fáceis por causa das fichas que os professores nos dão. No fundo, é um caderno da disciplina, feito pelos professores, com...

[Speaker 1] (1:32 - 1:51)

Basicamente, sim. Sim, e depois nós colhemos algumas coisas também para aprender. Ok.

E funciona também na matemática. Acho que também funciona no físico-clínico. E, por exemplo, a nível da própria estrutura dos testes, ou seja, de todos os momentos de avaliação, o que é que vos parece?

É demasiado extenso? Demasiado formal?

[Speaker 3] (1:51 - 2:12)

Demasiado difícil? No caso das disciplinas, por exemplo, físico-clínica, às vezes também matemática, porque como são exercícios que às vezes demoram algum tempo, quando os testes são demasiado grandes, às vezes não há tempo para terminar totalmente o teste. Ou então fazemos muita pressa, comendo, e o tempo acaba.

Em invés de termos um teste como o meu teste, nós queremos um teste que não seja completamente um bocado mais difícil de fazer.

[Speaker 1] (2:12 - 3:34)

Claro. Eu, por exemplo, posso dizer o meu respeito, e vão perceber o porquê, porque eu, por além das áreas em que trabalho, eu tenho a formação profissional em Moral, em MRC, na Informática, e tenho também na Biologia e Geologia. E sei, porque já trabalhei também, por exemplo, ali no Equador, que eles tinham uma coisa chamada os cadernos de preparação, em que não havia só isso.

Era o caderno de preparação, que era com exercícios extra, em que depois também forneciam a resolução aos alunos, têm também as fichas de férias, para os alunos levarem fichas para férias adicionalmente. Não é obrigatório fazer, mas era um complemento para quem quisesse preparar mais. E aquilo que tu estavas a dizer, que é aquele esquema ao longo do teste, o que é que acontece?

Vocês já estão com um esquema que é muito próximo daquilo que vão apanhar no exame. Eu acho que há algumas disciplinas, a lógica é um bocado essa. É, começarem mais cedo a apresentar-vos um teste, um modelo de exame, mas que é aquele choque, quando não se vem um registo desses.

É um bocado esse. Por exemplo, o Pedro conhece essa realidade melhor, mesmo a nível de terceiro ciclo, e se calhar até segundo em algumas disciplinas, os testes extensos já é o habitual da casa.

[Speaker 2] (3:35 - 3:53)

Agora, todos os testes saem a 12 horas, não é? E depois saem até 12 horas. Antigamente era mais o pessoal que decidia.

Sim. O matemático, às vezes, era sempre 12 horas. Sim.

E não se acontecia que 12 horas eram todas uma hora, por aquele momento, mas no terceiro ciclo, havia, até em disciplinas, que às vezes o teste morava 12 horas, e às vezes era sempre uma hora.

[Speaker 1] (3:53 - 4:32)

Exatamente. Mas havia sempre, mas já havia aquele modelo mais extenso, ou seja, testes maiores, com escolhas múltiplas, etc. E depois, outra coisa que tem a ver com, e agora eu lhe pergunto, planejamento.

Planeamento do ano, ou seja, planeamento das atividades, planeamento de eventos, coisas que são provas das escolhas, que não eram mais lá de nenhum. O que é que a autoavaliação pode fazer a este respeito? Ou seja, pontos de melhoria sobre o que é que realmente há a mais, ou há a menos, ou que não devia haver, ou faz falta.

[Speaker 3] (4:36 - 4:38)

Eu acho que temos isso também organizado.

[Speaker 1] (4:38 - 5:20)

Também organizado, as atividades, os momentos. E resumindo agora para o ponto 4, que estão a ver que já estamos praticamente no fim, correndo tudo isto que aqui está, sugestões de melhoria. Ou seja, o que é que...

Aquí fala-se dos processos de autoavaliação, mas no fundo, o que é que para vocês, se tivessem a maior responsabilidade, e estão a ter neste momento, de ajudar a construir um colégio que é mais a vossa cara, que é mais a cara dos alunos, o que é que faz falta? O que é que mudava? Esta coisa das parágrafas, não podemos descrever os títulos, mas o que sobra é o que falta.

[Speaker 2] (5:26 - 5:47)

Por exemplo, um dos... Nós temos os textos, e os textos nem se tornam uma balança de tonificação, são a tonificação como nas outras disciplinas, só que depois há mais avaliações. E há avaliações orais, que contam até bastante para a nota, depois há outros títulos de avaliação, há avaliação oral, eu acho que também conta mais do que noutras disciplinas.

[Speaker 1] (5:47 - 5:54)

E isso, por exemplo, para ti é um ponto útil, ou é alguma coisa pelo contrário? É uma coisa útil. Ou seja, diversificar um bocadinho os elementos de avaliação.

[Speaker 2] (5:54 - 6:13)

Há algumas disciplinas que não apresentam a apresentação oral de Matemática, não é? Mas pode haver uma apresentação oral de Filosofia. E Física também.

Uma apresentação oral de Físico-Química. Claro que dá. Se a tonificação fosse...

Não há apresentação oral de Físico-Química. Até Físico-Química.

[Speaker 5] (6:13 - 6:15)

E trabalham mais projetos diferentes.

[Speaker 2] (6:15 - 6:18)

Exato, não houve nenhum projeto interdisciplinar.

[Speaker 1] (6:19 - 6:33)

Interdisciplinar, ok. E parece-me que aqueles que tu já conheces do ano passado, os projetos interdisciplinares, são coisas que resultam, ou é uma coisa que, basicamente, ah,

ok, vamos juntar 3 disciplinas, vão trabalhar todas direitinho, mas no fundo só uma é que trabalha.

[Speaker 2] (6:33 - 6:50)

Acho que o único projeto disciplinar que eu vi que funcionava era o projeto disciplinar de fazer o inglês. Interdisciplinar de inglês, que era o que nós fazíamos um prato em inglês. Depois juntava com Matemática.

Esse projeto era bom. Este, o outro de...

[Speaker 5] (6:52 - 6:52)

Eu fiz outro.

[Speaker 2] (6:53 - 6:59)

Os outros que fizemos foi aquele que fizemos com Educação Física.

[Speaker 1] (6:59 - 7:06)

Sim, com Físico-Química. Sim. Porque é um bocadinho depois de direcionar-se só para uma área, e acaba a renovação do tema disciplinar.

[Speaker 5] (7:06 - 7:08)

Mas isso é maior, não é?

[Speaker 1] (7:08 - 7:13)

O projeto de inglês, o projeto filosófico... Abrir mais projetos, sim.

[Speaker 4] (7:13 - 7:24)

Sim. Ou o projeto inglês também. Sim.

Porque depois nós recolhíamos bastante esquemas das coisas em inglês e umas coisas formais, assim.

[Speaker 1] (7:24 - 7:30)

Sim. E já havia mais facilidade porque havia interação com outras coisas. É mais fácil.

[Speaker 4] (7:30 - 7:55)

Sim. Só que, imagina, eu acho que o domínio é até mais... Eu acho que muita gente tem sempre um domínio que é mais baixo.

60% é muito abaixo da nota. Então, eu acho que ao invés de fazer tantos trabalhos para aumentar o que os outros falam ali, eu acho que podia-se fazer algo, tipo um projeto, ou assim, para...

[Speaker 1] (7:55 - 7:58)

Que ajudasse aqueles que precisam de mais percentagem, como esse domínio.

[Speaker 4] (7:58 - 8:04)

Adicionar aos testes. E aos testes de aula. Porque, por exemplo, os testes de aula é só para o domínio 1.

Aquela grande parte.

[Speaker 1] (8:04 - 8:31)

Aquela situação dos domínios que agora nós temos na avaliação e que... Exatamente. Acho eu que atrapalha mais do que ajuda porque depois, por um lado, vocês não sabem muito bem como é que depois isto entra a nível de avaliação final, não é?

Não tem nada com contas e depois não vem a nota final no teste e como é que é. E depois, isto vale o que vale. Porque um aluno pode ser excelente num dos domínios, num determinado teste, mas isso não por algum tipo de aluno que ele leve o resto do ano à disciplina.

[Speaker 2] (8:31 - 8:53)

Por exemplo, o domínio da comunicação é domínio igual ou menos. E depois, pelo menos no meu caso, acho que no meu caso há algumas pessoas também, pode ser o domínio mais baixo. Mas também poderia ser um domínio que eu trouxe para a escola se houvesse apresentações horárias.

Exatamente. Ou se as pessoas trouxessem mais. Porque se a gente sente que o domínio é baixo, tem que ser mais equilibrado.

Sim.

[Speaker 1] (8:53 - 9:39)

E que até pode ser um domínio mais grossário de interesse. Imaginamos alguém que depois quer investir mais no par da comunicação e da divulgação, ser coisas que podiam ser mais desenvolvidas. Resumindo aqui, pronto, isto que nós falámos.

Como é que vocês, imaginem que agora, durante este processo, de alguma forma, voltaram a ser contactados para participar neste processo da autodelegação. O que é que vocês acham que para alunos, neste caso alunos de secundário, é mais fácil para recolherem as vossas opiniões sobre o colégio? São os questionários, são estas reuniões e entrevistas, é, por exemplo, ter uma sessão, tipo um plenário, em que estão os alunos de secundário a falar diretamente com a direcção.

O que é que poderia resultar melhor? Eu também acho.

[Speaker 2] (9:39 - 9:43)

É que os questionários, é isso. Isto é enorme.

[Speaker 1] (9:43 - 9:44)

Isto é enorme.

[Speaker 2] (9:44 - 9:48)

O senhor acha que não temos nenhuma boa fórmula para as pessoas, é só preencher e ir ao plenário.

[Speaker 1] (9:48 - 9:48)

Exatamente.

[Speaker 5] (9:49 - 9:50)

Arrombem bem, nem ligam, pronto.

[Speaker 1] (9:52 - 10:05)

Mas acham, por exemplo, comparando com a reunião em que estou aqui, ele poderia estar com uma pessoa qualquer com um número mais pequeno. Ou uma reunião mais alargada, imaginemos, alunos de décimo ano, todos com alguém na direcção, por exemplo.

[Speaker 2] (10:05 - 10:26)

É óbvio, porque é muita gente. Pois, por exemplo, se houvesse uma reunião a delegados e subdelegados, em que há direcção, então os seis delegados e subdelegados, os delegados e subdelegados, antes de saírem da sala, falassem com os alunos. Falassem com os alunos, eram só seis pessoas a apresentar as medidas em relação ao comunicado, e eles já tinham as ideias que gostavam.

[Speaker 1] (10:26 - 10:50)

Por exemplo, vocês, quem é que daqui é delegado de turma? Ninguém. Ninguém, pronto.

Mas também por essa razão, não tiveram nenhum delegado das vossas turmas em algum momento ao longo deste ano, ok, como é que está tudo? É preciso dizer alguma coisa à direcção? Vamos falar?

Não, não. E também, por aquilo que vocês sabem, não foi pedido a nenhum delegado diretamente para reunir o lugar.

[Speaker 2] (10:51 - 11:01)

Eu acho que o privado também cometeu uma pau muito fraco, cometeu-lhe quase uma pau que também muitas vezes não tem a nem. Acaba-se de se soltar sempre. A verdade é que se acaba por votar na melhor de um, mas não se quer.

[Speaker 1] (11:02 - 12:34)

Sinceramente, aquilo o delegado também se lhe diga. Às vezes vota-se no fulano porque tem piada, porque ele não está à espera de nem mais ninguém, não é? E às vezes é o mais atrofiado do turma.

Outras vezes, talvez, é como o Pedro diz, há alguém que até tem o perfil para delegado, mas depois os outros, pá, não comunicam nada, não pedem para falar e aquilo morra ali. Só o delegado, ok, quer para receber as fotos da Copa Espetacular, os alunos, ou para passar um bocadinho só por isso, não é? Haver um papel mais antigo e uma ligação entre delegados, turma e direcção.

Fazia sentido isso, não é? Pronto. Meus caros, agradecendo a vossa presença, eu acho que aquilo que resume isto, e eu uso aqui isto no fim, e não vamos fazer isto com a oração de amanhã, santo abacite.

Tem mais que fazer. Mas, eu acho que a ideia principal é mesmo esta frase que se repete aqui, falta felicidade às escolas. Falta felicidade no sentido de autorrealização académica, interação social, condições de bem-estar, porque se calhar mesmo aqueles que dizem, não, se calhar, até estou bem, mas quem é que realmente durante um ano letivo inteiro, ou

quase inteiro, vem para aqui, para o colégio, ou para outra escola qualquer, todas as manhãs, boa, vamos acordar, que queira ir para as aulas, ter aulas e fazer as aulas.

[Speaker 5] (12:35 - 12:36)
Ele vem com motivação.

[Speaker 1] (12:38 - 12:47)
Mas tu entendes isto como sendo uma coisa típica de cá, ou parece que é uma coisa geral? Geral. Exatamente.

Tenho muito mais experiência.

[Speaker 4] (12:48 - 12:52)
A tua experiência é esta, a tua experiência é esta. Não, mas assim, o melhor é a motivação daquilo que as meninas podem ter. Ah, sim?

[Speaker 3] (12:52 - 12:59)
Sim, porque os dois professores, quem vai saber? Está bem, mas vocês andavam ao longo do escravo.

[Speaker 1] (13:01 - 13:07)
Pois, nós depois temos estas coisas, que é, não, as escravas é que são boas, lá é que se aprende e está-se bem. Não é verdade?

[Speaker 3] (13:08 - 13:09)
Eu não andava no escravo. Eu andava no escravo.

[Speaker 1] (13:09 - 13:10)
Sim, não é verdade?

[Speaker 3] (13:11 - 13:37)
Não, eu também acho isso. Eu acho que o que influencia também muito é o ambiente em que nós estamos. Eu acho que, pelo menos no nosso turma, eu não sinto isso, ou seja, no seu cenário.

Mas eu sinto que nós ainda não criamos aquele ambiente no nosso turma. No nosso turma, sim. Porque nós estamos muito em grupos e isso também pode-nos afetar em termos de suporte.

Sim, porque as crianças estão bastante divididas em subgrupos. Sim. Não, não, mas são menos pessoas de grupos.

Sim.

[Speaker 1] (13:37 - 13:46)
Eu acho que os professores querem muito mais saber o aluno neste escravo que as meninas que não têm, que eram 500 alunos em um quadro. Sim.

[Speaker 3] (13:47 - 13:50)
Então, tu tiras a minha questão de trabalho para chegar.

[Speaker 1] (13:50 - 14:49)
Trabalho também que há que é um processo de adaptação, que eu produzo neste momento, pelo segundo ano sou diretor de turma de uma turma, que começou o ano passado por ser uma mistura de turmas de sexto, ou seja, aquilo que tu estavas a dizer, ainda não havia a turma, era meia dúzia de indivíduos na sala que nem se conheciam, nem falavam uns com os outros, etc. E isso só se criou de duas formas. Os próprios alunos entre eles, pegam a abertura para criar novas relações e também muito quem é, digamos, o chefe da quadrilha, não é?

Porque, ou seja, já todos passaram por isso, muito do que uma turma é é aquilo que o diretor dessa turma também é, não é? E aquele que mais, digo eu, se preocupa e deixa ao nível do aluno e está ali dentro de um registo mais próximo, ajuda mais do que aquele que tenta manter sempre aquela postura formal e disciplinadora da coisa, porque, ao contrário.

[Speaker 2] (14:50 - 15:03)
eu não acho propriamente que essa disciplina formal seja um problema, só que eu acho que, por exemplo, se um professor No distanciamento, o que é que és nisso? Quero que os alunos, o que os pais têm é que os alunos façam, comecem logo a abertura do nível primeiro.

[Speaker 1] (15:03 - 15:05)
Tem de impor limites, sim.

[Speaker 2] (15:05 - 15:08)
Tem de impor limites, mas também tem de se conseguir aproximar dos alunos.

[Speaker 1] (15:08 - 16:36)
Sim. Ou seja, é uma gestão delicada da coisa. O que eu estou a dizer é, há diretores de turma que, apesar de ter uma turma na sua mão, entendem aquilo como, ok, isto é mais uma tarefa que eu tenho aqui, mas não me preocupo verdadeiramente com ela.

Eu acho que aqui, mal ou bem, quase todos os diretores de turma, se não todos, têm esta proximidade, têm esta preocupação, nem que seja de um olá, de uma coisa qualquer, de um olhar, e... Mas, acima de tudo, é o que vocês dizem. Há aqui coisas que deviam funcionar melhor, serem mais interventivos naquilo que vos digo a respeito, e é este o objectivo deste trabalho.

É tentar, de alguma forma, que isto vai ser depois tudo tratado, tudo escrito, vai dar uma tese, vai ser divulgada, etc, etc. Mas o objectivo principal é depois eu entregar o produto final ali na direcção e dizer, ok, o meu estudo foi isto. Os alunos, os professores, os funcionários manifestaram-se dessa forma.

Agora, cabo-vos a vocês tirarem conclusões disto e tentarem melhorar. Porque há sempre coisas para melhorar. E são.

Sempre. Nem que não seja uma coisa como, por exemplo, ali um escorregue aquático, que desde 200 anos e mais até agora, creio, poderia ser uma ideia. Lembrem-se, meus caros, não me mostram mais tempo.

Obrigado. E agora, vão respirar depois das aulas traumáticas que tiveram. Não.

[Speaker 5] (16:37 - 16:39)

Olha, o quê? O quê é isto?

[Speaker 1] (16:39 - 16:40)

Eu... Foi só...

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 11-12 parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 0:50)

Pronto. A ideia, eu passo já para o objectivo essencial, porque esta parte da apresentação dos participantes que estava aí prevista, eu já vos conheço, a vossa já dei aulas, a ti dou aulas, tu tiveste uma azar de caráter, se não tiveste um professor... Tive por saber que eu te quesse, há uns anos atrás.

Lá está. Quando... isto está a gravar, mas ninguém conhece a minha voz.

Quando me diziam que aulas podiam ser estas em vez do nosso habitual, mas pronto. Eu lembro-me assim dos comentários. O essencial disto.

Vamos passar já para este ponto de que é uma autoavaliação. Vocês têm uma noção do que é a autoavaliação, vão fazendo nas disciplinas, mas agora peguem-me este exemplo, ou então não, e o que é para vocês uma autoavaliação escolar?

[Speaker 3] (0:53 - 0:56)

O que é? Estão-me a falar que vou estar no final do período?

[Speaker 1] (0:56 - 1:16)

Isto é o que vocês fazem, não é? De respeito à vossa parte, do vosso papel cá, das notas que tiveram. Agora, se nós pensarmos em, precisamos avaliar o colégio, o que é isto de avaliar o colégio?

O que é uma autoavaliação ao colégio? Ao colégio. Sim.

O que é que envolve, como é que é feita?

[Speaker 3] (1:16 - 1:19)

Mas nós não fazemos, nós não fazemos isso. Nós não fazemos isso.

[Speaker 1] (1:20 - 1:21)

Nunca fizemos, até logo.

[Speaker 3] (1:21 - 1:26)

Quer dizer, por acaso, eu acho que fiz uma vez a doutora, não sei o nome dela, aquela com óculos.

[Speaker 1] (1:26 - 1:27)

Em Maçã. Sim.

[Speaker 3] (1:28 - 1:39)

Elas disseram-me lá a direção, porém eu disse-lhe a falar de tal, sou um projeto também do género, e eu tive de fazer uma avaliação de qual é que eu achava, dou-lhe o correio, e disse-lhe, eu dou-lhe o correio da escola, das condições, também.

[Speaker 1] (1:39 - 2:06)

No fundo é um bocadinho ver o que é que está bem, o que é que está mal, a vossa perspectiva. Se calhar, para qualquer um de vocês, aquilo que tenha encontrado mais próximo de uma autoavaliação escolar tem sido as assemelheiras de água, não é? Sim.

Pronto, é um bocadinho por aí, com toda aquela queixa justificada que vocês vão apresentando, que é, fazemos aquilo todos os anos, não vemos resultados nenhuns, aquilo fica sempre tudo igual, ou então não aceitam as propostas, e andamos sempre nisto.

[Speaker 2] (2:06 - 2:08)

Tudo que eu vou gastar dinheiro não é aceito.

[Speaker 1] (2:08 - 3:44)

Pronto, e guarda essa ideia que já vamos falar disso justamente. É o que é que eu vou gastar dinheiro. Exatamente, pronto.

Porque aqui o que acontece é, basicamente, uma autoavaliação escolar deve mexer com várias coisas ao mesmo tempo. Mexe com a casa em si, ou seja, ver se a nível de instalações, a nível de condições sanitárias, etc., se está bem equipadas no colégio. Ver se as pessoas que trabalham cá, desde a direção, a professores, a auxiliares, a psicólogos, etc., se cumprem a função e estão desempenhadas no seu papel. Se a forma como os cursos, as aulas, os horários, as folgas se estão a organizar, envolve isso tudo. E até agora, como tu disseste bem, nunca foi feito nada disto. Até agora o máximo que se fazia, ou é as Assembleias de Ano em que vocês participam, ou é, de vez em quando, os professores que são chamados, pronto, se eles dão feedback de como é que foi o trabalho deles ao longo do ano, ao longo de 2 ou 3 anos, mas o passo é daí.

Ou seja, se nós queremos, por exemplo, pensar em... Ok, estou a olhar ali para fora e estou a ver um prédio que parece um colégio de freios, porque é. Como é que nós podíamos melhorar isto?

Pintar aquilo de rosa-choque, pôr ali um churré aquático, pronto. É um bocado isso. E, sobretudo, e agora falando um bocadinho mais a sério, aquilo que faz a diferença entre temos onde buscar, e que neste momento, tendencialmente, estamos a ter cada vez menos, e estar a ter alunos que estão a andar ali à porta do lado, não é?

[Speaker 5] (3:44 - 3:44)

Claro.

[Speaker 1] (3:45 - 4:06)

O que é que realmente é de tão marcante que faz com que um aluno, no momento de escolha, ou até já depois de estar aqui a focantar alguns anos, diga-lhe, quero passar para os vizinhos, não é? Pronto. Tendo em conta isso, já perceberam mais ou menos o que é a Autocoleção.

E, com isto, porquê é que acham que é importante fazer Autocoleção?

[Speaker 2] (4:07 - 4:11)

As pessoas me falaram, e não há dúvidas. Exatamente. Identificar os pontos.

[Speaker 1] (4:12 - 4:13)

Identificar pontos.

[Speaker 3] (4:13 - 4:16)

E, por outro lado, não perder os alunos, não é? Porque o que está a acontecer é que, para melhorar...

[Speaker 1] (4:16 - 4:23)

E, sobretudo, não perder alunos. Porque, para todos os efeitos, isto, sendo uma escola que o é, é, acima de tudo, uma empresa, não é? Claro.

[Speaker 2] (4:23 - 4:24)

E se tornar atrativo.

[Speaker 1] (4:25 - 4:51)

Atrativo e lucrativo. Sim. Porque, em última análise, aquilo que vocês pagam ao mês, aquilo que vos é conhecido, é em função daquilo também que é investido no colégio, ou seja, as vossas mensalidades, as inscrições e tudo mais, não é?

Se não houver entrada de capital, também não há investimento. E, depois, como tu disseste e bem também, o que é que se faz com essa entrada de capital? Se é para voar o ar para o dia de chuva, ou para...

[Speaker 2] (4:51 - 5:06)

Se é para gastar ali no piso de ciclo, para dar condições às irmãs, que é... Aquilo que eu acho que até pode fazer uma Autocoleção. Calma, eu nunca vi.

Aquilo que pisasse para uma nave espacial. O piso das irmãs. Tem melhores condições que qualquer hospital em Portugal, na boa.

Ah, sim. Sim, sim.

[Speaker 5] (5:06 - 5:06)

Eu nunca vi.

[Speaker 2] (5:07 - 5:12)

Mas é. Tem melhores condições que qualquer hospital em Portugal. Privado, desvinculado.

Sim. Claro.

[Speaker 3] (5:13 - 5:15)

Mas é diferente dos testes que se faz em Portugal.

[Speaker 2] (5:15 - 5:21)

Tanto que nós temos, na verdade, camas, monitores, cheiros para as irmãs, que não paguem cuidados o dia todo, e mais enfermeiros de tempo interno. Então, acho que até pode ser.

[Speaker 1] (5:22 - 5:31)

Nos dias que venho falar de algumas coisas, tipo, objetos desaparecidos em combate, que há fortes suspeitas que as extensões, portáteis, etc., que se foi para o que estava lá de cima.

[Speaker 2] (5:32 - 6:00)

Nós não temos aqui estas, porquê? Está tudo lá em cima. Tem para entrarem aqui estas por parte.

Se nós aqui estivéssemos... Sim, é. Mais de metade do mensalidade que paga as ovelhas é para o que está a entrar lá em cima.

Exato. Isso não tem jeito nenhum. Acho que esse é o objetivo.

O pessoal mete os corpões do lado, porque isto fica com as mesmas condições de 11 anos. Estou aqui há pelo menos há 7 anos. Isto é igual.

A única coisa que mudou foi os quadros. Exato. Temos que esperar 5 anos para mudarem os quadros.

Porque, primeiro, quiseram mudar os quadros da primária, que tinham quadros mais recentes do que no secundário. Sim, exato.

[Speaker 1] (6:00 - 6:29)

E aquilo que tu estás a dizer é bem verdade, porque nós, neste momento, a nível do investimento tecnológico, e eu sou suspeito, porque sou o responsável dessa parte, porque dou a disciplina, as disciplinas, temos quadros em todas as salas que nem sequer são rentabilizados ao máximo, porque muitas pessoas têm-se aquilo apenas como projector ligado ao cabo da TV e um pouco mais. A outra parte é o que faz falta, e que foi desmantelado, que é, por exemplo, uma sala de informática.

[Speaker 2] (6:29 - 6:32)

Que era terrível, e mais vão-me tirar para não ver críticas.

[Speaker 1] (6:32 - 6:33)

Pronto.

[Speaker 3] (6:33 - 6:34)

Eu acho que é muito bom que ela vê uma sala dessa, não é?

[Speaker 2] (6:34 - 6:37)

Sim, mas tinha computadores, que ela não vai desmantelar os dois computadores.

[Speaker 1] (6:37 - 6:39)

Porque ela está a enfrentar a biblioteca.

[Speaker 3] (6:39 - 6:39)

Só para ver se o colégio funciona.

[Speaker 1] (6:40 - 7:59)

Pronto. Agora, a questão é, tu vês, por exemplo, o que é que acontece nas tuas aulas, como já aconteceu nas vossas. Os computadores que vocês usam são os vossos.

E são em condições em que o colégio não assegura o funcionamento, nem as condições para trabalhar. Porque, se alguém tropeça num fio, deita um portátil abaixo, o aparto vai parar. Quem vai pagar?

A ação? Exatamente. Portanto, nem se cairá um seguro, nem nada associado.

Pronto. Depois, há uma outra coisa, que é, aquilo que vocês já foram falar, sobre o processo de autoavaliação, que já participaram. Já, na página seguinte.

Vocês já participaram na Assembleia de Estado. O feedback que vocês deram, é o mesmo que os outros alunos dão, desde o 5º ano até o 12º. Ou seja, Assembleia de Estado, sim senhor, tudo muito lindo, vamos para lá, apresentamos as nossas ideias, mas, várias partes.

Primeira parte, a malta que vai lá, para sabotar aquilo, e apresenta disparados pegados, ponto 1. Ponto 2, as ideias que são aprovadas, vão à direção, e depois aquilo esbarra na direção, e volta para trás. Ou então, há uma aprovação, mas que nunca tem conquistação.

Por exemplo, Melhorias de Casas, tem outras, que realmente, já foi comunicada às turmas. Sim senhor, temos, mas.

[Speaker 3] (8:00 - 8:00)

Não conhecemos.

[Speaker 1] (8:01 - 8:20)

Não, mas. No entanto, não houve nada a ser feito. Pronto.

Portanto, para além disso, como aconteceu até, provavelmente, mais ninguém passou, por esse processo, de ser chamado, pessoalmente, também fosse, pronto, e foi esse sentido, pronto. Mas, daquilo que vocês, os dois, notaram à altura, houve consequência?

[Speaker 3] (8:20 - 8:25)

Não, até foi às vezes, ao contrário dela. Sim. Não houve nenhuma, mas até foi às vezes, por acaso.

[Speaker 1] (8:25 - 9:05)

Porque, mais uma vez, havia alguém a terminar o curso, e precisava fazer um projeto para apresentar aquilo. Claro, espero que não seja este o caso, porque isto, realmente, isto vai ser apresentado. Todo este trabalho, toda esta tese que estou a fazer, vai ser apresentado, publicamente, e também, à direção, para perceber qual é a realidade disto.

Já, alguns inquéritos, passaram, já houve também, entrevistas à direção, que eu fiz, diretamente. Agora, esta parte, focus group, que eu já fiz a professora, já fiz a auxiliares, pronto, vou tentar chamar várias pessoas. Vantagens e desvantagens, deste processo de avaliação?

Eu já fui dizendo algumas, mas, agora, na vossa opinião, o que é que falha, quando se tenta avaliar, seja onde for?

[Speaker 2] (9:06 - 9:32)

Ah, vou-me assessorar, um bocado, de grande medida. Sim, se calhar, estou-me a abusar, um bocado, como tu estás a dizer, mas, há sempre aquela ideia, de que, vamos falar, do que é que está mal, mas, não queremos mudar, porque, para as pessoas, que estão a tomar as decisões, efetivamente, para eles, está tudo bem. Isto, para eles, vem, ah, agora estou-me a falar de problemas, mas, eu vivo na minha realidade, vocês, que não vivem, dizem, ah, mas isto, para mim, está bem.

Está bem, mas, quem está em baixo, está a ter uma situação, que não é igual a ele. É isso, exato.

[Speaker 1] (9:32 - 9:39)

Por exemplo, pensando, sei lá, lembrando agora, comida do refeitório, que é excelente, aquilo é a estrela do Michelin.

[Speaker 2] (9:39 - 9:40)

E é mais caro.

[Speaker 1] (9:40 - 9:46)

E é mais caro para todos. Exatamente, e, mais ainda, quando falamos de comida, que vocês próprios trazem, ainda têm de pagar. Há seis anos.

[Speaker 2] (9:48 - 10:03)

Há seis anos, quando falo de comida, tenho aqui uma partezinha, que é, o ridículo que é, mais para o agora, décimo segundo, fazemos um jantar de final de ano, e ainda temos de pagar o nosso jantar de final de ano. Pagamos quase quinhentos paus ao mês, para o final de ano, ainda temos de pagar trinta euros para pagar o nosso jantar.

[Speaker 1] (10:03 - 10:14)

Aliás, vou-te dizer, Gustavo, que eu tive essa conversa, ainda na segunda-feira, com a Ana Luisa, e que, chegámos, eu, cheguei à conclusão, de que, continuo sem perceber o porquê.

[Speaker 3] (10:14 - 10:15)

É que, por isso, fazemos um recinto.

[Speaker 1] (10:16 - 10:50)

Pronto. E foi o que eu lhe disse a ela, claro, vocês decidem, como grupo, a largada, e pode haver opiniões divergentes, mas, eu acho que, destes anos que eu acompanho jantares finalistas, ou seja, os dois últimos, há dois anos atrás, foi justamente aqui no colégio, no refeitório dos Unidos do Primeiro Recinto, que depois, havia aqui tempo de lazer para o jantar, e a malta nem sequer podia fazer um daninho de dormir, porque as férias estavam a dormir.

Nem podia vir para aqui nem nada. Para o próprio Foi o nosso ano ano.

[Speaker 4] (10:50 - 10:53)

Pronto. Nós viemos cá para fora e depois mandaram-nos cá para fora. Pronto.

[Speaker 1] (10:54 - 11:18)

Depois, o que o ano passado fez, a meu ver, tem toda a lógica, que é, passou o tempo todo aqui enfiadas e estão a fazer num sítio cheio, porque, se calhar, a diferença de preço, ok,

pode ser alguma, acredito, mas, até que pontem que compensa o aposto. É pagar em antes, está em cara. Pronto.

Mas isso é um atalho.

[Speaker 2] (11:18 - 11:26)

Mas só que, fora a logística, ficou assim, também não é para isso. O pessoal faz aqui o jantar, então convivem, depois vão-se embora, que não é da sua vez. Se querem conviver, fazem assim também.

[Speaker 1] (11:26 - 12:37)

Mas isto, o resumo do que tu estás a dizer, que aplica-se à proteção, como a tudo o resto, é, primeiro, dificuldades de autoavaliação é termos opiniões, não é? E há sempre aquela opinião de, como é que vou dizer, do sistema. Ou seja, está sempre tudo bem, malta queixa sem necessidade, porque aqui é que se está bem, é dizer, pratiquem.

E depois, há outra coisa, que é, não sei se vos acontece, nas vossas autoavaliações das disciplinas, com os prospectos professores, connosco, professores, há um bocadinho esse trauma de quando são em autoavaliação, ok, isto é a autoavaliação do colégio. Ah, mas eu não quero participar, eu não quero falar, porque depois vão-me avaliar a mim. Ou seja, há sempre um bocado aquele receio de, ah, aquilo que nós vamos dizer vence contra nós.

Se nos queixarmos, se dissermos isto precisava ser melhorado, aquilo precisava ser diferente, etc. Ah, não, não precisa, mas entretanto, há-me livre aí, escondido, oh, o fulano que insiste, esta hora e tal, tal, tal, vamos juntar aí umas três ou quatro falas dele e depois vamos mandá-lo embora. Há um bocado esse receio num colégio.

[Speaker 3] (12:38 - 12:38)

Mas isso acontece?

[Speaker 1] (12:42 - 12:49)

Não acontece. Se deixa aí, que eles guardam essas palavras. Neste momento vem-me só dois nomes à ideia.

[Speaker 3] (12:50 - 12:52)

Ah, então é você, certo?

[Speaker 1] (12:53 - 13:15)

sim. Claro que isto não é não é valável. Isto é um bocadinho a percepção que nós temos e sobretudo depois de falarmos com as pessoas que também não querem dizer assim à descarada foi isso, pronto, porque o motivo que lhes foi apresentar também não foi esse, mas os últimos a sair mais ou menos nessas condições, foi o professor Alexandre e o professor Rui.

[Speaker 3] (13:16 - 13:17)

O professor Rui foi quem?

[Speaker 1] (13:17 - 14:15)

De Genoteca Submissiva. Ah, ele é que era um professor. Ele veio em Porto Alegre.

Correio Lages. Correio Lages, conheço. Conheço perfeitamente.

Pronto. Só as histórias. Porto Alegre.

Não sei, não. Supostamente o que ia ser o vosso professor, mas só depois foi Porto Alegre. Exatamente.

E depois deu o estouro que deu. Também correu muito bem. Mas é do seu estório?

Não. O senhor é do Júlio Submitiva. Não, não é assim, certo?

Portanto, agora passando para um outro ponto. Já perceberam a vantagem e desvantagem? Vai acontecer sempre, não é?

Mas acima de tudo tem um bocadinho a ver com o que vocês disseram, que é aquela sensação de queixas, de se está tudo bem. Um bocadinho por aí. Vantagens, pelo contrário, é tentar contrariar um bocadinho essa tendência.

Ou seja, quando há apenas uma pessoa a manifestar-se, pode até nem querer fazer por algum receio pessoal.

[Speaker 3] (14:15 - 14:18)

E por exemplo sindicatos que estou a trabalhar aqui?

[Speaker 1] (14:18 - 14:20)

Existem, ou seja...

[Speaker 3] (14:20 - 14:23)

Há uma pessoa que representa e depois diz que é anónimo.

[Speaker 1] (14:23 - 14:48)

Os professores, em qualquer escola, privada ou pública, podem sindicalizar. E ao sindicalizar-se, têm direitos adquiridos por leis que abrangem qualquer escola. É por isso que os sindicatos também lutam, eu sou sindicalizado, há mais pessoas aqui também.

A questão é... O sindicato não pode obrigar a nada que não seja por lei.

[Speaker 5] (14:49 - 14:50)

O que é que eu quero dizer com isto?

[Speaker 1] (14:52 - 15:24)

Há uma lei que obriga os professores a receber um salário base tendo em conta o tempo de serviço, tendo em conta a carga horária. Se um colégio quiser pagar menos do que isto, não pode. Isto é lei.

Outra coisa é, por exemplo, situações de falta de condições do local pagar. No nível de comida, no nível dos estacionamento, em sério. O sindicato não pode ter com a direcção do colégio e dizer tens de pôr ali um estacionamento para os professores, ou tens de arranjar...

[Speaker 5] (15:24 - 15:25)

Não pode anunciar?

[Speaker 1] (15:25 - 16:40)

Poder anunciar pode, só que depois voltámos ao mesmo, que é... Ou o sindicato vem cá, ou então há um professor que está sindicalizado que representa aos outros e que vai falar com a direcção e pode ficar queimado. Ou então, mesmo falando e mesmo sendo ouvido, há depois a outra parte que, ok, está bem, fica registado e fica registado, arquivado, arrumado.

Portanto, não se faz nada para além disso. Portanto, isto a nível de efeitos, que é o ponto seguinte. De vocês, esta parte, se calhar tem mais do que alunos de 2ª e 3ª ciclo já conseguem chegar lá, que é...

Automobilção quanto à Aprendizagem e Desenvolvimento. Todos concordam que é importante, não é? Mesmo até no vosso desempenho académico, ter uma noção das vossas facilidades e das vossas fraquezas ajuda-vos a trabalhar e ajuda-vos a aprimorar um bocadinho o trabalho.

O que é que vocês notam neste processo de automobilção que, se calhar, é uma parte do nível de automobilção em Assembleias de Ano? Reais melhorias, diz-me.

[Speaker 3] (16:41 - 16:42)

Desculpe, o que é?

[Speaker 1] (16:42 - 16:44)

As reais melhorias de uma Assembleia de Ano.

[Speaker 3] (16:45 - 16:58)

Os conflitos e tal. Acho que não tem a ver com... Não gostamos de pôr as nossas opiniões e, tipo, decidimos que é que é uma Assembleia em si.

Acho que, de raiz, não tem.

[Speaker 1] (16:58 - 17:02)

E mais perceber o funcionamento da coisa, de que a validade é a mesma. Sim, exato.

[Speaker 2] (17:02 - 17:36)

No resto, o que vejo, não precisa de levá-los. Acho que não houve, assim, pelo menos nos 3 Assembleias que tive até agora, acho que houve alguma medida que nós tínhamos depois de ter sido atuado. Acho que não.

Nós votámos, vamos contar os bilhetes. 3 foi o motivo. Por isso, este foi o meu motivo.

Vamos contar 3, 9, 18... Estamos a falar de 24 medidas, supostas, e acho que... Nenhuma foi a que mais nem sabe.

Acho que, na vossa sala, chegaram a mudar as janelas? Não. Ou os stories?

Vocês sabem o que vocês pediram também? Acho que sim. Pronto, uma.

Puseram stories nas salas.

[Speaker 1] (17:36 - 17:41)

Algo que devia ser a... Ou que, se calhar, também já estaria a ser pensado. Para não coincidir com o que ele ouviu, não é?

[Speaker 3] (17:41 - 17:57)

Uma coisa que o meu pai ouviu é que o meu irmão disse-me agora. Ele estava-me a queixar, não sei o que. Alguém foi à casa e disse que tinha...

Até foi falar... Não sei se o meu... Ou a pessoa que eu tenho de trás, não sei quem estava na sala, a dizer que estava-lhe a dizer que não se calaram.

O pai disse-me, você tem de me pôr aqui. Ficou a aproximar-se.

[Speaker 1] (17:57 - 17:58)

Ficou a aproximar-se.

[Speaker 3] (17:58 - 18:02)

Ficou a aproximar-se. E, tipo, eu disse-lhe, acompanhe-me, se calhar, ou não. Ficou-me a dizer que não se calaram.

[Speaker 1] (18:03 - 18:13)

Pegando agora... Pegando outro nível sensível, digamos assim, não sei se algum já se viu envolvido nisso. Associação dos estudantes.

Ou seja...

[Speaker 3] (18:13 - 18:16)

Não, eu estava a falar sobre isso. Não estou a perceber. Eu estava a dizer, não sei o que.

[Speaker 1] (18:17 - 18:37)

Associação dos estudantes. que é um órgão representativo dos alunos, com poder decisório, nos órgãos de gestão do colégio, e cujo objectivo é chamar a atenção para a realidade, blá, blá, blá, pronto, estou a citar. Temos, efetivamente, voz ativa nas associações de estudantes.

[Speaker 3] (18:38 - 18:39)

Em que sentido?

[Speaker 1] (18:40 - 18:53)

Em sentido de, ok, vamos fazer uma coisa engraçada, que é as eleições, os votos e toda a gente ali a tirar a foto quando ficam eleitos. Aquilo que depois a associação, o que é permitido fazer a associação de estudantes? A associação de estudantes está completamente aberta.

[Speaker 3] (18:53 - 19:00)

Uma das questões aqui é o que é o que é isso, porque este ano nem sequer houve a ultraparte. Houve só uma lista e, tipo, nem houve uma sequer felicidade.

[Speaker 2] (19:00 - 19:01)

Se ninguém veio, então...

[Speaker 3] (19:01 - 19:03)

Eles não chegam antes de motivá-los, sabe?

[Speaker 4] (19:03 - 19:05)

E até mesmo nós...

[Speaker 3] (19:05 - 19:06)

E eu acho que eles têm essa ideia.

[Speaker 4] (19:06 - 19:33)

Eu, por exemplo, estou cá há muitos anos, e também o Alfonso também está cá há muitos anos, e eu noto que, por exemplo, já tem sido um período que nós notamos que, ok, há as associações, há as votações e há isso tudo. Vamos a ver que quase nenhuma proposta foi aceita pela direcção, ou foi sequer posta em ação. É o que nós vimos.

Portanto, por isso é que também houve este, digamos, também...

[Speaker 5] (19:33 - 19:34)

Existem as pessoas da carreira.

[Speaker 4] (19:34 - 19:36)

Existe, sim, a completude da associação de estudantes.

[Speaker 1] (19:36 - 19:55)

Ou seja, no fundo, aquilo que está a passar a imagem, verdadeira ou não, não vou manifestar, claro, mas é que todos os órgãos de consulta pública, ou seja, um assembleia de dados, sejam associações de estudantes, seja até a conversa de um para um, é apenas para manter a falsa sensação de...

[Speaker 4] (19:55 - 20:12)

Sim, é quando há... Acho que é um bocado... É assim, o colégio tem a capacidade para tentar falar com os alunos, bem, dá-lhes esses instrumentos que nós falámos, mas ao mesmo tempo dá-lhes...

Não dá-lhes... É para dar a imagem de que, ok, nós estamos a trabalhar, portanto, na verdade, é catológico.

[Speaker 2] (20:13 - 20:23)

Exato. Por acaso, pode-me só experimentar aquelas noções antes, quando passava a lição de trânsito, havia aquela caixinha das ideias. Sim, sim, sim.

Aposto nos cantos, pensamentos, ou qualquer situação.

[Speaker 5] (20:24 - 20:25)

Sim, que fofo.

[Speaker 2] (20:25 - 20:33)

Acho que eu não ouvi nenhuma lição de trânsito, não vi-o nem. Acho que uma série dá-lhe as apostas. Estou-lhe a algumas das coisas que eu não sei, mas...

Não é...

[Speaker 1] (20:33 - 21:02)

Eu sempre considerei aquilo como o balde dos papéis das xícaras alternativo. Porque eu acho que aquilo que ia parar lá, ou pelo menos a forma como era encarado por quem realmente colocou aquilo, era mais ou menos sujeito. Depois, esta autoavaliação, agora falando de aulas, ensino, preparação, para o salto seguinte do ensino superior, vocês sentem que a preparação que vos dão,

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 11-12 parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 0:06)

Acompanhamento coletivo, os professores a nível de educação, profissionalismo, etc. Qual é a vossa percepção?

[Speaker 5] (0:07 - 0:21)

Eu acho que, na minha opinião, eu acho que a intimidade desta escola, e quando eu falo às outras pessoas, é tipo a coisa que eu acho que a gente se percebeu. Sim. Por isso é que eu não sei de mim ainda.

Exato. Mas também é uma coisa que eu, desde sempre, por isso é que eu fico aqui.

[Speaker 3] (0:21 - 0:27)

Que é a frontalidade que os professores têm de ter a relação com o aluno. E a proximidade.

[Speaker 5] (0:27 - 0:31)

Exato. E ter a relação com 5 pessoas é tipo ótimo.

[Speaker 3] (0:31 - 0:50)

Exato. E mesmo nós, também, nós notamos também, às vezes, muitas das vezes, que as pessoas vêm e tem umas conversas com nós, e são super simpáticos com nós. Isso também dá um bocado, também, dá-nos um bocado de motividade, também, para nós tendermos o nosso lugar.

Nesse aspecto, acho que, em termos com professores, acho que está bem.

[Speaker 1] (0:50 - 1:20)

Aliás, eu acho, vocês concordam comigo, mesmo não estando noutras escolas até agora, não deve ser muito comum encontrar, num outro colégio, ou escola pública, seja o que for, em que temos professores que não só jogam raquetes com os miúdos, como entram em TikToks em danças. Estamos a falar sobre todas as pessoas, mas pronto. Portanto, mas que, ao mesmo tempo, não se incomodam com esta, digamos, exposição pessoal.

[Speaker 6] (1:20 - 1:21)

Sim.

[Speaker 1] (1:21 - 1:53)

Porque aquilo que importa, mesmo, é esta proximidade com o que estavas a dizer. Sim. E, se calhar, e dá-nos razão, aquilo que destaca este colégio produtivo é mesmo isso.

É o aspecto mais familiar da coisa. Sem perder a objetividade. Sim.

Porque, às vezes, também pode-se cobrar o risco de, ok, eu dou muito bem para os alunos, sou muito amigo, deixo-os fazer tudo, etc. E sou uma nota a ensinar, e não os preparo, e depois não há boas notas, não há boas médias, e não há... Isto não é justificação.

Claro. Exatamente. Ou seja...

[Speaker 3] (1:53 - 2:06)

Acho que isso até é uma forma também do professor criar um bocado uma relação de respeito com o aluno. Sim. Também.

De forma já, logo, um laço de respeito entre um e outro, que nós já percebemos, ok, nós já sabemos que isto é o limite, nós não podemos ultrapassar. Exatamente.

[Speaker 1] (2:07 - 3:55)

Eu acho que, acima de tudo também, o facto de vocês terem professores que vos são próximos, ajuda também, em alguns casos, se calhar, não todos, mas até nesta parte de planeamento de aulas, atividades, aprendizagens, são coisas muito mais fluidas e muito mais personalizadas do que noutras escolas, que está ali o programa, temos de seguir aquilo, não há volta a dar, etc. Eu, por exemplo, vocês já passaram por mim nas aulas de TIC de 9º ano, aquilo não é igual, daria, mas era uma coisa muito mais livre. A Eva tem a mesma percepção agora com aplicações informáticas, portanto, eu consigo ter as aprendizagens licencias cobertas, consigo ter uma avaliação objetiva, quantitativa, sem deixar aquilo que para mim é mais importante, é, para vocês fazerem o que gostam.

Porquê que eu não posso dar a hipótese dos alunos escolherem o tema, escolherem o grupo, escolherem a ferramenta, se, no meio disto tudo, só estou a prejudicar-se por ser demasiado transigente, e é um pago isso. E também o que tu estavas a dizer, não é fácil nós encontrarmos numa escola qualquer uma turma de secundário com uma dúzia de alunos, não é? Só o ambiente familiar da coisa muda completamente, ou então temos o mesmo diretor de turma a nos afio, que também nos ajuda um bocadinho a aproximarmos mais daquela pessoa.

É um bocadinho por aí. Agora, o que é que, apesar de tudo isto que é bom, o que é que vocês acham que podia ainda ser melhor? Nesta parte, sugestões, digamos, de melhoria.

Como é que nós podíamos tornar este colégio, que eu note muito que é vosso, e nas minhas reações que tivemos até agora, mesmo aquilo que dizem de mal, dizem com pena de não ser melhor, não é?

[Speaker 5] (3:55 - 3:55)

Sim.

[Speaker 1] (3:56 - 4:06)

Porque qualquer um dos vossos comentários foi na perspectiva de, tenho pena que as coisas não tivessem sido de determinada forma. O que é que acham que podia ser de outra forma?

[Speaker 2] (4:08 - 4:18)

Sinceramente, eu acho que, eu não percebo tão muito que é um colégio católico, que tem a parte religiosa envolvida, mas há um pensamento um bocadinho retrógrado em relação a isso.

[Speaker 5] (4:18 - 4:18)

Sim.

[Speaker 2] (4:18 - 4:26)

E principalmente, tirando da parte que a direção, tanto pedagógica como... Geral.

[Speaker 6] (4:26 - 4:26)

Geral.

[Speaker 2] (4:27 - 4:42)

É constituído, sim, há diferença de religiosidade. Geral é em que evolve a congregação e as irmãs e toda a luta em Portugal. Depois a pedagógica é que evolve-se à parte de cima.

Só que essa direção, são quatro pessoas, três de ambas as suas irmãs e uma dela é que é civil, vamos dizer assim.

[Speaker 5] (4:42 - 4:44)

Quem são as pessoas? Não sei o que é. Precisa que é a Susana.

[Speaker 3] (4:45 - 4:45)

É uma Susana?

[Speaker 1] (4:46 - 4:55)

Ah, mas espera lá, posso dar-lhe uma notícia obstáculo, então ainda perdeste a última visão. Não, neste momento a direção são apenas três. É uma...

[Speaker 2] (4:55 - 4:56)

Vai-se embora?

[Speaker 1] (4:57 - 5:00)

Não, não. É uma ideia que não te faz parte da direção.

[Speaker 5] (5:00 - 5:01)

Mas ela vai fazer.

[Speaker 1] (5:01 - 5:27)

Chegou a fazer, numa altura em que a irmã Susana esteve em Roma a completar a formação dela. Portanto, neste momento, quem é? Diretora-Geral, ou seja, que manda no colégio, irmãs, mais escola, é a irmã Susana.

Diretora-Pedagógica é a doutora Maria. E depois temos a doutora Margarida, psicóloga, que coordena a parte de... Margarida?

Margarida Baltas. Sim. Que coordena a parte de auxiliares e de, pronto, mais...

[Speaker 3] (5:27 - 5:28)

Irmã Teresa. Sim.

[Speaker 1] (5:28 - 5:55)

Irmã Teresa é a diretora-geral antes da irmã Susana, já nem está cá sequer. Ela está em Lisboa. Está agora.

A irmã Fátima ainda está. Está, só que vocês raramente a veem porque ela geralmente está na parte da Sororia, lá encostada à Secretaria. E de vez em quando também não está lá presente.

Pronto. Mas o que o Gustavo está a dizer é, realmente, esta... Há um peso muito grande na parte religiosa.

Esta pelagem do religioso, não é?

[Speaker 2] (5:55 - 5:56)
Ou seja...

[Speaker 5] (5:56 - 6:02)
O Gustavo está-se a dizer que existe toda uma direção à parte da religião e não existe... Havia mais pessoas a estar presente.

[Speaker 2] (6:03 - 6:04)
Sim, havia mais parte do civil.

[Speaker 5] (6:04 - 6:05)
Sim, eu concordo. Sim.

[Speaker 2] (6:05 - 6:54)
Há um peso muito grande... Eu não sabia isso. Há um peso muito grande da religião na direção do poste.

Acaba-se um bocado de estar nisso. A idade das missas vem todos os dias de flexão, festividades. Se acaba por ser em muito tempo perdido, eu concordo, pronto, tem que haver...

É um poste religioso, as pessoas sabem ao que vai. Tem que haver missas, tem que haver missas de vez em quando. Não é, então, um caso particular.

Por exemplo, no período passado, temos uma missa que durou mais de duas horas, em que uma delas foi uma apresentação que, por muito esforço, e admiro o esforço, as raparigas ali do lado das calorificação. Ah, sim, sim. Eu lembro disso, pronto.

Mas foi miserável. Foi miserável, para não ser outra coisa. A apresentação delas.

Já para não falar do posicionamento das crianças. E eu sou muito inclusivo, mas vale a pena termos com aquilo que estava ali. Há um bocado de...

Triste, para não dizer outras coisas. Há um peso muito grande. Porque elas olham para aquilo com um grande fascínio.

E acham que os alunos também olham para aquilo.

[Speaker 6] (6:54 - 6:55)
Sim, sim, sim.

[Speaker 2] (6:55 - 6:56)

Falam-lhe alguma coisa que é...

[Speaker 5] (6:56 - 6:57)
Isto está mal.

[Speaker 2] (6:57 - 7:08)
Isto está mal. Ah, não está mal, não. Elas olham para aquilo e está bem.

E elas olham para um deles e acham que os alunos também vendem a madeira. E não é. Aquilo foi triste.

Foi um período tempo completo. As pessoas perderam a aula. Não são leitões difíceis.

[Speaker 4] (7:08 - 7:10)
Depois nos fazem para ler filmes.

[Speaker 3] (7:10 - 7:11)
Exato. Nós pedimos.

[Speaker 4] (7:11 - 7:19)
Não sabemos como. No meu caso, eu tenho agora três horas a mais de aulas, porque as pessoas não conseguiam dar programas a todos os anos.

[Speaker 3] (7:19 - 7:33)
E no meu caso, eu estou, neste momento devia estar até, a ter aula de uma hora e meia com a Universidade Fiscal Química, porque a Universidade Fiscal Química, só com a minha turma, perdeu dezoito aulas. Dezoito? Dezoito.

Com feriados e celebrações folklóricas.

[Speaker 2] (7:33 - 7:47)
E nós também, numa turma que não estamos... Dezoito aulas. Não tem tempo.

Não tem tempo. Não tem tempo. Não tem tempo.

Não tem tempo. Não tem tempo. Não tem tempo.

[Speaker 6] (7:48 - 7:49)
E depois também foi...

[Speaker 2] (7:49 - 7:53)
Agora foi-nos retirada. Só arquivávamos livros, para ficarmos mais normais.

[Speaker 1] (7:54 - 7:55)
Para termos uma explicação de outras escolas.

[Speaker 2] (7:55 - 7:57)
Para termos uma explicação matemática.

[Speaker 1] (7:58 - 9:07)

E depois há aqui uma coisa, que também, e não sei se vocês têm essa noção de outras escolas, a nível organizativo, gestor, nós, a única entidade, digamos assim, que controla o colégio, é a direcção. Nas escolas, nas públicas, mas o exame podia ser produzido aqui, nós temos uma coisa chamada Conselho Geral. O que é um Conselho Geral?

Um Conselho Geral é onde estão órgãos representativos dos diversos sectores da comunidade educativa. Não só na nossa direcção, mas representantes dos alunos, representantes dos pais, representantes dos auxiliares, eventualmente até representantes de entidades como câmaras ou outros parceiros que a escola tenha, portanto, e aí é uma coisa mais alargada. Quem de vocês é Delegado de Turma é apenas para dizer que é Delegado de Turma, basicamente, ou seja, nunca vos é atribuída uma responsabilidade adicional.

Podem até ouvir algum comentário dos vossos colegas e transmitir o que tenham é preciso, porque as pessoas vão diretamente à fonte de falar.

[Speaker 2] (9:08 - 9:14)

Eu fui eleito Delegado de Turma, no início deste ano, eu disse que estava presente, estava de férias e era muito, mas, olha, este Delegado de Turma eu gostei.

[Speaker 1] (9:15 - 9:35)

Aqui o objectivo era ter um núcleo mais alargado de pessoas a tomar decisões e aí, se calhar, é diluído um bocadinho o poder produzido a uma ou duas pessoas, porque aquilo que vocês se queixam, e se calhar vocês têm essa noção, não é queixa única de alunos. Os professores também sentem um bocadinho isto na pele, a forma como... Exato!

[Speaker 2] (9:35 - 9:52)

Todos os colegas, se chamem, querem falar alguma coisa de mim, se eu perdoar da aula, se eu perdoar da aula, é uma cara que faz, ah, não posso comentar nada, mas é sempre a meia, não é? Não, não, o fato é que tiram certas atividades gerais para atividades feijosas, dias de desportivo. Falando de desportos, dias de desportivo eu acompanho-te por...

[Speaker 6] (9:52 - 9:53)

Ah, mas eu tenho que ter o primeiro dia de desportivo.

[Speaker 2] (9:53 - 10:37)

Não vai, por acaso falei-te, eu terminei de fetejar comigo hoje, não vai ser marcado, a proposta que eu tinha feito não vai ser, porquê? Porque, novamente, uma aposentação do mês teve que marcar a visita de final de ano, é assim, o primeiro, é qual? Se não estou em erro quase ninguém vai.

Sim! Para os últimos dois dias da aula deles, perdendo mais quatro horas de física alquímica, as últimas horas que eles tinham antes do exame. Sim.

Por isso, vais continuar a marcar, a fazer marcações ridículas, para depois a solução é ser... Além do quê? Ah, ou vocês vêm no final da primeira fase de exame, vir para o colégio, fazer o dia de desportivo, ideia estúpida, ou então vêm para o ano, o colégio paga para o estudo, para ver se no segundo se quiserem fazer o dia de desportivo com os outros.

Óbvio! Resumindo a ideia, ah, quase ninguém vai, por isso vêm dois ou três, nós oferecemos a dia de desportivo. O que parte de um problema de base...

[Speaker 1] (10:37 - 10:47)

Sim, nós não... O que parte de um problema de base, que é, não houve o dia de desportivo pelas condições climatéricas, porque não houve um plano B.

[Speaker 3] (10:47 - 10:49)

Pois, é estranho...

[Speaker 1] (10:49 - 11:49)

Ou seja, eles não quiseram também ter um plano B. Sim. No fundo, porque é assim, aquilo que implica ter um espaço aberto para a quantidade de pessoas que nós teremos no dia de desportivo, há vários, há vários.

Conheço alunos do Seminário de Vilar, ou do Pavilhão Rosa Mota, há outras entidades com quem pessoas aqui têm contatos e que facilmente arranjam uma alternativa, se lhes tivessem dito, ok, vamos ficar isto de prevenção. Até mesmo aquela quinta dos jesuítas, ou algo que é ali no Condomar... Já a outra congregação já é um conflito de interesses.

Não, nós tivemos, o ano passado acho que foi, ou quando foi aquela história que vieram com os drones filmar e aquelas palavras de hospitalidade, não sei o que é, pronto, foi nesse tal espaço que aquilo foi cedido através do professor Sérgio, que arranjam contatos, pessoas foram para lá, estiveram lá, ok, é um espaço a descoberto também, mas isto para dizer que se calhar conseguia-se dar uma volta a isto.

[Speaker 2] (11:50 - 12:17)

Não quero isso, não tenho interesse. Quero até-te experimentar um bocado agora, se preferem ter outros gordos, mas com efeito branco, força disso, vamos. Se fossem a ver até o que nós temos a nível da oferta desportiva, desporto escolar, temos vôlei, ok, se calhar porque num vôlei fizeram feminino e não fizeram masculino, porque queriam cobrar-se um vôlei, um bocado sem naix, só porque sim, queriam cobrar-se mais 30, era mais 60.

[Speaker 5] (12:17 - 12:19)

O vôlei não é um vôlei para as mulheres?

[Speaker 2] (12:20 - 12:33)

Eu não tenho a certeza, não posso ser antipatista, mas o que eu sei para nós é que queriam nos cobrar 30, pelo equipamento, mais 30 para fazer isto o ano todo. O que é uma atividade, o colégio não tem a representação nenhuma a nível de esporte fora. Não.

Não, não tenho nada.

[Speaker 1] (12:33 - 12:44)

Não, não, mas quem é o colégio? Aliás, estavas a falar em que importante apareceu e até estavas a falar e eu lembrava-me recentemente dele, o Eifanor, assim, nas... Eifanor no vôlei, foi na final.

[Speaker 2] (12:46 - 12:59)

Era mais uma maneira do colégio poder proporcionar os alunos, pagava, ia cobrar, ia se calhar custar-lhe um bocado ao princípio, mas divulgava a norma. Se o colégio eventualmente pudesse investir numa prática e os alunos pudessem melhorar, podia divulgar melhor.

[Speaker 1] (12:59 - 13:39)

Mas eu acho que aquilo que conta, e a caminhar para o fim, é a questão, como tu já disseste, de investimento. É perceber que vai-se gastar em equipa para se recuperar mais tarde ou mais cedo. Pronto, porque a lógica, eu acho que neste momento o colégio tende a assumir uma lógica de marketing, divulgação, como deve ser a estruturação de redes e cartazes e outras coisas assim, até mesmo, sei lá, o próprio colégio, seja como for, e acima de tudo, dar condições para, e se para isso é preciso gastar dinheiro, ok, pronto, gasta-se.

Se precisar de dinheiro guardado também não é por aí.

[Speaker 2] (13:39 - 13:40)

Pronto, não é guardado por aí.

[Speaker 1] (13:41 - 13:51)

Por exemplo, e a última pergunta aqui desta ideia, que é depois, ou recursos, é que estamos agora a falar de outra beleza. Eu estou a fazer isto, não é? A título pessoal.

[Speaker 4] (13:52 - 14:03)

Eu queria só preferir um ponto, isto, no que toca às pessoas a melhorar. Eu acho que há muito pouca transição, há falta de transferência entre ciclos e entre mesmo o colégio.

[Speaker 6] (14:03 - 14:04)

Sim, sim, sim.

[Speaker 4] (14:04 - 14:29)

Por exemplo, eu fui para uma área, há toda uma orientação vocacional no ano para os alunos irem. E eu não sabia para o que é que vinha. Eu vim para uma área, tinha uma ideia, mas, por exemplo, no caso de Geometria, não era a ideia que eu tinha.

No caso de Geometria em concreto. E acho que há muito pouca falta de transparência. A mesma coisa acontece no segundo ano.

Já falaram, mas eu não sei qual é que é a oferta formativa do colégio que acontece no segundo.

[Speaker 2] (14:30 - 14:37)

Nem eu sei. Nem eu sei. Ninguém sabe.

Então, o que é que vai? Vão para o meu bairro e depois aparecem lá na internet. Exato.

[Speaker 3] (14:37 - 15:49)

Esse curso que nós fizemos, por exemplo, eu penso que é química. Penso que a química é necessária. Se eu não tiver química, pronto, mas se não tiver, o colégio vai pagar o reembolso da matrícula que eu já fiz.

Ou eu vou perder o meu dinheiro e vou ter que gastar ainda mais dinheiro e vou ter que ainda procurar uma escola que me deixe entrar. É essa a questão. Porque há uma falta de comunicação em partes do colégio.

Há uma falta de comunicação em partes do colégio. E nós já vimos também um bocado, por exemplo, na minha parte, acho que há uma falta de organização do horário. Nós temos o mesmo horário que o ano passado.

Do ano passado, dezesseis a primeiro. O horário é horrível. Quais são?

Tem quantas datas exatamente? Nós temos duas tarefas livres, que é terça e quarta, duas tarefas livres seguidas que não fazem sentido nenhum. Depois, temos, físico-química, passámos a ter sete tempos semanais.

Isso é normal? Sendo que seis, então nós temos três horas, e acho que a semana que vem temos cinco horas. Temos duas horas de tarde e uma de manhã, que é os turnos.

E nós nem sequer fazemos atividades laboratoriais.

[Speaker 4] (15:50 - 15:58)

Sim, porque não há tempo para fazer atividades laboratoriais. A escola tem que mandar levar mais, e tem a questão de aulas no todo.

[Speaker 3] (15:58 - 16:07)

E eu até vejo também pilotos por outras escolas e isso, que têm três horários livres, têm tempos de aulas e conseguem dar a matéria toda.

[Speaker 1] (16:09 - 16:33)

Mas se calhar parte do que leva a que isso aconteça, já o Gustavo referiu, que é o tempo que se vai tirando, não só com cerimónias, celebrações, etc., mas também com determinadas disciplinas. Que pronto, que toda a gente tem, que toda a gente tem que ter, porque pronto, que o próprio deu essa disciplina, enfim.

[Speaker 3] (16:36 - 16:36)

Sim, nós...

[Speaker 1] (16:36 - 16:39)

Porque aquela coisa começa por um 1 e termina em inferioridade, não é?

[Speaker 3] (16:39 - 17:02)

Só para ter mais ou menos a noção, eu já faltei a duas aulas, praticamente. Eu fui acusada de faltar porque queria faltar e estava a chumbar a disciplina. Eu pergunto como é que o senhor gosta de uma disciplina que nem é que faz parte do meu objetivo.

Pronto, ok, pronto, pronto.

[Speaker 1] (17:02 - 17:34)

Mas acho, e isto, resumindo aqui, a ideia é, como vocês disseram, comunicação, organização, participação, ativa, não apenas uma de faz de conta e, sobretudo, a nível profissional, a nível do corpo logístico, também alguns acertos necessários, por exemplo, no

que tem respeito a determinadas orientações vocacionais, enfim, acho que... Sim, eu também gosto.

[Speaker 2] (17:34 - 18:01)

Por mais que não cresçam, só fizeram o Fórum das Universidades, que tinha alguma coisa umas semanas, que vai a um e-mail para casa, quem deveria ou não ver, quem não deveria ou não ver, tivesse em vista, não acho que tivesse uma... Duas mil e meia de e-mails para o domínio do Fórum. Sim, duas mil e meia de e-mails com atividades e, mais que eu, estava lá para os pais, olha, vai para uma feirinha de universidades para os filhos que quiserem aprender alguma coisa sobre o futuro, podem ir lá ver, e que também é um bocado restrito porque se não tem a reescrevação da Católica, é só o curso da Católica que é o que estão a falar.

[Speaker 4] (18:01 - 18:21)

Houve uma que foi exclusivamente a Universidade do Porto e houve outras universidades privadas. Enquanto que há uma com todos juntos, a Espola Norte, a Coliseia, e que a escola e a colégia não divulga, não fala com os alunos, e que envolve uma série de cursos públicos, privados, vistas missões de Estado, que não...

[Speaker 2] (18:21 - 18:36)

E no ano passado, vamos lá, o ano passado. Deixou os alunos numa dora. Houve o 11º ano, à feira das universidades, pronto, faz algum sentido, mas o 12º, que deveria ser o mais importante até agora, não foi.

Não foi. Até agora não teve uma única divulgação sobre o que é que é o curso. Até agora não teve uma única divulgação sobre o que é que é o curso.

[Speaker 3] (18:36 - 18:43)

Eu também estive no curso, mas não fui. Mesmo neste ano. Querido, o 15º foi, acho eu, e o 12º não foi.

[Speaker 2] (18:43 - 19:01)

Porque é ridículo, já para não fazer as questões de exame, não houve uma única pessoa no coleiro que tivesse dado trabalho de, vamos falar com a vossa exame. A única pessoa que fez isso foi a nossa professora de Português, que está a nos interagir. Ela ficou perdida, ela estava a falar com nós sobre isso.

Se não, ninguém no colégio tinha falado nada e já não precisaríamos fazer nada.

[Speaker 5] (19:01 - 19:16)

A primeira pergunta sobre isso é que, ontem o meu pai estava a dizer que nós recebemos um e-mail depois com algum código, este mês, em maio, eu disse isso. E disse que eu também. E disse-me, ah, pronto, hoje eu tenho que entregar um papel que depois tenho que entregar na Secretaria por causa dos exames.

[Speaker 2] (19:16 - 19:30)

Não é preciso entregar. Vais lá à Secretaria, é só para fazer uma assinatura e depois reportas isso. O código é o que já está.

Quando vais à DGE, vem aquele código que quando imprimes a folha, é só quando vais lá depois tirar o fechamento. Mas o fechamento é só quando tiras o exame. É só quando já estás a fazer o exame?

[Speaker 1] (19:30 - 19:30)

Está, sim.

[Speaker 2] (19:30 - 19:32)

É só dia 18, 19 e dia 16.

[Speaker 1] (19:32 - 19:36)

Mas nessa parte acredito que no colégio se houvesse alguma incompatibilidade ou algum erro.

[Speaker 2] (19:36 - 19:43)

Ah, isso eu lhes falo. Tens logo o que tens a obrigar. Mas não te importo.

Mas depois corriges. Se fizeres mal. Nessa parte falo.

[Speaker 1] (19:43 - 19:56)

Pronto. Resumindo, e em jeito de agradecimento mais uma vez da vossa presença, eu acho que tudo isto, eu fui buscar este texto, que vale, vale, mas que me diz bastante. O que eu não vou ler, que isto não é a oração da manhã.

[Speaker 2] (19:57 - 19:59)

Também não lemos esta. Pronto, lá está.

[Speaker 1] (20:00 - 20:52)

Mas aqui a lógica resume-se a esta frase que se vai repetindo. Falta felicidade às escolas. E eu acho que acima de tudo, num colégio de congregação, em que há outro tipo de valores envolvidos supostamente, o valor da felicidade está a ser muito escasso.

E está a fazer com que, por sua vez, as pessoas também fiquem mais escassas aqui. Nós, o que é que temos? Temos um colégio a ficar um bocadinho mais vazio.

Vazio? Vazio. Obsoleto.

E se calhar aquilo que vai acontecer é, as pessoas que vão entrar, porque entretanto o INED vai fechar e vai vir muita gente para cá. O INED é outro colégio. É um colégio de correção por causa de problemas financeiros.

Sim, e que entretanto vai haver muita gente supostamente a vir para cá, porque no fundo nós... Espera-se mal.

[Speaker 6] (20:52 - 20:53)

Espera-se mal.

[Speaker 1] (20:53 - 20:57)

Espera-se mal, mas nós aqui aceitamos qualquer um. Não há nada...

[Speaker 6] (20:57 - 20:57)

Pronto.

[Speaker 1] (20:57 - 21:16)

E então, aquilo que faz com que as pessoas procurem, mas ao mesmo tempo, não sei se a entrada de novos vai compensar a saída de muitos que já estou a vir já este ano, que vão ali ao lado, a meio de, sei lá, do oitavo para o nono, nem se é que vão aqui no nono ano ou logo.

[Speaker 4] (21:16 - 21:22)

Sim, o colégio muito especial, o colégio muitas vezes é conhecido por aquele lado do... Ah, se ninguém me conhece sabe.

[Speaker 2] (21:22 - 21:28)

Sim. Há aquele de Marquesa ali. Há, sim.

O pessoal sabe mais do que o do Marquesa?

[Speaker 3] (21:28 - 21:28)

Sim.

[Speaker 2] (21:29 - 21:48)

Conhecem. O Aurélio é que é mais do ano do que o do Ribeirão e o Filipe, mas só a Coisa da Paz. E o Café Preta.

É fora. Eu não consigo dizer Coisa da Paz. Exatamente.

Se me perguntam numa festa, onde é que é a Coisa da Paz? Esquece. Já foi, já foi, já não faz nada.

Ninguém sabe. É o Colégio Árvore do Ribeirão ou é Árvore do Marquesa, não quero se enganar. Não tem...

[Speaker 1] (21:49 - 22:41)

Eu acho que, acima de tudo, eu quero acreditar, espero eu, porque eu também tenho investido um bocadinho nisto. Que isto sirva para alguma coisa. Mas não seja para que, se realmente, de direcção a outros, não tiverem, lá lá, a aceitação de receber um título como isto, isto sendo publicado, tornando-se público, também haja outras pessoas que vão ver isto, pais, alunos, etc.

E perceberem um bocadinho esta realidade. E, de uma forma ou de outra, eu acredito, sinceramente, que, se isto não mudar rapidamente, vamos deixar de ter alunos, como vocês, eu posso dizer isto assim, mesmo de uma forma muito fraca, os alunos que ainda vão haver interessados, empenhados com algum espírito de pertença a um grupo, porque, para todos os efeitos, vocês sentem-se parte da casa, de uma forma ou de outra.

[Speaker 5] (22:41 - 22:42)

Mas há pessoas que não.

[Speaker 1] (22:42 - 22:48)

E é isso. E cada vez vai haver menos. Cada vez isto vai ser um ponto de passagem, vai ser o frente, vai ser aquela coisa...

[Speaker 2] (22:48 - 22:50)

Se alguém aqui passa umas areias de trabalho, faz uns 10 minutos.

[Speaker 1] (22:51 - 22:58)

Exatamente. Muitos contrariados porque não conseguiram entrar aquilo ali. Então, prometo que vamos para aqui, porque, pronto, fizemos a inscrição também.

[Speaker 5] (22:59 - 23:14)

Pois. Eu acho que isto tem um potencial. E acho que, sinceramente, por causa dos professores e disso, acho que menos é muito.

E acho bastante aproveitável por causa da data. Um bocado isso. Mas é verdade.

[Speaker 2] (23:14 - 23:20)

Tem que mudar ao máximo. Sim. Não tem que idealizar.

Tem que ter uma mudança. Eu acho que é uma coisa muito utópica.

[Speaker 4] (23:20 - 23:29)

Acho que é interessante. Desculpe-me. Devia ser mais transparente nas áreas de investimento.

Onde é que, efetivamente, se não a professora...

[Speaker 1] (23:29 - 23:31)

Lá atrás de plantas... Está-se a olhar para ela.

[Speaker 4] (23:32 - 23:41)

Não digo tanto por isso. Não sei porquê. Ainda bem que seja complicado de se fazer.

Desculpe. Mas acho que é útil para quem paga... Sim.

[Speaker 6] (23:41 - 23:42)

É tal, ter as coisas a reforçar.

[Speaker 1] (23:44 - 23:44)

Os meus carros.

[Speaker 2] (23:45 - 23:49)

Estão aqui... Um carro. É um carro já bom.

[Speaker 1] (23:50 - 23:54)

A almojar, são dois ou três. Quem já esteve aqui desde os três anos...

[Speaker 2] (23:54 - 24:12)

Estava nos contos. Estou aqui desde os três anos. E desde os três anos que estou aqui em baixo da Congresso das Boteias, estive uns anos no Sardão, depois vim para aqui no quinto ano, ao total, até este ano, começou a ser 75 mil euros.

Quem esteve aqui no máximo? 75 mil. Desde os três anos até o décimo segundo, são 75 mil.

Meus carros.

[Speaker 1] (24:12 - 24:13)
Compras.

[Speaker 2] (24:13 - 24:13)
Obrigado.

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG alunos 12

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 2] (0:00 - 0:52)

Eu estou aqui a fazer o mestrado em Administração Escolar, que é para ficar com o lugar da Dra. Maria. Mentira.

Podia ser. Fazia bom trabalho. Ou era corrido antes, mas adiante.

Mas o objectivo deste trabalho, o tema do trabalho, foi a autoavaliação do colégio, ou seja, vocês têm autoavaliação como alunos, há autoavaliação que os professores também têm, de vez em quando, ou nas escolas a todos os anos, mas não havia aqui nada que servisse para avaliar o colégio, ou seja, de que forma é que ele corre bem, que corre mal, o que é que tem de ser mudado, como é que se chega a isso. Vamos começar por uma parte assim muito simples.

Que contacto é que tu já tiveste com autoavaliações? É só de disciplina, já fizeste mais alguma coisa diferente?

[Speaker 1] (0:54 - 1:42)

Não, já fiz as disciplinas, faço habitualmente, o normal, os testes, isso, mas também a autoavaliação na parte das atividades fora da escola, o futebol neste caso, a autoavaliação, nós somos obrigados a apresentar, de vez em quando, as nossas notas, porque se nós não tivermos as nossas boas, somos obrigados a parar de jogar futebol durante um tempo para manter as nossas notas, dividir, e avaliarmos também, eu neste caso, por a forma como estou, ou como estamos em casa, há sempre uma avaliação constante durante toda a minha situação, em casa, no futebol, nos treinos, com os amigos também, há sempre aquela avaliação, de

[Speaker 2] (1:42 - 1:53)

vez. Portanto, tu, daquilo que conheces dos vários tipos de autoavaliação que fazes, todos eles têm alguma coisa em comum, que é, qual é no fundo a finalidade de fazer uma autoavaliação?

[Speaker 1] (1:54 - 1:56)

É, para ver o que é que tu sabes, e...

[Speaker 2] (1:56 - 2:02)

O que sabes, mas ficar apenas por aí, ok, fiz a autoavaliação, e está feito...

[Speaker 1] (2:02 - 2:09)

Não, basicamente a autoavaliação é para saber o que sabemos, o que não sabemos, e o que podemos melhorar nesta situação.

[Speaker 2] (2:10 - 2:34)

É isso, é isso. Pronto, daqui do colégio especificamente, já falaste da autoavaliação das disciplinas, tens também, já passaste por isso nos outros anos, a autoavaliação que é feita através das assembleias de ano. Sim.

Assembleias de ano em que os alunos decidem, mais ou menos, o que é que vão propor na direção, melhorias, etc, só que, qual é, por exemplo, a tua perspectiva sobre isso, sobre essas assembleias de ano?

[Speaker 1] (2:34 - 3:34)

Sobre as assembleias? Sinceramente, acho que às vezes é só um desperdício de tempo, em algumas situações. Por exemplo, posso dizer, imagino, como eu já ando aqui desde o segundo ano, conheço muitas vezes, conheço um bocadinho mais da doutora Maria, da forma como ela pensa, como é que usa assim as coisas, há medidas que são implementadas nas assembleias que eu acho que muita gente volta e acha que vai conseguir e que mantém aquela ideia de, ah, vamos conseguir implementar isso.

Eu já sei que não volto nessas porque eu sei como é que é a doutora Maria e tento explicar como é que é. Porque, pronto, mas há sempre aquela situação de, ah, também é difícil ter assembleias porque estamos todos juntos, rimos um bocadinho e tal, mas de tratar da colega... Mas no fundo aquela coisa mesmo à sério, ok, vamos escolher, vamos decidir, pronto.

Isso, e nunca funciona e acho que, pá, nunca funciona. Pá, uma das medidas que funcionou foi pôr histórias no nosso curso e nós estamos desde o décimo primeiro a tentar meter e só agora, no décimo segundo, no final do ano é que pusemos. Sim.

[Speaker 2] (3:35 - 4:47)

Pronto, porque isto, no fundo, o que é que nós temos? Nós temos autoavaliações que não funcionam, muitas vezes porque aquilo que é o momento da autoavaliação não está bem preparado ou então há um bocadinho de receio que a autoavaliação seja a subir contra nós, não é? Ou seja, imagina, no caso da assembleia, já não é muito isso, mas imagina no caso das autoavaliações dos professores.

O professor é chamado pela direção a dizer o que é que acha, se corre bem, se corre mal, o que é que mudava, etc. Há muita gente que não diz nada ou que diz, ah, está tudo bem, porquê? Porque tem receio de que se começarem a criticar muito.

Ou seja, a doutora Maria, seja a direção, que comecem a ficar um bocadinho na lista negra e então depois podem haver problemas com isso. Pronto. O que, e acompanhando aqui, saltando aqui esta parte, tu tens acerca de que processos é que nós temos, mais ou menos, a funcionar na escola.

Neste colégio já estás há muito tempo, certo? É, se calhar, os que estão aqui há mais tempo daqueles que eu fui interessado. Dez anos, já.

Pronto. O que é que encontras aqui de bem? O que é que encontras de mal?

O que é que mudavas?

[Speaker 1] (4:48 - 5:38)

Ora bem, se começar pela bem, não bem, acho que somos, quando entramos neste colégio foi bem recolhido, foi bem utilizado uns pelos outros todos, logo no segundo ano por várias pessoas, por exemplo, pela Ana, por outras pessoas que já saíram, mas é uma coisa que acho que podemos encontrar no colégio, é que somos muito bem-vindos e que todas as

pessoas são amigas umas das outras, mesmo com as dificuldades que temos continuamos a ser amigos.

Ok. Mal, acho que há dezenas de regras, acho que, tipo, eu sei que é um ensino privado este aqui, mas, comparando com o público, a regra do telemóvel, eu percebo também que há muita gente que abusa e tal, mas tirando essa dívida do telemóvel também, mais à frente, agora tipo mudam-se e mandam e deixam, é óbvio que deixando eles vão estar mais tempo no telemóvel do que se já estivessem há algum tempo, já há coisa.

[Speaker 2] (5:39 - 5:56)

Sim, já esqueceram. Sim. Mas, por exemplo, falaste aqui, pronto, isto tem a ver com regras, sei lá, por exemplo, a nível de funcionamento das aulas, carga horária, disciplinas que têm tempo a mais, têm tempo a menos, que não devia haver, ou que devia haver outra coisa em vez disso.

[Speaker 1] (5:57 - 6:27)

Meu, acho que se eu, acho que tenho, por acaso, tenho feito uma boa gestão da carga horária, pelo menos, pelo que eu vejo, no meu ver, na minha situação, acho que tenho boas horas dadas para todas, em português, para o desenho e tal, e, principalmente, acho que também temos que soltar, de vez em quando, algumas disciplinas com mais tempo, que são aquelas que vão precisar agora, depois dos exames, é, obviamente, que temos que ter um bocadinho mais de carga horária, mas, de vez, dá, é tranquilo.

[Speaker 2] (6:27 - 6:30)

E, por exemplo, a nível das instalações?

[Speaker 1] (6:30 - 6:32)

Ah, o tipo, assim, as salas.

[Speaker 2] (6:33 - 6:37)

Salas, coisas que tens à mão, coisas que outras escolas têm, sei lá.

[Speaker 1] (6:39 - 6:55)

A sala, em si, é uma sala normal, não acho que não há, já assim, uma sala que seja melhor que todas as outras. Agora, quando é frio, é preciso ver, é frio, é preciso, eu sei que os aquecedores não são baratos e tal, mas, há uma ou outra...

[Speaker 2] (6:55 - 6:55)

Falta o aquecedor.

[Speaker 1] (6:55 - 7:17)

Sim, falta o, os aquecedores que nós temos aqui, já não funcionam direito, já são muito antigos, assim, melhorzinho, ou, pelo menos, um ar-condicionado, como lá em baixo ou, sei lá, no primeiro ano. Sim. Nós, bom, nem que seja aqui no...

O espaço é diferente, mas tem alguma coisa que seja um bocadinho melhor. Assim, é um calor, quando se fecha a porta e abre-se, acho que dá para funcionar melhor.

[Speaker 2] (7:17 - 7:43)

E, a nível de condições, outras coisas acompanhadas com as aulas, as salas de aula, mas, por exemplo, a nível, sei lá, espaços de lazer, bar, parte externa, pronto. Tchau. O que é que tu notas aí, que, por exemplo, conheces outras escolas ou outros colégios que estão mais bem equipados a esse aspecto?

[Speaker 1] {7:43 - 9:03}

Por exemplo, eu conheço o colégio de Serdão muito bem, é uma das coisas, passei muito tempo a ir ao colégio de Serdão, por motivos da escola também, mas também a visitar o colégio de Serdão com o meu pai e tal. Ou seja, é um sítio mesmo amplo, com um campo, nas casas tem um campo de futebol e de basquete, mas também tem, digamos, uma floresta, que eles podem passear ali, tem um bar, e a praia também tem um maior espaço, com mais brinquedos, e as pessoas conseguem andar devidamente. As aulas também são bem equipadas, pelo o que eu já vi, são bem equipadas.

E bar, não sei se tem bar, nunca percebi se tem bar. Mas eu acho que comparado com os anos anteriores, o nosso bar, este bar que está agora, está bastante melhor do que os anos passados. Havia um ano em que eles disseram que iam abrir, abriram, depois tipo dois meses seguintes já estavam a fechar, que não houve o conceito.

Lá em baixo onde está o Zé a trabalhar, está a funcionar direito, acho que está incrível. A pintura que fizeram lá, ouvi dizer que o professor também teve lá a trabalhar, a parte da evento e tudo, tudo direitinho. Os preços são acessíveis.

Acho que para a palestra é um bocadinho mais caro o outro, mas não é o colégio que tem que fazer a sua forma de fazer a coisa. Mas de resto, é a mesma coisa que o Filipe, o guarda. O Filipe é basicamente...

[Speaker 2] {9:03 - 10:35}

Pronto. E isto andando por aqui, porquê? Porque nós, para tentarmos ter aqui alguma coisa que se meça, no caso a autoregulação, temos de perceber o que é que se vai medir.

Porque para já não nos está feito nada. Ou seja, porque é que se está a ver estas entrevistas com os alunos, com os professores, etc? Para depois perceber qual é a melhor maneira de ter alguma coisa montada, que ano após ano, ou dois em dois anos, ou o que for, as pessoas possam responder e possam dar a sua opinião.

Por exemplo, já muitos alunos disseram que a história de mandar um inquérito para o professor responder, que não resulta. E a verdade é essa. Tu laves um inquérito, vês muitas perguntas, se não tiveres tempo respondes, se não então nem sequer respondes, e aquilo, pronto, tem de ser pensado de maneira diferente.

Agora, tu por exemplo, já está no teu último ano cá, se tivesses, sei lá, uma pessoa conhecida, um colega, um amigo, que vem de outro sítio qualquer para esta zona e que está na dúvida de vir aqui para o Colégio da Paz e para o Ribadouro e para as escravas e para outro sítio qualquer, o que é que tu lhes dizias? O que é que tu lhes dizias a essa pessoa para, digamos, fazer mártir, para dizer anda para cá? O que é que tu consegues distinguir aqui que realmente...

Mas para o colégio, neste caso. Para o colégio. Que aqui encontras, mas não sabes que existe e nos outros, se calhar, não existe ou não sabes.

[Speaker 1] {10:35 - 11:17}

Escravas já ouvi falar, o meu pai sempre falou que era uma boa escola para o meu colégio. O Ribadouro também já ouvi falar, assim, um pouco de algo, não tenho nada em concreto com o Ribadouro, porque eu sempre fiquei aqui no colégio e acho que eu faria dizer-lhe que queres um sítio confortável, que consigas ter colegas, interagir com as pessoas e os professores também estão todos, não tenho nenhuma razão de queres ser dos professores sem ajudando sempre o máximo possível, por exemplo, para melhorar uma situação de nota ou qualquer coisa. Tens que abres-te com eles e falas com eles, porque eles tentam-te ajudar dessa forma e acho que é isso que me diferencia do colégio.

[Speaker 2] {11:17 - 11:19}

Ou seja, estaria aqui mais...

[Speaker 1] {11:20 - 11:32}

É basicamente tudo uma família, nós aqui é tudo, por exemplo, um bolozinho, toda a gente partilha um bocadinho com os outros, há sempre aquelas dias de festa, cá no colégio toda a gente aparece, toda a gente vem.

[Speaker 2] {11:32 - 11:35}

Ou seja, mais o espaço, mais do que tudo o que deves esperar.

[Speaker 1] {11:36 - 11:38}

É a reunião que nós temos com as pessoas, é o contacto.

[Speaker 2] {11:38 - 11:55}

Com as pessoas, é isso? Sim, sim. Pronto.

E que, agora pergunto eu, notas isso em qualquer um dos grupos que trabalhas? Notas isso nos alunos, já disseste, nos professores também? Isso também está visível, por exemplo, nos funcionários, na direcção?

O que é que parece? Sim, nos funcionários obviamente.

[Speaker 1] {11:56 - 12:16}

A Sandra, com a Áurea, que foram as últimas associadas que eu tive, foram um espetáculo sempre a ajudar, nunca nós estamos num sítio, numa situação não, estão sempre lá para ajudar. É a situação do ser próximo.

[Speaker 2] {12:16 - 12:35}

Sim, o acompanhamento. Certo. E, por exemplo, no caso, que é sempre aquela coisa que gostava de falar, a Dra.

Maria, o General, o que é que... Estás a ocupar que isto, como é completamente anónimo, até estas partes... Sim, sim, sim.

Pronto.

[Speaker 1] (12:38 - 13:17)

É verdade que a Dra. Maria tem as suas formas de pensar, as suas formas de gerir este colégio, como gera há muito tempo, há algum tempo que eu conheço, desde que há anos, literalmente a Dra. Maria é que gera o colégio, não tem nada a meu favor e na minha situação não tem nada contra, mas acho que às vezes é um bocadinho, exagera um bocadinho em algumas situações com as pessoas.

Com as regras. Sim, com as regras e medidas de visitas e isso.

[Speaker 2] (13:17 - 13:29)

Então parece-te que essa situação, por exemplo, desse exagero que às vezes notas, é alguma coisa que sai mesmo dela, achas que é pelo facto dela fazer parte de um grupo de outras pessoas da Reação?

[Speaker 1] (13:29 - 13:38)

Eu acho que nós às vezes podemos pensar que como é a Dra. Maria, é sempre ela que tem essa atitude, mas acho que a direção é composta por mais pessoas, não é só a Dra.

[Speaker 2] (13:38 - 13:39)

Maria. A Dra.

[Speaker 1] (13:39 - 13:54)

Maria é só a chefe, neste caso, que está à frente de tudo e que comunica aos professores às pessoas, que comunica aos alunos, mas há ali mais três ou quatro pessoas que fazem parte da direção e que elas sempre se reúnem para sempre manter um colégio a funcionar e tal.

[Speaker 2] (13:54 - 13:58)

Portanto, acaba por poder ser alguma coisa que é decidida por todas... Exato.

[Speaker 1] (13:58 - 14:01)

Neste caso é elas. Sim, sim, sim.

[Speaker 2] (14:01 - 16:12)

Mas tem que passar. Pronto. Agora, dentro daquilo que é já um pacto, já a caminhar para o fim, tu tens, neste caso, aliás, estou a reparar agora que dei-te o guião errado, ainda bem que eu sei esta coisa de pronto.

Dei-te o guião dos auxiliares. Yay! Fantástico.

Mas as perguntas é quase dentro do mesmo tema, porque a parte final, por isso é que eu reconheci que é diferente. Aqui fala reconhecimento, desenvolvimento, mas no vosso caso, alunos, o que eu pergunto, assim, já um bocadinho para finalizar, e estás a ver que isto não é uma coisa assim tão complicada como isso, tu, neste momento, fazes parte do Colégio da Paz, consideras-te parte do Colégio da Paz, também já estás aqui há muito tempo, mas sentes-te envolvido, integrado e a fazer parte da tal família como tu disseste.

Tendo capacidade de decisão, que é isto também que se pede, o que é que tu mudavas? O que é que eu mudava? Para aparecer na tua ideia, a nível do colégio, agora pensando em

tudo ao mesmo tempo, instalações, organização de horários, de ano ativo, de pessoas, regras, o que é que tu vês que podia ser feito aqui para tornar isto melhor?

E para evitar uma coisa que tu sabes que acontece cada vez mais, que é as pessoas chegarem num certo ano e irem para outro sítio, porque isto está a acontecer infelizmente cada vez mais. Notas, sim, notas... Aliás, está a acontecer uma coisa que outros anos não era tão evidente, que é, há alunos que chegam ao final de um ano, escolhem o imposto de fundar para o outro lado, regador, por exemplo, por causa das notas, médias, etc., mas, este ano, está a acontecer muito alunos que saem a meio do ciclo, ou seja, alunos que no final de um sétimo ou de um oitavo ano dizem que querem ir embora porque, pronto, não estou bem aqui, não me reconheço, isto não é bem a minha cena, vou-me embora. Bom, o que é que achas que pode ajudar a que isto aconteça menos, que as pessoas pensem duas vezes?

O que é que pensas?

[Speaker 1] (16:14 - 16:22)

É um bocado complicado isto, porque eu nunca pensei em sair do colégio, sempre quando eu...

[Speaker 2] (16:22 - 16:30)

Mas tu achas, já agora é uma coisa um bocado mais pessoal, mas tu achas que o facto de tu não queres sair do colégio é muito por causa do contexto familiar que tu tens?

[Speaker 1] (16:30 - 17:19)

É isso que eu ia dizer, eu... Bom, primeiramente, pelo menos nas duas semanas, quando mudei eu estava em ciências de tecnologia e antes de vir parte nós estivemos a pensar, eu e os meus pais, em conjunto estivemos a pensar se iria ou não sair, eu tive a ideia de que sair também não era mau, porque podia também abranger, conhecer outra realidade, que eu conheço neste caso há muito tempo só esta realidade, a realidade do colégio, a realidade que ele faz.

E não a outra realidade. Mas acabamos de decidir que era bom ficar aqui no décimo ano, é bom, eu tenho sido mais forte dos meus colegas e é um colégio que ajuda na parte do ensino, é bom, sempre ouvi dizer que o colégio tem boa forma de ensinar e isso.

[Speaker 2] (17:19 - 17:24)

Tu achas, por exemplo, que o facto daquilo que tu disseste agora, sempre conhecestes esta realidade?

[Speaker 1] (17:25 - 17:46)

Que os alunos que andam cá no colégio e sobretudo aqueles que estão mais anos cá acham que podem perder um bocado de interesse por causa disso, de que só está, tipo, constantemente no mesmo ciclo, é aulas a entrar esta hora, os mesmos professores, basicamente quase todas as semanas, o período todo ali sempre a matricular.

[Speaker 2] (17:46 - 17:57)

E achas que se perde um bocado também a noção de como é a vida lá fora? Ou seja, o facto de tu teres pouco contato com outros alunos, outras escolas, outras...

[Speaker 1] (17:57 - 18:03)

Sim, na escola, por exemplo, quando há greve, aquela cena da greve...

[Speaker 2] (18:03 - 18:05)

Que mexe um bocadinho as coisas.

[Speaker 1] (18:05 - 18:21)

Mexe um bocadinho, não tem nada, a escola fecha, basicamente não tem nada para fazer, vão sair uns com os outros, aproveitam para sair uns com os outros, aqui no colégio não, aqui nós somos uma coisa privada, então... Diferente, não é? Diferente.

[Speaker 2] (18:22 - 18:25)

Oh, a Daniela. A Bianca não veio, foi? A Bianca não a vi, não.

[Speaker 1] (18:25 - 18:26)

Não, ela não veio.

[Speaker 2] (18:26 - 18:56)

Não veio mesmo hoje? Não. Não apareceu aqui, mas disseram que a virou entrar no portão.

Mentira. Nunca foi o animal então? Mentira.

Ok. Não. Está bem, quero desculpar.

Era para confirmar que sabia. Ok. Pronto.

Portanto, já percebeste mais ou menos um bocadinho a ideia disto. Sim, sim. E eu resumo um bocadinho isto desta maneira, depois até que vou dar o guião certo.

Mas a ideia é um bocadinho o que estava aqui na última página, que é igual para todas. Eu acho que um bocadinho o meu trabalho tem a ver com isto. Eu acho que falta felicidade nas escolas.

[Speaker 1] (18:56 - 19:53)

Ah, sim. E é aquela... Eu posso exemplificar uma coisa que é diferente dos colégios, não sei se são unidos, mas basicamente em todos os colégios, para escolas públicas ou alguma coisa, é, por exemplo, nós na terça-feira passada houve aquelas provas de afiliação de educação física.

Nós tínhamos educação física, o nosso professor não pôde estar presente porque estaria a ajudar nas provas. Tivemos substituição. É uma coisa que nós já estávamos habituados, não já estávamos a pensar, ah, ok, temos furo, aí vamos fazer qualquer coisa, vamos andar por aí, ver as coisas e aproveitar enquanto não temos aula.

Não. Tivemos logo substituição. Já houve aqueles ânimos, já houve gente a ir para a sala no sentido de cansado e já não estava atento, já queriam fazer...

E depois é quando há substituição é sempre matéria, matéria, matéria. Acho que o colégio podia variar, eu sei que não pode variar muito da realidade, da parte da educação.

[Speaker 2] (19:54 - 19:57)

Mas haver mais liberdade da...

[Speaker 1] (19:57 - 20:18)

Sim, sim. Por exemplo, andar aí um professor português, não sei se o professor está famosado, andar aí nas redes sociais a ensinar cânticos e isso, a cantar. É uma coisa que os mestres adoram e ficam felizes a fazer.

Não estou a dizer que o colégio tem que fazer ou o professor tem que fazer isso, mas mais dinâmica e nós estamos constantemente... É muito tradicional. Sim, é bastante tradicional.

[Speaker 2] (20:18 - 20:25)

Ou seja, não há assim muita adaptação, há aquilo que é o atual e aquilo que chama mais a atenção.

[Speaker 1] (20:26 - 20:34)

É 8h20 entras, 9h10 estás a sair. 9h20 estás a entrar, 4h estás a sair. É...

Ficas... Nesse caso não se ficas por azar naquela situação, é como se...

[Speaker 2] (20:34 - 20:59)

É mais importante. Por acaso, eu comentei isto às vezes com alguém, que eu acho isso estranhíssimo, quando vim trabalhar para cá, é uma pessoa habituada. Mas, de jeito, cruzas-te com o mesmo aluno 5 ou 6 vezes ao dia.

Seja onde for. De cada vez, o aluno... Um dia, professor, aquilo parece tão mecanizado, parece que aqui não há pensamento próprio, aqui é tudo treinado.

[Speaker 1] (20:59 - 21:15)

E é a nossa opinião. É mesmo, é mesmo. É isso.

Tu se quiseres, se tiveres já com um sono, tu sabes para onde ir. É como se, nesse caso, tu não tivesse... Não é a vida, não é que tu tens a vida, mas é como se tu...

Já não é... É só o teu cérebro que está a pensar em tu.

[Speaker 2] (21:15 - 21:28)

Mas não há indivíduos, basicamente. Ou seja, aqui é tudo uma espécie, vou dizer, linha de montagem. São todos iguais, são todos tratados igual.

Se alguém faz um bocadinho da caixa... Há penalizações.

[Speaker 1] (21:28 - 21:28)

Há penalizações.

[Speaker 2] (21:28 - 21:31)

Ou então, aí, coitadinho, vai para o psicólogo, não sei o quê.

[Speaker 1] (21:31 - 21:31)

Exato.

[Speaker 2] (21:32 - 21:32)
Não é?

[Speaker 1] (21:32 - 21:33)
Sim, sim. Pronto.

[Speaker 2] (21:33 - 22:10)
Eu acho que sim. Eu acho que isto também é um bocado nesse sentido. Porque há muita gente, daqueles que já entrevistei, fala muito nesse ponto.

A questão do bem-estar. Falta bem-estar. E o bem-estar não é só ter um colégio que até te acompanhe e que ajude nas notas pessoais.

É tudo o resto. E tudo o resto dentro de um colégio que tem poucos espaços abertos e lidos e para uma pessoa estar aí, no relax, falta, não é? E vocês do secundário notam ainda mais isso porque chega um ponto em que a vossa vida lá fora, este colégio, torna-se cada vez mais diferente da rotina que tem cá.

É verdade.

[Speaker 1] (22:11 - 22:19)
Estás só de pensar que estás-te a divertir numa terça-feira à tarde ou quarta-feira à tarde e só de pensar, aí, tenho uma aula, aquela aula mesmo fechada.

[Speaker 2] (22:19 - 22:25)
E de repente aparece um apoio. E de repente aparece mais uma aula extra disto e daquilo, pronto.

[Speaker 1] (22:26 - 22:34)
Desanima a malta toda que anda aqui. Mas é uma coisa que acho que se o colégio empenhar-se a mudar, acho que pode para cá.

[Speaker 2] (22:34 - 22:43)
E tu achas, por exemplo, de ter tanto tempo para tantas disciplinas ou até as aulas extra por cá e não se acabou uma até?

[Speaker 1] (22:43 - 24:15)
Eu acho que isso é só, no meu caso, eu aproveito ao máximo as aulas que tenho aqui para depois ir para casa para rever uma coisa ou outra porque se eu estar sempre a ler, a rever e a ler sempre a mesma coisa, funciona. Acho que até diminui a minha capacidade de observar a informação e de aproveitar para chegar ao teste ou na avaliação que eu possa ter, fazer. Acho que aquele centro de estresse, por exemplo, não quero dizer aqui, a nossa professora que foi substituta, que foi a aula de professores, um colega nosso pediu para fazer uma coisa mais dinâmica para cair a substituição.

Acho que podia haver uma abertura só para mais divertido. A substituição também não ia perder nada. A professora só ganhou mais uma hora de aula.

Ela disse que vai ser divertido, vou ter que dar matéria. E nós ficamos assim um bocadinho mais... Eu penso que é sempre a mesma coisa.

Quando é sempre a escrever, eu acho que há uma coisa que nós percebemos na aula portuguesa que tu podes tentar ao escrever e ao ler, mas depois não fica nada. A professora, neste caso, o que está a fazer é ajudar para o teste, para as avaliações e para termos uma boa forma como escrever e explicar e comunicar fora do colégio ou mesmo dentro do colégio com as pessoas. Mas acho que perdemos um bocado de...

[Speaker 2] (24:15 - 24:22)
Pois é, como tu dizes, depois vês outras coisas a acontecer nas redes. Tens um malta que canta e faz até TikToks.

[Speaker 1] (24:22 - 24:42)
Exato. E eu pensava, seria fixe fazer na nossa escola ou uma coisa parecida de vez em quando. Mas...

Perde-se. Perde-se. Eu já sei que se nós tentarmos dar essa ideia, vai ter que ir falar com a doutora Maria e depois há aquela discussão.

Acaba-se sempre, na maior parte das vezes, dizer-se que não. Que não, porque não é o perigo. Não é indicado.

[Speaker 3] (24:42 - 24:43)
Não é indicado.

[Speaker 1] (24:45 - 25:16)
Não é indicado. Eu acho que estão a dar a imagem de um colégio que é muito... Fechado.

Fechado e... Eu posso comparar completamente com os meus colegas de fora que jogam comigo futebol. Alguns andam no privado, mas também andam no público.

Não escutei-te também com colegas. Neste caso, a maior parte deles são do Filipe de Vilhena. São completamente, digamos, livres, não é que eles basicamente...

A parte de não fazer nada é por opção deles. Mas acho que têm aqui uma liberdade de...

[Speaker 2] (25:16 - 25:23)
Aqui é diferente da nossa, não é? Notas que eles... Como é que eu vou lhes dizer?

Têm uma vida mais além.

[Speaker 1] (25:24 - 25:39)
Acho que sim, é mais mexida. Se é claro que não têm as mesmas condições que nós, que nós, de vez em quando, vamos fazer visita de estou-aí para... Para fazer...

Eles não têm essa condição, não é? Ou a escola não permite porque não conseguem.

[Speaker 2] (25:39 - 25:45)

Mas apesar disso, se calhar, mesmo não tendo tantas coisas como tu tens, acabas... Sim, sim, sim.

[Speaker 3] (25:47 - 25:47)
Pode se andar.

[Speaker 2] (25:48 - 25:56)
Pode, pode. Desculpa. Não há problema.

Não há problema. Mas isto também é um bocado por aqui. Isto para que é que vai servir?
Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa





Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

Caro colaborador:

Agradeço a disponibilidade em participar deste Focus Group, contribuindo, assim, para a criação de um modelo de autoavaliação escolar para o Colégio Nossa Senhora da Paz. O envolvimento de todos no processo de implementação do modelo de autoavaliação é de particular importância.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e o seu uso exclusivo para os propósitos do presente estudo.

Objetivo: Avaliar e melhorar os processos internos da escola através da perspetiva dos funcionários, identificando pontos fortes e oportunidades de desenvolvimento.

Duração: 45 minutos.

Participantes: Funcionários da escola, incluindo assistentes administrativos, técnicos, auxiliares, entre outros.

Material Necessário: Gravador de áudio (com consentimento dos participantes), notas adesivas, canetas.

Introdução (5 minutos)

- Boas-vindas pelo moderador.
- Explicação breve do que são os processos internos da escola e qual a sua importância para o funcionamento e a qualidade da escola. Mencionar alguns exemplos de boas práticas de gestão e organização em outras escolas ou contextos.
- Objetivos do *focus group* e regras de funcionamento e confidencialidade.
- Confirmação do consentimento para gravação de áudio.

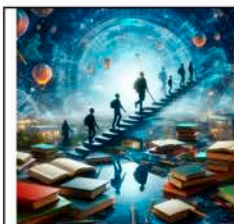
Apresentação dos Participantes (3 minutos)

- Apresentação rápida: nome, função na escola, tempo de serviço e envolvimento nos processos internos.

Discussão Principal (28 minutos)

1. Perceções sobre Autoavaliação (5 minutos)

- Como avaliam os processos de autoavaliação existentes na escola?
- Que aspetos positivos e negativos destacam?



Perscrutando Horizontes: Autoavaliação Escolar como Caminho para Abraçar e Transformar a Realidade Educativa

GUIÃO PARA FOCUS GROUP DE AUTOAVALIAÇÃO ESCOLAR

2. Eficiência e Eficácia (5 minutos)

- Que processos internos consideram mais ou menos eficientes e eficazes na escola?
- Que sugestões têm para melhorá-los?

3. Comunicação e Colaboração (5 minutos)

- Como avaliam a comunicação interna e a colaboração entre diferentes departamentos na escola?
- Que dificuldades ou facilidades encontram?

4. Efeitos da Autoavaliação (6 minutos)

- A autoavaliação influencia a organização geral do ensino e das aprendizagens? Exemplifique.
- Impacta na planificação e realização das estratégias de ensino e aprendizagem?
- Tem efeito na avaliação dos alunos?

5. Reconhecimento e Desenvolvimento (7 minutos)

- Sentem-se valorizados e reconhecidos pelo vosso trabalho na escola?
- Que oportunidades de desenvolvimento profissional têm ou gostariam de ter?

Conclusão (9 minutos)

- Sumário das ideias chave.
- Avaliação da satisfação dos participantes com o *focus group*, usando uma escala de 1 a 5 ou notas adesivas de cores diferentes.
- Informação sobre os próximos passos da investigação e como serão contactados para receber feedback ou participar em outras atividades.
- Agradecimentos e encerramento.

Obrigado pela sua participação!

Falta felicidade às escolas.

Falta espectáculo, alegria, brincadeira, ilusão, sonho, esperança. Falta brilho nos olhos, invenção, imaginação, loucura da boa: daquela que muda o mundo, os mundos, das pessoas que vivem no mundo.

Falta felicidade às escolas.

A culpa não é dos professores, é de um sistema que castra, imutável, de uma sala de aula que não sabe brincar, que não foi feita para brincar — e que por isso não brinca, não aprende a brincar, não ensina a brincar. A culpa é de uma sala de aula que não evoluiu, que não se adaptou, que não soube mudar: que cristalizou e que tem medo de partir, que tem medo de fazer de novo, de criar de novo, de ser de novo.

Falta felicidade às escolas.

Falta, por isso, felicidade a quem nelas habita. A todos os que nela habitam. Por mais que tentem, e tentam, por mais que queiram, e querem, os habitantes da escola precisavam que ela tentasse também, que quem a governa tentasse também.

Falta felicidade às escolas.

E é por isso que não lhe faltam tristezas, depressões, pessoas de todas as idades apagadas, desmotivadas, desligadas, a contarem o tempo para sair da aula, para sair da prisão, para sair para si.

Falta felicidade às escolas.

Falta espaço. Espaço para a liberdade. Espaço mental, espaço emocional, espaço estrutural. Espaço para errar, para cair, para levantar. Espaço para ser. Na escola que ainda temos, os melhores alunos são os que erram menos, os que por isso arriscam menos. Estamos a aplaudir o medo, a aplaudir o mais do mesmo. Estamos a aplaudir a continuidade, nunca a criatividade.

Falta felicidade às escolas.”



Pedro Chagas Freitas

FG assistentes parte 1

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:02 - 1:22)

Primeira coisa, que é para perceber o que é isto da autoavaliação. As pessoas têm um bocado a ideia de que é para nós termos uma nota. Não é.

Este tipo de autoavaliação não é o nosso desempenho, não é se fazemos bem o trabalho ou não. É para pôr o colégio ao nível daquilo que as pessoas querem que o colégio seja. E nós, cada vez mais, temos dificuldade porque estamos aqui com a malta ao lado, nós dois de casa já a fazer aqui uma coisa de novo, temos outros colégios ao lado e o que se tem visto é que cada vez há menos gente a entrar.

Primeiro ciclo, na pré, o secundário também chega a uma certa altura, vão por aí fora e estamos a perder clientes e temos de ver como é que isto se resolve de maneira a dar aquilo que as pessoas querem. E a primeira ideia passa um bocadinho por aí, que é... Vocês, que estão numa situação muito particular, e estou já aqui a passar por um ponto que diz percepções sobre autoavaliação, é...

O que é que vocês, desde que trabalham cá, já lidaram com autoavaliação? Vocês próprios fazem avaliação do vosso trabalho? Há quem faça avaliação do que vocês fazem?

Chamam a atenção de alguma coisa? Há reuniões? Como é que funciona no vosso caso?

[Speaker 4] (1:22 - 1:35)

Sim, às vezes estamos em reuniões, já alvo mais. Agora é mais um bocadinho de autogestão.

[Speaker 1] (1:37 - 1:47)

Mas imaginem que há uma atividade qualquer, há uma altura qualquer do lado, além dos dias, pronto, isto correu bem, isto não correu bem, tu tens de fazer isto, tu tens de fazer aquilo...

[Speaker 2] (1:48 - 1:54)

De uma maneira geral não temos. Eu acho que nós devíamos chegar ao final do ano. Isso já aconteceu.

[Speaker 4] (1:55 - 1:59)

Já aconteceu uma vez. Era depois em dois anos.

[Speaker 2] (1:59 - 2:13)

Ainda há dias cada um. Sim, sim, sim. Em particular.

Eu acho que era importante, não aquelas reuniões, as reuniões são importantes, não aquelas reuniões que nós fazemos, que está tudo bem e...

[Speaker 1] (2:13 - 2:14)

Está sempre tudo bem.

[Speaker 2] (2:15 - 2:25)

Pronto. E que não é verdade, se não é... Havia de haver, da parte da direção, um...

chamar no final do ano, por exemplo...

[Speaker 1] (2:25 - 2:27)

Para ver como é que as coisas... ponto de situação.

[Speaker 2] (2:27 - 2:34)

Porque nós até, podemos até pensar que estamos a fazer o nosso trabalho melhor, tudo bem assim, e na verdade...

[Speaker 1] (2:34 - 2:37)

E as coisas vão andar nem ninguém diz nada...

[Speaker 2] (2:37 - 3:09)

Pronto. É claro que se eu fizer uma coisa muito grave a direção chama. Claro.

Mas não é esse o objetivo. Por exemplo, vou falar no meu caso. Porque é 40 anos.

As crianças mudam e há uma evolução que muitas vezes não é acompanhada. O meu trabalho não pode ser igual ao que era 20 anos atrás. Sim, sim, sim.

E eu estou a aprender isso à minha custa. De alguma maneira. À minha custa.

[Speaker 6] (3:09 - 3:10)

Às vezes não é mal como é tratado.

[Speaker 2] (3:10 - 3:28)

E eu vejo que não é por aquele caminho que devo seguir. Eu acho que era importante no final do ano, porque tornei todos os exames e não sei o que, não sei, mas haver um chamamento. Ou está tudo bem, mas acho que se não...

[Speaker 1] (3:28 - 3:33)

E quem é que vos parece que era a pessoa indicada para fazer isso? É a direção?

[Speaker 4] (3:33 - 3:33)

Não.

[Speaker 1] (3:34 - 3:41)

Ou é alguém que é destacado, que também seja não docente e que trabalha convosco? O que é que vos parece?

[Speaker 3] (3:41 - 3:45)

Não era a favela, era o apartamento de curso do ano. Se calhar era quem?

[Speaker 1] (3:45 - 3:51)

Uma pessoa que fosse responsável pelos não docentes e que também fizesse esta ligação.

[Speaker 5] (3:52 - 4:12)

No público existe, no privado não existe. Eu, por exemplo, no meu caso, na PEG, nós estamos mais ligadas com as educadoras. Elas dizem-nos aquilo que nós podemos fazer porque a gente já sabe o que vai fazer.

Mas, no entanto, se alguma coisa, se alguma coisa correr menos bem, elas dizem-nos. Olha, pá, nós também.

[Speaker 4] (4:13 - 4:14)
Estamos sempre a ver.

[Speaker 5] (4:15 - 4:36)
É diferente. Elas dizem-nos. Temos isto para fazer.

Embora a gente saiba, mas pode falhar alguma coisa. E elas depois dizem-nos. Isto não correu tão bem como tinha percorrido.

E dizem-nos para a próxima que vamos fazer assim, como a sabe nós na PEG. Embora não tenhamos as reuniões da avaliação, mas temos a educação.

[Speaker 1] (4:38 - 4:49)
Vai ajudar a trabalhar. E uma coisa que vocês estavam a falar e estão a bater quase todas no mesmo ponto. Geralmente, conversam-se convosco quando a coisa corre mal.

[Speaker 5] (4:49 - 4:50)
Não, também quando corre bem.

[Speaker 1] (4:51 - 4:52)
Pronto. No caso da Mónica.

[Speaker 5] (4:52 - 4:54)
No caso da Mónica.

[Speaker 1] (4:55 - 5:06)
No vosso caso, dificilmente aparecem em determinada altura, nem que seja só por uma questão de bom senso. Obrigado pelo vosso trabalho. Correu bem.

[Speaker 3] (5:07 - 5:07)
Não.

[Speaker 1] (5:08 - 5:28)
Pelo menos de forma pessoal. Não costuma acontecer, pois não. Ou seja, acontecem aquelas coisas que eu também recebo de vocês também.

Somos todos muito bons. Trabalhamos todos muito bem. Igual colégios, não sei o quê.

Mas não há assim uma coisa que depois cada um ouça. Fizeste muito bem. Trabalhas bem.

Lidas bem com os alunos. Falta essa parte também positiva.

[Speaker 3] (5:28 - 6:33)
Sim, até porque mesmo que nós partemos acho que vemos no final de um ano dizer, olha, o ano em si com a sua faixa etária correu bem. Não correu tão bem. Mas teve um ponto que se calhar devia ter agido.

E nós aprendemos com isso. Aprendemos com a chamada de atenção também. E depois ficamos a pensar, realmente não podemos mudar de estratégia.

Eu acho que isso é muito importante. E o também, chegar ao final de um ano e dizer, olha, vocês vão. Porque no final de um ano nunca sabemos se vamos continuar no mesmo tamanho, se vamos para outro ciclo.

Nunca sabemos. Mas chegar ao final de um ano e lhes dizerem que há anos muito difíceis. Eu falo por mim, que o ano passado por mim foi um dos piores que eu tive.

Consegui, foi... Para mim, eu... Ninguém me disse, mas eu para mim própria consegui.

Superei. Superei. Operação superada.

Mas que realmente a direção... Alguém de muito pobre tende a ter nem ser da direção dizer, olha, correu bem. O ano, supnhamos, continuou assim.

Ou correu muito bem, mas o outro tinha um ponto ou outro.

[Speaker 4] (6:33 - 6:35)
Sim, mas isso existia. Eu disse, isso existia.

[Speaker 3] (6:35 - 6:36)
Já existia. Superia.

[Speaker 4] (6:37 - 6:38)
Existia.

[Speaker 3] (6:38 - 6:47)
No final, antes de irmos de férias, éramos chamadas e lhes diziam, olha, correu bem. Ou foi assim. E agora vai continuar.

Ou não vai continuar.

[Speaker 1] (6:47 - 7:22)
E a não ser, no caso, se calhar a Mónica tem um posto mais fixo e da hora também. E é horrível, no fundo. Os outros que vão mudando de sítio e vão mudando de função e vão mudando de horários, parece-vos, na vossa opinião muito sincera, que isto é para benefício do colégio?

Ou é uma forma de, vou usar a palavra, de castigar de alguma forma? Não te queremos aqui porque não funcionas. Vem aqui e vou-te meter num outro sítio qualquer.

Qual é a percepção que vocês têm? Não diria não.

[Speaker 3] (7:22 - 7:29)
Não. Se calhar... A pessoa em questão adapta-se melhor.

Mas eu não digo.

[Speaker 4] (7:30 - 7:39)

Eu acho que tem de ser bom para os dois lados. Não é só bom para o colégio e porque faz o jeito. Ok, isto é uma empresa.

[Speaker 1] (7:39 - 7:40)
Sim, sim.

[Speaker 4] (7:41 - 8:02)
Ok. Mas eu acho que, por exemplo, se me mandassem para a Infantil, eu ia-me embora.
Toda a gente.

Ninguém manda, não é? Ou qualquer coisa. Sim, sim.

Se me mandassem assim para fazer o que eu faço, As pessoas têm de estar bem no sítio em que estão. E a direção tem de perceber. Acho que já percebeu no início.

[Speaker 1] (8:02 - 8:03)
Quais as melhores mudanças.

[Speaker 4] (8:04 - 8:11)
Exatamente. Para castigar, não. É só.

Ok, é que ela está melhor a levar para o alívio. Não, para castigar, porque se a pessoa não está muito bem...

[Speaker 2] (8:11 - 8:41)
Mas também é importante as outras pessoas, e eu compreendo perfeitamente que a Áurea nunca iria para o pré-escolar, mas também é importante as outras pessoas saberem e sentirem o que as outras fazem no local de trabalho. Porque isso, às vezes, há tanta maneira de dizer... Vazificam os trabalhos.

É. E outra coisa também que eu acho que não beneficiou nada foi este tipo de horário que puseram, por exemplo, as tanques.

[Speaker 6] (8:42 - 8:42)
Sim.

[Speaker 2] (8:43 - 9:31)
Se beneficiou muito o colégio, ótimo, pronto. Não estou a ver isto. Agora, nas pessoas, criou-lhe um mau ambiente, um mau estar.

Porque, repara, eu vou dar um exemplo. Por exemplo, às 5 horas, a maioria que conhece as crianças vai embora. Ficam duas novas.

Quem está na portaria a chamar as crianças, vê-se desesperado, porque não pode sair da portaria. O que está no recreio, está desesperada, porque eu chamo, chamo, chamo. Ela não conhece a criança.

Ela não conhece a criança. Ela não conhece a criança. Não manda.

E eu, os pais, só olham para mim porque veem que eu, na verdade, faço o meu trabalho.

[Speaker 6] (9:31 - 9:31)
Sim.

[Speaker 2] (9:32 - 9:35)
Não é? Eles sentiram-se comigo, não ganham.

[Speaker 5] (9:35 - 9:43)
E eles não sabem quem está de lá, de lá. E também não sabem os nomes para eles. Isso não cabe.

[Speaker 3] (9:43 - 10:17)
Eu quando entrei para aqui... Ok. Mas também tinha...

Estava a aprender. Era homem e nada. Era amargo.

Fazia a chamada. E corria sempre bem. Não é?

O Francisco, no meu tempo, sempre perguntava para que eu conhecesse os nomes. Tentava, não é? Ao máximo dos máximos, tentar conhecer e chamar.

E mesmo que eu não soubesse, cada um é igual. Ninguém é igual. E eu errava e ficava desesperada.

Mas também diziam-me isso. As pessoas que estão a querer, esforçam-se. Sim, sim, sim.

O mais que podem.

[Speaker 2] (10:17 - 10:22)
Agora, não podem dar aquilo que não têm. Exato. Elas esforçam-se.

[Speaker 3] (10:22 - 10:25)
Porque, assim, uma pessoa que atrapalhou nunca pode ficar com a filha.

[Speaker 2] (10:26 - 10:39)
Agora, é certo que algumas pessoas não querem ficar sempre no mesmo horário. O Correios fazia... Um ano entrava cedo, no ano a seguir entrava...

[Speaker 3] (10:39 - 11:11)
Só que eu também sou uma corda. Quem faz Correios faz esse tipo de horário? Quem faz piso?

Não é muito complicado. Porque nós estamos no piso. Estamos.

Desde de manhã, até a hora... Não é? Eles acabarem.

E, normalmente, eu estava... A mim, que foi um feito, e a outras colegas que não era, fazer horário para os alunos. Ou seja, eles não têm aula de estar, mas eles têm aula de estar mais cedo.

Quando têm aula de estar, elas até acham as ideias, as auxiliares, que depois...

[Speaker 2] (11:13 - 11:30)

Mas, por exemplo, quando a Cláudia não tem aula de tarde, as crianças estão cá. Alguém tem que ir substituir a Cláudia. Mas, não, está cá lá, e está lá fácil.

Pronto. Apesar de não ter aulas, as crianças estão na mesma cá.

[Speaker 1] (11:31 - 12:11)

Por exemplo, uma coisa que vocês disseram, e a Aurélia falou disso, sobre a capacidade que temos de adaptar para cada sítio onde estamos, e isso é mais difícil, por exemplo, ela ir para a pré, ou para fazer uma mudança aqui. Mas, acham que tinha utilidade. Por exemplo, alguém tem, sei lá, a Cláudia está sempre no piso, e é a função principal.

Que em determinada altura do ano, uma ou duas vezes que fosse, houvesse, nem que fosse uma forma de formação, ou de perceber qual é a realidade. A pessoa trocar, durante esse dia inteiro, o dia diferente, lá, para perceber também a realidade. Ou seja, imagina, no teu caso...

[Speaker 4] (12:11 - 12:12)

Eu já estou para todo lado.

[Speaker 1] (12:13 - 12:15)

Sim, mas imagina...

[Speaker 4] (12:15 - 12:16)

Eu já estou para todo lado.

[Speaker 1] (12:17 - 12:32)

Então, o caso é o invés. A Mónica está na infantil. Sim, sim.

Num dia qualquer, pré-definido, teria de estar, por exemplo, a acompanhar os do 2º sítio, no piso, até mesmo a Paulinha, vamos supor, sem estar sozinha. Ok, mas esse caminho é... Parece uma coisa útil...

[Speaker 4] (12:32 - 12:35)

Não, não, não, eu acho que sim, porque...

[Speaker 5] (12:35 - 12:57)

Eu falo para a Mónica, eu falo, Mónica, vou para o lado que mudança para o 2º sítio. Lá está, porque uma pessoa não está habituada, é isso. Que é cair assim, ali, e assim é...

Não é possível. Não é possível. Mas, por outro lado, também era bom, olha, uma pessoa passar pelos sítios todos, olha, e eu vou ver, é isso, não é possível.

[Speaker 4] (12:57 - 13:04)

Eu já vou sempre para os sítios todos. Tenho a sensação que é uma pessoa infantil, que nunca passou, que eu já posso ver.

[Speaker 2] (13:04 - 13:23)

Quase de outra maneira, eu já passei em todo o lado. No início do ano, eu moro no prefatório dos 3 anos, eu disse assim, eu não vou ser capaz, eu não vou para os 3 anos, foi a minha primeira reação, pois eu agora adoro trazer os pequeninos de lá, eu adoro trazer...

[Speaker 3] (13:23 - 14:18)

Mas, mas, mas, mas tem uma questão, por exemplo, eu quando vim para cá trabalhar, eu fiz recreio sim, tenho a emoção completa, também já fiz recreio e fiz infantil, eu fiz sala, mas fiz, e tenho 6 anos e já vi a minha infância, tenho experiência e sei muito bem como é, até porque no público não tem nada a ver com o privado. A educadora se falta ao melhor de se zerrar, eu era que tivesse que coordenar tudo, até via outro colega às vezes. Mas, à conclusão, eu, por exemplo, Quando a Madalena foi embora e eu fui substituída, eu nem sei o que foi, férias da plasma, eu saí de rastros.

Porquê? Porque eu tinha que fazer piso e recreio, piso e recreio, piso e recreio. Eu passava a vida subindo as escadas e a descer das escadas.

Eu descia e ia fazer os recreios dos pequenos. Eu subia para depois fazer o recreio do... E isso não acho que seja nem bom para o colégio, nem bom para os alunos, nem bom para o público.

[Speaker 4] (14:18 - 15:42)

E acho que é muito mais benéfico, para já, ser sempre a mesma pessoa que está no sítio para criar laços, para as pessoas se conhecerem muito bem. Por exemplo, há uma coisa que eu acho muito mal, e já há anos estamos a falar, e eu até estava com a ideia de mover na direção. Por exemplo, eu estou no décimo ano.

Antigamente vinha sempre o nono. No décimo ano. E o nono já ficava, já começava a vai mais.

E o décimo. E se calhar depois no décimo primeiro também. Agora sim, vem o décimo, porque já mudava o nono.

E só, eu só os conheço naquele ano. O laço quebrou, horrível isso. Os miúdos estão bem tristíssimos.

O colégio é uma coisa assim, muito é uma pessoa do fim do mundo, excelente. Mas, aquela quebra de laço, e naquela altura, e quando eu tenho miúdos que precisam tanto, vamos perceber que eu não estou a dizer que é mal para eles subirem. Sim, sim, claro.

Pelo contrário. Agora, vamos dizer que começam a ter um nome miúdo problemático. Mas eu concordo com a Áurea.

Acho muito, acho terrivelmente mal isso, não quero, não que eu queira subir, mas que eles fiquem, ou que de vez em quando troquemos, ou qualquer coisa. O Figueiredo, já, o romano que fizeram, Sim, a Áurea subiu.

[Speaker 6] (15:42 - 15:45)

Era meio meio, por exemplo.

[Speaker 4] (15:45 - 15:57)

E isso achei bem. Porque é um ano só nestas idades, eu acho péssimo, acho muito mal, acho que ter começado, para nós é igual ao Dito, não é? Para nós.

[Speaker 3] (15:59 - 16:11)

Olha, eu na formação que tivemos agora na Clássica, disse-lhe que preferia uma coisa muito importante. Quando eu piso as coisas que ocorrem, eu tenho muita ligação com elas, porque elas já escutam bem.

[Speaker 4] (16:12 - 16:18)

Lá está. E antigamente, eu ficava com o Sétimo, e o Sétimo Alguém ficava o grupo todo.

[Speaker 6] (16:18 - 16:19)

Era lá.

[Speaker 4] (16:20 - 16:26)

Antigamente, e os anos que eu trabalhava mais tempo, foi no setor onde estava, que era do Sétimo ao Norme.

[Speaker 3] (16:26 - 16:26)

Pois.

[Speaker 4] (16:27 - 16:38)

Ficava com o terceiro símbolo. Centro. Já fiquei também com o Pinto e Seixo, é o que eu digo, já fiquei com o Pinto e Seixo.

Eu não vou experimentar, não. Pinto e Seixo. Milhões de anos também, sempre.

[Speaker 2] (16:38 - 17:25)

Agora, um ano é... É pouco. É pouco.

Por exemplo, o Nostriso é diferente, mas vamos falar, por exemplo, no Refeitório. Devia variar mais. Há anos.

Estamos lá. Há anos. Há anos.

E depois isto torna-se muito cansativo. Sim. Eu, por exemplo, acho que Portaria não é qualquer pessoa que deve ir para Portaria.

Não. Não é qualquer pessoa que deve ir para Portaria. Não é qualquer pessoa que vai para Portarias, porque, pronto, são impostos.

Mas, por exemplo, Refeitórios, Recreios e tudo, eu acho que devia variar mais.

[Speaker 1] (17:25 - 17:45)

E isto já faz um bocado de ligação do ponto seguinte, em que vocês já estão a dizer um bocado o que eu queria saber, que é o que é que internamente funciona bem, é eficaz, e o que é que não está a funcionar bem e devia ser melhorado. A rotatividade já é uma das coisas que vocês falaram, não é? Pronto.

[Speaker 3] (17:45 - 18:18)

Por exemplo, em relação ao Refeitório. Estava o Mano, que estava no Pernod, o Sr. Manuel, e eu fechava o piso e descia. No Refeitório, até era ele, porque ele estava a descer e eu a descer.

E a ligação no Refeitório, como era a mesma de piso, eu notava diferença. O problema é que acabava mal possível. Ninguém vai para o Recreio, tudo para as escadas.

Fazia uma barulheira ali, trabalhava a porta. Não, porque nós ficávamos fechados. Não, porque nós ficávamos fechados.

[Speaker 1] (18:18 - 18:20)

Nós vamos a uma coisa...

[Speaker 4] (18:20 - 18:23)

Para a Plaga e para o Refeitório, secretamente, vai ficar ok.

[Speaker 1] (18:23 - 18:36)

E eu faço aqui um abate muito simples, que tem a ver com isto que vocês estão a dizer. Tendo em conta as dimensões atuais do colégio, o número de turmas, o número de alunos, etc. Parece-vos que há gente que chega a trabalhar cá?

[Speaker 2] (18:37 - 18:50)

Há. Há. Há.

Há. Há. Há.

Há.

[Speaker 3] (18:51 - 19:05)

Há. Há. Há.

Há. Há. Há.

[Speaker 6] (19:06 - 19:07)

Há. Há.

[Speaker 3] (19:16 - 19:18)

Há. Há. Há.

Há.

[Speaker 1] (19:18 - 19:27)

Há. de ligação com o ponto seguinte, que é, qual é a vossa opinião da forma como a comunicação é feita?

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

FG assistentes parte 2

Transcribed by [TurboScribe.ai](#). [Go Unlimited](#) to remove this message.

[Speaker 1] (0:00 - 0:21)

E a colaboração entre não-docentes acontece. Se realmente as coisas são bem comunicadas, se são comunicadas com o tempo, ou se é em cima da hora, ou se quando é preciso haver uma substituição, uma troca, uma coisa qualquer, se toda a gente está disponível e bem-disposta, etc.

[Speaker 2] (0:23 - 0:34)

Eu acho que muitos anos estava, mas este ano é mais complicado. Porque se repete muitas vezes e porque a pessoa acaba de ficar chateada e eu consigo... Eu acho que está a melhorar.

[Speaker 4] (0:35 - 0:41)

Eu acho que está a melhorar. Mas nós aqui trabalhamos muito em individual.

[Speaker 7] (0:42 - 0:42)

Sim.

[Speaker 4] (0:43 - 1:41)

E queremos que o nosso serviço funcione bem. E depois há uma falta de comunicação. Eu, por exemplo, na sexta-feira eu não estou.

A doutora Margarida sabe. Eu vou ao médico. A primeira pessoa que eu digo que vou ao médico é um colega com quem eu estou a trabalhar.

A doutora Margarida sabe, no fim. Mas com quem eu vou trabalhar? Eu já disse, ainda hoje, vi mais cedo, disse ao Alexandre, eu às 9h30 tenho que sair, não estou cá.

E preparei as minhas coisas com o Alexandre. Antes de vir para aqui, por exemplo, estive a ligar com alguém que desse apoio ao Alexandre. Nós temos telefones internos, não estava ninguém com dor de...

Percebe? Eu acho que a maioria não tem esta sensibilidade, eu acho.

[Speaker 1] (1:42 - 2:34)

Mas o que está a acontecer, pelo menos o que eu vejo, e até foi sinal disso, a maneira como vocês souberam deste encontro, há muita comunicação, entre aspás, há muitos e-mails, há muita coisa, com muita gente lá, que depois, no final, aquilo até funciona ao contrário, não é? Informação a mais que nem se sabe para quem é, nem para o que é, e depois chegam ao ponto de nem sequer... E a parte que a Olívia estava a dizer, e agora também pergunto às outras, parece-vos que a falta de colaboração que há entre colegas é uma coisa que é dos próprios colegas que têm dificuldade em colaborarmos com os outros?

Ou, da forma como é gerido isto a nível superior, que faz com que esteja tudo centrado ali, na direção, e na maioria, especificamente, e que depois...

[Speaker 4] (2:34 - 3:11)

As duas coisas, não é? Nós também, muitas vezes, talvez pela vida, o que é, mas também não somos muito receptivas a alguma colaboração no nosso horário. Mas eu digo muitas vezes, eu começo a conversar muitas vezes, principalmente com o meu marido, não é que ele já nem pode ouvir, isto aqui não é uma fábrica onde tu chegas e explicas uma máquina, há situações que são pontuais e que têm de ser resolvidas naquela boa, e às vezes a maioria das pessoas estão cansadas, estão cansadas, e agora depois, olha, é uma lembrança de fazer,

[Speaker 6] (3:12 - 3:18)

é uma lembrança de fazer, mas aquele impacto tem de ser. É, não antes, mas depois de voltar a fazer. Não é o que eu...

[Speaker 2] (3:18 - 4:20)

É assim, eu colaboro, e eu tenho muita gente que colabora comigo, graças a Deus, tenho um bom equipó maravilhoso, e se precisar de alguma coisa, eu ligo, e as pessoas contam comigo, e elas ajudam-me logo. Ou vice-versa. Se me ligarem, precisamos, porque é para amanhã, para ontem, e eu vou logo.

Inclusive, o ano passado tive um doente, e não o vi naquela semana em que era preciso entregar as chaves dos fálios, levar tudo e não sei o quê. Eu estava em casa do doente, liguei para o colega que me substituiu, pedi por favor para tratar disso. Estava as coisas, não estava, não sei o quê, não tive que fazer, mas fiz, porque eu acho que isso é profissionalismo.

E depois há outra coisa que eu não sou capaz de fazer, e que ainda ontem me fizeram. Não vou dizer nomes, porque não interessa. A enfermeira não estava.

A pessoa, ao ano de 18, a política de São Paulo, e a enfermeira não, não sei porquê, não podia. E eu, nós temos uma caixa de registados. Eu até tive que pedir à enfermeira para que me informasse.

[Speaker 7] (4:21 - 4:23)

Não tive soro.

[Speaker 2] (4:23 - 4:39)

Só era possível soro, garras, coletar, e o pêloso. Só tinha um pêloso. E ele disse, aí eu vou a um sítio pedir.

Foi a um sítio pedir, mas a pessoa lhe deu 9 dias curativo, porque não tinha o que fazer. A pessoa pegou com o todo na mão. E é isso.

[Speaker 4] (4:39 - 4:44)

Porque eu era incapaz de fazer as coisas. Eu era incapaz de fazer as coisas.

[Speaker 2] (4:44 - 4:50)

Não curava. Eu, sim senhora, curava. Porque quem diz que não é meu, é o que é.

[Speaker 4] (4:51 - 5:02)

Nós só ajudámos os nossos amigos. E aquilo que a Cláudia pediu, fizeram porque a Cláudia. Porque se fosse a mim, já eram capazes de não fazer.

[Speaker 7] (5:02 - 5:04)

Claro. Que horror. Que horror.

[Speaker 4] (5:04 - 5:05)

É verdade.

[Speaker 1] (5:06 - 5:10)

Olha, eu vou talhar e vou dar-te uma coisa muito prática.

[Speaker 7] (5:10 - 5:10)

É verdade.

[Speaker 1] (5:11 - 5:14)

Isto até depois nem vai entrar nisto, mas é o que eu vejo.

[Speaker 7] (5:14 - 5:15)

É o que eu vejo.

[Speaker 1] (5:15 - 6:11)

Espera. Aquilo que eu vejo, numa situação diferente da vossa, enquanto professor, também passa muito por aí. E não estou a falar, repara, não estou a falar só no nível de contato de professor com colegas professores.

Eu vejo, com alguma tristeza, a forma como professores ligam com quem não é professor. Também não sei. Certo?

Não sabes. Pronto. Posso dizer, e acho que não estou a dizer nenhum disparate, com qualquer uma das que aqui estão, e com outras, praticamente toda a gente, eu deixo ao nível, seja de quem for, falo com qualquer pessoa, arrumo com qualquer pessoa, lido bem com pessoas que não têm o meu trabalho, a minha profissão, a minha responsabilidade.

Há muita gente que não está para isso.

[Speaker 6] (6:11 - 6:19)

Não, e eu, por exemplo, já passei por uma situação dessas, mas depois não sei porquê a pessoa ou foi chamada à atenção ou qualquer coisa, e depois desfecho para mim.

[Speaker 1] (6:19 - 6:45)

Porque depois até é aquela coisa de, aí, não, como bem estás aqui na conversa com, é melhor não seres visto aqui com alguém ou com não sei o quê. Pronto. O que vem dar a este ponto, avanço aí um, que é reconhecimento e desenvolvimento.

Há reconhecimento. Vocês sentem que aquilo que fazem, ou caro que ocupam, o tempo que já estão aqui a trabalhar, que são reconhecidos nessa proporção?

[Speaker 3] (6:46 - 6:47)

Eu, por acaso, sinto. Eu sinto.

[Speaker 5] (6:47 - 6:48)

Eu sou.

[Speaker 3] (6:48 - 6:48)

Eu tenho.

[Speaker 5] (6:48 - 6:57)

E até, às vezes, com parte da direcção também. Não é aquele diretamente, que nos dizem diretamente, mas a gente sente, e também sentem isso.

[Speaker 3] (6:57 - 7:00)

E também sentem o lado daquilo que tu disseste também. Claro.

[Speaker 7] (7:01 - 7:04)

Sim, disseste. Agora, acredito, acredito.

[Speaker 3] (7:05 - 7:07)

E isso é que é verdade. Isso é que é verdade.

[Speaker 4] (7:08 - 7:11)

Mas eu encontro daquilo que eu digo.

[Speaker 3] (7:11 - 7:11)

Sim.

[Speaker 4] (7:12 - 7:25)

Bem, eu encontro daquilo que eu digo, que é aquilo que eu sinto. Faz-se porque é fulano. Se for a outra, já não faz-se.

Não, não está bem. Não está bem. Ora, o que não está bem, sabe é o que gosta.

Eu sei. Pronto.

[Speaker 1] (7:25 - 7:27)

Perfeito. E é mesmo o que mostram.

[Speaker 4] (7:27 - 7:28)

E é mesmo o que...

[Speaker 1] (7:28 - 8:01)

Quer seja a relação entre colegas, quer seja a forma como a direcção, e a Mónica está a dizer isso, que a direcção de alguma forma depois reconhece. Isso. Esse reconhecimento é aquilo que vocês estariam à espera que acontecesse, parece-vos suficiente ou devia ser, como falávamos aqui há pouco, uma coisa mais personalizada.

A dizer, sim senhor, tiveste um ano bom, estiveste bem aqui, estiveste bem ali. Claro, claro. Mas é hábito fazer isso?

Ou é só uma obrigada a toda a gente? Até para o ano?

[Speaker 7] (8:01 - 8:01)

Até para o ano.

[Speaker 1] (8:02 - 8:17)

Pronto. E depois é outra coisa, que é, de uma forma ou de outra, há uma rotatividade, vocês vão ocupando cargos diferentes, umas mais, outras menos, mas o que é que vos é oferecido a nível de desenvolvimento profissional?

[Speaker 3] (8:17 - 8:36)

Há umas promoções maravilhosas em que aprendemos. Em que aprendemos imenso. E que está tudo bem.

Não, não, mas pelo amor de Deus, eu às vezes me podia atrasar o mental nessas promoções. Eu chaco, eu chego lá e digo assim, não, mas eu já sei mais do que esta gente toda junto, o que é que eu estou aqui a fazer? Mas ok.

[Speaker 1] (8:37 - 8:53)

A questão, dá-nos para ver coisas simples que dizes mais respeito a vocês. Informação sobre, pessoal, sobre o que passa com a vida, isso tem a ver com a relação no trabalho, relações interpessoais, comunicação interpessoal com pais, etc. Há coisas destas específicas para vocês?

Não.

[Speaker 7] (8:54 - 8:58)

Não. Claro que não. Ah, isso nós estamos a experimentar sempre.

[Speaker 6] (8:58 - 8:59)

Ah, sim, isso vou seguir.

[Speaker 1] (8:59 - 9:01)

Pronto. Mas isso...

[Speaker 6] (9:01 - 9:06)

Olha, nesta condição de reunião perguntaram-nos o que é que nós queríamos.

[Speaker 2] (9:06 - 9:13)

Esse é o nosso próximo escândalo. A minha relação interpessoal e interpessoal é que eu tenho uma formação em Doutoramento de Educação e Trabalho com Crianças com Deficiência com Autismo.

[Speaker 1] (9:13 - 9:17)

Com certeza. Com certeza. E também é um bocado por aí.

[Speaker 2] (9:17 - 9:40)

Eu trabalhei na Câmara do Porto e tive uma formação com crianças com deficiência em que trabalhei o autismo. Ainda na altura não era tal falado como é agora. Isso já está aí.

Falei sobre ser cidadão, tenho lá tudo, o material todo lá, o diploma e tudo. Não tem nada a ver. É uma formação que não tem...

Claro.

[Speaker 1] (9:40 - 10:10)

E é o que eu ia dizer. Mesmo havendo formações aparentemente úteis ou menos úteis, há outra coisa que é... Quem vos dá essas formações?

Ou seja, vamos supor que é a Higiene e Segurança. Quem devia fazer isso era um técnico habilitado para. O suporte básico de vida.

Bombeiros, dinemas, etc, etc. Pronto. Agora, a maior parte das formações, se vocês pensarem, são sempre as mesmas pessoas a fazer-vos as formações.

[Speaker 2] (10:11 - 10:12)

São formações caseiras.

[Speaker 1] (10:12 - 10:30)

São formações caseiras, que é só juntar água e mexer. E depois às vezes aquilo fica com grumos. Ou seja, não há...

Se calhar vocês chegam ao final dessas formações e pensam Ok, estive aqui a perder uma manhã, uma tarde, o dia todo e aquilo que realmente eu aprendi com isto, já eu aprendi sozinho.

[Speaker 2] (10:30 - 10:35)

Sim, mas nós já vamos a pensar nisso. Ou seja, o que eu vou pensar é, ou me divertir, ou me reír.

[Speaker 1] (10:35 - 11:33)

Claro, está bem. Imaginemos, vamos com uma ideia abaixo da expectativa. Mas se encontramos alguém que faz uma formação boa, e que nos motiva, e que é dinâmica, etc, tudo bem.

Agora, se realmente já vamos com um abaixo da expectativa, e o que encontramos é justamente isso, é mais do mesmo. Claro. Pronto.

Porque isto, e agora, fechando aqui um bocadinho, que é... Para que é que nós queremos mesmo esta autoavaliação? Ou seja, o que é que nós esperamos do colégio?

Vocês que estão aqui há mais tempo, menos tempo, lidam com alunos, lidam com pais, com professores, com a direção... O que é que vocês entendem disto? O que é que tinha de ser mudado?

O que é que está bem? O que é que devia-se deixar e pôr do lado completamente? É como diz-se nos casamentos, porque nós já nem se diz.

Falem agora ou caleem-se para sempre? O que é que vos parece?

[Speaker 3] (11:34 - 11:49)

A comunicação está em cima. Às vezes é pouco clara. Ou em cima da hora.

Atenção que tudo isto que eu digo, para mim, é zero. Porque podem pedir-me na hora que eu faço. Sim, mas há uma percepção na mesma do que as coisas acontecem.

[Speaker 1] (11:49 - 11:51)
O que me interessa é a do geral.

[Speaker 3] (11:53 - 12:41)
E não estou a dizer mal. Funciona bem? Ok, quero saber.

Mas não é método. Não é método. E acho que a má informação, ou a falta dela, ou precária, pode ser muito mal.

Para o funcionamento. Ora bem, o que é que nós esperamos? Sinceramente, o que nós esperamos é que os nossos clientes, mais ou menos aqueles que estão na empresa, estejam satisfeitos, são esperanças.

Sempre em prol delas. Em prol dos outros, não é? Para mim é o principal.

Porque é tudo isto que eu estou a fazer dentro deles. Sim, porque nós estamos aqui. Quatro pessoas que, graças a Deus, e parece que fomos escolhidas a Deus, não é?

Não é. Porque não é assim com toda a gente. E eu senti dentro desta casa uma coisa carminosa.

[Speaker 1] (12:43 - 12:44)
Sim.

[Speaker 3] (12:44 - 12:50)
Horrível. Entraram quatro pessoas novas, mas estão a faltar para aí outras quatro. Ou mais.

Ou mais.

[Speaker 7] (12:51 - 12:52)
E com exceção.

[Speaker 3] (12:52 - 12:52)
E com exceção.

[Speaker 1] (12:52 - 12:56)
E há as pessoas que faltam, e há as pessoas que não faltam, mas é como se não estivessem também.

[Speaker 3] (12:58 - 12:58)
Pronto.

[Speaker 1] (12:59 - 13:00)
Então não é metade por aí.

[Speaker 3] (13:00 - 13:22)
Exatamente. Porque os preços pesados também há para aí. Ou então que até estão lá e tudo, mas é como se não estivessem, mas no sentido.

E outros até é melhor que não estivessem, porque só provocam casos. Distúrbios. Pronto.

De resto, é o que é que eu digo. Vai sempre dar ao cliente final, são os alunos eles é que têm que estar bem.

[Speaker 2] (13:23 - 13:29)
Eu acho que é assim muito. Nós, principalmente, somos. Aliás, nós estamos aqui, eu sempre disse isso.

Graças a Deus.

[Speaker 3] (13:29 - 13:29)
Graças a Deus.

[Speaker 2] (13:30 - 14:11)
Não é algo que sabe. Graças a Deus. Nós estamos com eles.

Nós somos... Temos que ser o exemplo para eles. Não é?

Dar o exemplo. E tratá-los como se fossem nossos. Porque se nós temos filhos, queremos que fossem tratados de igual forma.

E é assim que eu penso. E é assim que eu estou. Tenho filhos mais complicados, mais descomplicados, mas temos que todos saber fazer e olhar para ele como se fosse.

E se fosse o meu filho? Ele tem que vir para aqui, e saber que vem feliz. E que está com nós.

Ah, sim, sim. E se dá bem com... E comigo, eu tenho...

Eu tenho muito ânimo. Ah, sim, sim. Tenho muita alegria de Deus.

O professor João Sábio, eu a tenho.

[Speaker 3] (14:11 - 14:15)
Eu a tenho. Eu estou a falar. Você está-me a aguentar à noite.

Eu a tenho. Eu estou a aguentar.

[Speaker 2] (14:15 - 16:21)
Mas também tenho muito respeito por ele. Ele é capaz disso. Muitas vezes eles ligam.

E eu se falar assim mais... Eles sabem respeitar e sabem... E eu desculpo-me automaticamente.

Mas o que eu acho mesmo é que nós temos que... Em primeiro lugar, há-de ter que haver uma boa ligação com a pessoa e com as pessoas que trabalham aqui dentro. Ou seja, nós temos que trabalhar em equipa, temos que nos ajudar todos.

Eu já entrei aqui assim, eu consegui ajudar aqui há muito mais de um ano, e eu já entrei numa altura em que as coisas não eram como são agora. Os alunos também, não é? O futuro dos alunos mudou muito.

Mudou muito, não é? Eu tenho uns oitavos de anos que lêem que nos séculos eram mais infantis assim. Eu já tive dois anos seguidos com dois séculos, há-de ter uma diferença de maturidade.

Mas há que confundir isso. É o que eu acho, é que nós temos que lidar com os alunos. Olhem, eles sempre, nem todos os dias, não lhe dão as melhores respostas, não é?

Mas nunca pensar que eles têm culpa. E nós temos que pensar sempre pelo deles. E o trabalho em equipa era fundamental.

A comunicação com a direção e o agradecimento também era. Ao final de cada ano. Sim, sim, sem as avaliações.

A gente também trabalhava aqui, não é? Dá-nos aqui o nosso melhor e o que a gente pode e não pode. Estimos a criticar.

Eu falo por mim. E acho que isso era fundamental. Trabalho em equipa, tudo acho necessário bem.

Olhem, o preciso é já.

[Speaker 3] (16:22 - 16:54)

Por exemplo, uma coisa que eu gosto agora é que até é que há um tipo de agradecimento. Mas não é o tipo de agradecimento que eu gosto. Isso até é máximo.

E eu não assistia a Olívia e a Mónica também. A isso que nós estamos a conhecermos aqui dentro. Por exemplo, no Natal, na pasta, nas feiras.

Porque é que estamos, às vezes, mais adultos do que crianças? Porque é que as pessoas não as surprezam? Eu fazia o trabalho que...

Eu e uma colega minha, que já não está cá, fazíamos as pautas. Lembras-te das previstas dadas?

[Speaker 1] (16:54 - 16:55)

Sim, sim, sim.

[Speaker 3] (16:55 - 17:15)

Mas era eu e uma colega que fazíamos isso. Nós fazíamos isso à mão. Fazíamos as pautas à mão.

Olhem, não havia opinião. Nós fazíamos aquilo com o nosso cabeçal ali e tal. Mas, a saber, quando acabássemos isso, adiamos.

Claro. Estávamos de folga.

[Speaker 2] (17:16 - 17:17)

Não há.

[Speaker 3] (17:17 - 17:22)

Isso era no início, o que acontecia. Era no início. Já não foi no início.

Não, pode...

[Speaker 2] (17:22 - 17:23)

Ah, dá.

[Speaker 3] (17:23 - 17:23)

Sim.

[Speaker 1] (17:23 - 17:23)

Sim.

[Speaker 3] (17:24 - 17:27)

Mas... Isso é...

[Speaker 1] (17:27 - 17:30)

Não temos de estar cá só para picar o ponto, basicamente. Isso é o que acontece.

[Speaker 3] (17:31 - 17:35)

Mas é o que acontece. Mas é o que acontece. Olha, isso sim é um castigo.

[Speaker 7] (17:35 - 17:37)

Sim. Sim.

[Speaker 2] (17:37 - 17:38)

Exatamente.

[Speaker 3] (17:38 - 17:41)

E que não é... Olha, e que não é... É que não há questão de...

[Speaker 7] (17:41 - 17:43)

Não produz nada, não adianta nada.

[Speaker 3] (17:43 - 17:45)

Até se... Não adianta. Até adianta.

[Speaker 7] (17:46 - 17:46)

O que acontece?

[Speaker 3] (17:47 - 17:52)

As pessoas... As pessoas estão ali todas desventadas. Se calhar não falam mal...

Falam mal de umas das outras.

[Speaker 7] (17:52 - 17:52)

Sim.

[Speaker 3] (17:52 - 18:20)

Eu também já não estou nesse patamar. Já não estou em... Em...

Em... Como é que se chama? As atividades, não sei o quê.

As atividades para fazer filmes. Mas falo por elas. Não vale a pena.

O que é que as pessoas estão ali todas a fazer? E eu, por exemplo, olha, ok, já fizeste os processos todos. Já fizeste, eu não sei quantos, todos.

Pronto. Igual. Uma semana.

Ah, e hoje então vamos sair a menos crianças? Não tem de estar. Três ou quatro ou cinco para três crianças.

Isso acontece.

[Speaker 1] (18:21 - 18:24)

Mas eu nisso também tenho de dizer uma coisa para concluir. Que é?

[Speaker 5] (18:24 - 18:25)

Ah, e depois já vou dizer mais uma coisa.

[Speaker 1] (18:25 - 18:26)

Sim, sim.

[Speaker 5] (18:26 - 18:39)

Então, estamos a dizer que estamos a nivelar todas em prol das crianças. Mas, por exemplo, nós na PEE, no início, os pais entram com eles. Também temos que dar muita atenção às crianças, claro.

Mas também aos pais. Mas quando se fala em crianças, se fala-se para os pais.

[Speaker 3] (18:39 - 18:39)

Porque é lógico, é mais fácil. Pois.

[Speaker 5] (18:40 - 18:45)

Temos que transmitir-lhes segurança. E eles também têm de ver em nós, não é?

[Speaker 1] (18:48 - 20:50)

Mas eu acho que o resumo disto, e que é um bocado o que eu coloquei aqui no fim, que é um texto que me chama muito a atenção, falta felicidade. Para todos. Para vocês, alunos, professores, etc.

E muito especificamente, e depois vocês até podem ler o texto, não vou estar aqui, tipo a oração, que já chega de manhã. Eu acho que, acima de tudo, isto é um problema de administração e de organização. E aquilo que eu posso falar, sem problema nenhum, porque antes de conhecê-lo a função que tenho, conhecia-o como colega durante muitos anos, quem está agora a fazer a Direcção-Geral de Colégio, contribuiu-lhe muito para isto.

Acho que a irmã Susana, especificamente, esta gestão de picar o ponto e de cumprir horários, e tem agora a história de passar o cartão e tudo mais, vem muito através da lógica de criar lucro, não criar despesa, não haver nada, assim. Agora acho que é tudo. Mas aquilo,

fosse com ela, fosse com outros, eu acho que as pessoas trabalham mais se estiverem motivadas.

E podem fazer o serviço de um dia inteiro, em duas ou três horas, se o bem que despacham aquilo naquele tempo e depois têm tempo para elas. E, se calhar, tendo tempo para elas, têm ainda que ainda dar parte do tempo delas para a casa. Mas, por gosto.

Agora, por obrigação, por, ok, a esta hora temos de estar aqui a fazer isto e aquilo, e aquilo e aquilo, e que não se faz nada. Porque depois as pessoas ou esticam o tempo ao máximo e não se aproveitam nada, porque têm sala e têm, ou então começam a desligar e a perder o interesse das coisas e é o que se vai vendo. Minhas senhoras, muito obrigado.

Isto vai ser tudo tratado e organizado e fazer chegar ao respectivo dia.

Transcribed by [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai). [Go Unlimited](#) to remove this message.